UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Hosannah Márcia Alves Bandeira

A CONSTITUIÇÃO DE APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS: RE-EXISTÊNCIA DAS MULHERES GUAJAJARA

Santa Cruz do Sul
2020

HOSANNAH MÁRCIA ALVES BANDEIRA

A CONSTITUIÇÃO DE APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS: RE-EXISTÊNCIA DAS MULHERES GUAJAJARA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes
Linha de Pesquisa: Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação.

Santa Cruz do Sul/RS
2020

CATALOGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Bandeira, Hosannah Marcia Alves
A constituição de aprendizagens interculturais: re-existência das mulheres guajajara / Hosannah Marcia Alves Bandeira. — 2020.
179 f. : il. ; 28 cm.

Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Santa Cruz do Sul, 2020.
Orientação: PhD. Ana Luísa Teixeira de Meneses.

1. Re-existência. 2. Sônia Guajajara. 3. Pesquisa autoetnográfica colaborativa. 4. Corazonar. 5. Aprendizagens interculturais. I. Meneses, Ana Luísa Teixeira de . II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

As pessoas falam com muita naturalidade, a minha avó foi pega a dente de cachorro, a minha avó foi pega no laço. Quem de vocês nunca ouviu essa expressão? Quem de vocês nunca utilizou essa expressão? E quantas de vocês ainda tentando se mostrar próxima ou mostrando sua origem, fala com naturalidade que a sua avó foi pega no laço?

Essa é uma expressão muito violenta, não basta você falar como se indígena fosse um bicho do mato ou um ser selvagem. É preciso você olhar para essa expressão e sentir a mesma dor que esta mulher sentiu, se ela foi pega no laço é porque ela não queria vir, ela não foi de gosto dela, se ela foi pega a dente de cachorro, é porque ela foi brutalmente violentada. Olha só que brutalidade foram essas práticas. Imagina hoje, alguma de vocês ser pega no laço e trazida na marra para ser abusada pelo patrão, ser abusada por um senhor da grande elite? Imagina hoje você ser pega a dente de cachorro e ser arrastada para algum lugar que você não sabe para onde? Então é muito importante ao escutar essa expressão você combater. É a mesma coisa que a gente fala não basta a gente não ser racista, a gente tem que ser anti-racista.

(34:44) Sônia Guajajara

CORPOS E TERRITÓRIOS NOVAS FRONTEIRAS EXTRATIVISTAS DO CAPITAL NA AMÉRICA LATINA. Sônia Bone Guajajara e Silvia Federici, moderandoa mesa: Graciela Rodriguez, Início 32:42 min a 34:44 min disponível no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=KdaWykSxy0E&t=2767s&ab_channel=institutoequit

HOSANNAH MÁRCIA ALVES BANDEIRA

A CONSTITUIÇÃO DE APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS: RE-EXISTÊNCIA DAS MULHERES GUAJAJARA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes
Linha de Pesquisa: Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação.

Ana Luísa Teixeira de Menezes
Orientadora – PPGEDU – UNISC

Sandra Regina Simonis Richter
PPGEDU – UNISC

Felipe Gustsack
PPGEDU – UNISC

Fernanda Brabo Sousa
PPGED- UFRGS

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy
PPG Letras- UFRGS

Iara Tatiana Bonin
PPG Educação - ULBRA

Santa Cruz do Sul
2020

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha família, que desde cedo me ensinou o valor do amor. Que está presente em todas as horas certas e incertas, uma família amorosa e unida. Dedico especialmente ao meu pai Raimundo Bandeira Filho o "Seu Didi" (*in memorian*) que sempre me encorajou a seguir em frente. Eu amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Quando decidi trilhar o caminho do doutorado em Educação eu tinha em mente que seria um processo de mudanças que a muito eu desejava. Eu imaginava que seria desafiador mergulhar profundamente na Educação, mas ter todos os meus galhos podados não estava nos meus planos. Foi um período sofrido, doloroso, profundo, de sangria, por outro lado aprendi com as Guajajara a cantar, dançar, pintar meu corpo e lutar mesmo estando de luto. Vivi emoções e aprendizados intensos e preciso agradecer a aqueles que estiveram nesse percurso comigo.

Em primeiro lugar, a Deus, que me sustentou dia após dia.

A Maria Santíssima, minha mãe que vela vinte e quatro horas por mim, a quem sempre peço socorro e sou atendida.

A São Miguel arcanjo e todos os anjos e santos da minha proteção.

Ao meu amado pai, Raimundo Bandeira Filho, "Didi" (*in memorian*) que sempre cuidou de mim, e quando eu me vi desamparada com sua precoce e repentina partida, passou a me visitar em sonhos e me consolar. Papai, que salvava tudo o que via sobre os povos indígenas e me enviava entusiasmado. Que sempre tinha um sorriso e uma palavra otimista. Deu certo, papai!

À minha amada mãe, Domingas Alves Bandeira, a quem honro seguindo sua profissão, uma mulher forte, valente, que batalhou muito, de quem herdei a garra e a determinação.

À minha filha, Maria Valentina, minha grande guerreira, que suportou minhas ausências, que insistia para eu ir dormir, foi minha companheira nas expedições para as aldeias, para Brasília, nas dormidas de rede, nos rituais de passagem e banhos nas lagoas, participou de inúmeras reuniões no meu colo, adora se pintar de jenipapo, ser a "sensação" na escola e contar pra todo mundo que a tia Sônia é sua tia.

À minha irmã, Sheila, que sempre teve tempo para me ouvir e bons conselhos pra me dar.

Ao meu irmão, Ennius, que sempre esteve comigo, não mediu esforços para me ouvir, compartilhou leituras e varou muitas madrugadas, foi um grande companheiro na elaboração da tese.

Ao meu irmãozinho, Marcel (*in memorian*), tudo começou com você na nossa pós-graduação em Educação Especial e com a nossa amizade com a Sônia e a Vânia, frutificaram!

Aos meus sobrinhos: Thiaguinho, Lucas, Isadora, Catarina, Isabela e Marcel Filho, minha vida é mais feliz por vocês existirem.

À Ana Luísa, minha orientadora querida, que, com muita sensibilidade, compreendeu todos os meus processos, pela paciência com minhas escritas lentas, pela cumplicidade nas minhas inspirações, por me orientar, por ser essa força comprometida com a causa indígena.

À Sônia Guajajara, por sua amizade, por ofertar sua vida em forma de luta e encorajar tantas mulheres, minha eterna gratidão por me permitir vivenciar tantos momentos extraordinários do Movimento Indígena no Brasil e por confiar a mim sua trajetória de vida.

A toda a família da Sônia Guajajara, por me tratarem como alguém da família, minha gratidão.

À dona Maria Santana, por todos os dons a mim ofertados, por tanta sabedoria a mim confiada.

À Cíntia Guajajara, por ser essa mulher sábia na Academia e nas tradições e estar sempre disposta a contribuir nos "dois mundos".

Ao povo Guajajara, especialmente da Aldeia Lagoa Quieta, no território Araribóia que sempre dialogaram comigo e me recebem tão bem.

À UEMA, na pessoa do reitor Gustavo Pereira da Costa, que não mediu esforços para meu afastamento das atividades docentes e bolsa para cursar o doutorado.
À UEMASUL, por ter permitido meu afastamento das atividades docentes e por dar continuidade à bolsa.
Aos colegas e professores do PPGEdu-UNISC, por tantos conhecimentos adquiridos. Aos colegas do Grupo de Pesquisa "Peabiru - Educação ameríndia e interculturalidade", pelo compartilhamento de tantas leituras e estudos com e sobre os povos indígenas, fundamentais para meus questionamentos e reflexões.
Ao professor Boaventura de Sousa Santos, por sua atenção e por responder pacientemente meus questionamentos.
Às professoras e ao professor que compuseram a banca dessa tese: Ana Lúcia Tettamanzy, Felipe Gustsack, Fernanda Brabo de Sousa, Iara Bonin e Sandra Regina Simonis Richter. A leitura e a contribuição de cada um de vocês foram muito importantes para essa pesquisa. Minha gratidão pelos afetos gerados.
À Sandra Rangel, por me acolher em sua casa, em Porto Alegre, e por todo apoio a mim dispensados.
À minha amiga e comadre, Ivetinha, por torcer e me apoiar neste percurso.
À colega, Fátima Rosane, que nos momentos finais da tese quando estava quase sem forças, esteve presente, contribuindo realizando uma valiosa leitura e fazendo correções.
À Eva Bacellar, uma grande artista que desenhou o meu sonho com muita sensibilidade.
À vocês todos minha eterna gratidão.

LISTA DE SIGLAS

AMIMA – Associação das Mulheres Indígenas do Maranhão
APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
APIB – Articulação dos povos indígenas do Brasil
ATL– Acampamento Terra Livre
CF – Constituição Federal
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPI – Conselho Nacional de Política Indigenista
CNPI – Conselho Nacional de Políticas Indígenas
COAPIMA – Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão
COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia
CTI – Centro de Trabalho Indigenista
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
FUNASA–Fundação Nacional de Saúde
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MIB – Movimento Indígena Brasileiro
ONU – Organização das Nações Unidas
SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena
SPI – Serviço de Proteção ao Índio
TI – Território Indígena
UEMA – Universidade Estadual do Maranhão
UEMASUL – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
UFMA – Universidade Federal do Maranhão
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNI – União das Nações Indígenas
UNISC – Universidade Santa Cruz do Sul
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO

Esta tese descreve um caminho de renascimento de uma educação ancestral indígena através de um diálogo etnográfico colaborativo com os Guajajara. O objetivo foi compreender os espaços educativos de re-existência Guajajara com ênfase na trajetória existencial de Sônia Guajajara, num modo de investigar que visa partir da exclusão para a solidariedade. Trata-se de uma pesquisa que afirma e descreve práticas de resistência de lutas indígenas Guajajara, como uma artesania das práticas, que interliga enfrentamentos políticos da mulher Guajajara, modos de vida pautados na resistência ao colonialismo, defesas de territórios e percursos acadêmicos e sociais, ou seja, lutas de territórios simbólicos e concretos que atravessam as fronteiras contra exclusões não abissais do povo Guajajara. Busquei compreender os Guajajara pela vivência, pela experiência e pelo cultivo dos dons que não podem ser tomados ou comprados, apenas recebidos por aqueles que estão prontos pelo olhar de quem já os possui. Ao discorrer sobre conhecimentos indígenas Guajajara, apresento minhas percepções e análises frutos de um intenso estudo acadêmico, de uma forte convivência com este povo . Meus percursos de pesquisa foram se dando numa perspectiva do corazonar, do deixar-me embrenhar na tocaia, na participação nos rituais de passagem nas aldeias, nos enfrentamentos das Marchas junto às mulheres, nos Acampamentos Terra Livre em Brasília, nas reuniões que avançavam as madrugadas, fazendo agendas e discutindo as práticas de Sônia Guajajara com seus grupos. Foram tantos os momentos de vivências, que precisarei de mais tempo para compreender tudo o que foi vivido, mas destaco as reflexões feitas sobre modos de pesquisa que me inspirei como a fenomenologia de Rodolfo Kusch e a permissão que ele nos dá para pensar uma pesquisa de campo existencial. A etnografia colaborativa que me permitiu pensar uma escrita e uma prática que acontece num entre, numa tradução colaborativa que se dá na prática entre mundos indígenas e não indígenas e a perspectiva sistematizada por Boaventura (2020) das epistemologias do sul que afirma um tipo de pesquisa coletiva que se dá em reuniões, num posicionamento político, numa colaboração de pensamentos e de ações que são pouco reconhecidos pelas universidades como pesquisa. A pesquisa revelou que a constituição de aprendizagens educativas interculturais não surge apenas como manifestação racional e reflexiva, mas pelo entendimento de mutabilidade do poder dos Maíras, imitar esses Maíras é mais que pensar ou sentir, é penetrar em um mundo que para nós ou pelo menos parte de nós não indígenas é dual, natural x sobrenatural, e que a re- existência Guajajara se dá no cultivo dos sonhos, dos dons, na oralidade, nos cantos, nas danças, na pintura do corpo, nas sabedorias das caçadas, no envolvimento de toda a aldeia na educação da criança e na preparação desta para a vida adulta, perpassa a educação ancestral, o engajamento no movimento indígena, na importância que dão para a educação formal e na determinação de manterem seus modos de vida que foram aprendidos com seus encantados. São vivências e sabedorias para aprofundar reflexões e diálogos e produzir sentidos nas relações humanas e na relação na luta pela mãe terra.

Palavras Chave: Re-existência, corazonar, Sônia Guajajara, Pesquisa autoetnográfica colaborativa, aprendizagens interculturais.

RESUMEN

Esta tesis describe un camino de renacimiento de una educación indígena ancestral a través de un diálogo etnográfico colaborativo con los guajajara. El objetivo fue comprender los espacios educativos de la reexistencia de Guajajara con énfasis en la trayectoria existencial de Sônia Guajajara, en una forma de investigación que apunta a partir de la exclusión a la solidaridad. Es una investigación que afirma y describe las prácticas de resistencia de las luchas indígenas guajajara, como artesanía de prácticas, que interconecta enfrentamientos políticos de las mujeres guajajara, formas de vida basadas en la resistencia al colonialismo, defensas de territorios y trayectorias académicas y sociales, es decir, luchas de territorios simbólicos y concretos que traspasan fronteras contra las exclusiones no abismales del pueblo guajajara. Traté de entender a la Guajajara a través de la experiencia, la experiencia y el cultivo de regalos que no se pueden tomar ni comprar, solo recibidos por quienes están listos para los ojos de quienes ya los tienen. Al hablar del conocimiento indígena guajajara, presento mis percepciones y análisis resultantes de un intenso estudio académico, de una fuerte convivencia con estas personas. Mis itinerarios de investigación se daban en una perspectiva de corazonar, de dejarme involucrar en el replanteo, en la participación en los rituales de paso en los pueblos, en los enfrentamientos de las Marchas con mujeres, en los Campamentos Terra Livre de Brasilia, en los encuentros que avanzaban en la madrugada , haciendo agendas y discutiendo las prácticas de Sônia Guajajara con sus grupos. Fueron tantos momentos de vivencias, que necesitaré más tiempo para entender todo lo vivido, pero destaco las reflexiones hechas sobre modos de investigación que me inspiró la fenomenología de Rodolfo Kusch y el permiso que nos da para pensar una investigación de campo existencial. La etnografía colaborativa que me permitió pensar en la escritura y una práctica que ocurre en el medio, en una traducción colaborativa que se da en la práctica entre mundos indígenas y no indígenas y la perspectiva sistematizada por Boaventura (2020) de las epistemologías sureñas que afirma un tipo de investigación. colectivo que se da en reuniones, en una posición política, en una colaboración de pensamientos y acciones poco reconocidas por las universidades como investigación. La investigación demostró que la constitución del aprendizaje educativo intercultural se no sólo se sustenta como una manifestación racional y reflexiva, sino por la comprensión de la mutabilidad del poder de las Maíras, imitando a estas Maíras es más que pensar o sentir, es penetrar en un mundo que para nosotros o al menos una parte de nosotros no-indígenas es doble, natural- sobrenatural, y que la re-existencia Guajajara ocurre en el cultivo de sueños , de los dones, en la oralidad, en las canciones, en las danzas, en la pintura del cuerpo, en la sabiduría de las cacerías, en la participación de todo el pueblo en la educación del niño y en la preparación de esto para la vida adulta, impregna la educación ancestral, el compromiso en el movimiento indígena, en la importancia que dan a la educación formal y en la determinación de mantener sus formas de vida que se han aprendido de su encantado. Son experiencias y sabidurías para profundizar reflexiones y diálogos y producir significados en las relaciones humanas y en la relación en la lucha por la madre tierra.

Palabras clave: Reexistencia, corazonar, Sônia Guajajara, Investigación autoetnográfica colaborativa, aprendizaje intercultural.

ABSTRACT

This thesis describes a path of rebirth of an ancestral indigenous education through a collaborative ethnographic dialogue with the Guajajara. The objective was to understand the educational spaces of Guajajara's re-existence with emphasis on the existential trajectory of Sônia Guajajara, in a way of investigating that aims to start from exclusion to solidarity. It is a research that affirms and describes resistance practices of Guajajara indigenous struggles, as a craftsmanship of practices, that interconnects political confrontations of Guajajara women, ways of life based on resistance to colonialism, defenses of territories and academic and social paths, that is, struggles of symbolic and concrete territories that cross borders against non-abyssal exclusions of the Guajajara people. I tried to understand the Guajajara through the experience, the experience and the cultivation of gifts that cannot be taken or bought, only received by those who are ready for the eyes of those who already have them. When discussing indigenous Guajajara knowledge, I present my perceptions and analyzes resulting from an intense academic study, from a strong coexistence with these people. My research pathways were taking place in a perspective of corazonar, of letting myself get involved in the stakeout, in the participation in the passage rituals in the villages, in the confrontations of the Marches with women, in the Terra Livre Camps in Brasilia, in the meetings that advanced at dawn, making agendas and discussing the practices of Sônia Guajajara with her groups. There were so many moments of experiences, that I will need more time to understand everything that was lived, but I highlight the reflections made on research modes that I was inspired by the phenomenology of Rodolfo Kusch and the permission that he gives us to think a research of existential field. The collaborative ethnography that allowed me to think about writing and a practice that happens in between, in a collaborative translation that takes place in practice between indigenous and non-indigenous worlds and the perspective systematized by Boaventura (2020) of southern epistemologies that affirms a type of research collective that occurs in meetings, in a political position, in a collaboration of thoughts and actions that are little recognized by universities as research. The research revealed that the constitution of intercultural educational learning does not appear only as a rational and reflective manifestation, but through the understanding of the mutability of the Maíras' power, imitating these Maíras is more than thinking or feeling, it is entering a world that for us or at least part of us non-indigenous people is dual, natural x supernatural, and that Guajajara's re-existence occurs in the cultivation of dreams, gifts, orality, songs, dances, body painting, hunting wisdom, involvement of the whole village in the education of the child and in the preparation of it for adult life, goes through ancestral education, the engagement in the indigenous movement, the importance they attach to formal education and the determination to maintain their ways of life that were learned from their delighted. They are experiences and wisdom to deepen reflections anddialogues and produce meanings in human relationships and in the relationship in the struggle for mother earth.

Keywords: Re-existence, corazonar, Sônia Guajajara, Collaborative autoetnographic research, intercultural learning

SUMÁRIO

SOB A SOMBRA DA GRANDE ÁRVORE 15
2 PODANDO OS GALHOS 24
2.1 Dos encantamentos da infância aos sentidos da vida adulta 25
2.2 O sonho: inspirando reflexões e percursos 30
2.3 A terra dos Encantados 33
2.4 Do encontro com Sônia à reconstituição da trajetória profissional 37
2.5 Movimentos e articulações no ATL de 2017 42
2.6 Movimentos e articulações no ATL de 2019 55
3 A PASSAGEM: DO MUNDO EXTERIOR PARA O MUNDO INTERIOR 67
3.1 Maranhão Indígena 78
3.2 Os Guajajara/Tenetehara 84
3.3 Não basta ser mulher, tem que ter consciência 91
3.4 A interculturalidade 97
4 EM BUSCA DAS RAÍZES: COMPREENDENDO A HISTÓRIA A PARTIR DAS NARRATIVAS MITOLÓGICAS 101
4.1 O Mito de Maíra-Ira e Mucura-Ira 101
4.2 A Festa dos Encantados 108
4.3 A Festa do Moqueado 113
4.4 Festa do Moqueado da Ywara 119
4.5 Compreendendo os sentidos 125
5 METODOLOGIA - CAMINHO DE VOLTA 129
6 É PRECISO SEGUIR EM FRENTE 132
6.1 Protagonismo e Re-existências 144
6.2 Pertencimento, cuidado, ninho 150
CONSIDERAÇÕES FINAIS 158
REFERÊNCIAS 163
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS: 167
ANEXOS 170
DIÁRIO DE CAMPO 171
Maria Santana 171
Sobre as caçadas 174
Sobre o cocar 174

Sobre ser Guajajara 175
Sônia Guajajara 176

SOB A SOMBRA DA GRANDE ÁRVORE

Esta pesquisa descreve um caminho de renascimento de uma educação ancestral indígena, a partir de um diálogo etnográfico colaborativo com os Guajajara, em especial, com Sônia Guajajara. Esta tese não é apenas uma pesquisa acadêmica do Doutorado, em Santa Cruz do Sul, na qual relato as imersões nas aldeias e movimentos indígenas, é um divisor de águas na minha vida. Então, escrevê-la também é ir mostrando como fui sendo reconstituída.

A tese é, ao mesmo tempo, uma autoetnografia colaborativa e uma aproximação com o que Santos (2019) denomina de ecologia de saberes e tradução intercultural. Para o autor, esse tipo de tradução ocorre no cotidiano das lutas, das agendas, das atividades comuns entre sujeitos de culturas diferenciadas, mas que colaboram por causas comuns. Fui mergulhando no trabalho com Sônia Guajajara e sua equipe, numa perspectiva difusa e didática, ao mesmo tempo. Segundo Boaventura (2019, p.60), a tradução intercultural difusa "ocorre informalmente pela dimensão do trabalho cognitivo coletivo. Caracteriza-se pela fluidez, pelo anonimato e pela oralidade" e, na didática, há uma complementação da oralidade pela escrita e pela publicação. As narrativas e reflexões, bem como minhas análises produzidas neste trabalho, são frutos de uma intensa convivência, propiciam uma aproximação com as lutas e o cotidiano de lideranças indígenas Guajajara, em especial Sônia Guajajara..

Trata-se de uma pesquisa que afirma e descreve práticas de resistência de lutas indígenas Guajajara, como uma artesania das práticas descritas por Santos (2019), que interliga enfrentamentos políticos da mulher Guajajara, modos de vida pautados na resistência ao colonialismo, defesas de territórios e percursos acadêmicos e sociais, ou seja, lutas de territórios simbólicos e concretos que atravessam as fronteiras contra exclusões não abissais do povo Guajajara. Parto do pressuposto de que, caso não tivesse esse vínculo tão próximo, este estudo não seria possível. Dadas as peculiaridades observadas e vividas, este estudo e essas aprendizagens não teriam a mesma potência se apenas fossem realizadas por meio de questionários e entrevistas, uma vez que a confiança e a construção de laços de amizade, de cumplicidade interpolítica requerem tempo. Essa tem sido uma responsabilidade para mim, um aprendizado e uma alegria compartilhar de tantos momentos com esse precioso povo. Agradeço pela oportunidade

de desfrutar das mais diversas ocasiões importantes da história indígena recente no Brasil protagonizadas tendo à frente Sônia Guajajara.

Na medida em que a pesquisa foi sendo desenvolvida fui percebendo a necessidade da voz indígena, de autores indígenas que possuem os arcabouços necessários à compreensão que os contextos míticos, ritualísticos e culturais Guajajara exigem.

Sônia é natural do Território Indígena Araribóia, no Maranhão. Ela tem orgulho de dizer que pertence ao guerreiro povo Guajajara, um dos grupos indígenas mais numerosos do Brasil. Graduou-se em Letras, na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), é técnica em Enfermagem e pós-graduada em Educação Especial, também na UEMA.

Sônia Guajajara tornou sua luta pública há 20 anos, no início do século XXI, ao fazer denúncias sobre as mais variadas injustiças contra os povos indígenas e crimes ambientais. Ela exerce cargos de destaque em diferentes organizações e movimentos. Entre os quais a Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPIMA), a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e a Associação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), onde é coordenadora executiva. Ela fez sua voz ecoar mundialmente e tem se destacado com voz no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), com denúncias à Cúpula do Clima e ao Parlamento Europeu. Como foi no Fórum Permanente da ONU sobre as Questões Indígenas em Nova York, e também no encontro com a assessoria do ex-presidente Barack Obama, para tratar do papel protetor dos indígenas para o equilíbrio do clima mundial. Esteve à frente da campanha "Sangue Indígena, nenhuma gota a mais", quando percorreu países denunciando os assassinatos cometidos contra os indígenas. Inúmeras vezes levou os contextos dos povos indígenas aos cenários contemporâneos, combatendo a imagem do indígena incapaz, selvagem, preguiçoso, fruto do pensamento colonizador que propagou essa imagem para a maioria da sociedade.

Sônia Guajajara nasceu em 06 de março de 1974 no Território Indígena Araribóia, é a segunda filha do seu Agostinho e da dona Darli, tem sete irmãos e é mãe de três filhos: o Luiz Mahkai, o Yaponã e a Ywara. Ela já viajou para cerca de quarenta países da Europa, América do Sul, América do Norte, Oceania e África cumprindo sua missão de lutar pelo seu povo.

Ainda não existe um termo criado, uma palavra, para dar conta da luta que Sônia tem travado mundo afora. Talvez a palavra na nossa língua que mais se aproxime do sinônimo de Sônia Guajajara seja re-existência.

Adolfo Albán Achinte usou a expressão re-existência para referir-se à necessidade de incluir formas outras de existir, dos povos afros estarem na América como protagonistas e não apenas resistindo. Para o autor, "La re-existencia implica entonces vivir en condiciones "otras", es decir en procesos de adaptación a un medio hostil en diversos sentidos y a un poder colonial que intentaba a toda costa reducirlos y mantenerlos en su condición de "cosas" y/o mercancías." (ALBÁN, 2012:30). Dessa forma sua definição de re-existência coduz a muitas reflexões, está para além de um lugar de ocupação da vida, trata-se da reinvenção de uma forma de viver. Nesse estudo eu amplio o entendimento da expressão re-existência a partir da minha percepção junto ao povo Guajajara.

(Re)existência, uma característica inerente ao povo Guajajara. Alguns já chamaram de dinamismo, astúcia, sabedoria, esperteza, adaptabilidade. Mas nessa pesquisa esses conceitos são insuficientes porque apenas exprimem opinião, um ponto de vista não indígena sobre essa qualidade indígena. Foi a partir dos relatos mitológicos, das festas, das entrevistas, da convivência que pude começar a compreender essa característica, esse modo de ser indígena. Os estudos acadêmicos ajudam nessa compreensão, mas são insuficientes. É preciso vivenciar, conviver, compartilhar para compreender um pouco mais a sabedoria dos seus pajés, caciques e anciãos. A adaptabilidade dos Guajajaras não surge apenas como uma manifestação racional, reflexiva e cartesiana, mas pelo entendimento de mutabilidade do poder dos Maíras. (Maíra é o herói mítico dos Guajajara, cujos feitos explicam diversas coisas no mundo); imitar esses Maíras é mais que pensar ou sentir, é penetrar em um mundo que para nós, ou pelo menos parte de nós, é dual: natural x sobrenatural.

Para os indígenas, como será aprofundado nesta tese, os mundos natural e sobrenatural, homem e natureza, se confundem. A morada dos encantados pode ser dentro de uma lagoa, o sagrado ressoa em um maracá, o rio também é parente, uma raiz como a mandioca já foi uma indígena que andou sobre este mundo. Não são apenas fábulas, parábolas, para gerarem entendimento teórico e lições de vida. São elementos cotidianos que caracterizam profundamente essa visão de mundo e a interação com ele. Logo, re-existir, em relação aos Guajajaras, é estar em um mundo que os julga a partir de suas concepções colonizadoras e científicas, como atrasados, selvagens, simplistas e

supersticiosos. É defender um existir autenticamente, mesmo em um mundo que, por estar “permitindo” essa existência, considera-se autorizado a direcioná-la de acordo com seus interesses e conveniências.

E aqui vemos uma etnia em que estudiosos já vaticinaram sobre seu desaparecimento e fracassaram a respeito. Houve resistência quando pregaram o definhamento, houve florescimento quando se profetizou a morte, houve autenticidade diante da pressão de dissolução dos povos indígenas na sociedade não indígena. Nesse ponto, já foram estabelecidas políticas públicas para que esses povos fossem mais evoluídos. E, nessa lógica, ser evoluído é ser branco, logo não-indígena. Sabe-se que nem todos os indígenas assim como os negros e outras minorias recebiam essas políticas, visto que essas tinham como pressuposto a formação de mão-de-obra barata, o preenchimento das vagas de subemprego, consumidores de bens industrializados, enquanto suas terras eram liberadas para exploração das riquezas naturais.

Sob a palavra re-existência, há um modo de vida, de cultura, de entendimento que somente poderá ser entendido ou percebido, do ponto de vista do não indígena, com o esforço e a tentativa de fazê-lo como de quem já o vive como realidade do seu cotidiano.

A re-existência se dá quando há um encontro da força da ancestralidade com a esperança e com a consciência da defesa do território. A re-existência tem a vida como principal valor.

Sônia está presente em todos os lugares. Na Academia das maiores Instituições do mundo, na ONU, na Política, no Oscar, nos Movimentos Sociais, no *Rock in Rio*, nas mídias sociais, nos meios de comunicação (com alcance nacional e internacional). Existem centenas de matérias em jornais, revistas, rádio, programas televisivos, documentários, sobre sua trajetória e luta. Ela dialoga com grandes intelectuais mundiais, artistas de Hollywood e nacionais, cantores, atores, compositores, poetas, pintores, artistas plásticos, fotógrafos, jornalistas, políticos, antropólogos, professores, religiosos, quilombolas, representantes de movimentos sociais diversos, além das mais de duzentas etnias de povos indígenas do Brasil e outras do exterior.

Sônia é uma das protagonistas mais expressivas entre as mulheres da História Indígena Contemporânea, também muito necessária na perspectiva política, na perspectiva das mulheres, na perspectiva educacional e dos direitos humanos.

Quem a ouve discursar ou reivindicar, desmonta o conceito indígena incutido em nós por mais de 500 anos. Ela conta a mesma história sob o viés de quem vivenciou o outro lado.

Eu conheci Sônia Guajajara em 2003, quando fomos colegas na pós-graduação em Educação Especial na Universidade Estadual do Maranhão. Tenho um extenso laço de amizade com toda a sua família.

Já no doutorado, me identifiquei com a professora Dra. Ana Luísa, minha orientadora, tivemos muita afinidade uma com a outra, talvez por sermos nordestinas. Quando foi minha professora, na disciplina "Educação e Espiritualidade", estabeleceu-se uma cumplicidade. Após visitarmos uma aldeia Guarani e, logo em seguida, eu ir para o Acampamento Terra Livre em Brasília, decidimos mudar o tema da pesquisa e de professor orientador. Até então o rumo da minha tese era sobre *autopoiesis* na formação de professores.

Foi em meio a esses acontecimentos, que tive um sonho. O primeiro de muitos que eu teria com os indígenas. Foi um sonho muito genuíno e me lembro dele quase todos os dias desde então. Na época não o compreendi e por muitos dias tentei, em vão, decifrá-lo. Em minha família, assim como para os indígenas, os sonhos são vistos como um aviso, um sinal.

Sonhei com uma árvore muito frondosa, enorme, com muitos galhos. Eu admirava aquela árvore, suas cores, sua robustez, sua sombra, seus frutos, eu olhava para cima e me perguntava quantos anos ela teria. Ficava muito tempo ali parada sob a sombra daquela árvore. Foi quando a Sônia se aproximou de mim e disse-me que teríamos que cortar todos os galhos daquela árvore. Eu não queria, tentava argumentar e ela me disse que era o que precisava ser feito, que a poda era necessária e que com o tempo eu entenderia. Em meio às minhas lágrimas, a frondosa árvore foi sendo cortada, galho por galho. Então, tiramos nossas sandálias de dedo e entramos dentro do tronco.

Lá dentro nos deparamos com uma espécie de santuário, um lugar sagrado. Ficamos por um tempo em silêncio, reverenciando aquele lugar. Então, fomos caminhando até entrarmos na terra em direção às raízes, que eram muito profundas. Eu falava para Sônia que a árvore era muito maior por baixo da terra do que quando de pé e frondosa como víamos na superfície. Ela confirmava com a cabeça e me conduzia descendo cada vez mais. Após entrarmos muito profundamente, sem nenhum resquício do meu lamento, mas ainda surpresa com o tamanho e largura das raízes, encontramos muita resina nas raízes. Eu me surpreendia novamente com a abundância. Eu falava pra

Sônia que a maior riqueza estava embaixo da terra, e não em suas copas como eu outrora pensava. Era uma resina perfumada, alaranjada, doce e brilhante, comíamos essa resina e continuávamos descendo com muito respeito. Acordei desse sonho e logo tentei decifrá-lo. Demorou muito tempo para que eu começasse a compreendê-lo.

Aquarela. Sônia Guajajara e Hosannah contemplando a Grande Árvore.
Autora: Eva Bacellar

Foi a partir da compreensão e interpretação desse sonho que fui construindo os significados que conduziram esta tese. Na aquarela "Sônia Guajajara e Hosannah contemplando A Grande Árvore" , a artista Eva Bacelar retratou meu sonho, eu e a Sônia Guajajara contemplando a Grande Árvore, símbolo da Vida e da Sabedoria. A árvore que já foi um dia semente, que criou raízes profundas, que floresce, que abriga outras vidas, que dá sombra. A árvore que às vezes tem seus galhos podados para ficar ainda mais

forte, que sobrevive às tempestades e primaveras porque suas raízes são profundas e estão firmes.

Apenas quando permiti que os galhos fossem cortados e adentrei naquele santuário, fui capaz de enxergar o que estava encoberto, fazer a travessia do mundo exterior para o mundo interior, tendo essa mulher como condutora entre esses dois mundos. Foi necessário entrar no chão e descer até as profundezas, ou seja, buscar a ancestralidade, para contemplar a beleza e me dar conta da verdadeira riqueza que a Grande Árvore possui e não apenas olhar e me conformar com o que era visível superficialmente.

O objetivo desta tese é compreender espaços educativos de re-existência Guajajara, num modo de investigar que visa, como afirma Santos (2019), partir da exclusão para a solidariedade, dando ênfase à trajetória existencial de Sônia Guajajara, analisando sua fala e seu ativismo. Nessa perspectiva, as práticas comuns entre pesquisadora e pesquisandos muitas vezes se confundiram, numa ideia de que a pesquisa precisa gerar resultados práticos para os parceiros. Considero esta pesquisa de construção de alianças na busca de superar binômios tão excludentes. Especificamente, poder investigar os aspectos que constituem a (re)existência dessa mulher, como espaço educativo de luta contra as injustiças e as visões estereotipadas acerca dos povos indígenas. E assim poder evidenciar a resistência de uma cultura viva através das ações de uma liderança feminina.

A pesquisa parte da legitimidade dessa luta, expressada através da fala, dos discursos nos parlamentos, nas plenárias, das narrativas de quem vivencia, de quem nunca se intimidou e sempre resistiu. É essa fala, a palavra dessa mulher que luta, que vem dar luz para nossa compreensão da importância e riqueza dos povos indígenas para a humanidade. São relatos de vida.

Carlo Ubbiali (1997, p. 16) nos diz que: “O relato de vida serve para construir o conhecimento de uma certa realidade imprimindo nela um sentido histórico e oferece aos indígenas a oportunidade de conhecer traços de sua história contada por eles mesmos”.

A tese traz muitas reflexões sobre as palavras da Sônia, algumas das centenas publicadas, além de entrevistas e conversas a mim concedidas, num contexto das epistemologias do sul. As descrições contemplam os mitos e narrativas Guajajara e importantes diálogos com a Cacica da Aldeia Lagoa Quieta Maria Santana, com a professora Cíntia Guajajara, mestra em linguística, além de sábios anciões, lideranças indígenas das aldeias Bacurizinho, Magueira, Zutiwa , São José e Lagoa Quieta. Dei

prioridade para a escolha por textos de autoria indígena – acadêmicos, políticos, literários, orais e escritos, contemplando Sônia Guajajara, Cíntia Guajajara, Célia Xacriabá, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, além do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, do antropólogo brasileiro Viveiros de Castro, do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, da psicóloga cearense Ana Luísa Teixeira de Meneses, do historiador e sociólogo maranhense Claudio Zannoni, do missionário italiano Carlo Ubbiali, do argentino Rodolfo Kusch, do educador brasileiro Paulo Freire e do antropólogo brasileiro Mércio Gomes. Com essas pessoas e autores, fui descobrindo uma diversidade de experiências que valorizam o modo de as mulheres Guajajara se movimentarem como uma comunidade epistêmica (SANTOS, 2019).

A tese é pautada por um pensamento imagético, telúrico, explora os recursos narrativos da temporalidade de uma história de preconceitos e violência, assume uma gramática que não nega a razão, antes a amplifica ao "constituir pontes" entre sentidos sentidos e sentidos intelectuais.

O conhecimento, o que aprendi com os Guajajara, é fruto da minha experiência de pesquisa com eles, em contextos pós-abissais (SANTOS, 2020) que legitimam práticas que ultrapassam modos eurocêntricos de fazer pesquisa. Esse espaço foi constituído a partir das minhas percepções, reflexões e vivências, num intenso percurso de trabalho de campo e de produção de ações conjuntas.

Após uma jornada que incluiu muitas idas para as aldeias, participação nos Acampamentos Terra Livre (ATL), em Brasília, Marcha das Mulheres Indígenas, participação em plenárias no Senado Federal com as indígenas, participação em rituais de passagem, e, principalmente, muitas conversas com anciãos indígenas, professores indígenas, com Sônia Guajajara, com Boaventura de Sousa Santos, agendas, reuniões, textos e reflexões escritos e reescritos, em diferentes versões, também rastreei e organizei materiais disponíveis na internet – depoimentos, notícias, postagens de/sobre Sônia Guajajara; fotografias, pesquisas e textos de caráter acadêmico, ou seja, construí acervos, arquivos e sobretudo experiências para dar conta de compreender espaços educativos de re-existência Guajajara apresento, nesta tese, a versão final que fui capaz de realizar em um estilo próprio de texto amalgamado.

Abordo desde quando os conheci até minhas vivências atualmente com o povo Guajajara. Nos meus escritos, procuro mostrar, além de uma descrição do vivido, das lutas, do concreto, também as emoções vividas e as reflexões inspiradas a partir do meu

encontro com as mulheres Guajajara. Procuro trazer para este texto como esses encontros me afetaram e me reconfiguraram como ser humano e professora.

Há longas sequências descritivas sobre eventos como o Acampamento Terra Livre e, adiante, sobre rituais dos quais tomei parte – com foco no protagonismo das mulheres indígenas. Essas narrativas – de dentro, num entre, como etnografia participativa - são importantes porque contextualizam e, ao mesmo tempo, vão apresentando alguns pontos estratégicos, reconhecendo conflito e coesão nesses movimentos políticos, dificuldades enfrentadas pelas mulheres quanto ao reconhecimento, quanto à representatividade, às questões territoriais, à violência e formas estruturais de racismos contra os povos indígenas. A tese permite conhecer Sônia Guajajara para além da pessoa pública... conhece-la pela experiência do encontro, da proximidade, e pela oportunidade de encontrar textos longos. Quero ressaltar a intenção na manutenção de textos na íntegra – no caso de depoimentos, de pronunciamentos, de narrativas – algo incomum nos textos acadêmicos, mas coerente com a busca pela constituição de sentidos e sentimentos, de modo a permitir vislumbrar epistemologias que alicerçam esse fazer, esse dizer, esse ato político de me pronunciar.

Realizar essa pesquisa me fez sair da zona de conforto, da sombra da Grande Árvore e me colocou diante de novos desafios, me empenhei em dar conta. No decorrer da tese, trago narrativas descritivas/reflexivas de minha vivência com as mulheres indígenas, nos rituais ou movimentos de que participei. Em outros momentos, fiz narrativas analíticas, nas quais relacionei vivências e teorias, ressignificando meu modo de ser, pensar e viver. Durante toda a escrita, tive a intenção de privilegiar como as mulheres indígenas Guajajara estavam me afetando e me constituindo durante essa convivência.

Minha escrita não foi linear. Inspirei-me em um sonho para organizar os capítulos. Assim, na introdução, com o título "Sob a sombra da grande árvore", procuro mostrar, em linhas gerais, os motivos pessoais e acadêmicos que me conduziram à escolha do tema de estudo. E traço um breve panorama da biografia de Sônia Guajajara, assim como sobre a necessidade de ouvir a Mãe Terra e de como o estudo foi organizado.

No capítulo que chamei de "Podando os galhos...", descrevo acerca da visão de mundo destorcida sobre os povos indígenas; trago a fala da Sônia que justifica a necessidade da escrita da tese, da necessidade de ouvir a voz da Mãe que está gritando. Apresento uma importante reflexão sobre os sonhos como caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, um caminho educativo e a aplicação desse aprendizado

na interação com o mundo e com as pessoas. Narro ainda sobre minha história de vida, como se deu minha amizade com Sônia Guajajara, a minha aproximação com os povos indígenas, minha trajetória profissional como docente. Destaco minha busca pessoal das mulheres Guajajara relacionando meu caráter aprendente e das descobertas sobre seus modos de vida e minhas primeiras incursões no Movimento Indígena, no Acampamento Terra Livre.

Em “A passagem: do mundo exterior para o mundo interior”, apresento a memória, a identidade e a cosmologia Guajajara, dialogando e refletindo sobre os seus mitos, reconhecendo os fundamentos da memória ancestral que sustentam sua identidade. No capítulo quatro que nomeei “Em busca das raízes” Apresento a Festa do Moqueado, mergulho nos estudos sobre os rituais de passagem que já ocupam um lugar privilegiado entre os Guajajara. Reservo para “O caminho de volta” a abordagem sobre os aspectos metodológicos, os procedimentos realizados para a escrita da tese, buscando o entendimento da visão de mundo das indígenas, em diálogo com minhas experiências e saberes que se encontraram com os saberes e experiências das mulheres Guajajara. Utilizo-me da minha experiência como professora para pensar uma questão que me ultrapassa. Assim, proponho um percurso metodológico autoetnográfico colaborativo, no qual a experiência do vivido é o universo do pesquisador - apresento minha vivência como forma de diálogo e escrita como pilar desta tese, também me orientei pela metodologia do “estar-juntos”, do “com-viver” e do ”pre-sentir” para dar coesão e sentido ao que vivenciei, pensei, intuí e pesquisei com os povos indígenas, âncoras que assentei nas proposições de MENEZES & BERGAMASCHI (2015).

E chego à etapa do "É preciso seguir em frente", na qual faço um apanhado da trajetória existencial de Sônia Guajajara. Apresento uma importante reflexão fruto da pesquisa onde abordo o pertencimento, o cuidado e o colo.

2 PODANDO OS GALHOS

Escolhi escrever sobre essa mulher indígena Sônia Guajajara. Ela vive no sul do Maranhão, em uma área pertencente ao Território Indígena Araribóia. Conto a seguir, sobre a história dessa escolha e como ela foi se configurando.

Sempre quis conhecer mais profundamente os povos indígenas. Quando criança, morava próximo à sede da FUNAI e, de nossa casa, era possível acompanhar o constante ir e vir dos indígenas. Tudo o que os envolvia, me chamava a atenção, sobretudo as

mulheres, com seus longos e negros cabelos, sempre carregando seus filhos na tipoia ou no cesto nas costas, o colorido das roupas e dos seus brincos, colares, pulseiras, as pinturas nos seus corpos, as histórias que ouvia, das suas crenças, seus mitos, das caçadas, suas danças e seus cantos, o uso das plantas na cura das doenças, sua relação com a natureza. Eu sentia um encantamento com tudo isso. Mas tudo isso foi, de certa maneira, se ausentando de nossos dias, se distanciando de nossos olhos.

Sobre essas ausências, nos lembra Ailton Krenak (2019, p. 9):

> […] o nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.

Neste sentido, esta tese busca trazer sua contribuição para que o fim do mundo seja adiado.

2.1 Dos encantamentos da infância aos sentidos da vida adulta

Eu tinha por volta dos dez anos de idade. Bastava ver a movimentação dos indígenas, nas vizinhanças de nossa casa, que eu e meus irmãos ficávamos sentados na porta da casa, em busca de alguma conexão, um cumprimento com a cabeça, um sorriso, até mesmo, uma troca de olhares. Queríamos ser vistos por eles, pois viviam num outro mundo, numa realidade muito diferente da nossa.

No nosso imaginário, a aldeia era um mundo perfeito e cheio de aventuras. A ideia de pescar, caçar, construir suas próprias casas, de saberem viver em meio à mata, fazer as tocaias nas árvores, banharem-se no rio, fazerem a própria farinha, usarem arco e flecha, tecerem as próprias redes, produzirem seus enfeites, o colorido das vestimentas, os adornos, tudo nos fascinava.

Às vezes, o dia estava ensolarado e mesmo assim eles sabiam que iria chover. Eu desejava, a qualquer custo, descobrir como eles sabiam essas coisas. Um dia uma senhora indígena me contou que era um passarinho que avisava quando ia chover. Esse passarinho, quando voa em retirada e cantando, é sinal que vem chuva. Não importava se estava quente, se tinha sol, ou se o céu estivesse limpo. Era a sabedoria da natureza, eles falam a mesma língua.

Quando os ouvíamos cantando, corríamos para olhar pelo portão da FUNAI. Depois de vê-los cantando e dançando, quando chegávamos em casa, ficávamos imitando. Quando vinham para a cidade, eles traziam mel para vender. São muitas histórias que me vem à memória. Lembro-me de uma que me marcou, quando eu estava ficando mocinha: o rito de passagem das jovens indígenas por ocasião da menarca.

Contaram-me que elas ficavam presas numa oca, por sete dias, e que a cintura e as pernas ficavam amarradas com cordas, para marcar a cintura e os contornos no corpo; que tinham uma dieta com alguns alimentos proibidos; não podiam tomar banho e ficavam sem poder falar, isoladas, aos cuidados da mãe e da avó. E somente depois de passar pelo ritual, podiam voltar à vida normal, ir para casa. Em seguida, a jovem já poderia se casar e ter filhos. Durante muitos anos, fiquei imaginando como tudo isso acontecia. Quando ingressei no Doutorado, anos depois, e me deparei com os estudos sobre os povos indígenas, essas lembranças, essas imagens, tudo isso foi sendo re-significado para mim. Na condição de pesquisadora, pude frequentar as festas do moqueado, que é a festa da menina moça. E, então, pude compreender um pouco mais o sentido de cada etapa desse ritual.

A festa do moqueado é um ritual que possui um vínculo profundo com uma busca de memória, uma educação ancestral. Sobre a importância de preservar os vínculos com a nossa memória ancestral, Ailton Krenak (2019, p. 4) lembra que: “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.”

Desde a minha infância, existiam em mim espaços de indagações acerca desse modo indígena de estar no mundo. Queria saber mais sobre o modo de ser, de educar e de viver das mulheres indígenas. Hoje compreendi que esse modo de viver se manifesta desde a infância, nas esferas da coragem, do pertencimento, da coletividade, da ancestralidade. Está presente na educação das crianças, na cultura, nesse jeito de ser que é permeado de simbologias, de significados. Existe um jeito feminino de ser Guajajara.

Como pesquisadora não indígena, pude perceber o quanto estamos distantes e desconhecemos esses mundos indígenas e os desafios que precisamos superar, caso estejamos empenhados nessa aproximação. O distanciamento não é apenas da academia, como a própria Sônia reconhece, mas da sociedade como um todo, o que reflete no sistema educacional.

Todos esses sentidos, distanciamentos e desafios podem ser observados na fala de Sônia Guajajara, ao participar de uma *Live* promovida pelo Núcleo de Direitos Humanos da Universidade Federal do Goiás (UFG), intitulada "A vulnerabilidade dos povos indígenas frente à Covid-19" (01 de julho de 2020). Dessa fala, destaco:

> São tantos os desafios, e além de a gente fazer esse trabalho ali concreto no chão, a gente precisa também ocupar esses espaços como nas academias. E enfim, outros setores que a gente não chega só por nosso próprio meio enquanto movimento indígena. Então, esse campo acadêmico, pra nós, é bem importante, para trazer essa voz e essa atualização pra luta que a gente vem travando.
> Ainda hoje eu estava falando pela manhã, uma pergunta que me foi feita sobre esse distanciamento que há das Universidade e a realidade entre os povos indígenas, e aí eu tava falando que esse distanciamento não é somente nas Universidades, tá na sociedade como um todo, mas se falando de sistema educacional a gente sente essa ausência muito forte desde o ensino básico. E aí eu quero sempre comparar, quando tu fala com uma pessoa que já tem mais de trinta anos, quarenta anos e não consegue saber, não consegue diferenciar a realidade indígena é até comum da gente aceitar e entender porque todo mundo vem de um processo ainda educacional muito autoritário, muito conservador e ainda do período que estava começando a Constituição Federal, então vem desse processo todo tendo os povos indígenas ainda sob essa versão só do colonizador então as pessoas de trinta anos acima e dizer: ah! tu não parece indígena, ou achar que só tem indígena na Amazônia, ou achar que só têm indígenas que vem pra cidade e deixam de ser indígenas, então é comum quando tu vê as pessoas falando isso, ou olhar pra mim e se eu não tiver com uma pena ou se eu não tiver com uma pintura, ah, tu nem parece índia, tu nem parece, porque tu não tá usando ali tuas coisas todas, e aí é comum a gente escutar isso e é até aceitável porque vem desse processo todo altamente conservador, autoritário e da ditadura, enfim. Mas o que me espanta, até hoje, é o comportamento das crianças, sabe? Você pegar uma criança de 4 anos de 10 anos, adolescente de 15 anos e essa criança olhar pra você ainda hoje e dizer: ah, tu é índia? Tu nem parece índia, ah, tu mora no Amazonas, porque índio tá no mato... porque tu não tá pelada? Então a gente escuta muito, muito isso. Um comportamento de criança e mesmo de adolescente assusta porque você vê que o sistema educacional brasileiro nunca conseguiu atualizar sua própria história porque se nós temos crianças até hoje com esse mesmo comportamento significa que as escolas ainda estão mostrando no ensino básico e fundamental os indígenas do passado. E aí não tratam nem de povos indígenas, tratam mesmo de "os índios", e aí a gente ainda é tratado como os índios de 1500, e aí você vê, que quando tu olha os livros didáticos ainda realmente é assim que eles utilizam a narrativa. "Os índios viviam na mata.", "Os índios andavam nus", "Os índios se alimentavam de caça e de pesca", "Os índios andavam pintados". Então ainda hoje essa narrativa não foi atualizada, então é fundamental para que haja essa aproximação da sociedade com os povos indígenas que haja uma mudança em primeiro lugar do sistema educacional que é onde as crianças chegam e recebem ali as informações, o conhecimento. E o que ele aprende na escola é o que ele leva pra vida. Por mais que vá se moldando tudo em casa, é ali que é a base. O sistema educacional precisa trazer a questão indígena, o debate indígena, as informações sobre indígenas a partir da realidade de hoje. É claro que a história é importante, o processo histórico é importante pra saber o quão violento foi, não para tratar os invasores como heróis como acontece até hoje. Mas é importante atualizar com a versão dos povos indígenas de como foi esse processo colonizador e a realidade hoje, os desafios que a gente enfrenta. Aí quando tu pega lá em 1500, o período colonial, a ditadura, e chegar até hoje, você percebe que todo e qualquer plano de desenvolvimento econômico do país, todo e qualquer plano de progresso como é chamado sempre teve como base a expulsão, o extermínio

> dos povos indígenas, todos os planos do Estado teve como base retirar da frente quem estivesse atrapalhando e quem sempre esteve ali fomos nós, os povos indígenas. E, mais tarde, a população negra, que chegou da África escravizado e inclusive pra suprir esse lugar de trabalho, um lugar que o indígena nunca aceitou, nunca aceitou ser dominado ser escravizado e daí vem toda essa narrativa e conceito que é impregnado na sociedade como um todo do indígena ser preguiçoso, não a gente não é preguiçoso, é o contrário, a gente não aceita submissão, não aceita, nunca aceitou escravização, ser escravizado. Embora esse comportamento tenha gerado muitas mortes, perseguição, e extermínio total de povos de muitas culturas, mas sempre nós estivemos ali, nessa linha de frente, fazendo a defesa do território, fazendo a defesa do meio ambiente, porque para nós não há como defender a nossa vida, a nossa existência, os nossos direitos, dissociado da luta ambiental, por que toda e qualquer luta que a gente faz é pra ter a garantia do território, um direito que foi aí ao longo do tempo, ele foi escrito pela Constituição Federal, então o direito territorial é um direito constitucional (GUAJAJARA, 2020, 6:35-13:55 min).

Eu sou mais uma dessas pessoas com mais de trinta anos que escutou essa História na escola e que pensou assim também até ter meu caminho cruzado com as Guajajaras.

Nos parágrafos iniciais deste capítulo, quando descrevo sobre meu encantamento e curiosidade acerca dos povos indígenas, aos dez anos, eu falava e pensava como criança. Mas quando me tornei adulta, meus pensamentos sobre os povos indígenas eram completamente destorcidos da realidade. Eu não havia atualizado os meus conhecimentos sobre os povos indígenas, eu havia internalizado aquela imagem dos indígenas de quinhentos anos atrás. Eu os olhava confusamente. São 305 povos no Brasil, 274 línguas. Já foram muito mais...

E para que contar essa história? São muitos “para quês”: a necessidade de a voz indígena ser ouvida e valorizada na Academia; minimizar o distanciamento entre as Universidades e a realidade dos povos indígenas; desimpregnar os estereótipos e preconceitos contra os povos indígenas; para contribuir para a formação de professores da Educação Básica; e, ainda, para que a História possa ser contada a partir de quem a viveu. São muitos os motivos que justificam a feitura desta tese.

As entrevistas, os discursos e as denúncias da Sônia me acompanharam diuturnamente durante esses anos. Por todo o seu protagonismo no cenário nacional e mundial, nenhum outro autor seria mais apropriado, para colaborar neste estudo, que não a própria Sônia. Nenhuma reflexão seria mais importante para justificar a importância desta tese que a voz da própria Sônia Guajajara, como liderança indígena e mulher.

Há uma urgência em ouvir a voz dos povos indígenas. Há urgência em atender ao chamado. Os sábios Guajajara disseram que a Mãe Terra está gritando.

Como já dito, nesses últimos anos estreitei meus laços com os povos indígenas, sobretudo com a extensa família de Sônia Guajajara. Passamos juntas carnavais, natais, reveillons, aniversários diversos, idas às aldeias, Acampamentos Terra Livre, Marcha das Mulheres Indígenas, Marcha das Margaridas. Tive a alegria de participar da Festa do Moqueado de sua filha Ywara. Foram muitas reuniões, acompanhando os movimentos da Campanha Presidencial das eleições de 2018, articulações de combate ao Covid-19, em 2020. Conheci personalidades do mundo artístico, participei de almoços em minha casa ou na dela. Foram muitos momentos de conversas, que enriqueceram e impactaram muitas das aprendizagens que tive no decorrer da pesquisa e que compartilho agora.

Eu tive que carregar no capricho, como se diz na minha terra, para escrever esta tese. Fui passando por muitas situações no decorrer do Doutorado. Pude vivenciar a persistência, a coragem, a fé. Para estudar, vivi o desmame de minha filha, as mudanças e os dias frios vividos no sul, enquanto cursava as disciplinas do Doutorado; as saudades, a incerteza, as diferenças culturais, as dores, as doenças, as perdas. Um isolamento, uma pandemia sem precedentes, o medo e até mesmo a queda de um raio sobre minha casa e a repentina morte do meu amado pai.

Assim, meu sonho, outrora incompreendido, vai se abrindo em novos sentidos. A cada galho cortado, foi um galho meu, de cada perda, dor ou aprendizado. Era minha aquela sombra da árvore

, até que entre lágrimas eu me questionei: e agora? Mas eu tinha a opção de seguir, apesar de tudo.

À minha frente, encontrava-se aquele tronco, reverenciava aquela árvore. Por seu tamanho, devia ter muitos séculos de existência, o simbolismo da sabedoria de quem já sobreviveu às tempestades e às primaveras. Buscava ir ao encontro das suas raízes. Na superfície, nada além do tronco, agora sem folhas, nem galhos, nem flores, nem frutos, nem passarinhos com seus cantos e ninhos. Era hora de silenciar. Minha única escolha foi entrar chão adentro. Receosa, sem saber o que iria encontrar, seguindo apenas meu instinto e a voz de meu pai. Sua voz, nos momentos mais difíceis, me dizia: não desista, não caminhe para trás, siga em frente, você vai conseguir. Essas raízes foram meu fio condutor durante todo o percurso da tese. Eu não estava sozinha, tinha à minha frente a grande guerreira. Assim como o pajé do mito dos encantados, também precisei mergulhar na terra e descer profundamente, para começar a sentir o doce sabor da resina e contemplar a beleza daquele santuário.

Foi graças à insistência da Ana Luísa, minha orientadora, considerando que eu poderia contribuir, a partir dessa escrita sobre meu próprio processo de redescoberta de mim mesma, que fui dialogando sobre a (in)consciência do sonho e as tomadas de decisão que se seguiram.

2.2 O sonho: inspirando reflexões e percursos

O sonho ocupa um lugar protagonista na construção da civilização ocidental.

No Egito antigo, como nos conta o Antigo Testamento, no Livro do Gênesis, se não fosse por José, o filho de Jacó, e seu dom de "interpretar os sonhos", sua família e ele mesmo pereceriam. José conquistou a confiança do Faraó ao interpretar seus sonhos e, também, tornou-se um símbolo das religiões judaico-cristãs. No Novo Testamento, no Evangelho de Mateus, outro José, Pai de Jesus Cristo e Patrono e Protetor da Igreja Católica, a partir de sonhos com o Anjo divino, acolhe seu chamado na História da Salvação Cristã[1].

A Tradição Cristã manteve esse caráter de sinais, profecias e avisos como algo a ser cultivado, iluminado pelo dom do discernimento dos Espíritos, cuja função seria separar o Divino, do humano e do diabólico. Interpretado por um orientador espiritual que teria o papel de guia do crescimento espiritual. Ainda hoje, os cristãos que seguem a tradição jesuítica, ao praticarem os exercícios espirituais, são orientados para antes do repouso noturno, realizar um exame de consciência e, após, fazer a leitura de textos sagrados referente ao dia subsequente. O objetivo é meditar sobre aquelas palavras para que, durante o sono e, eventualmente, pelos sonhos, a palavra sagrada possa ser inspiradora.

Por meio do sonho, a Dona Maria Santana, cacica e fundadora da aldeia Lagoa Quieta, do Território Indígena Araribóia, tia da Sônia, recebeu sua missão de ser parteira, aos quatorze anos de idade. Contou-me que o sonho foi como um aviso de que faria o parto de sua própria mãe. Ela se tornou a mais reconhecida parteira da região, realizou 751 partos. Surpreendentemente, dadas as condições em que viviam, nenhuma dessas mulheres morreu no parto. E foi por causa desse seu extraordinário dom, que recebeu o

---

[1] Primeiro sonho (Evangelho de Mateus, 1:20-21): o anjo pede a José que não tenha medo de desposar Maria, pois o filho que ela carregava fora gerado pelo Espírito Santo; segundo sonho (Evangelho de Mateus, 2:13): José é alertado para fugir para o Egito com a sua família; terceiro sonho (Evangelho de Mateus, 2:19-20): no Egito, José recebe a notícia de que Herodes morreu e que é seguro retornar; quarto sonho (Evangelho de Mateus, 2:21): José é avisado para ir a Nazaré, na Galileia.

convite para ir morar no Território Araribóia e, posteriormente, fundar a aldeia Lagoa Quieta, como me contou, em um de nossos encontros:

> Quem nasceu pra ser alguma coisa, vai ser determinado; quem nasceu para ser estudante, para ser advogado. Aí o meu dom era de conhecimento. Eu tenho um dom de muito conhecimento, muito mesmo. E para mim ser parteira foi através de um sonho. Alguém veio me dizer no sonho. Eu tinha catorze anos, quando eu fiz o primeiro parto, e foi da minha mãe. Aí eu estava dormindo, e uma pessoa disse: acorda, acorda! Eu tive um sonho como que uma pessoa que veio me avisar que eu ía fazer o parto da minha mãe (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

Mas, independente da cultura, é próprio da humanidade sonhar e se relacionar com seus sonhos. Mas é tão estranho o mundo dos sonhos e dos pensamentos, que décadas de estudo ainda não trouxeram uma explicação definitiva a respeito. O que seria o sonho ou um pensamento? Quais as suas origens e seus significados? Considerando que o sonho é uma forma de pensamento narrativo involuntário quem sonha quando eu assisto ao meu sonho? O mesmo eu que observa o pensamento que brota em minha alma?

Sigmund Freud, na obra A interpretação dos sonhos (1900), compreende o sonho a partir das repressões, como um grito a dizer o que o consciente se recusa a ouvir. Para Jung (2011), o sonho é a forma mais clara para o inconsciente se manifestar, a melhor expressão do que poderia ser dito nas limitações próprias do que estaria no inconsciente. Isso me faz pensar sobre o quê ou quem ali estaria?

O sonho representa processos inconscientes que não evidenciam uma relação com a situação consciente. Sonhos dessa espécie são muito peculiares e, devido ao seu caráter estranho, não podem ser interpretados facilmente. O sonhador se admira tanto por sonhar algo assim, pois nem mesmo uma relação condicional pode ser estabelecida. Trata-se de um produto espontâneo do inconsciente que porta toda a atividade e é altamente significativo. São sonhos imponentes. Sonhos que os indígenas designam de sonhos grandes. São de natureza oracular, *somnia a deo missa* (sonhos enviados por Deus). São experimentados como uma iluminação (JUNG, 2011, p. 18).

Outros povos indígenas têm no sonho um fenômeno importante, como podemos ver na concepção de sonho e do sonhar, na perspectiva de Davi Kopenawa (2015):

> Os brancos não se tornam xamãs. Sua imagem de vida nôremi é cheia de vertigem. Os perfumes que passam e o álcool que bebem tornam seu peito demasiado odorante e quente. E é por isso que ele fica vazio. Eles não têm nem casa nem cantos de espíritos. Nenhum adorno de penas ou miçangas pertencentes ao xapiri foi colocado em suas imagens por seus antigos. Quando dormem, só veem no sonho o que os cerca durante o dia. Eles não sabem sonhar de verdade, pois os espíritos não levam sua imagem durante o sono. Nós xamãs, ao contrário, somos capazes de sonhar muito longe. As cordas de nossas redes são como antenas por onde o sonho dos xapiri desce até nós diretamente. Sem elas, ele deslizaria para longe e não poderia entrar em nós.

> Por isso nosso sonho é rápido, como imagens de televisão vindas de terras distantes. Nós sonhamos desse jeito desde sempre, porque somos caçadores que cresceram na floresta. Omama pôs o sonho dentro de nós quando nos criou. Somos seus filhos e por isso nossos sonhos são tão distantes e inesgotáveis.Os brancos dormem deitados perto do chão, em camas, nas quais se agitam em desconforto. Seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos. Seu saber não vai além das palavras que dirigem uns aos outros em todos os lugares onde vivem. as palavras dos xamãs são diferentes. Elas vem de muito longe e falam de coisas desconhecidas para as pessoas comuns. Os brancos que não bebem yâkoana e não fazem dançar os espíritos , as ignoram. Não são capazes de ver Hutukarari, o espírito do céu, nem Xiwâripa, o do caos. Tampouco veem as imagens dos ancestrais animais yarori, nem a dos espíritos da floresta, urihinari. Omama não lhes ensinou nada disso. Seu pensamento fica esfumaçado porque eles dormem amontoados uns em cima dos outros em seus prédios, no meio dos motores e das máquinas. Nós somos outros. Quando nossos olhos , durante o dia, morrem com o pó do yâkoana, â noite dormimos em estado de fantasma. Assim que adormecemos, os xapiri começam a descer em nossa direção. Não é preciso beber yâkoana de novo. Seus cantos misturados ressoam de repente na noite, como os gritos estridentes dos bandos de papagaios nas árvores. E logo percebemos na escuridão , seus inúmeros caminhos luminosos enredados se aproximando , cintilantes como o brilho da lua. |Então começamos a responder a seus chamados e, assim, seu valor de sonho chega a nós. Nosso corpo permanece deitado na rede , mas nossa imagem e nosso sopro de vida voam com eles. A floresta se afasta rapidamente . Logo não vemos mais suas árvores e nos sentimos flutuando sobre um enorme vazio, como num avião. Voamos em sonho para muito longe de nossa casa e de nossa terra, pelos caminhos de luz dos xapiri. ...Nós xamãs possuímos dentro de nós o valor de sonhos dos espíritos. São eles que nos permitem sonhar tão longe. Por isso suas imagens não param de dançar para nós quando estamos dormindo (KOPENAWA, 2015, p. 460).

Jordan Peterson, em seu Maps of Meaning (1999) ensina que o sonho é a terra natal do pensamento, da mesma maneira que os artistas são o nascimento da cultura.

Ora, na observação do que fala comigo nas mais diversas culturas e tradições perceberam em seu cotidiano entidades, seres que ora habitam a alma humana e possuem os humanos, ora estão nos animais e até nas forças da natureza.

A trama e a tessitura do destino e a compreensão da realidade vem dos elementos correspondentes que cada indivíduo traz dentro de si. Mas como saber de que advêm essas impressões e essa compreensão de mundo? Vem de nossos ancestrais que assim nos ensinaram. Como dizia Chesterton em Orthodoxy (1908.), a tradição é a democracia dos mortos, é a voz desses mortos que ainda opinam, ensinam, exortam; e quando nada mais tem a dizer, silenciam e descansam definitivamente pelo cumprimento de sua missão. Podem ficar em paz. Os mortos só descansam quando nada mais têm a ensinar. Mas onde estão esses mortos? Nos gestos de família que aprendi por mimetização e que são repassados a trinta gerações? Pela maneira de olhar, de sentir, de interpretar as dores, de selecioná-las e até de algumas me tornarem indiferente. Ou de desejá-las? Onde estão

esses mortos? Ou onde eles falam comigo? Melhor questionamento seria: como me abro a essas vozes incansáveis, já que minha ignorância ainda não permite seu descanso... (HILLMAN, 2015).

Após essas reflexões, acrescento elementos que são únicos na cultura Guajajara. Se minhas emoções, meu corpo, minha memória, minha cultura, meus correspondentes. Esses são todos os conhecimentos, sensações, referências que tenho e que, portanto, influenciam minha percepção de mundo, se alguém me diz algo que não se refere a nenhum correspondente, não tenho como saber ao que ele se refere a não ser por analogias e/ou aproximações. Meus ancestrais gritam de meu inconsciente, é necessário lembrar que a natureza é parente para os Tenetehara[2]. Eles possuem pessoas e rios como ancestrais, cantos que vêm de outro mundo e árvores que contam como seus avós. Quão rico deve ser o ensino dos sonhos de alguém que traz mais esses elementos.

E nesta tese procuro abordar a riqueza e o cultivo desse sonhar. O sonho como um professor mais completo, mais sábio, mais antigo. Mas como compreender que esses parentes falam nos sonhos, mas quando um Tenetehara acorda esses parentes ainda estão lá.

> Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais uma colega das que falaram aqui trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas." (KRENAK, 2019, p. 51).

O sonho é uma disciplina, uma tradição para diferentes povos, está relacionada à cosmovisão, a um processo de autoconhecimento e de relacionar-se com o mundo.

2.3 A terra dos Encantados

O Maranhão ainda hoje é a terra dos encantados, uma tradição que aproxima europeus dos indígenas e de cultos afro. Há um sincretismo que se reflete na miscigenação dos seus povos, no afastamento de suas tradições e na aproximação às novas culturas.

---

[2] Os povos Tenetehara são conhecidos no Maranhão como Guajajara. São falantes de uma língua classificada como Tupi, que inclui os povos Guajajara e Tembé e ambos se autodenominam Tenetehara (ALMEIDA, 2019).

Sou também fruto dessa mistura de corpos, de culturas e de almas. Eu moro em um dos estados da federação que possui uma das maiores concentrações de aldeias e de povos indígenas e em uma região que concentra aldeias urbanas, rurais e povos isolados. Também sou bisneta de negros que foram escravizados, neta de avós que romperam as convenções sociais e se casaram (um afrodescendente com uma loira de olhos azuis). Na linha paterna, embora a maioria dos meus ancestrais sejam eurodescendentes têm como origem uma região onde a concentração de aldeias era tão grande, que os brancos emprestavam seus sobrenomes aos indígenas. Em minhas expedições da pesquisa de campo, conheci muitos indígenas com sobrenome igual ao meu: Bandeira. Tal convivência promoveu o relacionamento cotidiano entre os vários povos e culturas, de maneira que tenho bisavós indígenas.

Em terras miscigenadas, se cresce com esse impacto de já ter em seus lares a mistura pronta e de perceber o mundo por esse viés. Quanto mais aprofundo essa escrita, mais percebo o quanto aquela bisavó ainda existe dentro de mim, alertando para a sabedoria pelo cultivo dos sonhos, assim como os antepassados dela faziam nas aldeias. Fui educada branca, mas quanto de hábitos e cultura de fato são tradições que podem ser rotuladas de europeias? O maranhense fala com um sotaque diferente do resto dos nordestinos, quanto mais próximos das aldeias mais "cantada" a fala. É preciso lembrar a relação com os animais dentro de casa, da família agregada comumente com filhos e netos morando na mesma casa. Nosso apreço por comidas de caldo, nosso beiju no café da manhã, as qualidades de nossa farinha, a forma como carregamos nossos filhos, muitas vezes até os dois, três anos de idade escanchados na nossa cintura, a forma de catar os piolhos com os filhos sentados no meio de nossas pernas, o gosto que temos em estar agregados nos tocando, amamentar até as crianças ficarem grandes e fortes, dentre tantos comportamentos e trejeitos.

Ora, os correspondentes de percepção da realidade que trago em mim, assim como a atração infantil e depois juvenil por essas culturas, não seriam uma clara identificação pela parte da família de bisavós que ignorava, mas que estava ali, nas comunicações silenciosas que são passadas de geração em geração?

Recentemente ao assistir um vídeo sobre pesca no interior do Pará, encarei a coincidência de ver na tela um primo distante de meu pai, que minha mãe reconheceu por nome. Quando o nome dele foi indicado na tela, imediatamente minha mãe disse que, se fosse da cidade de Grajaú (terra de meus avós), seria o primo de meu pai. Claro que a minha primeira reação foi o desdém. Entretanto, quando vi a imagem daquele homem na

TV, alguém que, nos últimos 45 anos não tinha contato com essa parte da família, eu vi ali o meu pai. Fisicamente igual, como gêmeos univitelinos, os mesmos gestos, o jeito de se encostar na parede, de sorrir, a forma de pentear o cabelo, tudo estava ali, inclusive o jeito de falar. Qual antepassado em comum foi tão marcante que perpassou as gerações e ensinou ambos a se comportarem assim? Que criatura especial seria essa para se manter viva por gerações fazendo inclusive que meus irmãos tenham herdado alguns desses trejeitos?

É difícil não encarar essa identificação com a cultura indígena e com essa causa, essa empatia como algo dissociado da minha história consciente e também inconsciente. E a escrita desta tese, essas reflexões, e esse contato vão passando esses processos para o campo da consciência.

Meu avô "aboiava"[3], um típico canto dos vaqueiros. Filho de uma escrava liberta e de um negro nascido livre, ele comprou a liberdade da amada. Lembro, ainda, de sua postura imponente, em cima do cavalo, quando já idoso. Era bonito vê-lo aboiar.

Aos olhos de muitos, meu avô era apenas um negro, velho, vaqueiro, analfabeto, pobre, gritando para umas vacas no pasto. O canto do meu avô era encantado para mim. É impossível ver um "aboio" sem lembrar dele e de sua imponência, do respeito que ele me inspirava, do zelo. Isso é tão forte a ponto de silenciar quando ouço um vaqueiro aboiar. Essas marcas, essas tradições, essas identificações me fazem perceber a ignorância que encontrei nos estudos e no desenvolvimento desta tese. A minha e a de muitos, assim como o preconceito.

Embora eu tenha esses correspondentes, parentes de origem afro ou indígena, várias vezes julguei ou (des)apreciei suas ações a partir de minha ignorância. Da mesma forma, quantos encontrei fechados em preconceitos e ignorâncias, pretendendo diminuir a importância de um canto indígena? Se essas pessoas não conseguem perceber a importância de um Maracá, reduzindo-o a um objeto de artesanato ou um instrumento primitivo de música, tocado por pessoas primitivas, como vão entender aspectos mais sutis? Se não entendem, como pretendem estabelecer uma real comunicação com os mais variados povos indígenas? Se não percebem, como podem ter a clareza sobre o que fazem, senão reproduzir opressão? Uma opressão autoritária e arrogante que pretende

[3] O aboio é um canto solitário utilizado para conduzir o gado; é ritmado e voltado para o céu, pois tem que ser alto o bastante para o gado ouvir; o gado é o interlocutor desse canto que o acalma e o conduz ao seu destino.

dizer como as coisas têm que ser para negros e quilombolas, sem terem noção do que é importante para esses povos?

Se hoje me sinto comprometida com esses temas e lutas, é porque há uma comunicação silenciosa, dessa sabedoria familiar, dessa ancestralidade que ressoa contra as vozes da massificação das pessoas, do roubo das atenções pelos celulares e pelas distrações do que é bobo e caricato.

Assim, ao defender e apoiar Sônia, ao compartilhar uma parte dessa trajetória, percebo que apoio essa luta não apenas porque é importante para ela ou para os povos indígenas. Apoio essa luta por reconhecer o direito de os indígenas serem quem são. É o direito de minha bisavó indígena ou negra continuar ensinando a mim e a meus descendentes sua sabedoria, suas intuições, de manter essa voz familiar e ancestral viva e valorizada.

Se eu, como neta, não demonstrar esse respeito, essa gratidão, por que motivo outros demonstrariam esse respeito?

Apoiar essa luta dos povos pelo direito de serem quem são, é lutar para que eu possa ser autêntica e integralmente quem eu sou. Sem a imposição de quem quer que seja para que faça ou deixe de fazer algo em função do pensamento, do desconhecimento ou da conveniência de alguém, sem valorizar toda uma história de existência e de sabedorias.

Ao fazer conhecida a luta indígena pelo mundo todo, convidando as pessoas a conhecerem essa cultura a partir dos próprios indígenas, a luta de Sônia representa um marco e um avanço significativo. Não se pede que se conheça um indígena caricato, folclórico, dos livros ultrapassados. É o próprio indígena que está ali para ser quem ele é, e assim ser conhecido sem intermediários. Uma oportunidade para que se estabeleça uma comunicação mais direta, na qual um possa aprender com o outro, estabelecendo um diálogo entre iguais, mais horizontal.

E à medida que as pessoas conhecem esses povos, de alguma forma são convidadas a se reconhecer neles, culturalmente, e perceber que ali não está outro povo, mas o mesmo que sempre esteve. Aprendemos música, cultura, gastronomia, espiritualidade, oralidade, preservação ambiental, plantas medicinais, etc, mas depois negamos.

Quando nos abrimos para esse diálogo, podemos perceber o quanto esses povos foram importantes em nossa história. No meu caso, compreendo como foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. E posso expressar, sem vergonha, nem temor

de ser considerada como algo exótico, distante ou pitoresco, que sou parte indígena e que isso é importante na minha história e na história de todos aqueles que já convivem comigo ou que virão a conviver.

Aliado a esses aspectos ancestrais, também situo o encontro com Sônia Guajajara, numa perspectiva mais acadêmica, onde a conheci.

2.4 Do encontro com Sônia à reconstituição da trajetória profissional

Em 2003, quando cursei uma Pós-Graduação em Educação Especial na UEMA. me apaixonei pela educação e pela formação de professores. Essa experiência me convenceu de que era na educação, em especial na educação superior, que eu deveria construir uma carreira profissional. Nesse curso, conheci Sônia Guajajara e sua irmã Vânia. Meu irmão caçula Marcel (*in memorian*) também estudava conosco e tivemos muitos momentos felizes de aprendizado e convivência.

Nesse curso, os alunos já eram professores e as aulas aconteciam aos finais de semana, com atividades individuais e em grupos. Nessa época, Sônia era professora da APAE. Além dela, a diretora e algumas professoras de lá também eram alunas do curso. Na primeira disciplina, já tive afinidade com as duas irmãs. Participei de alguns trabalhos em grupo com a Sônia; em outros, ela fazia com o grupo das professoras da APAE. Já com a Vânia, mantivemos o mesmo grupo do início ao fim do curso.

Como professores, éramos constantemente estimulados a narrar nossas experiências com os alunos, de forma oral ou escrita. Sônia se expressava muito bem, ela e sua irmã haviam se formado na UEMA, minha mãe foi professora delas. Nessa especialização, havia várias colegas da graduação ou do trabalho e não houve nenhum estranhamento nessa turma pelo fato delas serem indígenas. Sônia era muito dedicada, pois trabalhava na APAE, trabalhava nas aldeias que ficam em outros municípios distantes de Imperatriz. Nessa época, ela já tinha os filhos Luís e Yaponã, ainda pequenos.

Ela foi uma aluna participativa e argumentativa, já possuía o dom da oratória. Tinha orgulho de sua origem indígena e tinha boas relações com todos. Geralmente, após as aulas, saíamos com meu irmão e outras colegas de turma para lanchar ou ouvir músicas. Essa convivência contribuiu para estreitarmos nossos laços de amizade.

Nesse tempo eu já tinha alguns alunos indígenas, das etnias Guajajara, Krikati e Gavião e era comum participar de diálogos sobre seus costumes e modos de vida.

No ano de 2004, fui aprovada em seletivo da UEMA para o cargo de professora de Metodologia Científica nos Cursos de Medicina Veterinária e Agronomia. Além dessas disciplinas, passei a trabalhar também com a elaboração e análise de projetos. E ministrava aulas no curso de Administração em uma Universidade privada. Essas atividades foram encerradas no final de 2005 e, no mesmo ano, fui chamada para assumir o concurso no Banco do Brasil, em cuja instituição participei de seletivo interno para atuar como educadora do Banco, ministrando cursos em todo o Estado, o que fiz ao longo de dez anos.

Em 2004, passei no concurso e, posteriormente, tomei posse para professora efetiva do Curso de Administração na Universidade Estadual do Maranhão, onde ministrei várias disciplinas, orientei monografias e participei de diversas bancas examinadoras. Realizei um grande sonho: ser professora na Instituição e no curso em que havia me graduado. Como professora, sempre buscava me qualificar mais para que pudesse oferecer uma educação de qualidade aos meus alunos, fiz vários cursos em São Luís, Belém, Curitiba e São Paulo.

Em 2008, fui selecionada para o Curso de Mestrado da Escola de Administração da Fundação Getulio Vargas (FGV), o qual me proporcionou uma experiência única. Essa aprovação no mestrado foi um grande estímulo para mim, novos horizontes se abriam à minha vida profissional e pessoal. As aulas foram ministradas aos finais de semana, em São Luís, capital, a 630 km de Imperatriz; outras aconteceram no Rio de Janeiro. Foi um período muito cansativo: trabalhar em duas instituições, cursar um mestrado e viajar mais de 1200 km todas as semanas. Debrucei-me sobre livros e artigos por muitas madrugadas para dar conta da dissertação.

Reconstruir minha trajetória promove interações do meu passado com o presente e contribui para evidenciar os caminhos que me conduziram em minhas pesquisas e me tornaram professora.

Cabe ressaltar que, desde o período de minha contratação pela UEMA, em 2004, e a apresentação de minha dissertação de Mestrado, em 2010, atuei como pesquisadora nas áreas de Educação Especial, Uso de Tecnologias pelos professores, Liderança, Comportamento Organizacional e Treinamento e Desenvolvimento. Propus, organizei coordenei um Congresso de Administração, em 2011, realizado no auditório do Palácio do Comércio, o qual contou com a participação de acadêmicos de quase todas as instituições de ensino superior de Imperatriz.

Em 2016 fui aprovada na seleção para o Doutorado em Educação, na UNISC. Foi difícil responder aos frequentes questionamentos dos colegas de profissão do por quê realizar um doutorado diferente da minha área de formação. Inclusive, alguns falavam de forma depreciativa, o que, de certa maneira, me mostrava que eu estava no caminho certo.

Ao ingressar no Doutorado, tinha como objetivo contribuir com os professores a partir da integração das aprendizagens, que haviam sido importantes para mim na Educação, com uma metodologia de desenvolvimento pessoal na formação de professores. A partir daí, as atividades que passei a desenvolver foram pensadas em relação à construção dessa metodologia.

No Programa de Doutorado em Educação, conheci a professora Ana Luisa Menezes e sua trajetória de pesquisadora com os povos indígenas. Logo a chama reacendeu e quis me juntar a ela e ao Grupo de Pesquisa "Peabiru: educação ameríndia e interculturalidade (UFRGS/UNISC)". Como professora do curso de Administração da Universidade Estadual do Maranhão tive a oportunidade de ser professora de vários alunos indígenas. Ressalto que isso nunca foi visto com estranheza. Conheci ainda em meados dos anos 2000 os povos Guajajara, Krikati e Gavião, e pude aprender um pouco sobre suas culturas.

Mas foi durante a disciplina "Educação e Espiritualidade", ministrada pela professora Ana Luísa, quando fomos a uma aldeia guarani no Rio Grande do Sul, localizada no município da Barra do Ribeiro, que refleti sobre grandes lideranças nacionais exercidas por mulheres do movimento indígena e que eram da minha região. Decidi ali que iria me aproximar mais dos povos indígenas. Passei, então, a acompanhar mais de perto as Mobilizações Nacionais Indígenas.

Em abril de 2017, a convite da Sônia Guajajara, fui pela primeira vez, para o Acampamento Nacional Terra Livre, em Brasília, como voluntária. Participaram mais de 4 mil indígenas, de mais de 170 etnias. O ATL é organizado pela APIB, em parceria com órgãos e organizações indigenistas e apoiadores da causa.

> A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB é uma instância de aglutinação e referência nacional do movimento indígena no Brasil, que nasceu com o propósito de: fortalecer a união dos povos indígenas, a articulação entre as diferentes regiões e organizações indígenas do país; unificar as lutas dos povos indígenas, a pauta de reivindicações e demandas e a política do movimento indígena; mobilizar os povos e organizações indígenas do país contra as ameaças e agressões aos direitos indígenas. A APIB foi criada pelo Acampamento Terra Livre (ATL) de 2005, a mobilização nacional que é realizado todo ano, a partir de 2004, para tornar visível a situação dos direitos

> indígenas e reivindicar do Estado brasileiro o atendimento das demandas e reivindicações dos povos indígenas (APIB, 2017).
> .

O primeiro Acampamento Terra Livre aconteceu em 2004, e chegou a 16ª edição em 2020[4]. Essa que é considerada a maior mobilização nacional indígena reúne representantes de diversos povos do Brasil e acontece, anualmente, em Brasília no mês de abril. Nas palavras de Célia Xacriabá:

> O espaço do acampamento é um lugar de discussões plurais, ao mesmo tempo em que fazemos incidência política organizamos comissões, nos fazemos representar em várias instâncias de governo: Congresso Nacional, Ministério da Justiça, Ministério Público Federal, Advocacia Geral da União, Ministério da Educação e Cultura etc. Durante o ATL existem grupos de trabalho com diversas pautas como: Território, saúde, educação e tem as pautas específicas das mulheres e juventude que têm conquistado espaço considerável nos últimos três anos. No ATL de 2016, aconteceu pela primeira vez a plenária de mulheres indígenas e no último, de 2018, aconteceu a primeira plenária da juventude. Esses dois momentos que agregam e compõem o debate do acampamento, tem sido considerado como uma importante conquista do lugar de fala." (XACRIABÁ, 2018, p. 88).

Cheguei a Brasília no dia 23 de abril de 2017, no dia do meu aniversário de quarenta anos, foi o presente que me dei. Liguei para a Soninha, ela me disse para eu ir para o local do Acampamento pela manhã e procurar a Nara Baré, atual e primeira mulher coordenadora da COIAB, e alguns indigenistas amigos de Imperatriz que atuam nacionalmente e estavam colaborando na organização.

Acordei muito cedo, logo que cheguei ao ATL, meus olhos se perderam entre tantas visões, encontrei o Júlio Pinho, do Instituto Makarapy, e o Dario Noleto, do Coisa de Índio, que desenvolveram vários trabalhos com o povo Guajajara, ambos indigenistas, amigos de infância, moradores atualmente de Brasília. Decidimos que eu os auxiliaria na logística. Povos do Brasil estavam chegando. Na logística, havia o registro do nome da liderança, a etnia, a quantidade de pessoas integrantes do grupo, se chegariam mais pessoas em outros ônibus e quando. Nossa equipe entregava os materiais que incluía escavador, lona, bambu e cordas, para a montagem da barraca em que cada povo ficaria naqueles dias. Cada povo leva suas redes e cobertores. Nessa função, acabei conhecendo muitos povos e muitas lideranças. A organização já demarca previamente os lugares em que cada povo vai se instalar, com suas barracas. Cada povo tem suas lideranças para ir buscar algo que precisem, como água, ou absorvente, ou um cobertor. Chamou-me a atenção a organização, a demarcação prévia dos espaços, a logística, a atenção com a

---

[4] Em 2020, em razão das recomendações de natureza sanitárias e do isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, o ATL foi realizado apenas em versão digital, no período de 27 a 30 de abril, com transmissão das atividades ao vivo.

saúde, a imprensa, a produção, a alimentação, dentre outros. E os indígenas, em vários momentos, foram oferecer ajuda para o que precisasse.

No meio da manhã, meus olhos paralisaram quando vi uma centena de Kayapó[5] chegando, com os corpos pintados e seus imensos colares e enfeites amarelos, caminharam sob passos ritmados, fizeram suas danças e entoaram seus cantos. Para onde quer que eu olhasse, havia povos de todas as regiões do país, com seus enfeites e corpos pintados, entoando cantos, balançando maracás num pedido uníssono. Foi um misto de emoção e espanto, muitas lágrimas caíram.

À medida que os povos foram chegando, organizando seus acampamentos, instalando barracas e tendas, expondo seus artesanatos, cantando e dançando, era como se estivessem amansando aquele local. Uma aura pairava sobre nós ali, eram muitas sensações. Sentia-me numa imersão muito potente de cultura, mas, sobretudo, uma vivência de espiritualidade, como uma sensação de pertencimento e de encontro com uma dimensão ancestral.

Em termos históricos, as canções e os cânticos sempre tiveram uma presença muito forte nas lutas de resistência indígena enquanto forma de ganhar força para se ultrapassar o desespero e coragem para lutar contra opressores intimidantes. A presença através de canções e cânticos é uma forma de transcender diferenças em prol da harmonia necessária para uma tarefa prática em mãos, de criar força material a partir da força simbólica (SANTOS, 2019 p. 95).

O dia havia sido quente e a noite chegava fria, me preocupei com quem não tinha cobertor, mas as doações começavam a chegar. Quando dei por mim, estava completamente envolvida na luta indígena. Muitos grupos cantavam e dançavam, me juntei aos Guajajara em um círculo de canto e dança e celebrei com eles os meus quarenta anos. Minha escolha: estar rodeada de tantos povos protetores do Brasil. Já estava com o corpo pintado de jenipapo e tomada de enfeites, me sentia feliz e lembro-me de ter percebido que melhor presente não poderia ter me dado.

O dia 25 de abril foi muito importante. Quando o dia clareou, eu já estava admirando os cantos indígenas do amanhecer. E para qualquer lugar que meus olhos mirassem, novamente ali havia gente pintada, tinha maracá despertando os encantados, tinha forças interconectadas, cantos de proteção e de luta.

---

[5] Povo indígena que vive na Amazônia, na região próxima ao Rio Xingu. Autodenominam-se Mebêngôkre.

Nesse ponto, percebo a sinergia existente e lembro do pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2019),

> A questão não é buscar a completude ou a universalidade, mas sim procurar atingir uma maior consciência da incompletude e da pluriversalidade, não para valorizar conhecimentos segundo critérios abstratos baseados em curiosidade intelectual, mas diferentes conhecimentos nascidos em lutas contra a dominação ou, se não nascidos na luta, suscetíveis de serem usados em lutas de forma produtiva. O objetivo não é diluir tempos-espaços em não-identidades abstratas e cosmopolitas, desprovidas de tempo ou espaço, de história ou memória. É, sim, tornar diferentes saberes mais porosos e mais conscientes das diferenças através da tradução intercultural. (...) nesse processo, poderão ser criados novos tempos-espaços, produzindo cosmopolitismos subalternos, parciais, emergentes e insurgentes que resultam das sinergias potenciadas. Em vez de uma contemporaneidade indiferenciada, torna-se possível pensar em múltiplas formas de ser contemporâneo. (SANTOS, 2019, pp. 471-472).

2.5 Movimentos e articulações no ATL de 2017

Nessa pesquisa, a partir de uma percepção das epistemologias do Sul, destaco a importância das articulações que os grupos lidam. Santos (2019) destaca três tipos de conhecimentos: os seus próprios, os dos grupos dominantes e os que são gerados com as lutas e alianças baseadas nas ecologias dos saberes. Evidenciarei as formas de apropriação do movimento indígena baseada na experiência substituída que implica um conhecimento de uma solidariedade ativa, reciprocidade e cooperação, com um ser humano concreto.

O Movimento Indígena Brasileiro é multidimensional, ele é constituído por muitas lutas e por diversos contextos dos mais de trezentos povos que existem no Brasil, cada povo possui suas características específicas, mas há uma luta que é comum a todos: a luta pelo território.

Participar presencialmente de dois Acampamentos Terra Livre em Brasília, bem como da Marcha das Mulheres Indígenas cujo tema foi: "Território nosso corpo, nosso espírito", me proporcionou estar inserida no contexto das dimensões dessa luta, uma vez que a compreensão de território para os indígenas é diferente da compreensão de território dos não indígenas.

O território para o indígena como já dito no corpo desta pesquisa tem uma dimensão espiritual, anímica, vital e sagrada. Nas palavras da Sônia em uma entrevista concedida para o especial Amazônia Resiste, na qual falou sobre os desafios dos indígenas no Brasil.

> Uma coisa que une muito a gente hoje é essa questão da luta pela garantia do território. Você ter o território, você tem como ali exercer a sua cidadania plena, porque ali você exerce sua cultura. Você exerce seus costumes. A tua

> relação espiritual. É por isso que a gente tem essa luta em comum pelo território e é uma coisa que une todo mundo, Por quê o território para nós é a nossa vida, É o nosso sagrado (SONIA GUAJAJARA, 2018, 3:52 -4:27 min).

Naquele dia 25 de abril de 2017, Sônia Guajajara iniciou a plenária junto com outras lideranças, acolhendo as delegações e convidando os representantes das organizações indígenas que compõem a Articulação dos Povos Indígenas no Brasil (Apib): "Está em nossas mãos evitar o retrocesso, a perda desses direitos que foram duramente conquistados" (MÍDIA NINJA, SÔNIA GUAJAJARA, 2017).

Sônia Guajajara, coordenação da Apib, conclamou os participantes à luta em defesa dos direitos indígenas. Foto: Mídia Ninja / MNI

Manchetes no site da Mobilização Nacional Indígena sobre o dia 25 de abril:

> O dia amanheceu movimentado no 14º Acampamento Terra Livre, em Brasília. Logo cedo, ocorreram apresentações de danças e cantos tradicionais dos mais de cem povos acampados ao lado do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Líderes indígenas na plenária da manhã do dia 25/04/2017, no ATL.
Foto: Mídia Ninja / MNI

Outras manchetes, naquela data, destacavam as falas das lideranças indígenas (25 de abril) em relação a diferentes questões.

Também participaram do ATL delegações indígenas vindas da Indonésia, Guatemala, Equador e Bolívia, os quais também estiveram na tenda principal para se unir ao coro e demonstrar solidariedade.

Por volta das 10h30, os debates nas mesas temáticas discutiram as ameaças aos direitos indígenas nos três poderes do Estado. A primeira reuniu lideranças indígenas das diversas regiões do Brasil. “Vamos escrever uma carta e entregar pessoalmente para os chefes de Estado, para ver se, dessa vez, vão nos ouvir” (cacique Raoni Kayapó).

Algo comum nas falas de várias lideranças foi a falta de representatividade dos povos indígenas na política institucional. “O retrocesso está aí porque temos uma bancada ruralista. Cadê a bancada indígena?” (Telma Marques Taurepang).

“Precisamos eleger nossos indígenas no Congresso Nacional. Não temos nenhum político que nos represente e que fale por nós”, diz Almerinda Tariana, da região do Alto Rio Negro (AM).

Acampamento Terra Livre ao lado do Teatro Nacional, em Brasília.
Foto: Mídia Ninja / MNI

Para os debatedores, os integrantes dos três poderes personificam as principais ameaças sofridas pelos povos indígenas em seus territórios. “Cada dia estamos sendo mais encurralados por este governo” (Antônio da Silva Awá, aldeia Renascer em Ubatuba, São Paulo). “Os deputados, senadores, governadores não nos conhecem. Eles dizem que não trabalhamos, mas só ficam dentro de uma sala escrevendo no papel leis para nos prejudicar” (Kiussi Kisedje, liderança do Território Indígena do Xingu). “Nossas vozes indígenas, que são de muitas línguas, não podem ser ignoradas”, (Álvaro Tukano). “Quando o Poder Judiciário impõe o marco temporal de 1988, ele muda a Constituição sem consultar os povos indígenas” (Valéria Buriti).

Adelar Cupsinski, assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), sobre a situação diante de um Estado que ignora as constantes denúncias feitas sobre a situação dos povos indígenas no Brasil. “Levar a questão indígena para os organismos internacionais é uma estratégia importante no momento político que o Brasil está passando”.

“Estamos aqui para dizer ao Estado brasileiro que não vamos permitir o desmonte de nossos direitos. Estamos aqui para dizer que existimos”. (Sônia Guajajara).

Outras reivindicações dos povos indígenas estão relacionadas ao mundo da pesquisa acadêmica e ao comportamento de alguns pesquisadores voltados à questão indígena como tema de pesquisa e de publicações. Esses pesquisadores operam um modo de pesquisar considerado extrativista, quando deveria ter mais espaço para uma atuação colaborativa entre indígena e pesquisador.

> [...] conjunto de saberes permite pôr em prática as metodologias colaborativas das epistemologias do sul, que têm a ver com metodologias não extrativistas, uma das grandes queixas dos movimentos das populações com a academia. Ela (academia) é extrativista porque extrai a informação, extrai conhecimento e, ainda por cima, quer falar em nome dessas populações, considerando que os seus saberes, quando o reconhecem, são menores e são primitivos. Então reconhecem que a ciência sempre é quem deve definir o critério de verdade e legitimidade (FIRPO, 2019, 5:20-5:54min)

Aproximei-me da luta acreditando em um modo de pesquisar na qual o conhecimento é produzido coletivamente e, também, através de um posicionamento político e afetivo. Esse modo de pesquisar que respeita os saberes dos povos indígenas, e entende-os na condição de colaboradores da pesquisa e de co-pesquisadores é uma prática metodológica adotada e defendida pelo Grupo de Estudos Peabiru - educação ameríndia e interculturalidade (UFRGS/UNISC), e que inspira a minha prática. Minha presença é de parceria visando à construção de alianças, ao estar próxima e vivenciar essa luta, estando sensível às perdas dos territórios, às perdas dos direitos e ao chorar a morte daqueles indígenas que foram assassinados.

Naquela tarde, houve um protesto pacífico e simbólico que consistiu em um cortejo fúnebre em marcha em direção ao Congresso Nacional. Nesse ato, os indígenas guerreiros carregavam nas costas quase duzentos caixões fúnebres, representando os indígenas assassinados em meio a conflitos por terras. À frente do cortejo, havia uma grande faixa com a frase "Demarcação Já". Uma canção com esse título foi lançada naquele histórico ATL. Desse cortejo, participaram mais de três mil indígenas, entre os quais pajés, idosos, mulheres e crianças, além de indigenistas, jornalistas e apoiadores da causa indígena. Ao tentarem depositar os caixões no espelho d’água do Congresso Nacional, a polícia utilizou bombas de efeito moral e gás para impedir o ato. Muitas pessoas passaram mal por causa do gás.

Durante todo o percurso da marcha, a tropa de choque da polícia nos acompanhava. Havia um clima de tensão, mesmo sendo uma manifestação pacífica, de uma luta justa, o policiamento, a cavalaria e o helicóptero nos intimidava todo o tempo. Todos comentavam que o esquema de segurança preparado pela polícia foi desproporcional, com grande contingente de homens, alguns com armamento pesado.

Eu nunca havia experimentado algo dessa intensidade, nunca havia participado de um protesto como esse. Era quase impossível enxergar ao redor, por causa do gás que usavam para nos dispersar. Nossos olhos ardiam. Por meio de um carro de som, que acompanhava a marcha, as falas de lideranças indígenas eram ouvidas e sentidas como força para seguir.

No meio desse protesto, permanecemos unidos, estava com a Sônia, com lideranças Guajajara e alguns apoiadores. Foi um momento muito tenso, mas de luta e de fortalecimento da união de todos os povos. “São nossos parentes assassinados pelas políticas retrógradas de parlamentares que não respeitam a Constituição Federal” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017, Sônia Guajajara).

Enquanto seguíamos em marcha, cantando, os pajés faziam as suas rezas e lideranças de muitas etnias com seus maracás. Enquanto caminhava, eu me apropriava dessa luta. Eu seguia em frente, mas em meus pensamentos acontecia uma (re)volta à forma como os povos indígenas foram desrespeitados durante todos esses séculos.

Índios protestam em frente ao Congresso Nacional pedindo mais políticas públicas.
Foto: Wilson Dias/Agência Brasil

Polícia bloqueia entrada do Congresso para impedir entrada de indígenas
Foto: Wilson Dias/Agência Brasil

Índios protestam no Congresso Nacional, e polícia reage com gás lacrimogêneo.
Foto: Wilson Dias/Agência Brasil

Mobilização no ATL - foto: Mídia Ninja

Ana Terra (povo indígena Yawalapiti) durante a manifestação no ATL 2017. Enquanto os policiais reagiam violentamente, ela pedia que parassem.
Foto: Arquivo da Mobilização Nacional Indígena (2017).

Foto durante o ATL 2017, em frente Congresso Nacional, o pedido de Demarcação já!
Foto: Edgar Correa Kanaykõ. (2017).

Simone Terena e Célia Xacriabá na marcha em direção ao Congresso Nacional
Foto: Edgar Corrêa Kanaykõ

Eram as mulheres que estavam à frente da marcha. Foi muito intenso vivenciar esse momento ao lado de mulheres, crianças, idosos, pajés, caciques e indígenas guerreiros. Estive ao lado do respeitado cacique Raoni[6].

O momento é de união para fortalecer a luta. Boaventura de Sousa Santos (2019, 21min), ao participar de um evento na FIOCRUZ[7], destacou que agora não é o tempo das divisões, é o tempo das articulações, porque aqueles que estão interessados em separar a vida acadêmica e as instituições dos anseios das populações, são os que nos dominam nesse momento e, portanto, nós temos que lutar contra isso, aproximamo-nos cada vez mais.

Durante esse Acampamento, chamou-me a atenção o papel das mulheres indígenas. Observei que estavam agindo nas mais diversas frentes de lutas pela garantia dos direitos dos seus povos. Observei a representatividade de lideranças femininas de todas as regiões do Brasil e um desenho de um espaço político se consolidando. A começar pela coordenadora Nacional geral da APIB, primeira mulher eleita para o cargo, Sônia Guajajara.

> No geral, eu acho que nós mulheres estamos vivendo um momento muito especial. Nós estamos sendo protagonistas da história. A iniciativa de todas as lutas, dos enfrentamentos, está sendo das mulheres. Então nós mulheres indígenas não ficamos de fora disso também. Hoje dentro do Movimento Indígena na maioria das organizações as mulheres estão assumindo. Claro , não é fácil. Todo mundo sabe que o Brasil ainda é um país machista e dentro do nosso meio ainda mais forte porque a própria cultura às vezes impede que a

[6] Líder indígena reconhecido mundialmente candidato ao prêmio nobel da paz em 2020.

[7] Encontro de Saberes: Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde. 12 de fevereiro de 2019. Núcleo de Ecologia, Epistemologias e promoção emancipatória da Saúde (NEEPES).

> mulher assuma um papel de liderança, porque tem cultura que ainda não permite de jeito nenhum as mulheres irem à frente falar. Não acredito muito que seja um impedimento só por causa da cultura, mas é uma junção da cultura e do machismo. A gente precisa romper essa barreira. Eu acho que aos poucos nós estamos rompendo (SONIA GUAJAJARA, 2018, 1:15-2:18 min).

Durante aqueles dias, pude acompanhar um pouco da experiência das mulheres no movimento indígena. Na noite de 25/04/17, houve uma plenária dedicada às mulheres. Esse espaço passou a integrar a programação do ATL desde 2016, a partir de mobilização de mulheres integrantes do projeto "Voz das Mulheres Indígenas"[8]. A partir daquele momento houve uma série de atuações delas em processos locais, estaduais e nacionais, em conferências de políticas indigenistas e na Conferência de Políticas para as Mulheres (CNPM).

"A saúde da mulher indígena tem deixado muito a desejar" afirmou Letícia Yawanawa, do Acre, pontuando problemas de saúde específicos das mulheres e lembrando da importância das parteiras indígenas e suas plantas medicinais. "Mulher tem que ficar onde ela quiser; não é só ficar fazendo comida. Queremos discutir políticas públicas voltadas para as mulheres!" (Dorinha Pankararu, PE).

Presença de mulheres no ATL é marcante.
Foto: Mídia Ninja / MNI

[8] O projeto "Voz das Mulheres Indígenas", em 2018, foi realizado por lideranças indígenas e pela ONU Mulheres, com o apoio da Embaixada da Noruega. Essa iniciativa incentiva o empoderamento das mulheres e sua participação política em todas as esferas de decisão. Mulheres indígenas de mais de cem povos participaram do programa

Plenária discute saúde indígena e conferência de mulheres indígenas.
Foto: Mídia Ninja / MNI

Essas experiências encheram-me de interrogações e levaram-me a uma reflexão mais profunda sobre a constituição da mulher Guajajara. Dessa mulher que não foge à luta, dessa mulher que busca e cria seus espaços, dessa mulher que resiste e luta pela existência do seu povo e que entende que seu corpo também é território.

Para os indígenas, a sua maior defesa é a força da espiritualidade, mesmo que invisível, é uma certeza. No início da manifestação, Sônia disse como seria: “Vamos fazer um ato forte, pacífico. A gente vai circular por essa Esplanada inteira, fazendo os rituais e chamando os encantados”.

O Acampamento Terra livre se consolidou como um espaço plural de lutas e reivindicações, de enfrentamentos, de diálogos. Tem sido um espaço também artístico e em movimento. Ali o mês de abril tem sido testemunha de grandes articulações e conquistas, esse espaço proporciona uma imersão de saberes, de rezas, de dança, de política, de canto e de cura. É um espaço em que cabem todos, de crianças a idosos, de todas as regiões que compartilham da luta coletiva e da importância de resistir para garantir sua existência como Sônia outrora disse.

Em uma live realizada pelo ciclo de debates feministas ocorrida em 10/09/2020 com a participação de Sônia Guajajara e Silvia Federici cujo tema foi "Corpos e territórios Novas fronteiras extrativistas do capital na América Latina". Sônia relata sobre esse posicionamento que a mulher indígena tem trilhado no contexto contemporâneo.

> A gente tem dado alguns passos, nós mulheres indígenas temos assumido várias frentes de luta buscando esse protagonismo, buscando essa participação

> em todos os espaços, fazendo a luta também pela igualdade de gênero, porque a gente tem ainda essa dificuldade a mais por ser indígenas pra fazer esse enfrentamento. Mas tudo bem, nós estamos dando passos lentos porém firmes.Temos mulheres que hoje já lideram vários espaços, dentro das organizações indígenas sempre gosto muito de lembrar, que hoje a Nara Baré que é a primeira mulher indígena a coordenar a COIAB que é a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira e esse espaço não foi dado pra Nara ali de qualquer jeito, de graça, foi um processo de construção que nós mulheres começamos a discutir e começamos a organizar porque nós tínhamos que chegar também nesse momento de ocupar esse lugar de coordenadora, de coordenadora geral por que por muito tempo foi reservado para nós um lugar de secretaria. Ah, vamos colocar uma mulher, vamos colocá-la como secretária. E aí não entrava como uma secretária política, entrava uma secretária operacional, que tava ali poder para fazer a secretaria da organização ou a secretaria dos líderes, mas a gente tava ali nesse lugar. E aí a gente foi trabalhando isso, trabalhando com muita responsabilidade com toda essa construção de muitas mulheres discutindo e entendendo, então, a gente tem hoje na COIAB uma coordenação paritária, dois homens e duas mulheres ocupando a coordenação executiva e isso para nós significa um avanço, um avanço gigante (SÔNIA GUAJAJARA, 36:30-38:47 min).

São nessas lutas, articulações, enfrentamentos, discursos que a identidade e o ativismo que a mulher indígena Sônia Guajajara emerge e convoca todos a se unirem nessa luta. Ela já entendeu sua relação como território e a responsabilidade de suas ações.

> Por mais que alguns representantes políticos sejam mais sensíveis às nossas causas e pensem políticas públicas para atender nosso povo, não basta, não é suficiente fazer **para**, precisa fazer **com**, dialogando a partir de territórios de pertença, isso só quem é indígena e tem seu corpo com território em movimento, consegue compreender, é o que o ATL tem nos ensinado. (XACRIABÁ, 2018, p. 91).

> Me recordo de um outro episódio, que ocorreu no ATL de 2017, quando os policiais avançaram sobre nosso povo com violência. Ali estavam presentes muitas mulheres com suas crianças de colo, e neste momento de muita truculência por parte dos policiais, as mulheres Guarani Kaiowá começaram a entoar um canto de reza de fogo e a tocar o maracá. Foi um dos momentos mais marcantes no movimento indígena pra mim, porque naquele momento começou a chover apenas no local em que estava acontecendo o ATL. (XACRIABÁ, 2018, p. 93).

Eu testemunhei o momento em que os pajés pediram que chamassem todos os outros pajés de todas as etnias que estavam nas suas barracas e foi de fato como a Célia narrou em sua dissertação, um momento muito poderoso, eu fui lavada por aquela chuva encantada que choveu apenas no local do ATL.

Houve alguns movimentos durante a escrita da tese: o primeiro deles foi o da "tomada de consciência do outro, do indígena", o segundo movimento foi de busca de conhecimento, (estudos, leituras e vivências, atl, marcha, festas, rituais, conversas) e o terceiro foi o de tomada de atitude, partir para o ativismo, seria o corazonar.

Corazonar termo criado por Guerreiro Arias (2010) a partir da sabedoria ameríndia.

> Corazonar es una respuesta insurgente para enfrentar las dicotomías excluyentes y dominadoras construidas por Occidente, que separan el sentir del pensar, el corazón de la razón. Implica senti-pensar un modo de romper la fragmentación que de la condición humana hizo la colonialidad. En el razonar, la sola palabra connota la ausencia de lo afectivo, la razón es el centro, y en ella la afectividad no aparece ni siquiera en la periferia. Corazonar busca reintegrar la dimensión de totalidad de la condición humana, pues nuestra humanidad descansa tanto en las dimensiones de afectividad como de razón. En el Corazonar no hay centro, por el contrario, lo que busca es descentrar, desplazar, fracturar el centro hegemónico de la razón. Lo que hace el Corazonar es poner en primer lugar algo que el poder siempre negó, el corazón, y dar a la razón afectividad. Corazon-ar, de ahí que el corazón no excluye, no invisibiliza la razón, sino que por el contrario, el Co-Razonar la nutre de afectividad, a fin de de-colonizar el carácter perverso, conquistador y colonial que históricamente ha tenido (GUERRERO ARIAS, 2010a, p. 11).

Às vezes distinguimos a vida tentando separá-la, nas áreas pessoal ou profissional, mas ambas estão unidas e penso não ser possível que uma tenha êxito e a outra não. Também tendemos a nos colocar no passado ou no futuro, com uma dificuldade em nos manter no tempo presente, durante esses dias no ATL eu comecei a compreender essa força de estar presente no tempo presente, que move os povos indígenas, eu sabia de que lado eu estava, e comecei a lutar também. Santos (2019) fala da importância de se construir conhecimento científico com outros tipos de conhecimento, refletindo sobre as lutas e defendendo o caráter epistêmico delas.

Eu queria entender essa força do território que move os indígenas e nessa fala de Sônia Guajajara ela evidencia que vem da luta, da ancestralidade e da esperança, quando diz, em uma entrevista do episódio “A mãe do Brasil é indígena”: "Quem tem território tem para onde voltar. Tem colo, tem mãe, tem tudo e tem cura" (2018, 22:10 min). Em outra entrevista, para o episódio “O plano de cura Maracá indígena”, declarou:

> Eu sou a Sônia Guajajara e estou querendo aqui invocar a força da nossa ancestralidade e a resistência dos nossos antepassados para pedir permissão para falar em nome dos povos indígenas do Brasil, mas que é uma voz que reflete a voz dos povos indígenas do mundo. Há 519 anos, nós, povos indígenas, temos nos especializado em resistir. Acreditamos que ainda teremos muito mais a favorecer à humanidade afinal são séculos de conhecimento acumulado. Mais de mil povos sobreviviam com a diversidade de crenças sob a benção dos encantados havia muito mais a aprender mas umas caravelas européias, chegaram as espadas, a cobiça e a ideia de quem não eram os senhores das nossas terras e de nossas vidas. E apesar do genocídio que aqui seguiu conseguimos chegar ao século XXI. Muitos de nós fomos escravizados, centenas de povos foram dizimados e muitas culturas aniquiladas. Nos trataram como mercadorias ou como um grande empecilho à ambição refletida à ideia do progresso. Resistimos ao período colonial, resistimos ao Império, à chegada da República e até mesmo à ditadura militar que matou mais de oito mil indígenas. (Sônia Guajajara, 2018, Maracá, 2:13 min).

2.6 Movimentos e articulações no ATL de 2019

Em abril de 2019 fui novamente para o Acampamento Terra Livre, em Brasília, nessa oportunidade aceitei o convite da Sônia e viajei de Imperatriz para Brasília em um ônibus com sua família, sua irmã Soraia, seus filhos Yaponã e Ywara, cunhado, sobrinhos e com outras pessoas do povo guajajara e krikati. Me senti privilegiada nessa viagem, pois eu era a única não indígena e vi ali uma oportunidade de construir relações e conhecer mais sobre essas etnias. Logo na primeira parada em um posto para lanche, depois de retornarmos para o ônibus e seguirmos viagem depois de aproximadamente 30 km uma indígena percebeu que havia se esquecido de sua boroca[9] no posto. Falamos com o motorista e retornamos para buscar. Esse fato foi visto com naturalidade, sem críticas. Um indígena mais idoso, apenas disse que era a primeira vez que essa indígena estava viajando, que não sabia como era, que não estava acostumada a carregar consigo uma bolsa por onde andasse. Ninguém reclamou, ninguém comentou, ninguém deu importância e ninguém ficou chateado. Nesse simples acontecimento me dei conta de tantas coisas, como, por exemplo, que nos acostumamos a ser intolerantes, o quanto estamos em alerta para não nos esquecermos de nada, o quanto nos acostumamos a carregar bolsas e coisas que às vezes nem precisamos, a falar verdades com brincadeiras ou críticas. E o quanto nos perdemos tentando controlar o tempo. O quanto perdemos o que acontece no momento presente, tentando controlar o futuro. Nós não tínhamos pressa para chegar, não havia nenhum problema mais sério em voltar para buscar a boroca da indígena. Esse pensamento tem consonância com o que ouvi no Dia Internacional da Mulher Indígena, em 5 de setembro de 2020, Célia Xacriabá define o tempo da seguinte forma:

> É a liberdade sem fronteiras. Como um rio de água corrente. Não corrente que prende. Corrente que corre livre... Por isso, eu digo que, muito mais que uma luta contra o tempo, é uma luta pela retomada do tempo. Quem não tem tempo, de certa forma, também está aprisionado (XACRIABÁ, 5/9/2020).

Durante essa viagem alguns indígenas me ignoraram e prefiriram não conversar comigo, outros aos poucos iam estabelecendo um diálogo. Eu observei bastante.

Na viagem, o clima era de descontração e conversei muito com a Soraia, irmã da Sônia, que já conhecia há bastante tempo, bem como com sua família toda.

Nas pausas para o almoço ou o jantar alguns indígenas vinham me perguntar quem eu era e porque estava indo para o Acampamento. Expliquei de minha pesquisa. Ao

[9] Boroca é como a bolsa de viagem é chamada no interior do Maranhão.

contar que era pesquisadora, eles ficaram curiosos, surpresos e felizes. Falavam de suas festas e me convidavam para ir a suas aldeias, conhecer seus rituais.

No dia seguinte chegamos ao Acampamento à noite, eu e a Ywara, filha da Sônia, nos dirigimos imediatamente ao palco onde Sônia estava se preparando para uma marcha com lideranças indígenas de todo o país e muitos políticos. Nos abraçamos, consegui tirar algumas fotos com ela e já seguimos em marcha.

Nessa mobilização que ocorreu de 24/04/2019 a 26/04/2019 estiveram presentes mais de quatro mil indígenas de todo o país e algumas delegações do exterior.

Foi realizada uma vigília em frente ao STF, com danças e cantos, denunciando a ameaça à vida e aos territórios indígenas.

No dia seguinte participei de uma Plenária na Câmara Legislativa e foi significativo para mim, ver aquele espaço, preenchido com tantas vozes, cantos, corpos pintados e enfeitados para essa luta, tantos maracás... Apesar de tanto sofrimento que os povos enfrentaram em toda sua existência, ali às vozes não eram de vítimas, eram vozes sofridas, mas carregadas de força, de poder, de reivindicação por seus direitos e territórios. Eram vozes falando suas verdades vividas no cotidiano das aldeias do Brasil. Momentos como aquele são alimento para que se continue a luta.

Foi realizada uma Plenária das mulheres indígenas para organizar a Marcha das Mulheres Indígenas que se uniria à marcha das Margaridas, marcha realizada por trabalhadoras rurais em Brasília, em agosto do mesmo ano. Mulheres lideranças de todo o Brasil dividiram os grupos por regiões para a escolha do tema da marcha, cujo escolhido foi "Território nosso corpo, nosso espírito", o encerramento dessa plenária se deu com cânticos, danças e com a participação de artistas indígenas como a Djuena Ticuna e da cantora Maria Gadu apoiadora da causa indígena.

Em todas as mobilizações que participei foram reafirmadas a importância de lutar e resistir. São muitas as mulheres que estão na linha de frente das lutas.

Perguntada sobre o que é ser mulher indígena nos dias de hoje, Célia Xakriabá respondeu**:**

> É nascer fazendo resistência. Nascer entendendo que a nossa mãe, a nossa avó, a terra, está sendo ameaçada. Que o nosso útero está sendo contaminado. Ser mulher indígena é, sobretudo, nascer nessa resistência de luta sem ter tempo nem medo. Diante de um genocídio de mais de cinco séculos, que nunca termina, ser mulher indígena e estar na luta não é exatamente uma escolha pelo ativismo, mas é um ato de resistência. Quando temos que escolher entre ter medo e continuar lutando pela vida, a luta pela vida é o que move essa resistência de ser mulher indígena (XACRIABÁ, 2020).

Em uma entrevista para Fabiana Reinholz e Katia Marko, para o site “Brasil de Fato”, Sônia Guajajara discute a participação das mulheres indígenas na política, e fala sobre a situação crítica das aldeias,

> Ser mulher indígena no Brasil é você viver um eterno desafio, de fazer a luta, de ocupar os espaços, de protagonizar a própria história. Historicamente foi dito para nós que a gente não poderia ocupar determinados espaços. Por muito tempo as mulheres indígenas ficaram na invisibilidade, fazendo somente trabalhos nas aldeias, o que não deixa de ser importante, porque o trabalho que a gente exerce nas aldeias sempre foi esse papel orientador. Só que chega um momento que a gente acredita que pode fazer muito mais do que isso, que a gente pode também estar assumindo a linha de frente de todas as lutas.
> Para nós é desafiador romper essa barreira do sair da aldeia para ocupar esses espaços. Imagina ocupar esses espaços aqui fora, onde há um preconceito, um racismo impregnado, que nunca se venceu, e que em algum momento a gente achou que estava conseguindo avançar... E a gente se depara agora com essa nova luta contra o racismo, contra o preconceito que está cada dia mais expresso na sociedade como um todo.
> Então ser mulher indígena é esse desafio permanente de reafirmar a sua cultura, a sua identidade e principalmente o seu gênero (SÔNIA GUAJAJARA, 09 de Junho de 2020 às 20:42).

Nesse período de pandemia, os povos indígenas se mostraram extremamente vulneráveis à Covid-19. A fim de ilustrar a forma de liderar da Sônia Guajajara, abro aqui um parênteses:

Com o isolamento social praticamente todas as agendas foram canceladas, algumas ocorreram de forma remota, outras não. Diante dessa nova realidade, Sônia rapidamente transformou a pequena garagem de sua casa aqui no Maranhão, em seu novo local de trabalho. Colocou uma lona para impedir que o sol batesse, colocou sua mesa e notebooks e dali exercia sua liderança e se articulava. Sônia é uma mulher de ação, de movimento, de urgências. Foi dali da sua pequena garagem que o Acampamento Terra Livre 2020 foi ganhando vida, o maior encontro das nações indígenas do Brasil cancelado fisicamente por causa da pandemia, se reinventou e ocorreu virtualmente, reunindo indígenas e não-indígenas e já considerada a mais histórica edição.

Uma das manchetes da página da APIB:

> De 27 a 29 de abril, centenas de indígenas e não-indígenas, em muitos pontos do País, dentro de suas casas e aldeias, se conectaram virtualmente para a realização da já considerada a mais histórica edição do evento. Foram 32 mesas de discussões em formato live, dezenas de apresentações artísticas, entre rituais e cantos tradicionais; mais de 300 mil visualizações, milhares de compartilhamentos e a participação de lideranças indígenas de diferentes gerações de norte a sul do país, parlamentares, artistas, antropólogos, juristas, indigenistas, pesquisadores, acadêmicos, jornalistas, procuradores, organizações de base e especialistas de muitos outros âmbitos.
> A edição é considerada histórica porque foi a primeira vez que povos dos mais diversos territórios se encontraram no ambiente on line para construir o que acontece há 15 anos presencialmente em Brasília-DF.
> O uso da tecnologia colocou, mais uma vez, o movimento indígena na vanguarda da resistência , pois permitiu não só a troca de saberes, promoveu

> emocionantes falas (como o diálogo entre mulheres), reforçou a espiritualidade, a tradição e a união de diferentes etnias; como levantou importantes encaminhamentos para as ações necessárias para garantir o cumprimento de medidas para a proteção territorial e da saúde dos povos ancestrais no contexto da pandemia.

Além de inúmeras de lives que Sônia participou durante a pandemia, ela também foi incansável junto a sua equipe da Apib e articulações diversas e conclamou a todos. "Estamos diante de uma tragédia humanitária sem precedentes e precisamos no unir e agir. O momento é agora[10]!

A APIB juntamente com todas as suas organizações de bases criou um Comitê emergencial e uma mobilização internacional para salvar vidas. Criou também um memorial da Vida Indígena cujo objetivo é manter viva a memória dos indígenas que perderam suas vidas. O chamamento começou assim:

> A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) apresenta um plano emergencial indígena de enfrentamento da Covid-19 no Brasil e conclama todos a apoiarem medidas que possam salvar vidas e exercitarem a solidariedade. Os povos indígenas estão entre os grupos mais vulneráveis ao avanço da pandemia e encontram-se desprovidos de condições para enfrentar a doença, Precisam do apoio de todos."
> Foram várias frentes de ação, vou citar apenas o MARACÁ- EMERGÊNCIA INDÍGENA, que mobilizou centenas de indígenas e não indígenas, profissionais das mais variadas áreas do mundo inteiro. Foi uma mobilização em forma de live que mobilizou as redes para apoiar o Plano Emergencial construído pelos indígenas para enfrentar este momento. Essa live foi dividida em uma extraordinária série de oito episódios construída a muitas mãos e nas telas podemos ver indígenas, artistas e profissionais diversos apoiadores, nesse clamor nacional.
> As falas dos indígenas foram as protagonistas dessa série que é extremamente sensível e constitui uma importante fonte de pesquisa. Aqui cito algumas dessas falas:
> Nesse momento, a vida e o território dos povos indígenas estão fragilizados.
>
> A mãe do Brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho do seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Brasil sua raiz vem daqui, do povo ancestral, que veste uma história que escreve na pele sua cultura, suas preces, suas lutas. Nós somos um país rico, diverso e guerreiro , porém um país que mata seu povo originário aqueles que construíram essa nação. O indígena não é aquele que você conhece dos antigos livros de história, porque o livro de história não foi escrito pelo indígena. Ele não está apenas na aldeia tentando sobreviver ele está na aldeia, na universidade, no mercado de trabalho, na arte, porque o Brasil todo, todo é terra indígena. O brasileiro deveria ter mais orgulho do sangue indígena que corre em suas veias, porque a mãe do Brasil é indígena. (MIRIAN KREXU, 2020, 17 min).
>
> Quando eu era criança, aprendi a tomar banho no rio aonde nós tomávamos banho, e ao final do dia, nós íamos na toca dos peixes que ficava num canto da parede do rio. Na época da minha infância eu aprendi a caçar aves e animais e depois eu fui viver com o homem branco e fiquei dois anos com eles na cidade.

---

[10] Emergência indígena: Plano de enfrentamento da Covid-19 no Brasil Uma proposta do movimento indígena e seus parceiros para salvar vidas e evitar o aumento da tragédia da pandemia do Coronavírus entre os povos indígenas do país. APIB, 2020, p. 2.

> Com os irmãos Villas Boas Cláudio e Orlando e aprendi um pouco da língua portuguesa. Aí eles me aconselharam a não me envolver com a vida do homem branco. Mostraram a cultura do homem branco e disseram que o costume é diferente e ruim pra mim. Foi assim que eles me orientaram e ensinaram. (CACIQUE RAONI[11], 17/04/2018, 1-2 min).

> Todos têm direito à vida. Todos. Quem tem ideologia, quem não tem ideologia. E a questão indígena, eu venho aqui afirmar não é uma questão ideológica como o governo coloca e nos bota pra correr. Não é ideológica é o estado brasileiro que tem que cumprir sua função de estado e garantir o direito de existir dos povos indígenas. Não tem nada de ideológico aqui. Eu sou tupinambá e posso provar a minha existência, assim como os guaranis, os pataxós, os nanoais, os trukás, todas as outras etnias do Brasil, não é ideologia nós existimos e somos seres humanos, eu não sou uma ideologia, eu sou um ser que existe aqui e que cobra seus direitos. (CACIQUE BABAU do povo tupinambá maracá).

Acompanhando os movimentos políticos de Sônia Guajajara fui percebendo o seu estilo de liderança, sua capacidade de articulação com pessoas de todas as esferas da sociedade, dialogando e inserindo coletivamente nesse corazonar numa educação de luta e solidariedade.

[11] Entrevista concedida para Agência Pública.

Nesses espaços de luta e re-existência, pude experienciar emoções e tensões diversas. Sentimentos de injustiças, de perdas de direitos, de territórios, de assassinatos de lideranças, mas também de celebrações, de júbilo, de irmandade (na verdade, parentalidade, uma vez que os indígenas se chamam de parentes), de lutas, de reivindicações, de alegria. Em todos esses contextos eu presenciei os indígenas cantando, dançando, rezando e lutando.

Em minha vivência não indígena, cantamos em muitos momentos: de alegria, de tristeza, de saudade, como oração ou lamento. Mas dançar? Dançamos apenas quando estamos alegres, ou celebrando ou seduzindo. E há ainda muitos que não dançam... Busquei em minha memória algum momento de profunda tristeza ou tensão ou luta onde nós não indígenas dançamos e não fui capaz de me recordar de nenhum.

Não dançamos antes de iniciar uma reunião, não dançamos quando queremos pedir chuva a Deus, não dançamos nos nossos templos, não dançamos sobre nossas terras e campos, não dançamos para encontrar uma solução de algum problema, não dançamos para apaziguar uma situação, não dançamos em nosso ambiente de trabalho, nem nos nossos estudos e salas de aula, não dançamos quando nasce um filho ou para a cura de uma doença, não dançamos para plantar, nem na colheita, não dançamos antes de viajar nem ao chegar. Ao contrário de nós, os indígenas dançam em todas essas situações. Há uma sabedoria ancestral aí. E eu só a percebi após uma intensa convivência nos mais diversos contextos já citados neste estudo.

Quanto mais eu convivo com as Guajajara mais eu aprendo e mais eu quero aprender. Na dança Guajajara há uma dimensão revigorante, há uma energia que envolve o corpo, o coração e a mente. Nas festas Guajajara se dança e canta a noite inteira até o sol nascer e não se cansa. Os Guajajara aprenderam suas danças e seus cantos com os encantados, assim a dança também tem uma dimensão espiritual, pois foram seus encantados que os ensinaram.

Vejo a dança para o indígena como um transbordamento de uma força interior, incapaz de ser contida. Como um derramamento, como quando um vulcão entra em erupção e por onde as lavas vão passando vão afetando diretamente todo o seu percurso, vão mostrando toda a capacidade do seu alcance, assim é a dança Guajajara vai afetando tudo ao seu redor, seja homem ou natureza, o poder de atingir o que quer que seja por onde vai se derramando sem que seja possível refreá-lo.

Para os Guajajara, a dança não é apenas performática, ela está em profunda conexão com o espiritual e com as emoções. Reside na dança um conhecimento corporal/espiritual/ancestral para além das explicações orais. É como se o corpo percebesse, soubesse de uma sabedoria do movimento que potencializa a força, o vigor e a cura, e esse movimento ritmado que começa do lado de fora do corpo fosse entrando e equilibrando até chegar ao coração e à mente. É o corpo que percebe antes da consciência qual o remédio que aquela alma precisa.

No canto Guajajara eu vejo uma intenção que parte da consciência, do campo da vontade, do desejo, da expressão, ele nasce primeiro do coração e da mente para ir de dentro para fora.

O Guajajara tem, assim, um canto-dança que se complementa num movimento de dentro para fora e de fora para dentro. O movimento faz com que este corpo-alma-espírito não fique parado e, por isso, adoeça. Uma mente e um corpo, que não se movimentam, adoecem.

A dança Guajajara é sabida, ela sabe antes de nós sabermos, ela aconchega o bem para perto e afasta o mal para longe. O corpo indígena não é resignado e melancólico, ele traz uma vitalidade ritmada, mesmo que seja um corpo já idoso.

Quando eu canto e danço com os Guajajara, eu me entrego àqueles movimentos ritmados e vou adquirindo força e vigor. Meu corpo outrora estava preso, contido.

O corpo indígena é livre para o transbordamento, quer seja lutando, enlutado, amansando a terra, em júbilo, em enfrentamentos, em encantamentos, em perigo ou na encantaria. É um corpo que não retém essa força vital, é um corpo dadivoso. A dança é tão sabida que o indígena não dança sozinho, a dança é coletiva. Ela sabe que unidos a força é maior. A dança também tem uma intenção e todos unidos nessa intenção o sobrenatural, os encantados se movem também. A dança é a mesma, mas a intenção muda: nascimento, plantio, colheita, caçadas, lutos, enfrentamentos, entre outros.

Na dança Guajajara há uma ligação com a Mãe (Terra), não se tira os pés do chão, só se levanta o calcanhar de forma ritmada, mas os pés do indígena não soltam a mão da Mãe. E é a Mãe quem diz o caminho que deve ser seguido, mesmo que não se diga em palavras, mas pelo corpo, as palavras dela saem da terra e entram pelos pés. Em alguns momentos alguns dançantes dão pequenos pulos e rodopiam, é a força da natureza entrando.

> O corpo de emoções e afetos, do sabor, dos cheiros, do tato, da audição e da visão não está incluído na narrativa epistemológica, mesmo depois de Spinoza ter criticado definitivamente essa exclusão como sendo irracional e estúpida.

> As epistemologias do Norte tem grande dificuldade em aceitar o corpo em toda a sua densidade emocional e afetiva sem o transformarem em mais um objeto de estudo. Não conseguem conceber o corpo como uma ur-narrativa , uma narrativa somática que precede e sustenta as narrativas das quais o corpo fala ou sobre as quais escreve. O fato dessas narrativas serem únicas que são consideradas epistemologicamente relevantes baseia-se na ocultação da narrativa somática que as fundamenta. O corpo torna-se assim necessariamente uma presença ausente. (SANTOS, 2019, p. 137).

Como nos diz Sônia Guajajara:

> A nossa identidade só é mantida se a gente conseguir viver aquilo que é nosso, que é próprio do nosso meio. Não é uma pessoa, a gente é um povo. Quando você se sente assim você tem essa certeza do pertencimento indígena. Você traz contigo toda a tua origem. (SÔNIA GUAJAJARA, Agência Pública 2:28 min Endereço: https://www.youtube.com/watch?v=amyJDPiFfwk (2018) visualizado em 17 de julho de 2020

Participando de todos esses movimentos e ouvindo as vozes indígenas, minha escrita foi sendo indigenizada, subvertendo a escrita acadêmica. Nesse sentido, eu me comprometi a escrever esta tese e contribuir para visibilizar uma epistemologia nativa Guajajara, uma epistemologia que já existe no viver, dando relevância à produção do conhecimento no território acadêmico.

> Embora o desafio vivenciado ao longo da década de 1960/70 para garantir o acesso à terra e nos firmar no território ainda continue, hoje o desafio é também demarcar espaço em outro território, o território acadêmico, com o desafio de indigenizá-lo, transformando as suas práticas educativas. Assim como ocorre majoritariamente na produção acadêmica, as produções dos materiais didáticos que chegam para nossas escolas estão sempre privilegiando a teoria produzida no centro. É como se a cultura do outro fosse mais forte, há um desbotamento e uma desvalorização grande dos estudantes indígenas no meio acadêmico. Alguns estudantes vão para a universidade e não são considerados produtores, autores e interlocutores do conhecimento nesse meio. Mas é preciso haver um processo reverso, que é o que chamo de indigenização. Por que não indigenizar o outro? Por que não quilombolizar, campesinar o outro? Isso seria exercer o que se propõe a partir do conceito de interculturalidade, porque o nosso conhecimento não poder ser reduzido como um saber menor ou ser tratado como retórica, somos povos que produzimos nossa própria epistemologia nativa, que é alimentada na ciência do território. (XACRIABÁ, 2018, p. 20).

Escola em homenagem a Mãe da dona Maria Santana na aldeia Lagoa Quieta
Fonte: a autora

Foto : Hosannah e Cintia Guajajara na aldeia Lagoa Quieta

Fonte: Acervo da autora.

Foto: Plenária na Câmara dos deputados em Brasília.
Fonte: Acervo da autora.

Hosannah e Cintia Guajajara na Festa do Moqueado na aldeia Lagoa Quieta
Fonte: Acervo da autora.

Sônia Guajajara, Maria Valentina e Hosannah na Festa do Moqueado de Ywara na aldeia Lagoa Quieta
Fonte: Acervo da autora.

Hosannah e Sônia Guajajara na Marcha das Mulheres indígenas em Brasília
Fonte: Acervo da autora.

3 A PASSAGEM: DO MUNDO EXTERIOR PARA O MUNDO INTERIOR

É de fundamental importância ao se fazer memória do Brasil o entendimento de que o chamado descobrimento do Brasil não foi um encontro de dois passados, o europeu e o indígena, mas uma invasão. Mais tarde juntam-se os povos africanos, vindos principalmente de Angola, Nigéria e Moçambique. O Brasil é a continuidade da história de todos esses povos em forma de invasão, de confronto, de miscigenação e racismo, tudo junto ao mesmo tempo. Para entender a formação dos povos brasileiros é necessário entender esse ponto. Foi um amalgamado de histórias e não algo iniciado do zero por europeus. Os indígenas que aqui habitavam não eram parte da terra a ser conquistada. Eram centenas de povos com sua história particular. A quem interessa reduzir uma multiplicidade de povos debaixo de um termo reducionista e estereotipado, chamando a todos, indistintamente, de “índios”?

Da mesma forma, ao se reduzir os povos africanos, vindos de diferentes países e culturas sob a redução representada pelo nome de “negros”, nega-se a história que esses povos trouxeram, suas peculiaridades, suas identidades. Nega-se a continuidade da história desses povos como nossa história. A quem interessa transformar todos esses povos em uma “massa” homogênea?

Essa redução preconceituosa empobrece toda a visão histórica de muitos brasileiros. Nega-se que centenas de povos indígenas tenham sua história própria; carregam o ônus dessa redução. Imaginem se a história das Américas fosse contada apenas a partir da história do Equador. Ou do Canadá. Ou mesmo dos EUA. Independente de quão empolgante fosse, não traria em si toda a riqueza de todos os países. Entretanto a maioria dos povos da América não aceita que a história do continente seja contada sem que centenas de povos tenham sua história incluída. Seja sob o ponto de vista do encontro, seja como continuidade, seja como elemento protagonista e não coadjuvante.

A carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal Dom Manuel é o primeiro documento histórico do Brasil. Gostaria de destacar um trecho que contém o que certamente pode ser considerado o primeiro relato sobre a amamentação no Brasil: "com um menino ou menina ao colo, atado com um pano (não sei de quê) aos peitos (...)" (CAMINHA apud SILVA, 1990, p. 29). A alusão ao fato de as mulheres indígenas

amamentarem seus filhos denota, mais que uma surpresa, o estranhamento dos 'descobridores' perante uma prática do “novo mundo”, que já havia sido proscrita da civilização europeia.

Superficialmente, a história do Brasil poderia ser vista como apenas um relato de dominação. Mas esse relato simplista interessa apenas a quem quer expor o indígena como alguém ora primitivo que precisa sempre ser protegido por não indígenas, ora como alguém fraco, inferior que não é capaz de se impor. A dominação foi institucionalizada: eram semi-imputáveis, não tinham o direito de se manifestar diretamente, precisavam ser representados; não tinham autonomia para ir e vir e viviam em missões, mais parecidos com campos de concentração, não podiam dispor de seus bens. Na perspectiva dos não indígenas, ser índio era um processo transitório, pré-civilizatório. Precisava ser civilizado, e, quando se tornava "civilizado", deixava de ser índio. Mas reduzir a história de centenas de povos como se fosse uma única história é negar nosso passado.

Assim como vários povos indígenas foram completamente transformados pelo contato com os europeus, o inverso é profundamente verdadeiro. Observemos o exemplo da amamentação. Esse costume foi disseminado em todos os Estados do Brasil. É raríssimo encontrar regiões do país onde as mulheres não amamentem no peito, seja em público, seja privadamente. Esse é um modo de ser indígena assimilado por todos os povos e componente da identidade, do jeito de ser brasileiro. Esse modo de ser gera consequências benéficas tanto para a mãe quanto para o filho. Na região que moro no Maranhão, próximo a aldeias, temos um jeito de falar no diminutivo. Esse jeito e tantos outros são características absorvida por todos os povos que aqui miscigenaram. Assim como o uso de plantas medicinais, os banhos diários, o beiju e a farinha como base da alimentação, o apreço pelos banhos de rio, os filhos no colo, a dormida nas redes,dentre muitos outros.

> A mãe do Brasil é indígena ainda que o país tenha mais orgulho do seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Brasil sua raiz vem daqui, do povo ancestral, que veste uma história que escreve na pele sua cultura, suas preces, suas lutas. Nós somos um país rico, diverso e guerreiro, porém um país que mata seu povo originário aqueles que construíram essa nação. O indígena não é aquele que você conhece dos antigos livros de história, porque o livro de história não foi escrito pelo indígena. Ele não está apenas na aldeia tentando sobreviver ele está na aldeia, na universidade, no mercado de trabalho, na arte, porque o Brasil todo, todo é terra indígena. O brasileiro deveria ter mais orgulho do sangue indígena que corre em suas veias, porque a mãe do Brasil é indígena. (MIRIAN KREXU, 2020, 17 min[12]).

[12] Emergência indígena, Ep. 2 - A mão do Brasil é indígena. Texto de Mirian Krexu, voz de Maria Bethânia. 2020, 17min.

No Maranhão, como já citado, onde existe uma predominância e uma ancestralidade indígena no interior, é comum, por exemplo, a forma como as pessoas falam cantando. Esses costumes estão tão intrinsecamente ligados à identidade do brasileiro que não são considerados herdados dos indígenas, é como se fossem naturalmente brasileiros. Embora os costumes europeus sejam continuamente lembrados como europeus.

Esse esquecimento ou essa ocultação de que até os atos mais banais como seu banho diário ou a maneira como amamenta ou como fala, do vocabulário que usa faz parte de sua identidade faz com que muitos brasileiros sejam preconceituosos com sua própria ancestralidade, como se dela nada tivesse parte. Negar essa história é negar a si mesmo.

Sônia, mais uma vez, traz sua experiência nesses processos:

> A quem interessa a mensagem de que nós indígenas estamos em extinção? Ou a imagem de que estamos desaparecendo? Logo nosso poder e importância diminuem? A quem interessa expor a imagem do indígena como se em cinco séculos, todas as civilizações evoluíram menos os indígenas que têm de serem apresentados pelados, ou com seus corpos pintados e enfeitados.
> Quando a gente aparece nos lugares, seja na universidade, seja em algum outro trabalho, as pessoas se admiram. Olha, tem um índio aqui trabalhando. Olha tem um índio aqui na universidade que eu fui junto com vários artistas para entregar documento na Câmara e no Senado. Eu estar ali pra eles é como se eu fosse uma outra criatura, de outro mundo. Uma dessas atrizes chegou para mim e perguntou: me conta uma coisa, você ainda mora na tribo? A civilização já chegou lá?
> Eu falei, não sei o que você chama de civilização, Vamos ter que discutir o conceito primeiro.
> Eu acho que estou muito preparada para enfrentar isso e responder também com sabedoria. Porque o índio não é só aquele que tá lá no mato. Hoje nós ocupamos todos os espaços possíveis dentro da sociedade e estamos buscando agora fortalecer a nossa inserção também dentro da política partidária" (Sônia Guajajara, agência pública até 1;14min, 2018)

Imaginemos a cena: alguém chega em Portugal em pleno 2020 e pergunta a um soldado: você é português? E o gajo responde: Ora, pois, claro que sou! Então, você replica: onde está então sua armadura?

Claro que a pergunta não faz nenhum sentido. Entretanto, quando alguém fala dos povos indígenas, tem–se como regra que se for alguém que more em um apartamento, possua eletrodomésticos, se vista como quiser, use carro e tenha doutorado não é mais indígena. Porque para ser indígena tem de andar de arco e flecha, de tanga? A quem interessa essa imagem e essa pressão para que o indígena seja sempre visto como

primitivo a ponto de ter como sanção a exclusão de sua identidade como indígena, caso ouse viver no século XXI?

A população indígena no Brasil corresponde a 896,9 mil pessoas, conforme o Censo (IBGE, 2010). Ainda segundo esse mesmo estudo, o crescimento da população frente ao Censo Demográfico de 2000 foi de 11,4%. Mas esse crescimento não foi uniforme:

> As Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram crescimento no volume populacional dos autodeclarados indígenas, enquanto nas Regiões Sudeste e Sul, houve uma perda de 39,2% e 11,6%, respectivamente (IBGE, 2012, p. 9).

Especificamente, as regiões Norte e Nordeste acumulam juntas aproximadamente 64% da população indígena do Brasil. O nordeste acumula 25,5%; ou seja, mais de 1/4 da população brasileira indígena vive no Nordeste. Embora esses números sejam expressivos em relação específica à população indígena, no que diz respeito à população total dos 27 estados, apenas 6 estados possuem mais que 1% da população composta por indígenas autodeclarados.

Ainda, segundo os dados do IBGE, o Brasil aparece com destaque no que diz respeito à população indígena em comparação aos outros países das Américas do Sul e Central, devido a sua população total. O Brasil também recebe destaque internacional, tanto por haver instituições governamentais cuja função é proteger os indígenas, embora, muitas vezes, de maneira ineficaz, quanto aos casos e as formas de violência contra essa população.

Há muitas questões envolvidas. Segundo Paloschi (2019), as questões ambientais e de proteção da população indígena estão imbricadas, uma vez que os interesses latifundiários e industriais acabam por se sobressair às políticas de proteção.

> A gestão pública é parcial, pois toma como lógica a propriedade privada, contrapondo-se à vida, ao bem-estar e à dignidade humana. Por isso, milhões de pessoas se encontram em situação de miséria, na vulnerabilidade, desempregadas e desesperançadas. [...] Em todo o país, a natureza está sendo dragada por madeireiras, mineradoras, garimpeiros, grileiros e pelo latifúndio, mas a cobiça é ainda mais explícita sobre a Amazônia, expressa em projetos de exploração indiscriminada da terra e de todos os seus bens naturais. Há algumas décadas, a violência contra os indígenas está diretamente vinculada aos incentivos dados pelo governo brasileiro a grupos políticos associados aos conglomerados econômicos transnacionais que buscam o lucro fácil e volumoso. Ocorre um alinhamento do poder público a um modelo de gestão empresarial, por meio do qual se estabelecem bases para a desregulamentação de leis que protegem as pessoas e o meio ambiente, instaurando-se uma racionalidade de ampla concorrência e vasta exploração dos recursos naturais e das populações, que são subjugadas à condição de força de trabalho ou de consumidores potenciais de produtos. Estes segmentos econômicos expandem sua atuação para as regiões consideradas menos desenvolvidas, mas que, na prática, são aquelas que preservam os biomas, os recursos hídricos e minerais,

> ou aquelas que podem ser agregadas ao desenfreado avanço do monocultivo e da pecuária em larga escala. O fio condutor destes setores é o potencial de rentabilidade (PALOSCHI, 2019, p. 9).

Ainda segundo o mesmo autor, isso corrobora a necessidade de se pensar tanto a proteção dos indígenas quanto da preservação ambiental. Além disso, também fica evidente o interesse das indústrias de exploração das áreas florestais e/ou indígenas para fins lucrativos.

O movimento indígena, no Brasil, tem buscado um processo de territorialização. Segundo Oliveira (2004), para pensar em territorialização é necessário entender que se trata de uma reorganização social com quatros aspectos a serem considerados:

> [...] i) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; ii) a constituição de mecanismos políticos especializados; iii) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; iv) a reelaboração da cultura e da relação com o passado. (OLIVEIRA, 2004, p.22).

Isso se deve aos processos invasivos de espaços indígenas, houve a necessidade de adaptação. O território, assim, passa a ser disputa constante das diversas comunidades indígenas, havendo uma necessidade de formação de coletividade organizada (OLIVEIRA, 2010).

Uma coletividade organizada, especificamente no contexto dos movimentos indígenas organizados, é definida por Yashar (1998) como uma contestação dos termos do que significa cidadania para esses povos, dentro dos países onde se localizam seus territórios. Além disso:

> Eles estão exigindo o reconhecimento de seus direitos especiais como povos nativos - com reivindicações por terra, autonomia nas esferas jurídicas e o direito de manter identidades étnico-nacionais distintas, mas integradas em um Estado multinacional. Como tal, eles estão abrindo o debate sobre o que implica a cidadania - especialmente em um contexto multicultural (YASHAR, 2005, p.5).

Isso implica pensar que, enquanto coletivo, os movimentos indígenas organizados em nível continental, têm conseguido não somente visibilidade como também conquistas no que diz respeito às suas demandas. Segundo Oliveira (2010), toda essa mobilização, vem em conjunto com as demandas ecológicas, de desenvolvimento sustentável e de Direitos Humanos. Assim como outros movimentos sociais acabam se assemelhando aos modelos burocráticos para que obtenham fomento e apoio, na busca por terem suas pautas atendidas.

Rangel e Liebgott (2019) reforçam os estudos que mostram que a economia capitalista, seguindo o modelo mais selvagem e destrutivo desse sistema, é responsável

pela devastação e destruição dos territórios indígenas, especialmente no Brasil. Segundo os autores "Os governos atrelaram e atrelam a gestão da política indigenista estatal à exploração primitiva dos bens e recursos existentes nas terras." (RANGEL E LIEBGOTT, 2019, p. 12). Isso vai contra os princípios constitucionais que garantem a proteção das populações indígenas. Por outro lado:

> Os governantes deveriam atuar em defesa do interesse do público, no entanto, no que se refere aos povos originários, eles agem em sentido contrário, proferem discursos para atacar os direitos constitucionalmente assegurados como estratégia, em evidente estímulo, para a invasão das terras indígenas. Nesse sentido, é importante sublinhar que as terras indígenas – tão duramente questionadas por políticos, governantes e empresários rurais (ou do veneno, dos maquinários agrícolas, do boi, da soja e dos minérios) – não são propriedades dos indígenas e nem fazem parte do rol de áreas devolutas ou desabitadas. São bens da União, destinados ao usufruto exclusivo dos povos, conforme se explicita no Artigo 231 da Constituição Federal. Esses bens, assim como as vidas, as culturas, os conhecimentos e saberes indígenas têm sido banalizados e vistos unicamente sob uma perspectiva funcional, de base econômica, sendo, então, elencados como objetos de exploração, expropriação ou aniquilamento (RANGEL E LIEBGOTT, 2019, p. 13).

Ainda falando de uma forma mais generalizada das causas que tornam a situação da população indígena preocupante, cito Buzatto (2019), que descreve a situação após 2018 quando foram identificados apenas dois programas e dez ações com orçamentos exclusivos para os povos indígenas. Para podermos comparar, em 2015, segundo o autor, havia nove programas e vinte e nove ações com o mesmo destino:

> A destinação e execução orçamentárias, especialmente quanto às questões da demarcação, proteção e gestão territorial, em 2018, foram usadas como um instrumento de ataque e violência contra os povos indígenas e seus direitos no Brasil. Faz-se necessário que os povos e seus aliados fiquem ainda mais atentos, vigilantes, preocupados e atuantes politicamente na tentativa de evitar que esta situação seja mantida nos próximos anos (BUZATTO, 2019, p. 24).

O relatório do Conselho Indigenista Missionário (CIMI, 2019) coloca em evidência, especialmente a omissão e a morosidade como extremamente prejudiciais no que diz respeito às demarcações. Em 2018, segundo o relatório, aproximadamente 65% das terras indígenas não estavam completamente registradas.

Outros dados desse relatório dizem respeito às ocorrências de violência no seu sentido mais amplo, desde invasões, incluindo assassinatos de indígenas em seus territórios, muitos deles em processo moroso de registro de sua demarcação. Somente no ano de 2018, onze ocorrências relativas aos conflitos por direitos territoriais foram oficialmente registradas.

No que tange às invasões possessórias, à exploração ilegal de recursos e outros danos ao patrimônio foram registrados, oficialmente, cerca de 110 casos. Ainda conforme o relatório:

> [...] os tipos de danos e/ou ataques sobre os territórios indígenas que mais aconteceram em 2018 foram: arrendamento e loteamento de terras indígenas; invasões; desmatamento; destruição de patrimônio; exploração ilegal de recursos naturais; garimpo de ouro e diamantes; contaminação de rios; queimadas e incêndios; caça e pesca ilegal; e contaminação por agrotóxicos e metais pesados, dentre outras ações criminosas que incluem a abertura de rotas para o tráfico de drogas. Nos últimos anos, produtores rurais e deputados ruralistas têm pressionado o poder público para liberar o arrendamento de terras indígenas, dado que essas são protegidas, inalienáveis e de usufruto exclusivo das comunidades que as habitam. Em todo o território nacional, há casos de arrendamentos para especulação imobiliária, exploração madeireira, extensas plantações, pecuária e garimpos ilegais. A concessão de créditos de carbono em tratativas ilegais e as ameaças ambientais, devido à exploração de petróleo, exploração de minérios, construção de hidroelétrica e pavimentação de estradas, são alguns dos fatores de risco e violências cotidianas que atingem a população indígena e as suas terras no Brasil. A proibição de explorar as terras indígenas não tem impedido que produtores fechem acordos em aldeias espalhadas por todo o país, avançando com o plantio de grãos e a criação de gado sobre essas terras. Em Rondônia, invasores têm pressionado o poder público para se manter na posse das terras indígenas de modo que possam explorar seus recursos naturais (CIMI, 2019, p. 56).

No dia 25 de abril de 2019, em audiência pública para tratar sobre a Medida Provisória n. 870/19, que estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios e define a nova estrutura de organização administrativa e hierárquica da FUNAI, Antonio Bigonha, subprocurador-geral da República, declarou que eram desconsideradas diferenças explícitas na Constituição entre a atividade produtiva indígena e a atividade econômica em geral. Segundo a medida provisória, a FUNAI também deixa de ter como atribuição a demarcação de terras indígenas, que passaria a ser feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o qual está vinculado à pasta da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que tem como ministra Tereza Cristina.

Os deputados Edmilson Rodrigues (PSOL-PA) e Joenia Wapichana (REDE-RR), que sugeriram o debate, acusaram o governo de querer, com essa norma, eliminar os povos indígenas. “Acabar com essas etnias é permitir que eles dominem, explorem, e obtenham lucro”, disse Rodrigues. Como primeira deputada indígena do País, Joenia Wapichana disse que a MP 870/19 desmantelou o órgão indigenista nacional e declarou: “Enquanto houver resistência, haverá existência”; “A resistência permanecerá enquanto houver um único indígena vivo”.

Na mesma ocasião, Sônia Guajajara proferiu um discurso pelo qual foi aplaudida de pé por políticos, apoiadores e lideranças indígenas de todas as regiões do país, que haviam ido até Brasília por ocasião do Acampamento Terra Livre.

A seguir, alguns trechos desse discurso:

> Quero cumprimentar aqui meus parentes indígenas, minhas parentas indígenas, todos os guerreiros e guerreiras que estão aqui, todos os apoiadores, apoiadoras e aliados e também toda a imprensa que está aqui nesta audiência pública, cumprimentar aqui todos os colegas da mesa na pessoa da deputada indígena doutora Joênia Wapichana e quero agradecer pela articulação dessa audiência, à comissão de direitos humanos, à comissão de meio ambiente e à Comissão da Amazônia que articuladas pela frente parlamentar mista em defesa dos direitos indígenas por meio da deputada Joênia conseguiu organizar que a gente pudesse estar aqui hoje conversando entre nós, conversando com o parlamento e também com o executivo. Das várias vezes que eu estive nesta casa eu sempre me dirigi ao parlamento. aos deputados , aos senadores aqui do Congresso Nacional mas hoje eu me sinto um pouco mais motivada a falar e me dirigir ao executivo porque os representantes do executivo que aqui falaram trouxe nas suas apresentações uma carga de preocupação pelo seu tom, do quê que é a sua intenção neste governo.
> Nós resistimos cinco séculos, nós chegamos ao século XXI por conta da nossa resistência. E o ano de 2019 nos recebeu num contexto muito grave, onde mais uma vez volta à tona esses termos " Integracionismo", da " transversalidade", e "dos índios tem que ser que nem nós". Então, são hoje termos que causam muita preocupação para nós povos indígenas quando temos a nossa identidade questionada, por que esse termo integracionismo, ele coloca todo mundo no mesmo padrão, no mesmo patamar. Nós somos povos indígenas, a Constituição Federal já reconheceu o termo " Povos Indígenas" , e respeita as nossas formas de organização social própria. Os nossos modos de vida. Não é possível que um governo queira mudar os termos da Constituição Federal para dizer que os indígenas para serem cidadãos tem que ser integrados à sociedade. Que sociedade esse governo tem a nos apresentar? Nós já somos cidadãos. O que nós queremos é o respeito a essa diversidade de povos que tem no Brasil a gente que luta e defende esses territórios com base no direito constitucional, mas nós sabemos que os nossos direitos se antecedem muito antes da Constituição. São direitos originários, são direitos sagrados.
> Nós temos muita preocupação quando nós temos um corpo aqui do executivo que trás uma informação que o indígena tem prioridade neste governo e quando coloca representações indígenas para assumir pastas importantes, mas que não são indígenas que tem compromisso com a pauta dos povos indígenas. Não basta se assumir, dizer " eu sou indígena", não basta! Tem que ser indígena, tem que saber, tem que conviver, tem que conhecer, não basta assumir as pastas para estar lá e na hora que nós estamos aqui trazendo as nossas pautas esses que se dizem indígenas estão lá coniventes com esta política injusta desse governo. É muito preocupante quando você diz que a ministra Damares ama os indígenas, que amor? Que tipo de amor é este ? Que ela quer adotar nós povos indígenas quando tem um governo que diz: povos indígenas hoje nas suas terras são iguais animais em zoológicos. É esse o governo que diz amar os índios?
> Quando vocês chegam aqui e chega o presidente do INCRA e diz que aqui são os índios autênticos que vão ser escutados. Qual é o parâmetro que vocês estão usando para você dizer quais são os indígenas autênticos? Quais são os indígenas de bem? Qual é o parâmetro que vocês estão adotando para dizer quem nós somos? Nós estamos aqui. Movimento Indígena com representações de todo o Brasil, das cinco regiões. estamos aqui todos articulados pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB. Que vocês dizem que não vão receber, porque só vão receber organizações que têm CNPJ. Nós não precisamos de CNPJ, a Constituição reconhece as formas de organização social

própria de cada povo e é por isso que a gente chega à Brasília, são quinze anos, XV Acampamento Terra Livre. Como é que esse governo se preparou para nos receber? Como foi? Qual foi o amor demonstrado desse governo para os povos indígenas? Autorizou a Força Nacional para receber o Acampamento Terra Livre. O ministro Sérgio Moro publicou essa portaria disse que a pedido do GSI, para impedir movimentação na Esplanada.

Por quê que vocês tem medo de nós? Que medo é esse? Por quê que se nega a dialogar e respeitar direitos constituídos? O governo Bolsonaro, Presidente Bolsonaro ainda deputado fez uma afirmação grave, que poderia ser entendida como crime. Ainda deputado em 1996 ele disse: A cavalaria brasileira é incompetente, competente é a cavalaria norte americana que conseguiu exterminar todos os índios e hoje eles não tem mais esse problema. E esse o amor que esse governo diz ter pelos povos indígenas? Vocês falam que a gente não precisa de terra, você falam que a gente tem que ter o direito de produzir. A gente já tem. Nós temos centenas de iniciativas próprias realizadas pelos povos indígenas, são centenas de iniciativas de produção, mas vocês não querem enxergar, vocês não querem conhecer. Vocês estão adotando apenas um único modelo. Vocês querem apenas adotar o modelo que interessa a vocês . O modelo que arrenda, que explora a mineração, que destrói, que favorece agronegócio, porquê vocês tem que cumprir seus acordos. Nós não queremos saber dos acordos entre o poder político e o poder econômico. O que nós queremos são os nossos direitos sendo respeitados. Nós queremos a garantia da nossa diversidade, dos nossos modos de vida. Nós não queremos que nenhum governo venha dizer o que nós queremos e quem nós somos. todos nós indígenas que estamos aqui, somos povos originários e é assim que a gente quer ser reconhecido e respeitado.

Eu gostaria muito, muito de aproveitar esse momento aqui para falar de nós. Da nossas culturas, das nossas diversidades. Eu queria muito falar aqui dos nossos modos de vida, do quanto que a gente preserva o meio ambiente, o quanto que esse planeta depende de nós. Que com o nosso modo de vida por si só protege. Se acabar com os povos indígenas, acabar com os territórios, não têm nenhum de vocês que se salva. É exatamente esse modo de vida que garante que inclusive a água, a chuva , que irriga as lavouras de vocês, as lavouras do agronegócio.

Que perigo a gente representa para este país? Eu queria muito ter tempo para falar do papel do povos indígenas no Brasil e no mundo, inclusive o tema dessa audiência é esse: O papel dos povos indígenas na proteção do meio ambiente e desenvolvimento sustentável e falar também das consequências da medida provisória 870. Mas eu não tenho tempo pra falar disso. Nós não temos tempo pra chegar em Brasília e falar de nós, porque nós temos um papel fundamental de enfrentar , enfrentar este governo para impedir o resgate da velha matriz colonial que dominou, que matou, que exterminou nossos povos . O nosso papel hoje é esse, de lutar contra a volta do período sangrento que matou muitos dos nossos povos, que reduziu populações. Nós não queremos aqui de jeito nenhum agradecer ao um presidente que se refere que exalta a ditadura, querendo comemorar, fazer aniversário , justamente nesse período que matou mais de oito mil indígenas. Para nós hoje o termo integracionismo representa isso, porque quando nega os nossos territórios estão negando o nosso direito à existência. Não nos matam somente quando somos atingidos pela bala, nos matam também quando tiram o território , isso é o etnocídio, porque querem nos impedir de nós vivermos a nossa cultura, as nossas tradições. esse governo está asim começado por esta marca do genocídio , do etnocídio e do ecocídio porque quando negam também o direito à proteção, à preservação ao meio ambiente, está cometendo o ecocídio. E nós chegamos aqui nesse lugar que se diz ainda casa do povo, infelizmente a constatação é que este lugar aqui ainda sofre de povofobia, tem medo de gente, tem medo de povo . E eu quero concluir aqui dizendo mais uma vez que nós lutamos sim pela volta da FUNAI para o ministério da justiça. Nós queremos que seja feita justiça para os povos indígenas. FUNAI inteira não pela metade, tá aí a campanha . Nós estamos aqui para dizer também, nós não vamos aceitar a municipalização da saúde

> indígena. Nós queremos ser respeitados enquanto cidadãos, mas cidadãos livres dentro dos nossos territórios .
> Se querem uma declaração clara de amor, demarquem nossos territórios. Essa é a prova maior que este governo poderia dar pra nós.
> Ao presidente do INCRA para fazer justiça, devolva esta pasta. Devolva a pasta de demarcação das terras indígenas para o Ministério da Justiça. É lá o órgão que tem as condições de cumprir esse papel institucional . A questão da demarcação das terras indígenas não é questão nem moral, nem religiosa como é o papel do Ministério da Família.
> Nós não queremos mais ver esse organograma, Pára. A gente já cansou de ver esse organograma que não diz nada , apresenta pasta, apresenta sete secretarias, super ministério, e tá fazendo o quê? O que têm a mostrar até agora para nós? O que foi feito? Nada. Quando forem chamado para audiências, comissões, reuniões que tenha a presença indígena, por favor não apresente mais este organograma. Apresentem propostas, apresentem ações. É isso que a gente quer , é isso que a gente espera. E para concluir eu quero deixar registrado aqui um pedido, para que aquele corredor ali das exposições seja colocado ali as fotos dos nossos parentes, nossas parentas indígenas que foram torturados e mortos no período da ditadura. Ali, para todo mundo ver , pra todo mundo saber, para esta casa aqui conhecer o que foi esse período para nós. E que nós vamos lutar, nós vamos lutar, não vamos permitir mais nenhuma gota de sangue indígena nesse país. Vamos enfrentar com nossas forças, com nossas armas, e a nossa arma é a nossa espiritualidade, é a força da nossa ancestralidade. Vamos juntos gente, vamos juntas, a Terra pede socorro. Os povos indígenas estão na linha de frente, e por fazer esta luta tão justa, nós estamos na mira , na mira de todos aqueles que querem destruir nossos territórios e não sabem que destruindo nossos territórios estão destruindo a si mesmos. Nós estamos aqui para ensinar, estamos dispostos. Milenarmente os povos indígenas tem dito: A sabedoria ancestral é a salvação do planeta.

Santos (2019) reflete sobre a necessidade de um pensamento alternativo de alternativas. Nesse discurso de Sônia, temos um exemplo de como essa alternativa se concretiza, em sua fala, mas principalmente na vivência de sua identidade. O próprio conjunto de saberes originários e coletivos se opõe ao pensamento colonialista, capitalista e patriarcal. A própria dinâmica de sua obra, entre os conflitos entre as “epistemologias do Sul” em luta com as “epistemologias no norte” se evidenciam. De um lado, centenas de povos constitucionalmente reconhecidos pretendem ser como são, de outro uma força massificadora que os desqualifica como cidadãos, no contexto da qual somente seriam autênticos e plenos cidadãos aqueles que estivessem resguardados pelas “epistemologias do Norte”.

Ora, é uma afronta a todo esse sistema massificante que surja uma liderança mulher, que se opõe, não pela força, mas pela autenticidade. O discurso de Sônia, não tenta convencer que todos devam aderir ao modo de ser desses povos, mas que cada povo seja tal como queira e assim rompendo essa dicotomia entre sul e norte, possa se instalar uma pluriversidade.

Se o discurso de Sônia aqui se apresenta como uma novidade, a tática das “epistemologias do Norte” continua velha e repetida. Primeiro, desqualificando os

indígenas como “relativamente incapazes”, cidadãos de segunda categoria, portanto, incapazes de exercer plenamente sua autonomia como cidadãos sem que sejam tutelados pelo Estado. Assim, se gera uma natural desqualificação desses povos e, por consequência, uma desqualificação de suas demandas.

Quando Santos traz o exemplo de exclusão abissal, como algo que incide no que o indígena é e não naquilo que ele fala ou diz, fica claro que essa perspectiva do problema por si só é uma forma de diminuir aquilo que está do outro lado da linha. E desse abismo se oferece uma única saída: que esses povos se permitam ser colonizados, expropriados de seus modos de ser, de seus saberes e adiram aos conhecimentos ocidentais como única perspectiva aceitável. E enquanto esse projeto não se concretiza, a exploração e a apropriação violenta acontecem como forma de pressão.

Assim, indígenas existem pelo Brasil inteiro, mas o país deve andar como se eles não existissem, ou existindo, insistindo em não se alinharem, são um problema a ser resolvido. Logo, se mascara sua presença e para todos os efeitos, seus saberes, culturas e modos de vida são tratados como irrelevantes.

O conceito de oratura, do Linguista Ugandês Pio Zirimu apud Santos (2019), visa dar à expressão o mesmo estatuto que tem a expressão escrita. A transmissão do conhecimento pode incluir a dança, a música e o teatro. Algumas culturas já o fazem de maneira sistemática. Os dervixes[13]. aprendem sobre as mudanças do mundo e sua fluidez pela repetição de movimentos que variam conforme o aprendizado a ser apreendido. Essa forma supera a mera cognição e enfatiza o aprender pelos sentidos.

Como ensina Guerrero Arias “a espiritualidade é a forma mais alta da consciência política", o que se faz pensar imediatamente na ordenação do cotidiano tendo como primeiro passo, a configuração do cotidiano é a espiritualidade.

Uma das formas que podemos perceber esse corazonar nas “epistemologias do Sul” são os rituais diversos aqui apresentado São danças, são cantos, mas são sabedorias que se reduzidas a palavras ficariam mais pobres de aprendizados. Essa experimentação, como o isolamento social e a caçada na festa da menina-moça, em que toda a aldeia se envolve na festa, ensinam a importância de cada menina para a continuidade da aldeia. Os cantos aprendidos no mundo espiritual unem aquela aldeia aos encantados e ao mundo espiritual.

---

[13] Os derviches são uma confraria religiosa muçulmana de caráter ascético ou místico, cujo ritual mais conhecido se chama sama, a oração em movimento.

A dependência dos recursos faz com que o rio seja parente. Ele é meu avô, não metaforicamente, mas numa outra perspectiva experimentada pelas gerações que ali viveram e conviveram. É impossível apreender todos esses saberes pela mera cognição e daí novamente a necessidade das festas, também do território.

A forma de se apreender esses saberes podem variar consideravelmente entre os diversos povos, alterando os ritos de passagem que podem ser desde a festa do moqueado até eventos dolorosos como enfrentar formigas com as mãos e suportar a dor das picadas. Esse não é um obstáculo às "epistemologias do sul" e sim uma riqueza. Cada um desses saberes se unem e fornecem elementos que, juntos, se opõem à visão massificante acima apresentada.

Nessas violências descritas não estão incluídos os assassinatos tentados ou consumados, também não estão os suicídios. Mas todas têm a mesma origem. Há, ainda, as ameaças e agressões que também entram em outras estatísticas da população indígena no Brasil. É necessário apontar também os outros "frutos" dessas violências, como abuso sexual infantil, estupros, etc. Conforme o relatório do CIMI é preciso considerar a violência por omissão do Estado, em que entram: a desassistência no âmbito da formação escolar, na saúde e que contribuem para elevar os índices de mortalidade infantil e de alcoolismo.

Por outro lado, é necessário lembrar dos povos indígenas isolados no Brasil ou de recente contato. Segundo a FUNAI há cerca de 115 povos isolados e considerados os mais vulneráveis no mundo. Há de se ter em mente também que quase todos os territórios têm algum tipo de ameaça por interesses políticos e econômicos.

É nesse cenário nacional que meu trabalho está inserido, para compreender os processos educativos a partir dessas lutas e desses contextos, para uma população em um cenário de vulnerabilidade, mas ao mesmo tempo com uma riqueza e uma forte capacidade de re-existência. Além disso, pensar/fazer estar ao lado dessa população é entender como o sistema econômico que nos cerca, priva a vida de determinados grupos em prol de interesses econômicos não sustentáveis e que dizimam povos em todo Brasil.

Num pensamento das epistemologias do sul, busco encontrar as formas com que os indígenas, em especial as mulheres Guajajara, resistem contra o capitalismo e o colonialismo.

3.1 Maranhão Indígena

Ao olhar para os dados da região Nordeste com mais detalhamento, é possível perceber que se trata da segunda região com maior população indígena no país. Nela vivem aproximadamente 210 mil indígenas, praticamente metade dessa população vive na zona rural (IBGE, 2012). Isso repercute na necessidade da demarcação de terras.

O Maranhão é dividido em 217 municípios, dos quais 25 são habitados por indígenas. Há 16 áreas indígenas demarcadas e homologadas. A população atual é de aproximadamente 35.000 mil indígenas no Estado. E cerca de 24 mil pertencem ao povo Tenetehara, mais conhecidos como Guajajara.

Em uma live realizada com Estevão Ciavatta disponível no endereço eletrônico: Sônia situou o Território Indígena Araribóia.

> Aqui eu sou do Território Indígena Araribóia que abrange os municípios: Amarante, Arame, Buriticupu, Barra do Corda, Bom Jesus das Selvas,Santa Luzia e um pouquinho de Grajaú também. O Araribóia é uma terra demarcada, na década de 80 e lá no início teve também essa desintrusão de muitos colonos que viviam ali. Tem a área que é indígena e ficou fora da demarcação, ficou como um lugar,um povoado, foi vendido para não indígenas para morarem lá, mas enfim é uma área que está regularizada, homologada mas nem por isso quer dizer que está tranquilo. A não demarcação é sempre um problema e uma preocupação no Brasil inteiro que é o que acaba trazendo os indígenas sempre para um campo de conflitos para a demarcação. Mas muitos territórios demarcados também acabam tendo muitos conflitos por causa das invasões e o Território Indígena Araribóia é uma área rica, de muita floresta, muita caça, e tem a presença de povos indígenas em isolamento voluntário ou seja um povo que não tem nenhum contato ainda com a sociedade e aí tem muita, muita invasão de madeireiros. Então é essa invasão de madeireiros que acaba ameaçando tanto os Guajajara como também os Awa Guajá que são esses isolados que vivem ali dentro do Território Araribóia.

Então, além do desmatamento desenfreado por conta dessa exploração ilegal há também uma sequência de queimadas de incêndios florestais, em 2015, o Araribóia teve um incêndio muito grande que queimou 52% do território, ou seja, queimou demais... Queimou a floresta, queimou muitos bichos, muitos animais, levou muitas doenças respiratórias para os indígenas lá do Território. Foi um incêndio que durou três meses, eu lembro bem que esse incêndio começou dia 21 de setembro, por ironia do destino, no dia da árvore, e aí só apagou em dezembro quando choveu, então ficou setembro, outubro e novembro queimando. Então, queimou muito, nós denunciamos, a gente fez muitas chamadas bem fortes para gente combater esse incêndio, teve a presença do exército, do corpo de bombeiros, de brigadas de outros estados, do Tocantins, do Rio de Janeiro, teve o apoio do governo do Chile, que mandou produtos aéreos pra jogar para apagar esse fogo, mas enfim só apagou mesmo com a chuva.

O Território Araribóia fica na região Amazônica, está dentro do bioma amazônico por ser uma área de floresta, aqui é tido como "Portal da Amazônia", onde começa toda a

floresta Amazônica, mas Araribóia está sempre no ranking da disputa com o Pará e o Mato Grosso entre as áreas mais desmatadas.

Sua região mais antiga, historicamente conhecida, foi o médio rio Pindaré. A partir do final do século XVIII e início do seguinte, expandiram seu território para as regiões dos rios Grajaú e Mearim, onde os Guajajara se estabeleceram pouco tempo, antes da chegada dos brancos, disputando com vários grupos timbira as áreas de caça. Por volta de 1850, uma parte dos Tenetehára migrou para o norte e mais tarde passou a ser chamada de Tembé pelos regionais.

Segundo Ubbiali (1997), o povo Guajajara desenvolveu mais uma cultura de resistência que sobrevivência e está sempre à procura de uma segurança e de uma tranquilidade para poder viver em paz, assim como Maíra na sua casa celeste "perto do sol".

Os primeiros contatos datam de 400 anos atrás e a cada geração vem sofrendo inúmeros processos invasivos. No livro que conta a história do município de Imperatriz, Adalberto Franklin narra a resistência desses indígenas. Os sertões maranhenses eram ocupados por esses povos, que tentaram, no século XIX, impedir o avanço da colonização oriunda de Pastos Bons[14]. De acordo com o autor, na primeira metade do século XIX quatro frentes colonizadoras avançavam em direção à pré-Amazônia maranhense:

> A frente pastoril nordestina, originária das entradas e bandeiras da Costa da Torre, que a partir da vila de Pastos Bons ocupou o sul do Maranhão, tendo sido forçada a estacionar antes das margens do rio Farinha, na povoação de São Pedro de Alcântara , pelos índios timbiras; a frente de expansão litorânea, a frente de ocupação goiana e a frente colonizadora do Pará. As "matas gerais" da pré-Amazônia, porém, continuavam inacessíveis, sob a proteção dos timbiras. Mais de 300 quilômetros das margens do Tocantins, do lado maranhense, desde os últimos currais da ribeira do Farinha, até a confluência com o Araguaia, divisa com o Pará, tinham como habitantes apenas os índios. (FRANKLIN, 2005, p.32).

Atualmente, o povo indígena Guajajara habita a margem oriental da região amazônica, no Estado do Maranhão. Os territórios dos Tenetehara ancestrais foram tomados pela agropecuária, além de cercados por uma antiga política coronelista e fundamentada na repressão pela violência social. Em 1901, houve uma revolta histórica contra os capuchinhos que gerou uma guerra eliminando uma considerável parcela desses povos. Essa revolta é até hoje encoberta por estratégias de desinformação por parte dos mandatários da região (GUAJAJARA, 2018).

---

[14] Cidade do interior maranhense.

Essa revolta ficou conhecida como a revolta de Alto Alegre. A versão que eu trago foi uma que foi publicada no jornal *O Progresso*, em 13 de março de 2014, pelo historiador Nelson Lima Pessoa, Mestre em Ciência Política e Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS-RS.

> Em 13 de março de 1901, no interior do município de Barra do Corda-MA, aproximadamente a 70km, no meio das terras dos índios Guajajaras (etnia Tenetehara), eclode uma violenta revolta. Aproximadamente 400 indígenas, liderados pelo cacique João Caboré, ou Capitão Caboré, pois o mesmo possuía tal patente conferida pelo então governador do Maranhão, João Gualberto Torreão da Costa, com índios de outras aldeias da região atacaram com armas de fogo e mataram os religiosos da Missão de Alto Alegre. Logo em seguida, tomaram de assalto várias fazendas da região entre Grajaú e Barra do Corda, espalhando o medo e o terror pelo interior do estado. Aproximadamente 200 pessoas foram assassinadas. Como represália, o governo do Maranhão envia tropas para pacificar a região. Outra carnificina foi realizada. Os índios que participaram da revolta foram cassados pelas diversas aldeias da região. Aproximadamente o número de mortos varia de 400 a 1000 índios. Seus líderes, incluindo João Caboré, foram presos na cadeia de Barra do Corda. Um processo foi aberto logo em seguida. Dos 36 índios presos, a metade não chegaria viva ao fim do processo em 1905. Certamente morreram vítimas de maus tratos. O próprio Capitão Caboré morre três meses depois de ser preso. No veredito final, os índios foram libertados, pois de acordo com o Código Penal (Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890) no Art. 27, estabelece que "Não são criminosos: § 3º Os que por imbecilidade nativa, ou enfraquecimento senil, forem absolutamente incapazes de imputação.

Percebe-se, analisando essa notícia, uma histórica negação dos direitos ao território, num tipo de enfrentamento colonial, de dominação capitalista. Uma das questões centrais é o conflito de terras.

Terra Indígena (TI), aqui referida, é uma porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por eles utilizadas para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus modos de vida e tradições. Trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada.

As áreas indígenas Guajajara/Tenetehara foram demarcadas entre os anos 1970 e início de 1980. Essas conquistas, no entanto, não se deram de maneira tranquila – foram fruto de grandes lutas (ZANNONI, 1999). Atualmente, a área pertencente aos Guajajara/Tenetehara encontra-se distribuída da seguinte forma:

Terras Indígenas	**Municípios**	**ha**
Araribóia	Amarante, Grajaú, Santa Luzia	413.288
Bacurizinho	Grajaú	82.432
Cana-Brava	Barra do Corda, Grajaú	137.329
Caru	Bom Jardim	172.667

Governador	Amarante	41.644
Krikatí	Amarante, Montes Altos, Sítio Novo	146.000
Lagoa Comprida	Barra do Corda	13.198
Morro Branco	Grajaú	49
Rio Pindaré	Bom Jardim, Monção	15.002
Rodeador	Barra do Corda	2.319
Urucu-Juruá	Grajaú	12.697

Fonte: Povos indígenas do Brasil 2018 Pib Socioambiental (ONG)

As primeiras literaturas sobre os Tenetehara datam de 1949, com o título *The Tenetehara Indians of Brazil: a culture in transition*, de Charles Wagley e Eduardo Galvão, traduzida para o português em 1955. Nesse livro, os autores descreveram aspectos históricos, socioeconômicos e religiosos e previram a extinção desse povo, sustentando que o contato desse grupo com a sociedade nacional levaria, em pouco tempo, o Guajajara a deixar de ser indígena e se tornariam caboclos.

> Felizmente nada do preconizado pelos ilustres etnólogos aconteceu. Pelo contrário, o grupo de Pindaré abandonou aquele estado de apatia e passividade - que tanto tinha impressionado os dois pesquisadores - assumiu sua identidade, entrou definitivamente na luta pela demarcação de sua terra (1977). Essa repentina passagem de um estado de inanidade, de aparente inexpressividade cultural de quase degradação para uma atitude de beligerância e para uma ostensividade cultural quase que agressiva, é um fato que realmente impressiona. (UBBIALI, 1997 p.21).

Mércio Gomes, em sua obra *O índio na história: o povo Tenetehara em busca de liberdade*, resultado da sua pesquisa de doutorado, publicada em 2002, contraria a teoria do seu orientador de doutorado, Charles Wagley. Gomes percorreu, por muito tempo, todos os Territórios Indígenas habitados pelos Guajajara; morou na aldeia Bacurizinho por dois meses, e relata como esse povo é resistente. Eu estive também na aldeia Bacurizinho por alguns dias, por ocasião da festa do moqueado, em setembro de 2018. Essa aldeia tem como liderança uma mulher, a cacica Iara.

Para Gomes (2002), a denominação dessa etnia como Tenetehára está diretamente ligada a valores identitários. A palavra “tenetehara”, usada como autodesignação por esse povo, é composta pelo verbo /tem/ (“ser”) mais o qualitativo /ete/ (“intenso”, “verdadeiro”) e o substantivizador /har(a)/ (“aquele, o”). Isso significa “ser íntegro, gente verdadeira”. É um designativo forte que exprime orgulho e uma posição singular: a de ser o verdadeiro povo, a encarnação perfeita da humanidade. Nessa autodefinição está o princípio fundamental do ideal de autonomia e de liberdade (GOMES, 2002).

Perguntei para dona Maria Santana o que era ser um Guajajara, ela me respondeu assim:

> Ser Guajajara é ser um índio
> Nós temos orgulho. Aqui no Maranhão nós sempre fomos diferenciados.
> Nós somos determinados pelo que a gente quer e pelo que a gente é. Nós não somos de voltar atrás.Todos os povos são importantes, mas sempre fomos diferenciados. (DIÁRIO DE CAMPO, Dona Maria Santana, 2020).

Os Guajajara são povos resistentes, determinados, dinâmicos, espirituais e se destacam na forma como se relacionam entre si, com outros povos indígenas e com os não indígenas.

> Ser humano é ser livre na sua maior acepção, ser o portador e produtor de uma cultura que se coloca como singular, digna de deter o conhecimento mais profundo da natureza e da sobrenatureza, de estar no centro do universo. Quem de direito merece ser o protótipo da humanidade, equilibrando as forças da natureza, os seres vivos de carne e os seres de espírito - são certamente os Tenetehara. O foram desde sempre, e, se não o são agora, haverão de tornar a ser algum dia. Eis a contingência, sua realidade é sempre uma busca (GOMES, p. 47, 2002).

Sua identidade cultural depende naturalmente de sua própria visão e não como é visto desde outras óticas dos estudiosos e especialistas. Por exemplo, para Lillian Lima, mais que um DNA, um indígena é uma “atitude de interiorização de pertencimento”:

> Logo ser, estar, pertencer, para o índio é, antes de determinações exteriores ao processo de classificações, considerar-se e ser considerado como ÍNDIO em uma atitude de interiorização de pertencimento a uma identidade étnica que se firma na ancestralidade e se fortalece em suas tradições culturais, fato marcado na seguinte fala do indígena jovem: “rapaz, olha eu sei que para ser índio tem que querer ser índio e precisa respeitar a cultura, seguir a cultura, saber falar a língua, e se não for assim não é índio”. Vale ressaltar que esses critérios apontados por esse sujeito da pesquisa estiveram presentes em todas as entrevistas que fizemos e foram frequentes as falas que diziam “temos que saber das nossas histórias” (LIMA, 2012, p.9).

Na busca de fundamentação teórica da pesquisa sobre as mulheres Guajajara, encontrei uma com viés educativo e histórico que foi desenvolvida na Universidade Federal de Santa Catarina, no programa de Pós Graduação em Educação. A mesma é constituída por narrativas de memória de três estudantes Guajajara e sobre as experiências enquanto discentes de cursos de graduação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Esse trabalho procurava compreender o que as narrativas femininas indígenas poderiam aportar para a discussão sobre os desafios, a permanência e o protagonismo feminino indígena na universidade. A obra em questão fundamentou seu estudo nas aproximações teóricas a essa tessitura das narrativas femininas; assim como o diálogo

com alguns autores que pensam experiência e memória. Como resultado dessa pesquisa, se evidenciaram as contribuições ao protagonismo feminino indígena, no desvelamento dos inúmeros desafios de diálogos propositivos ainda a serem conquistados nos espaços da academia (SANTANA, 2017).

Carvalho (2016) fez um estudo muito interessante sobre a cultura Guajajara, centrando-se nos municípios de Grajaú e Arame, onde ficam uma das maiores e mais populosas aldeias Guajajara, no Maranhão, conhecida como a região Araribóia. Em uma das colocações de sua pesquisa o autor aborda a questão da cosmologia, da mitologia e dos ritos; em outro item refere a questão da estrutura da sociedade Guajajara.

Outra pesquisa sobre a cultura e educação Guajajara é o trabalho de Marinho (2014). No estudo "Índios Guajajara: da aldeia para a cidade", o autor buscou identificar as razões que os levaram a migrarem de seu habitat natural para o espaço urbano, na cidade de Imperatriz/MA, e os impactos socioculturais dessa mudança nas suas vidas. Os objetivos específicos desta pesquisa foram: conhecer as causas da migração dos Guajajara para a cidade; caracterizar as mudanças culturais provocadas pela migração no meio ambiente urbano e o seu impacto nas suas vidas. O autor faz as seguintes perguntas: Por que os Guajajara estão deixando a sua aldeia? Que influências sofrem? Como se identificam neste novo espaço urbano? Que mudanças são geradas em sua cultura, alimentação, moradia, saúde e valores culturais a partir dessa nova convivência social, ambiental e cultural? Que percepções e expectativas são perceptíveis nessa nova configuração de relações nesse novo espaço, a cidade?

Ao final, Marinho (2014) conclui que os Guajajara sofrem influências e mudanças em suas vidas ao migrarem para a periferia do espaço urbano. Percebe-se ainda que a perda de hábitos simples como as práticas, os valores, os conhecimentos tradicionais foram aos poucos substituídos no imaginário coletivo por valores e conhecimento de outras culturas, na medida em que o novo ideal de vida dos indígenas passa ser o modo de vida dos não indígenas.

3.2 Os Guajajara/Tenetehara

Os Tenetehara dividem-se em dois grupos: os Tembé que, do ponto de vista migratório, constituem o ramo ocidental e encontram-se, em sua maioria, nos Estados do Pará, e os Guajajara, do ramo oriental, habitantes da região amazônica nas terras maranhenses. Esses últimos tinham uma população estimada em aproximadamente 2.000 indivíduos em 1940 e, hoje, estão em 6º lugar na lista de povos indígenas brasileiros

constituindo-se na maior densidade demográfica indígena do Brasil. No Maranhão, encontram-se em 11 Terras Indígenas (T.I) e são originários da família linguística tupi-guarani (SCHRODER,2002).

Os contatos dos Guajajara/ Tenetehara com os europeus datam de 1616, nas margens do rio Pindaré, no Maranhão. Depois de passarem por aldeamentos jesuíticos e conflitos com colonos, sofreram com a escravidão e servidão, foram afastando-se gradativamente migrando para outras regiões do centro sul do Maranhão e oeste do Pará, no século XIX (GOMES, 2002).

Os Guajajara escaparam da escravidão e conseguiram sobreviver e se reproduzir física e culturalmente. A sua convivência com os *karaiw*, termo empregado para denominar os não indígenas, sempre foi perpassada pela angústia e caracterizada pelo seu esforço de conjugar relações externas (interétnicas e assimétricas) com as relações internas (simétricas), procurando, constantemente, mecanismos de equilíbrio no gerenciamento dessas complexas relações (UBBIALI, 1997).

Dona Maria Santana, em várias conversas, fez questão de afirmar que as mulheres Guajajara são determinadas. Na convivência, nos encontros, essa determinação ficou evidenciada em vários momentos e de diversas formas – escrita, fala, danças, cantos, articulações, exercendo a liderança, em voz de comando em reuniões, músicas e brincadeiras – como elas vivem e como constituem suas culturas de lideranças. Elas recriam seus espaços educativos, tendo tanto nos elementos tradicionais da cultura de seu povo quanto às diversas influências do meio urbano, elencados nos seus “jeitos de viver” sua cultura.

Betty Mindlin, antropóloga e professora, em entrevista concedida ao Boletim 3x22, afirma que:

> Um boletim sobre os nossos povos indígenas, muito mais de 305 se contarmos com os isolados, deve ter como centro as vozes indígenas. São elas as protagonistas que podem contar com força e emoção como estão sofrendo assassinatos, extinção, invasões, e como resistem, gigantes, minoria, grandeza. São quem pode expressar como vivem, qual o caráter comunitário e coletivo de seus valores e que significados atribuem à existência humana. A maior conquista das últimas décadas, sobretudo depois da Constituição de 1988, é como cresceram as organizações e vozes indígenas, com figuras carismáticas de mulheres e homens. Pela primeira vez temos uma deputada indígena no Congresso, Joênia Wapishana, e uma candidata à vice-presidente em 2018, Sonia Guajajara (BOLETIM 3X22, 2020, p. 9).
> .

Há aqui um diálogo entre a anciã cacica fundadora da Aldeia Lagoa Quieta e Sônia Guajajara ativista reconhecida internacionalmente, ambas indígenas narrando sobre si e sua cultura, e eu, uma não indígena, que busca compreender essas mulheres e sua

cultura. E dessa forma contribuir para a construção do imaginário social dessa mulher indígena na contemporaneidade, visto que na literatura, a mulher indígena teve sua atuação pouco ou quase nada visibilizada. Como fica evidenciado nessa fala da Sônia concedida para a Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura do Governo Federal Pátria Educadora.

> Ser liderança mulher também é isso, só que a gente tem aí ainda uma dificuldade em parte por conta de algumas culturas, alguns povos não permitem que as mulheres assumam os assentos, os lugares de responsabilidade, de liderar mesmo, em outros casos porque a nossa sociedade brasileira como um todo é muito machista mesmo, e aí valoriza sempre, confia sempre na palavra do homem, na presença do homem. E no meu caso eu desde menina gostei muito de me movimentar, de movimento, de atuar, de resolver as coisas, de estar sempre tomando a frente e aí isso facilitou a minha participação em reuniões e acontecia reuniões na aldeia, aconteciam reuniões fora da aldeia em Brasília, mesmo assim na minha adolescência eu acompanhei por várias vezes, os caciques, as lideranças que vinham para Brasília, para fazer os relatórios e aí eu tomei muito gosto por isso, de ajudar, de contribuir e com isso eu aprendi também. Aprendi bastante, a começar a entender o que é o direito, que a gente tem direitos e que esses direitos precisam ser respeitados e aí eu comecei a viver isso. Eu não posso dizer como eu estou resumindo, que foi tudo fácil, não foi. /por que para eu conseguir chegar na coordenação da COIAB foi uma conquista, porque no início eu falava, as pessoas não olhavam, não queriam confiar no que eu estava dizendo. As lideranças masculinas principalmente começavam; ah! não é assim, isso não!, Mas eu sempre tive muita segurança no que eu estava dizendo e aí eu busquei um apoio muito forte nas mulheres indígenas da Amazônia que sempre me apoiaram, que sempre me endossaram, sempre tiveram junto e acreditando, confiando que eu podia fazer a diferença. Então eu também nessa confiança que as mulheres tinham em mim eu tinha realmente que fazer diferente. E aí eu passei muitos momentos difíceis, muitos momentos mesmo, enquanto coordenadora, as vezes muitas indiferenças com outras lideranças porque achavam que uma mulher não podia liderar mesmo o movimento indígena, tinha que ser um homem. Foram várias coisas que aconteceram, mas eu superei, eu relevei porque eu sempre acreditei que o mais importante era a gente conseguir fazer valer os nossos direitos.

Ao iniciar a pesquisa desconhecia a história da Maria Santana como fundadora e cacica da aldeia Lagoa Quieta, também da importância que ela e outras mulheres da sua descendência possuem. Visitei a aldeia Bacurizinho, também liderada por uma mulher, a cacica Iara. As aldeias Chupé, Nova Jibóia e Zahy Tata são outros exemplos de aldeias Guajajara lideradas por mulheres.

Como Sônia havia iniciado a temporada de campanha presidencial havia sempre um repórter ou jornalista acompanhando-a. Era uma agenda intensa: ela chegou a visitar dois estados em um mesmo dia. Esteve presente em todos os estados da Federação, participando de debates em Universidades e espaços de movimentos sociais.

Conheci dona Maria Santana no lançamento da pré-candidatura de Guilherme Boulos à presidência da República e da Sônia Guajajara como co-presidenta, no dia 02 de abril de 2018, no Campus da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz.

Dona Maria chegou acompanhada das filhas e noras, com os longos cabelos soltos, seu corpo pintado com jenipapo, enfeitada com colares e pulseiras, uma longa saia. Ela transmite muita força. Tem a palavra firme, orgulhosa de ser Guajajara; fala com a propriedade de quem está à vontade sendo quem é.

Quando dona Maria Santana chegou, o evento já havia iniciado. Então ela pediu palavra e disse:

> […] vocês não podem esquecer das suas origens,. Eu estou falando agora porque eu sou o tronco, eu sou a raiz de vocês de onde vocês vieram. É de mim que vocês vieram. Soninha, minha sobrinha, você sabe que eu sou o tronco (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

E convidou a todos os Guajajara presentes a fazer uma cantoria. Havia ainda indígenas das etnias Guajajara, Krikati e Gavião. Nesse momento, toda a extensa família da Sônia atendeu ao seu chamado e subiu ao palco onde a mesa de debates estava montada, entoaram juntos seus cantos e suas danças sob o comando da Maria Santana. Ao término desse debate, após jantar com Sônia, seus familiares e com Guilherme Boulos, segui para a casa da Sônia. No período da campanha, se tornou comum só conseguirmos conversar nas madrugadas em sua casa, dada a sua agenda...

> Meus filhos foram crescendo e meus netos também, mas pela luta da mulher guajajara, porque foram criados também sem pai, mas não importa que o pai tenha morrido ou tenha se separado. O que importa é que fomos guerreiras, pisamos na terra firme e olhamos para o céu de vencer e estamos vencendo. E é assim a mulher. A importância de uma mulher (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

Em suas palavras, Maria Santana externaliza algo que já é comum em nossa sociedade: mulheres criarem os filhos sozinhas. Quando ela diz "meus filhos foram crescendo e meus netos também", ela não se refere apenas ao tamanho, mas aos estudos, algo que lhe é motivo de grande orgulho, pois suas filhas se formaram, se graduaram (veremos adiante) e sua neta Kari é advogada; sua outra neta Marina está cursando mestrado na UNB.

Conheci outras mulheres Guajajara que criaram os filhos sozinhas também e não lamentam esse fato, novamente a determinação é de criar os filhos, independente de terem se separado, a mulher Guajajara não se confia no pai para criar seu filho, se ela estiver casada com o pai, eles criam o filho juntos, se ele for embora ou falecer, ela cria sozinha. "...pisamos em terra firme e olhamos para o céu de vencer e estamos vencendo", o poder da palavra determinada. "E é assim a mulher. A importância de uma mulher." Essas palavras marcantes ficaram latejando na minha cabeça por muitas madrugadas. Nesse dia inteiro que passei com dona Maria Santana, pude gravar suas palavras e ouvi-

las novamente outras vezes. Mas a presença é marcante. Ela fala através do seu olhar, do seu toque, dos seus murmúrios, suas canções; sua fala Guajajara, os silêncios, os risos. Uma grande graça da oralidade e do estar presente é ter acesso a essa carga emocional. De maneira muito forte, esse trecho falou comigo. Eu me vi também contemplada em sua fala.

A oralidade é um presente na medida em que ela se dá, ela é entrega. Quando se fala em oralidade não há ganância, não há mesquinhez, não há economia, ela é dada e recebida. Há uma chave na oralidade, pois ocorre no tempo presente, não está no passado e nem no futuro. Ela envolve os sentidos e há um movimento de buscarmos na memória os sons, os cheiros, as assimilações do já vivido ou experienciado pelo ouvinte, portanto envolve um movimento reflexivo. Quando dona Maria Santana conversa comigo, suas palavras ficam andando na minha cabeça, e quando elas não encontram um ponto de chegada eu pergunto mais até que elas (as palavras) se aquietem. Às vezes, elas se aquietam num riso, num contentamento, em outras elas se aquietam num olhar de espanto, numa constatação, mas o certo é que as palavras chegam a um lugar que orientam os ouvintes. Durante esse movimento da oralidade os sentidos ficam todos atentos também porque a gente não sabe por onde o entendimento vai entrar, se vai ser pela visão, pela audição, pelo paladar, pelo tato ou pelo olfato ou por outro sentido, é o acontecimento do corpo em presença... Durante o movimento da oralidade, a natureza também está ouvindo e ela também é professora, assim, o tempo pode esfriar, um vento mais forte pode ocorrer, uma árvore ou pássaro podem te chamar atenção para te ensinar, por isso você tem que estar presente, por isso a importância dos sentidos, porque você vai sentir. Na nossa última conversa presencial, fomos fazer compras de miçangas para ela fazer colares, almoçamos, conversamos eu, ela e a Cíntia e no almoço ela me disse que aquela tarde era minha, que ela ia tirar a tarde só para mim. Isso significa que todo o seu ser, seus sentidos, pensamentos, energia, toda a sua sabedoria ancestral estaria se ofertando exclusivamente para mim naquela tarde, ela armou uma rede para ela e uma para mim bem do ladinho da dela, a Guajajara quando vai conversar contigo, ela para, porque tem que estar presente, não pode tirar os sentidos daquela conversa. É naquela hora e naquele lugar. Na aldeia quando um sábio ou um ancião fala, tudo fica quieto, todos param para ouvi-lo. Como a oralidade é sabida, ela vai te ensinando aquilo que você mais precisa aprender naquele momento, por isso nos mitos cada um vai tirando uma lição. Nas nossas conversas, assim como com a Sônia e com a Cíntia suas palavras ficam andando na minha cabeça, às vezes, por dias, por madrugadas, eu tenho me

alimentado delas nesses dias. São palavras simples, vivas e transformadoras percorrendo um corpo também vivo e em transformação. Eu tenho aprendido assim com as Guajajara e é por isso que você nunca vai encontrar um indígena alheio a um rio, a uma serra, a um pássaro ou a uma árvore. Por estarem presentes e atentos aos sentidos eles foram aprendendo a linguagem da natureza. Com as mulheres Guajajara vivi meu próprio corazonar.

> O coração guia a razão, seja para gozar o mundo, um mundo composto de humanos e não-humanos, ou para transformá-lo. Nem o coração é um mero órgão humano, nem a razão é a racionalidade cartesiana, nem a espiritualidade tem de ser entendida da forma específica como os povos indígenas a usam para exprimir a presença constitutiva de um mundo transcendente no mundo imanente. Corazonar significa experienciar o infortúnio ou o sofrimento injusto dos outros como se fossem próprios e estar disponível para se aliar a luta contra essa injustiça, ao ponto mesmo de correr riscos. Significa acabar com a passividade e fortalecer o inconformismo perante a injustiça. (SANTOS, 2019, p153-154).

Ubbiali (1997, p. 38) nos diz que a deferência reservada à pessoa é destacada também pela importância dada à palavra falada. Quando um Guajajara toma a palavra para discursar, todo mundo assume uma postura de respeito frente a ele ou pela relevância reservada à gravidade de uma ofensa (a pessoa ofendida sente uma profunda mágoa) e a intensidade de uma dor (a pessoa pode chegar até a morrer).

Percebi que a fala de “ser guerreira” é uma expressão comumente usada pelos Guajajara e por indígenas de outras etnias, também.

No dia do seu aniversário, neste ano, dia 06 de março de 2020 perguntei à Sônia sobre esse termo e ela comentou:

> Nós, indígenas, nós adotamos esse título de guerreiro ou guerreira, todas as pessoas que lutam, que não aceitam imposições, que não aceitam dominação e a nossa intenção é exatamente romper com essa herança colonial, a gente tem realmente rompido bastante. Em especial, acho que nós, enquanto mulheres, a gente atravessou muitas barreiras porque historicamente foi dado pra nós como cultural, as mulheres não participarem de espaços de liderança, espaços de decisão e a gente vem rompendo, devagar, mas a gente já tem muitas mulheres, hoje, que estão assumindo o protagonismo da luta em diversos espaços (DIÁRIO DE CAMPO, Sônia Guajajara, 2020)

Nas palavras da Maria Santana:

> A mulher Guajajara, ela é mais atuante do que o homem, o homem ele não exerce um cargo e nem tem o domínio, o poder de dominar as suas comunidades, é sempre a mulher quem tá lá. E hoje, na maioria das aldeias, a mulher é que é a cacique, mas eu fui das primeiras mulheres a ser cacique Guajajara, eu e a finada Belinha. Aí depois de nós, começaram as mulheres tomando posse de ser cacique (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

Em sua fala, ela deixa claro que, independente do que aconteça, *é sempre a mulher quem está lá.* E a ideia de *tomar posse* sugere o assumir algo ou um lugar que já

era delas, como se ela estivesse legitimando esse lugar. Esse termo vem cheio de coragem e da determinação que a Maria Santana tanto fala.

No meio das nossas conversas, era comum dona Maria Santana cantar, cantava em português e em Guajajara; suspirava, pegava em minhas mãos, me abraçava, me olhava, passava as mãos nos meus cabelos. Quando perguntei sobre sua mãe, se era também uma liderança, ela suspirou fundo e me disse:

> Tudo que tem na Lagoa Quieta foi no sentido meu com minha mãe. Os primeiros colégios, minha mãe era uma das lideranças daquelas valente, aí nós puxamos energia pra lá, aí estamos reformando o colégio pra não deixar se acabar, com a ajuda dos outros sabe...(DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

A escola na aldeia Lagoa Quieta tem o nome da mãe de Maria Santana, que se chamava Hani`ete foi uma forma de homenageá-la. Reparem que ela diz, "foi no sentido", como expliquei acima em tudo que as Guajajara vão fazer elas colocam seus sentidos ali, elas estão presentes de fato, seu corpo e seu pensamento, tudo está ali, quando ela diz "eu e minha mãe colocamos nosso sentido", há uma sabedoria ancestral Guajajara, pois os sentidos se relacionam, se unem, os sentidos de duas pessoas podem dialogar mesmo que não seja por palavras, mas pelos sentidos, é o corpo subvertendo o pensamento eurocêntrico.

> Corazonar nunca significa que as emoções deem origem a uma falta de controle. Pelo contrário as emoções são a energia vital que impele as boas-razões-para-agir a passagem à ação ponderada . Corazonar é uma forma amplificada de ser-com ,pois faz crescer a reciprocidade e a comunhão (SANTOS, 2019, p. 154).

É isso que estamos propondo nesse trabalho, ao apresentar saberes mais porosos e mais conscientes de que a diversidade intercultural emerge com a história e aponta para inúmeras e valorosas formas de ser contemporâneo, as quais emanam da consciência quanto à incompletude que somos e da possibilidade de reconstituição de nossas trajetórias tanto pessoais quanto profissionais a partir das nossas experiências.

Na contemporaneidade, as mulheres Guajajara, sobretudo da aldeia Lagoa Quieta, têm se destacado na liderança dos movimentos indígenas, na saúde, na educação, na academia, nas políticas públicas e na política partidária, lugares e funções ocupados historicamente por homens. Esse movimento das mulheres Guajajara é de suma importância, como me falou Sônia Guajajara:

> Nós, indígenas, nós adotamos esse título de guerreiro ou guerreira a todas as pessoas que lutam, que não aceitam imposições, que não aceitam dominação e a nossa intenção é exatamente romper com essa herança colonial. E a gente tem realmente rompido bastante, em especial, acho, nós, enquanto mulheres, a

> gente atravessou muitas barreiras. Historicamente foi dado para nós, como cultura, que as mulheres não participam de espaços de liderança, espaços de decisão. E a gente vem rompendo, devagar, mas a gente já tem muitas mulheres, hoje, que estão assumindo o protagonismo da luta em diversos espaços (DIÁRIO DE CAMPO, Sônia Guajajara, 2020).

3.3 Não basta ser mulher, tem que ter consciência

Elas nos mostram que o protagonismo da mulher indígena, sobretudo Guajajara, vem se consolidando nas relações mais intensas vividas no dia a dia, com posicionamentos e engajamentos fundamentais.

Ao ser perguntada pela Boletim 3x22 sobre de que forma a sua tradição, a cultura que sua etnia possui, contribui para com a motivação de sua militância, Sônia me levou a uma profunda reflexão, com sua resposta, com sua consciência de que solidariedade, defesa, esperança e coletividade, lembrando que sem a biodiversidade não haverá vida alguma.

> Diferente de muitos, eu não me considero simplesmente uma militante ou ativista, como muitos insistem em afirmar. Ser militante ou ativista conceitualmente falando se faz por opção. Eu sou uma indígena, tenho uma identidade e preciso lutar todos os dias para essa identidade ser respeitada. Isso não é uma opção. Eu sou uma liderança indígena que, preocupada com a existência de meu povo segundo suas tradições e culturas, não me resta outra saída a não ser a luta. Se você pára pra pensar na conjuntura política do país e observar a política indigenista, ambiental e de direitos humanos, você se depara com um arsenal de guerra para o extermínio em massa de todas as culturas, povos e territórios. Não é simplesmente uma retirada de direitos, mas um verdadeiro rompimento do direito de existir. O meu povo e todos os povos indígenas, aliados à nossa força ancestral, mostram ao mundo sinais de que é preciso uma nova reconexão com a Mãe Terra para que possa continuar existindo vida no planeta. O modo de vida dos povos indígenas tem dado muito esse exemplo de respeito e sustentabilidade. Isso é mais do que suficiente para que todos se ponham de pé e apoiem a luta dos povos indígenas (BOLETIM 3X22, 2020, p. 47).

Há uma consciência identitária, um pertencimento que vem antes do ativismo. Essa certeza de quem se é, e da sua responsabilidade diante do planeta. Coloco aqui minha escuta sensível, e assim como a Sônia exerço o papel de mulher, mãe solo, educadora, estudante, apoiadora e essa aproximação e identificação proporcionam esse diálogo e sensibilidade numa parceria e vivência afetiva, como essa pesquisa é realizada, no campo vivencial. No campo da semente que germina, cresce, floresce, dar frutos, cria raízes e segue frutificando.

A aldeia Lagoa Quieta foi fundada em 1992, por Dona Maria Santana:

> Eu sou Maria Santana, nascida e criada na aldeia Araribóia, na sede. Tive 7 filhos. Eu tomei uma decisão, minhas filhas foram crescendo e elas foram estudando, também. Aí a Cíntia logo casou com um filho lá da aldeia Juçaral.

> Aí, Hosannah, eu fiquei com essas crianças lá. Muito considerada, muito respeitada, mas pra chegar até essa aldeia, teria que ser um convite especial das parentas mais próximas. Quem foi me buscar foi a Maria Santarém, casada com o Salomé, cacique lá da aldeia. A Maria Santarém era a mãe da maioria do povo do Juçaral. Aí ela me trouxe pra lá. Aí eu fiquei lá de 87 até 90. Em 90, eu tomei a decisão de nós criar junto com minha mãe, a mamãe, uma aldeia Lagoa Quieta. Porque ali, onde nós estamos, na Lagoa Quieta, já era um centro da gente trabalhar, de roça. A aldeia não era registrada, em 94 foi registrada e em 2005 ela foi batizada. O certo que hoje, onde eu estou, porque é uma terra, uma aldeia que só tem minha família. São duas famílias, minha irmã e eu. Eu sou mãe de 7 filhos, e ela de 9 filhos, eu tenho 21 netos e 12 bisnetos. É o nosso marco, não é o mundo que marca. Nós somos guerreiras, somos lutadoras. É a força da mulher Guajajara. O que que nós fizemos? Nós viemos pro Araribóia, depois viemos pro Juçaral, depois do Juçaral voltamos para a Lagoa Quieta, porque lá eram nossos princípios de roça. Tudo que tem na Lagoa Quieta foi no sentido meu com minha mãe. Os primeiros colégios, minha mãe era das lideranças daquelas valente, aí nós puxamos energia pra lá, aí estamos reformando o colégio pra não deixar se acabar, com a ajuda dos outros, sabe...
> A vida da mulher Guajajara sempre teve a palavra determinada, ou é ou não é. Aí, o que que nós faz? No início, vem primeiro a responsabilidade pra deixar pros filhos, aí vem a menina moça (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

Dona Maria Santana tem a característica da determinação que as grandes lideranças devem ter. Ela é uma mulher empoderada, consciente de seu papel político e de ser a raiz da aldeia que fundou. Batalhou muito para criar seus filhos e percebeu cedo junto com sua mãe que com a escola na aldeia chegariam mais longe. Mesmo sendo analfabeta desejava uma vida diferente para seus filhos e netos, e lutaram para isso levando inclusive energia elétrica e não permitindo que a escola se acabasse mesmo sem incentivos públicos. Sua mãe era também uma mulher de visão e estratégia, que não se deixava abater. Essas mulheres não ficaram esperando que os homens lhe dessem algo, elas mesmas, lutaram e foram atrás de seus objetivos e esses movimentos tiveram um impacto muito grande em toda a sua família, que possui mestres e muitos formados em Universidades, e graças as suas lutas, esforços, visão, determinação sua pequena aldeia é conhecida mundialmente.

Nesse outro trecho, numa entrevista dada para o “Brasil de fato”, Sônia Guajajara fala sobre participação das mulheres indígenas na política:

> Nós temos nesse momento, eu não sei se duas situações extremas, mas acho que estamos em um paralelo, porque ao mesmo tempo que cresce o conservadorismo e chega também nas aldeias, nós, mulheres indígenas, estamos rompendo muitas barreiras e estamos saindo desse espaço aldeia e chegando a ocupar outros espaços externos. Um exemplo grande disso foi que no ano passado realizamos a primeira Marcha das Mulheres Indígenas, que aconteceu em Brasília Foi a primeira marcha das mulheres indígenas no mundo, e que está servindo de exemplo até agora para inspirar outras mulheres, de outros continentes, que também querem fazer a sua marcha A Marcha (se referindo à Marcha Nacional das Mulheres Indígenas ocorrida em 2019 em Brasília) só foi possível porque várias outras mulheres já ultrapassaram essas

> barreiras e estão assumindo lugares também de comando. Nós temos, na Amazônia Brasileira, a Nara Baré, que foi a primeira mulher a assumir a coordenação geral da Coiab. Foi um trabalho longo, de 10 anos. A entidade já tem 31 anos e só em 2017 conseguimos colocar uma mulher na coordenação geral.
> Aqui no Maranhão, na organização indígena do nosso estado, a Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (Coapimba), na eleição passada, em uma coordenação de quatro, colocamos três mulheres e um homem, e esse homem era o secretário, que era exatamente o papel dado a nós, mulheres, para assumir qualquer espaço nas coordenações.
> E na última eleição realizada em fevereiro colocamos dois homens e duas mulheres, e as mulheres na função de coordenadora geral e vice-coordenadora. E eu assumo a coordenação geral na Apib.
> Esse conjunto de mulheres assumindo vários espaços em articulação com várias outras mulheres que assumem funções importantes na educação, na saúde, na cultura e no próprio fazer comunitário, nos possibilitou realizar essa marcha, e com isso motivar muitas mulheres também a chegar mais junto, mais perto. Todas as quatro ou cinco mil mulheres que chegaram na marcha, todas elas voltaram com esse sentimento de que não seriam mais as mesmas, e que a gente precisa assumir esse comando.
> Por um lado, cresce o conservadorismo, mas para nós mulheres indígenas chegou o nosso momento, e estamos na linha de frente. (SÔNIA GUAJAJARA, 2020).

Considero importante pontuar as articulações que as mulheres indígenas no Brasil tem realizado, no sentido de saberem da importância de assumir espaços de funções que possibilitem as implementações de soluções para que suas necessidades sejam contempladas. Outrora timidamente, mas agora ocorre de maneira mais efetiva, com o estímulo para que mais e mais mulheres exerçam esse protagonismo dentro e fora das aldeias.

Sobre a criação da Lagoa Quieta:

> Em Campo Formoso, eu nasci e ali a gente ficou toda a minha infância, mas sempre com essa ligação direta, tanto com o Araribóia, quanto aquela ali mais próxima que é o Juçaral. Aí a Lagoa Quieta já veio bem depois, que ali a tia Maria Santana, que também morava no Araribóia, depois veio morar no Juçaral e depois ela fundou a aldeia Lagoa Quieta, pra ser esse núcleo familiar. Depois que ela fundou a Lagoa Quieta, foi que a gente começou a ir também pra lá. (DIÁRIO DE CAMPO, Sônia Guajajara, 2020).

Há uma profecia que vem ao encontro de toda a trajetória da Sônia e, de certa maneira, de toda a Lagoa Quieta. Esse depoimento traz luz a uma sabedoria indígena, ela visibiliza a manifestação do corazonar. A dimensão do dom e da profecia é algo muito complexo, pois há uma chave ainda não decifrada por mim, de um saber indígena que acontece antes do pensar. Não está apenas no campo da razão. Porém não está apenas no campo das emoções ou dos sentidos. É como se o coração perscrutasse e já soubesse a resposta antes da racionalização. Há um jeito de viver\pensar\tomar decisões estar conectado a todos os sentidos que dá sentido, numa lógica que consigo perceber, mas que é difícil transformar em palavras.

Há um saber Guajajara que a Dona Maria Santana possui que ela chama de dom de muito conhecimento que a faz saber qual dom cada pessoa vai receber. Que não é ela quem escolhe ao seu querer, quem vai receber o quê, não perpassa por sua racionalidade mas que seu coração perscruta e percebe quem vai ter qual dom, e ela não retém esse dom. E quando ela dá esse dom, ele ganha vida e floresce e frutifica. Seria a semente no campo fértil. Percebi que até o momento da entrega do dom, a vida da pessoa seguia num fluxo, depois da entrega do dom, a vida da pessoa que recebeu o dom se apropria e ganha mais vida, vigor e força para ofertar os frutos desses dons. Para ter esses dons é preciso recebê-los, não podem ser pedidos, nem escolhidos, nem comprados.

Um dos conceitos de corazonar é : "Corazonar é o ato de construir pontes entre emoções/afetos por um lado e conhecimentos/razões por outro . Essa ponte é como uma terceira realidade, ou seja, uma realidade de emoções/afetos com sentido e de saberes emocionais ou afetivos. O corazonar acontece de uma forma insondável" (SANTOS, 2019, p. 154).

> Tudo era eu, antes das minhas filhas. Até pros acampamentos, para as reuniões, tudo eu era convidada, aí eu fui ficando de mais idade, e apareceu a Sônia (Sônia tinha ido estudar, como veremos adiante). Aí eu convidei ela pra um passeio. Eu era uma liderança muito conhecida, muito desenvolvida. Aí eu convidei ela pra eu dar a posse a ela, aí eu fui dar os dons pra ela. Para cada um, eu dei um dom, para cada um, eu fui vendo. Quem nasceu pra ser alguma coisa, vai ser determinado; quem nasceu para ser estudante, para ser advogado. Aí o meu dom era de conhecimento. Eu tenho um dom de muito conhecimento, muito mesmo. E para mim ser parteira foi através de um sonho. Alguém veio me dizer no sonho. Eu tinha catorze anos, quando eu fiz o primeiro parto, e foi da minha mãe. Aí eu estava dormindo, e uma pessoa disse: acorda, acorda! Eu tive um sonho como que uma pessoa que veio me avisar que eu ía fazer o parto da minha mãe.
> Tive sete filhos, pra cada um eu dei um dom. Aí eu cheguei pra Sônia e disse: Sônia, tá aqui! Eu dei o dom do conhecimento pra ela. Peguei na mão dela, e disse: Sônia, tu vai ser uma mulher indígena que vai andar o mundo inteiro e tu vai ter muita facilidade, tu vai andar sobre a água, tu vai voar sobre o ar, no mundo, tu não vai te aquietar, tu vai conhecer nações que tu nunca pensou… aí eu fui dando o dom (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

O relato da Sônia sobre seu dom, sua posse, seu envio:

> A tia Maria sempre teve os filhos dela de forma muito autônoma, então ela entendeu que era importante ter um lugar também pra família. Aí ela fundou a aldeia Lagoa Quieta, ela já tinha todos os filhos dela. E aí quando ela se mudou pra Lagoa Quieta, foi o período que ela me chamou e falou que queria muito que eu assumisse a liderança ali da região, porque ela sempre assumiu, sempre foi liderança, foi uma referência e aí em algum momento ela entendeu que tinha que apresentar outra pessoa. Então ela me chamou e disse : "Olha, Sônia, a partir de hoje eu quero te entregar esse dom da liderança, que eu fiquei até hoje, e agora você vai representar nós, tanto aqui como fora e onde precisar. Então a partir dali, eu dei início, com muita dúvida e insegurança, sem saber direito o que representava aquilo. E foi ali onde eu comecei a tentar fazer todo esse trabalho de articulação. No início, para mim, era muito confuso, pois eu não sabia direito o que representava aquilo, mas logo depois, nós criamos o

> movimento indígena no estado do Maranhão. E aí eu tive essa influência muito grande da gente organizar a COAPIMA. E quando a gente articulou com todos os povos, realizamos as assembléias, fundamos. E eu assumi os dois primeiros mandatos junto com o Lourenço (Lourenço Krikati), Adonil, Jonas Gavião. Depois fui pra coordenação da COIAB e depois da APIB que é nacional. (DIÁRIO DE CAMPO, Sônia Guajajara, 2020).

Relaciono essa profecia dos dons com o mito grego de Er. James Hillman (1996, p. 56) descreve esse mito da seguinte maneira: “as almas estão vagando pelo mundo mítico, aonde chegaram de vidas anteriores, e cada uma tem um lote a cumprir”. Esse lote representa as particularidades e os caminhos de cada alma, a escolha que as almas fizeram de suas vidas. Depois de escolhido, Laquesis, que significa o lote da cada um, envia o *daimon* (gênio) que tem a função de ser guardião e realizador de cada escolha.

Existe uma similaridade mítica entre pensamentos tão distintos e que levam a uma compreensão dos caminhos presenteados, escolhidos e realizados por cada uma dessas mulheres.

> A aldeia não era registrada, em 94 foi registrada e em 2005 ela foi batizada, o certo que hoje onde eu estou, porque é uma terra, uma aldeia que só tem minha família. São duas famílias, minha irmã e eu. Eu sou mãe de 7 filhos e ela de 9 filhos, eu tenho 21 netos e 12 bisnetos, e a qual o nosso marco não é o mundo que marca. Nós somos guerreiras, somos lutadoras. E, hoje, as minhas filhas se dominaram pelo saber e esse saber elas voltaram pra fazer as atividades na aldeia que elas nasceram e se criaram. Primeiro a Cíntia, que é professora, a segunda, Surama, é técnica de enfermagem, a caçula, Suluene, é assistente social. Aí tenho 2 filhos, um mora aqui na região do Araribóia e o outro na região da Barra do Corda. E tenho o Silvio, que é chefe na coordenação de um grupo, ele adoeceu e está criando um colégio dos saberes tradicionais na aldeia Lagoa Quieta. E tenho o Sidnei, que é professor, e assim, minha filha, eu sou feliz porque deixei meus filhos todos bem. Já tenho uma advogada na família a Kari, minha neta. (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

A primeira fala de dona Maria Santana evidencia as suas filhas mulheres, mesmo sendo mãe de filhos homens. As filhas de dona Maria Santana têm se destacado exercendo funções para além da aldeia Lagoa Quieta, tais como: Conselho Distrital de Saúde Indígena, Conselho da Mulher Indígena, Associação das Mulheres Indígenas do Maranhão (AMIMA), Conselho de Educação Escolar Indígena do Maranhão, Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPIMA), Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Associações de Pais e Mestres e Associações de Saúde. Elas exercem a liderança de uma forma muito dinâmica. Pude observar que elas possuem um nível de escolaridade mais elevado que a maioria dos homens. Nas palavras dela, "minhas filhas se dominaram pelo saber": Cíntia possui Mestrado em Linguística pela UFRJ; Surama cursou Enfermagem e Suluene, Serviço Social. Entre os filhos homens, Silvio está com o curso superior em andamento. As netas Kariamora, filha de Surama, é advogada e faz

mestrado na UNB; Érica, filha da Cíntia, está concluindo a graduação em Educação Intercultural, e Marina, filha da Cíntia, faz mestrado também na UNB.

Tanto os pais da Sônia Guajajara, como sua tia dona Maria Santana perceberam muito cedo a importância dos seus filhos atuarem tão fortemente nos espaços interculturais de trocas de experiências e de re-existências, bem como da importância de estudarem na escola formal.

Foi por meio das muitas conversas, observações e convivência que melhor pude começar a compreender os saberes ancestrais Guajajara, não foi apenas lendo, foi ouvindo e (com) vivendo. Foi a partir dessas vivências no campo que o conceito de oralidade foi compreendido por mim.

A oralidade é constituída por muitos saberes que não cabem dentro das letras, dentro das palavras que são escritas. Pois a oralidade traz uma emoção, uma memória, traz sons que na língua escrita não faz o sentido que é necessário para a compreensão, ficam como que incompreensíveis, mas que através da oralidade são carregados de sentidos numa linguagem que o corpo consegue captar e entender.

São olhares, risos, lágrimas, engasgos, sussurros, sons imitando animais, de vento e de ventania, de chuviscos e de tempestades, da água, das folhas, são respirações, são toques, entonações, vírgulas, às vezes, interpretações que o rosto até muda. A oralidade carrega segredos que são gotejados numa forma própria.

O conceito de oralidade que aprendi na escola é diferente da oralidade que aprendi com os Guajajara. A oralidade Guajajara possui sentimento. A oralidade é viva, e as palavras vivificam, ressoam nos seres que estão presentes, quer seja gente, terra, árvore ou animal. Todas as narrativas que ouvi, eu senti. As narrativas indígenas nunca são ignoradas, pois elas estão cheias de presenças.

Não se fica no vazio após uma narrativa, não se criam ausências. Ela vai preenchendo por que as palavras são vivas.

Entendi a importância de um ancião indígena e da transmissão dos saberes por um sábio, afinal quem mais estaria preparado para fazê-lo? Quem mais os poderia ensinar? Em que manuais essas sabedorias podem ser aprendidas? Que livro é capaz de suprir toda a riqueza que envolve a oralidade?

Apesar de haver trezentos e cinco povos no Brasil, a minoria dos brasileiros já foi a uma aldeia ou conversou com um indígena, dessa forma a maioria dos conhecimentos sobre os povos indígenas são terceirizados, são transmitidos por não indígenas,

superficialmente, ou apenas por palavras escritas e infelizmente nos tornarmos exilados voluntários de um lugar que detém tantos conhecimentos ancestrais e da natureza.

É como estar de olhos fechados e sentir o mar tocar nossos pés e respondermos que não queremos mergulhar sem ao menos abrir os olhos.

3.4 A interculturalidade

O termo interculturalidade implica diversidade cultural. Significa que na sociedade vamos encontrar pessoas de diversas origens étnicas, línguas diferentes e tradições culturais bem diversificadas. A interculturalidade proporciona uma aproximação necessária para a aceitação da diversidade e insiste na normalização das diferenças sociais. Aplicada à questão educacional, como na vida na etnia Guajajara, aparece como uma pedagogia de re-existência.

Problematizo a questão intercultural a partir do intelectual colombiano Adolfo Alban Achinte, que afirma:

> […] vivir en condiciones "otras", es decir en procesos de adaptación a un medio hostil en diversos sentidos y a un poder colonial que intentaba a toda costa reducirlos y mantenerlos en su condición de "cosas" y/o mercancías. (ACHINTE apud SOUZA, 2019, p. 46)

Podemos até compreender, como afirma Souza (2019, p. 46), que não são os mesmos índios de 500 anos atrás, mas certamente não são inferiores àqueles, apenas desenvolveram outras formas de convivência possível com a sociedade atual, seguem "re-existiendo desde sus profundidades socio-culturales", citando Achinte.

Essas mesmas ideias são sustentadas no trabalho de Vasconcelos & Brandão (2018), com o artigo "50 anos da pedagogia do oprimido: reflexões sobre (re)existência no Brasil e na América Latina". A interculturalidade busca, justamente como a pedagogia da re-existência, desenvolver as relações de cooperação entre os sujeitos da sociedade atual. É através do respeito entre diversas culturas que poderá existir um enriquecimento entre todos.

Por essa lógica, podemos considerar que um dos campos de atuação da interculturalidade é a área educacional. A interculturalidade exige como elemento de uma melhor convivência entre os seres humanos, a aceitação do diverso, num rico processo de intersubjetivação e transformação a partir de relações que trazem potenciais de ampliação para outros sentimentos e pensamentos.

Rodolfo Kusch (2000), filósofo argentino, busca pensar à margem da preocupação de uma definição de ser humano, uma questão própria do pensamento ocidental,

desconstruindo o que já foi dito acerca do homem americano. Por outro lado, enfatiza um ser humano incompleto; claro, não um ser metafísico, porém, que se constrói ao mesmo tempo e na medida em que se faz. E Kusch (2000) introduz uma importante categoria ao debate intercultural, o termo geocultura, no qual sustenta que o pensamento dos grupos humanos estará fortemente vinculado ao lugar onde vivem, no qual existe uma inter-relação, uma intersecção entre o geográfico e o cultural.

O filósofo argentino, dessa forma, nos apresenta uma nova perspectiva da cultura, tomando-a não só como acervo, nem como substantivo; mas como atitude, como ação. Para ele a cultura é, sobretudo, decisão, afirmação existencial de uma comunidade ou grupo de pessoa. Para o autor, em todo diálogo, sempre haverá alguma forma de manifestação intercultural; um diálogo é, antes de tudo, um problema de interculturalidade. A distância física que separa os interlocutores e as voltas retóricas para entenderem-se fazem referência a um problema cultural. Entre duas pessoas conversando, tende a existir uma diferença cultural. Não no sentido de nível cultural alcançado por cada uma das pessoas; ou seja, que um interlocutor seja mais importante que o outro; e, sim, no modo cultural que se encarnou em cada um.

Kusch (2000) considera que é no pensamento popular e não no pensamento culto, que estão contidas as linhas gerais de pensar o humano em sua totalidade. Suas reflexões foram produzidas a partir de entrevistas que realizou com indígenas e campesinos que orientaram sua vida a partir da tradição mítica presente em suas culturas. Nesse momento, o filósofo expõe sua metodologia de trabalho que consiste em quatro pontos fundamentais:

1. Determinar as unidades simbólicas (aqui poderíamos traçar uma relação com as unidades de sentido);
2. A estruturação dessas unidades;
3. As linhas de sentido que propiciam uma conexão entre essas unidades;
4. O contexto simbólico de todo o discurso.

O caminho desta pesquisa foi ganhando força na medida em que fui conhecendo as dimensões da luta indígena contemporânea, principalmente, em relação às grandes manifestações nacionais, como os Acampamentos Terra Livre e a Marcha das Mulheres Indígenas, na dimensão das redes sociais, na vida na aldeia, nos rituais de passagem, nas tocaias, nas dezenas de documentários e entrevistas assistidas. Essas trocas se constituem em um importante processo de aprendizagem na alteridade.

Assim como Kusch se permitiu impregnar pela geocultura que habita esse solo para compreender suas dimensões simbólicas, mitológicas e filosóficas, assim também mergulhei na sabedoria Guajajara e me identifiquei com essa forma de me relacionar com o mundo, com o sentido e com os sentidos. E, a partir desse pertencimento, consegui construir os sentidos para esta tese.

Da convivência com os Guajajara, emergiram diferentes sentidos, e em cada encontro foi sendo reafirmada a necessidade de estar atenta aos pequenos detalhes, percebidos, por vezes, num olhar distante, saudoso; outras vezes, na expressão de luta; na dança ritmada dos corpos presentes; na força da terra pulsando na planta dos pés; no aconchego de um colo; na atenção aos anciãos; nos cantos; na confecção dos adornos corporais; no ralar para extrair a tinta do jenipapo; ou na seriedade de um ritual.

A partir dessa convivência, os sentidos Guajajara foram sendo compreendidos por mim. Para compreender a mulher Guajajara é necessário compreender essa íntima relação do natural e do sobrenatural e os territórios que habitam em seus movimentos.

Bergamaschi e Meneses (2015) denominou esse tipo de metodologia de "estar-juntos", como uma forma de com-vivência. Sem um planejamento fechado, fui ficando atenta às pequenas coisas, os detalhes, os silêncios, os olhares, a intensidade da vida diária e seus pequenos nadas. Imbuídas de uma ética de respeito, de escutar e de falar com as pessoas, fui conferindo sentido à convivência. No entendimento construído aqui, “sentido é considerado como aquilo pré-sentido, percebido pelos sentidos e que confere encadeamentos coerentes de coisas e fatos. Assim, os sentimentos também concorrem na confecção dos significados e daí decorre a proximidade das palavras sentido e significado" (BERGAMASCHI, 2015, p.57).

Os sentidos foram sendo vividos nos diversos solos que foram gerando cumplicidade, afetos e enraizamentos, como neste diálogo com a dona Maria Santana:

> O quê que eu sou? Eu sou uma parteira, eu fiz 751 partos e nenhuma mulher morreu nos meus braços e nem criança. Eu sou uma mulher parteira famosa, daquelas de saber a hora que a criança vai nascer. Não tinha ultrassom, aí eu olhava e dizia: é homem. Ou, às vezes, eu dizia: oh, vai ser uma menina. Moça, eu fui mulher trabalhadeira, trabalhava de roça, caçava pra dar de comer pros meus filhos, pescava... a gente levava os cachorros, aí eles acuavam a caça de noite, tatu, e nós fatiávamos de facão, eu mais o Joca, meu sobrinho, filho de criação. É a força da mulher guajajara" (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

Nessa minha busca de compreensão, em diálogos com os Guajajara, sobretudo com as mulheres, as palavras de Menezes & Bergamaschi (2015) reverberaram em mim:

> Não basta apenas a lógica da razão, mas seguir um caminho de aprofundamento teórico-afetivo, sinalizado por um caminho flexível e

> intuitivo. É seguir, também, um conhecimento apreensível com o coração, e escrever desde o ponto de vista da vida, elaborando contornos móveis onde caiba o movimento e a processualidade daquilo que não é capturável. (MENEZES & BERGAMASCHI, 2015, p. 62).

4 EM BUSCA DAS RAÍZES: COMPREENDENDO A HISTÓRIA A PARTIR DAS NARRATIVAS MITOLÓGICAS

Na constituição e sentidos das falas e das ações das mulheres, fui em busca dos mitos que falam de um viver Guajajara. Não busco interpretar o mito, mas trago como uma fonte bibliográfica, de pensamento que colabora na compreensão de significados.

4.1 O Mito de Maíra-Ira e Mucura-Ira[15]

Este mito foi narrado por Riwara, Kaboiting e Maizu da Área Indígena Araribóia, município de Amarante (MA), recolhido por Claudio Zannoni em 1997. Está publicado em CIMI/AELAPI. Encontro Continental de Teologia Índia (4; 2002; Assunção, Paraguai) ...e Tonantzin veio morar conosco: IV Encontro Continental de Teologia Índia. Belém: CIMI/AELAPI, 2003.

A mulher, abandonada pelo marido, saiu pelo mundo sem destino. Maíra-ira, na barriga da mãe, queria acompanhar seu pai. Mas a mãe respondeu que não sabia para onde Maíra-pai tinha ido. Então a criança, de dentro da barriga, disse: "Mãe, eu sei para onde meu pai foi". Conforme Maíra-ira ia indicando, a mulher seguia e, atrás dela, um pássaro grande os seguia. Maíra-ira (sempre no ventre) pedia a sua mãe que colhesse flores para ele. Até que, num desses momentos, a mulher foi picada por maribondo. Zangada, ela deu um tapa na barriga e ralhou com Maíra-ira. O menino calou-se. Assim, quando ela lhe pedia que mostrasse o caminho, ele nada respondia. A mãe perdeu-se e, por isso, chegou à casa de Mucura que, através de suas artimanhas, acabou copulando com ela. Maíra-ira não gostou nada de ter um estranho dividindo o ventre materno com ele e determinou que Mucura-ira ficasse separado. Quando o dia amanheceu, a mulher retomou sua caminhada sem rumo certo. Assim ela chegou à casa de umas pessoas que comiam gente (eram as onças). Maíra-ira, percebendo o perigo, transformou sua mãe em casa de cupim. Porém, as onças disseram: "Esse cupim aqui, vamos tirar um pedaço dele para aterrar o forno p'ra gente torrar farinha". Então, Maíra-ira transformou a mãe em veado mateiro o qual saiu de dentro da casa de cupim. Os cães a perseguiram. Então as pessoas que comiam gente, comeram a mãe de Maíra-ira.

[15] Fabiana Reinholz e Katia Marko Brasil de Fato | Porto Alegre (RS) |em 09 de Junho de 2020 às 20:42.

Quando dividiam a carne, os filhotes saíram do ventre dela. Uma velhinha pediu que lhe entregassem os filhotes que iria criá-los. A velha tentou assá-los, mas graças aos poderes de Maíra-ira, ela queimou as próprias mãos . Então tentou socá-los no pilão, mas machucou-se; quis cortá-los para assá-los no espeto, mas cortou a própria mão. A velha abandonou momentaneamente a ideia de comê-los e cobriu-os com uma esteira. Quando foi olhar, eles se haviam transformado em passarinhos. Voltou a cobri-los e eles transformaram-se em quatis, depois em paquinhas e, finalmente em crianças. Assim, decidiu criá-los. Os dois cresceram rapidamente e, depois de grandes, resolveram sair pelo mato para inventar coisas. Então, todas as vezes que inventavam uma coisa diziam: "Nós matamos a anta". As onças respondiam: "Nós não temos anta". "Mas nós matamos anta, olhem aqui", diziam os gêmeos. As onças acabavam por admitir: "Ah! tem mesmo", e comiam a anta. E continuavam trazendo coisas (animais). Eles brincavam com essa velha onça: Maíra-ira arrancou-lhe a cabeça e a transformou em abacaxi. Depois de brincarem bastante com ela, a recolocaram no corpo da onça velha. Um dia ela disse: "Meus filhos, vocês não devem ir muito longe daqui; fiquem mesmo aqui por perto porque lá longe tem pau que fala". A velha estava desconfiada que eles iriam descobrir alguma coisa. Maíra-ira e o irmão fizeram flechas e foram caçar passarinhos. Então, eles se afastaram e foram onde tem o jacu. A natureza já tinha contado tudo para eles; o jacu falava: "kan, kan, kan" e eles entendiam. Até que o ouviram cantar: "Vocês estão morando com quem comeu a mãe de vocês". "Tu está escutando o que ele está dizendo?" disse Maíra-ira para Mucura-ira. "Ele disse que nós estamos morando junto com quem comeu a nossa mãe". Então eles choraram. Agora nós vamos planejar o que fazer. Chegando a casa com os olhos inchados de tanto chorar, a velha onça indagou sobre o que havia acontecido. Eles disseram: "os marimbondos deram na gente e ficamos com os olhos inchados". A velha os repreendeu dizendo não haver marimbondos naquele local. Então eles foram no mato e Maíra-ira transformou umas folhas em casa de marimbondos e a levou para ela. Os marimbondos saíram e picaram a velha que foi chorar também. "Isso é para você nunca duvidar", disseram os dois. No dia seguinte, saíram novamente, e mais uma vez a velha lhes pediu que não fossem muito longe. No mato, eles planejaram a vingança. Então, fizeram um riacho e do outro lado fizeram um cocal com muito anajá, buriti, bacaba, juçara, frutas que as onças não conheciam. Fizeram muitos abanos que, depois de prontos, foram atirados na água e se transformaram em piranhas. Mucura-ira só ajudava, mas quem inventava tudo era Maíra-ira. Mataram muitos passarinhos e jogaram para as piranhas que, rapidamente,

os devoraram. Mas, Maíra-ira achou que ainda não estava do jeito que eles queriam; era necessário ter mais piranhas. Fizeram um monte de abanos e jogaram no riacho. Mataram mais passarinhos e jogaram n'água e no mesmo instante foram devorados pelos peixes. Maíra-ira disse que daquele jeito estava bom. Maíra-ira e Mucura-ira foram para casa levando buriti, bacaba, anajá, juçara etc., para as onças experimentarem e também ensinaram como preparar o suco daquelas frutas. A velha disse: "Mas aqui não tem essas coisas". "Já tem, nós já fizemos tudo. Nós descobrimos tudo, já tem". Maíra-ira disse: "Meu irmão, estamos só nós dois e temos que enfrentar". Então, botaram uns paus por cima do riacho e fizeram uma ponte. "Olha, tu ficas nessa ponta e eu fico lá na outra", disse Maíra-ira e, quando eles vierem para tirar juçara, bacaba e buriti, nós vamos fazer a vingança. Quando as onças começaram a andar sobre a ponte, Maíra-ira esticava mais paus para alongar a ponte e caber todas as onças em cima dela. Então, ele deu o sinal para o irmão: "Tá na vez, agora!". Uh! E virou a ponte. As piranhas devoraram todas as onças. O pajé, que sabia tudo, roncava lá dentro d'água. Maíra-ira cortou uma taquarazinha, colocou o negócio (o espírito) lá dentro e o pajé não roncou mais. Após terem realizado a vingança, eles foram atrás do pai. Já o haviam encontrado, mas ele não os reconheceu. "Zané caru (boa tarde) papai", disseram. O pai disse: "Oh!, são meus netos". "Não, sou seu filho", disse Maíra-ira. Mas o pai quis pô-lo à prova. Disse: "Se vocês são bons adivinhos, devem encontrar o que eu lhes pedir". Nas vizinhanças tem gente que está fazendo arco dizendo que é para flechar Maíra. De manhã, cedinho, sumiram e foram atrás. Depois de muito andar, subiram num cipó alto e perceberam alguém raspando o arco para flechar Maíra. Maíra-ira chegou lá e disse: "Hei, que é que estão fazendo?". "Um arco para matar Maíra que vem aí acabando com tudo", respondeu o velho. "Deixa eu ver, deixa eu pegar". Maíra pegou o arco e esse se transformou numa cobra de cipó. Desse modo, todos os arcos se transformaram em cobras. Então o velho disse: "Será que isso aí já foi Maíra?". "Não vai pensar que nós somos gente ruim não, nós não somos não". Disseram isso e foram outra vez para perto do velho pai. Então Maíra-pai lhes pediu que encontrassem um velho pescando, porém não revelou o local. Os dois saíram outra vez de manhã. Encontraram o velho pescando. Maíra-ira mergulhou e pegava na volta do anzol, imitando peixe. O velho puxava com as duas mãos e não vinha nada. Maíra-ira achou bom e estava se divertindo muito, mas o velho não estava gostando disso, porém não desconfiava de nada. Mucura-ira quis ir também. Porém Maíra-ira o advertiu para que não cometesse a imprudência de por o anzol na boca. Mucura-ira puxou o anzol com

o dedo, porém, achou que assim não estava certo e levou a isca para a boca. O velho soltou a linha. Depois fisgou Mucura-ira e o puxou para fora. O velho ficou alegre do grande peixe que pegou e foi logo fazer fogo. Maíra-ira ficou aflito. Transformou-se num formigão (tutanguira) e foi perto do fogo juntar os ossos de Mucura-ira. Juntou as costelas, a espinha e todo o resto. Porém, faltava a cabeça. Então, reassumindo sua forma humana foi até o velho. Este lamentou: "Oh, meu neto, você chegou, mas eu já comi o peixe todinho. Você quer comer a cabeça?" Maíra aceitou, pegou a cabeça e foi embora. Mais adiante Maíra-ira pegou todos os ossos, fez um pacote com folhas de bananeira, juntou a cabeça e soprou. Mucura-ira voltou. Maíra-ira o repreende: "Eu não te disse? Você foi comido pelo bichão que tinha aí. Tu nunca mais podes duvidar." Os dois foram novamente para perto de Maíra-pai o qual lhes pediu que encontrassem uma pessoa de cabelos compridos, mas, como das outras vezes, não revelou o local onde deveriam encontrar tal pessoa. Os dois foram e a encontraram. Atearam fogo nos seus cabelos. O velho correu para a lagoa, mas quando chegou lá, já havia secado. Correu para outra, mas também não tinha água. Era Maíra que estava secando as lagoas. A cabeça dele estourou e ele morreu. Maíra-ira e seu irmão voltaram novamente para o pai. Lá Maíra-ira quis por seu pai à prova: devia flechar uma pedra. Ele conseguiu transpassar a pedra com a flecha. Em seguida, disse a seu irmão que fizesse o mesmo, mas ele não conseguia. A flecha batia na pedra e voltava. Maíra soprou na ponta dela e desta vez Mucura-ira conseguiu. Então ele disse: "Agora é sua vez, meu pai; quero saber se você ainda está do mesmo jeito de quando me deixou". Mas a flecha que Maíra-pai atirava batia na pedra e não entrava. Então, Maíra-ira disse: "Ei, meu pai, eu aprendi contigo, foi você que me ensinou, mas agora você está perdido com tudo quanto é bicho feio, você perdeu o rumo, perdeu tudo. Agora só eu que estou preparado. O pai velho respondeu: "É! Vocês são novos, eu perdi". Ele ficou lá abandonado como se estivesse perdido. Maíra-ira e Mucura-ira desistiram dele. Então o velho ficou com Jurupari. Maíra-ira foi para o seu lugar e Mucura-ira foi com ele porque já estava purificado. Assim os velhos falam.

Este mito ajuda-me a perceber a vida das mulheres Guajajara como uma forma de reinvenção, elas se transformam em passarinho, em veado mateiro, elas vão se reinventando. Sônia, mulher indígena, torna-se professora de não indígenas e de indígenas. Esse mito atua na formação do imaginário da aldeia e, metaforicamente, procura ensinar, orientar como os indígenas devem realizar sua saga e agir diante dos obstáculos que surgem. Assim, a luta pelo território que marca a trajetória de Sônia e dos

povos indígenas, pelos seus mitos, é também uma luta pelo conhecimento de sua verdade. É também pela natureza que a maldade emerge como uma dimensão a ser dialogada. Sem essa natureza, o indígena perde seu acesso à verdade e também os meios para superar as adversidades, perde sua capacidade de conhecer e de agir. Os mitos aprofundam esse ensinamento e orientam para uma ligação tão profunda com a natureza a ponto de ouvir sua voz. Para Jung (2000), o mito é uma forma de pensamento e de entendimento psíquico. Nesse sentido, o mito é uma narrativa que colabora na criação de realidades, num intenso e contínuo processo de imaginar e de produzir sentidos.

Percebo na narrativa uma história de perda do pai de Maíra-ira. Mesmo conservando alguns de seus poderes, seu pai estava perdido. Talvez por ter saído de sua aldeia? De junto dos seus? Por ter feito maldades e abandonado sua família e seu filho? O pai ensina o filho antes que esse nasça, mas esse pai que ensina sem conhecer e sem ter o contato, também pode desaprender.

Por fim, os irmãos seguem para seu lugar. Sua jornada é uma jornada que ensina o encontro com seu lugar devido. Maíra-ira estava perdido, mas sabia que seu lugar não era na barriga de sua mãe. Não era também seu lugar com as onças. E também não era do lado de seu pai que muito o ensinara, mas que agora estava perdido. Logo, Maíra-Ira parte com seu irmão, espaço de irmandade, também de oposição e complementaridade, no qual um gêmeo ajuda o outro a se movimentar.

Destaco a dimensão da família e o sentido de pertencimento da aldeia. O mito se encerra com a frase: “Assim os velhos falam”. É a sabedoria ancestral transmitida pelos mais velhos aos mais novos. É a transmissão da história da busca de dois irmãos, mesmo que não sendo de sangue, que se apoiam, se ajudam, se salvam e por não se abandonarem, se encontram.

Fui aprendendo a escutar o mito como um diálogo, dentre tantos que fiz e vivi nesse campo de pesquisa e de vida. Foi também uma aprendizagem, de observar as pausas, os silêncios, as entonações.

A referência dos mitos a uma mãe que primeiro engravida de Maíra, o maior dos heróis culturais, já deixa claro que esse povo se considera e se percebe como especial. Fato que se expressa inclusive em sua própria autodeterminação: Guajajara é uma palavra que os próprios Tenetehara interpretam como “dono do cocar” – (*wazay* – cocar; *zara* – dono). Por certo esse termo atribuído pelos Tubinambá da ilha de São Luís ao se relacionar com os Tenetehara, que viviam no médio e no alto Rio Pindaré (GOMES,

2002, p. 49). Tenetehara significa "gente verdadeira". Assim se auto-definem os Guajajara do Maranhão (UBBIALLI, 1997).

Os Tenetehara são, assim, os primogênitos e os filhos legítimos de Maíra porque descendem de Maíra-ira. Já os outros povos, mesmo considerados gêmeos por partilharem do mesmo ventre, mãe terra, descendem de Mukura e Mukura-ira. Logo, a partir de seus mitos, a identificação dos Guajajaras é a de semelhantes, porém condutores, líderes. Irmãos, porém mais poderosos e astutos, com a responsabilidade de cuidar do irmão devido a esses "poderes". Para os Tenetehara, os "poderes e o protagonismo" não são adquiridos, mas partem da constituição de seu próprio ser.

Assim como Maíra abandonou a mulher para ir em busca do Karuwara, lugar de paz, seus filhos e sua descendência caminham ao longo da história. A jornada é cheia de obstáculos e perigos naturais, sobrenaturais de todos os tipos onde Maíra-íra deve ajudar seu irmão Mukura-íra. Os obstáculos servem de lições que podem ser consideradas atuais para a jornada dos Guajajaras em busca de crescimento e do lugar de paz, onde habita seu pai. Um exemplo pode ser observado no embate dos gêmeos com o povo das onças. É de se notar que esse povo também se organiza em famílias, mesmo sendo devoradores, canibais. Esse contato parece servir de alerta para a relação com os *Karaiw* (não indígenas) e com povos adversários. O convívio com o povo das onças traz o ensinamento de que nem todos que pretendem cuidar dos jovens Guajajaras são amigos ou bem-intencionados. Também deixa claro que o melhor caminho para a superação e vitória sobre o inimigo numeroso e poderoso deve ser a astúcia ao invés da disputa aberta e direta.

Lévi-Strauss (2010, p. 21), em seu livro “Mitológicas I: O cru e o cozido”. O autor afirma o seguinte:

> [...] além do fato de a ciência dos mitos ainda estar engatinhando e de dever dar-se por satisfeita por obter apenas um esboço de resultado, temos desde já a certeza de que essa etapa final jamais será atingida, pois, ainda que a suponhamos teoricamente possível, não há, e jamais haverá, uma população ou grupo de populações cujos mitos e a etnografia (sem a qual o estudo dos mitos nada pode) sejam objeto de um conhecimento exaustivo. Tal ambição chega a ser desprovida de sentido, já que se trata de uma realidade instável, permanentemente à mercê dos golpes de um passado que arruína e de um futuro que a modifica. Em relação a cada um dos casos ilustrados pela literatura acadêmica, estamos sem dúvida longe disso, contentes pelo simples fato de dispormos de amostras e fragmentos.

Como mito, Maíra foi o maior dos guerreiros e dos pajés e é uma referência para os Guajajara. Traz em si poderes que podem dominar os homens e a natureza. Como define Ubbiali (1997, p.31) talvez Maíra ainda hoje represente, talvez a nível

inconsciente, um certo ideal para os tenetehara cuja maior aspiração é transferir os poderes de Maíra para seu próprio domínio". E ainda ensina:

> Na festa do "moqueado" durante a qual marca a passagem da infância para a idade adulta, são iniciados em pajés e guerreiros, transparece o anseio profundo dos Guajajara de adquirir o domínio sobre a natureza e os homens. Coisa que nunca acontecerá de forma perfeita assim como se realizou em Ma'ira, porém sempre sobejara como ideal a ser alcançado pelos Tenetehara (UBBIALLI, 1997, p. 47).

Assim, quando nos aprofundamos no estudo dos mitos, percebemos o que uma cultura expressa, principalmente em suas festas, rituais e maneiras (astúcia) de agir no cotidiano como a pessoa é tratada pela comunidade desde antes do nascimento. Sim. Para os Guajajara a alimentação não tem uma dimensão apenas nutritiva, mas também simbólica, sendo que em determinadas etapas da vida alguns alimentos não são permitidos. Quando uma criança nasce, o pai só pode ir para as caçadas após o umbigo da criança cair.

Quando a criança completa oito meses de vida tem a sua festa de apresentação e é a partir dessa festa que a criança vai começar a poder comer todos os alimentos. Dona Maria Santana me explicou como é essa festa:

> Aí eu comecei fazendo as festas dos meninuzim, a festinha feita com 8 meses é a festa pra poder passar a comer comida de panela, porquê até durante 8 meses é só no peito, a gente amamenta muito as crianças, porquê que a gente amamenta? Pra não ficar doente, pra não dar coceira, não dar gripe, por causa do leite porque a gente sabe que o leite tem muito ferro. Aí com 8 meses a gente faz a festinha, aí a gente pinta as crianças com jenipapo, faz uns enfeitizinho com as penas (apontando pra cabeça), aí o pai mata cutia pra poder fazer as bolinhas e aí tem que matar a tona (pássaro) pra poder passar (apontando pro pulso e para o lado inteiro do antebraço) na criança. Nas nossas festas não pode faltar a tona, é o pássaro mais importante, tem que passar no pulso, nos antebraços para afastar o mal" (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

A sabedoria oral ancestral, compartilhada entre os Guajajara costuma lembrar que é necessária toda uma aldeia para formar um Tenetehara. Essa ideia de comunidade está presente nos principais momentos desse coletivo, nas festas das crianças, na festa dos rapazes ou do "moqueado", ritual em que o rapaz iniciado aprende, pelos pajés, a cantar, a agitar o maracá e a usar flechas, isto é, recebe as faculdades para adquirir os poderes de Maíra. Esses festejos, essas celebrações ou esses rituais de passagem colocam em evidência a pessoa, que é acolhida pela sua comunidade.

4.2 A Festa dos Encantados

A festa dos Encantados é conhecida entre os Guajajara como a mãe de todas as festas. Essa história foi narrada por Tamuiz Vicente no território Arariboia em setembro de 2015, para a produção da Animação "A festa dos Encantados". Eu fiz a transcrição em agosto de 2019, essa animação ganhou três prêmios internacionais e está disponível no endereço: https://bit.ly/31xCIru.

Essa história que eu vou contar, eu ouvi dos antepassados. A história não é minha. Vou contar o que eu ouvi os mais velhos falando. Eu não vi, vou apenas contar do jeito que me contaram.

Há muito tempo atrás, havia um pajé que gostava de caçar. Um dia, andando pela mata, ele encontrou uma grande faveira. Ele olhou para aquela árvore cheia de flores e frutos e viu muitas araras pousadas ali. Ele subiu na árvore, armou uma tocaia e esperou, esperou, esperou. Até que no momento certo, flechou uma arara atrás da outra. De repente, uma sombra cruzou o céu, uma, duas, três vezes e as araras fugiram assustadas. Nessa hora um vento muito forte começou a soprar, foi quando um cachorro enorme apareceu no céu. O índio ficou olhando escondido, na sua tocaia, enquanto cachorro subia na árvore espremendo os frutos da faveira. A água que escorria dos frutos se transformava em mel. E o índio ali, observando tudo até o cachorro ir embora.

Quando voltou para sua aldeia, o pajé foi recebido pelo irmão. Admirado pela quantidade de araras que o pajé trazia, o irmão lhe pediu que lhe ensinasse a chegar na faveira. Mas o pajé achava muito perigoso tentar caçar o cachorro voador e não queria ensinar o caminho não. Só concordou quando o irmão lhe prometeu caçar apenas as araras como ele mesmo tinha feito antes.

Ao encontrar a faveira, o irmão do pajé subiu na tocaia e ficou esperando pelo cachorro. Ali da sua tocaia, o índio tentou matar o cachorro. Ele atirou sua flecha uma, duas, três vezes e em todas as vezes acertou o cachorro, mas tudo o que conseguiu foi deixar o animal mais enfurecido. Ele atacou o índio, pulando em cima da sua tocaia.

No outro dia, o pajé foi procurar pelo seu irmão, mas quando chegou na faveira, tudo o que viu foi uma trilha de sangue. A trilha levava a um formigueiro. O pajé então percebeu que o irmão tinha tentado matar o cachorro e, depois da luta, ele tinha sido arrastado através daquele buraco no chão. Assim, ele entrou no formigueiro e se arrastou até chegar no outro mundo, embaixo da terra. O pajé foi procurando até que finalmente encontrou o corpo do irmão estirado no chão cheio de flechas. Enquanto

chorava pelo irmão, uma velha chegou e disse que tinha um filho que se transformava em cachorro voador, ele tinha ido colher mel, quando o índio tentou matá-lo. Aquele cachorro era na verdade, um encantado. Por ordem dele todos que chegassem no reino dos encantados tinham que atirar uma flecha no irmão do pajé. Assim, ele também, flechou o irmão. O pajé teve que passar vários dias ali preso numa casa com os outros índios.

Enquanto estava naquele lugar, toda noite o pajé olhava os encantados fazerem festas e cantorias, era uma festa atrás da outra. E assim o índio que foi atrás do irmão aprendeu todos os cânticos da festa dos encantados. Ele viu o ensaio da festa do mel e a celebração da festa da menina moça, da festa dos rapazes e da festa do milho, também. E até hoje seu povo, o povo Guajajara, mantém a tradição das festas que aprendeu com os encantados.

Essa foi a história que eu ouvi dos antepassados, como eu disse a história não é minha não. Essa história e todas as festas do nosso povo pertencem aos encantados.

A festa dos encantados também é conhecida como a festa do mel, que é "a mãe de todas as festas", pois foi na festa dos encantados que os Guajajara adquiriram todos os conhecimentos para seus rituais, foi assim que aprenderam, entre outros conhecimentos, a cantar, a dançar, a se pintar e também sobre a tocaia.

A festa dos encantados, essa narrativa mitológica, me permite pensar sobre o sentido do ritual, da festa e a importância dos antepassados.

Numa breve menção teórica trazida da magnífica obra de Pierre Clastres (2003), p. 169) “falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, observo exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar.” E nesse caso, quem profere as palavras mitológicas são os velhos.

Quando o pajé vai para dentro da terra, vai para o mundo dos mortos, é lá que estão os ancestrais, e é com os eles que reside a sabedoria e o caráter sagrado da terra. Para os Guajajara, há esse consenso em todas as suas falas, a terra é sagrada. Ao entrar no outro lado do mundo, todos tinham que atirar uma flecha naquele corpo do irmão, o irmão pajé também teve que flechar, eles condenavam a atitude do irmão, ele também teve que condenar essa atitude do irmão que se voltou contra os ancestrais. O irmão não está mais lá porque ele morreu, ali é um corpo, a atitude que é condenada.

Outros rituais deveriam ser seguidos. Lá teve que passar vários dias numa tocaia, com outros indígenas, isso representa mais uma metáfora: no mundo dos indígenas a tocaia era feita por um único indígena, o pajé estava sozinho na sua tocaia e, de lá, a

visão que ele tinha era de um animal assustador, mas quando o pajé vai para o mundo dos encantados, se fazendo pequeno e condenando os erros do irmão, ele não enxerga mais os encantados sob uma forma ameaçadora, mas como semelhantes. É significativo que a primeira figura que ele encontra, quando entra pelo formigueiro, seja de uma mãe lamentando um ataque covarde a seu filho, é uma mãe indefesa que, longe de ser ameaçadora, exige justiça para que se entre no reino dos encantados.

Dessa forma, o pajé já não fica na tocaia sozinho e, ao invés de araras, ele enxerga a natureza cantando. O pajé foi atrás do irmão, mas essa busca também é a busca pelo próximo, pela vida social, pela convivência com o irmão. Mas ele percebeu que a conduta do irmão não era a ideal e que isso repercute no coletivo.

O pajé aprendeu todas as músicas e formas de pintar o corpo para as celebrações, as quais não seriam, então, uma festa de origem humana mas uma antecipação do que acontece no reino dos encantados. A festa do mel e todas as festas do povo Guajajara que são comemoradas na aldeia, nada mais são do que aquelas comemoradas no reino dos encantados. Os encantados são os ancestrais, são os indígenas que morreram.

Olhar pela tocaia é olhar para os saberes, é olhar para as tradições. É se unir com os que morreram, com os ancestrais. Na celebração da festa do moqueado, que é a festa da menina moça, elas ficam na tocaia. Na minha vivência de pesquisa, tive a oportunidade de participar de três rituais da Festa do Moqueado.

Fui para a aldeia Zutiwa na festa do moqueado que aconteceu dia 20 de setembro de 2018, naquele momento se celebrou a festa dos rapazes junto com a festa das moças, fui para essa festa com a Sônia e parte de sua família. Um mês depois fui para a festa do moqueado na aldeia Bacurizinho em 2018, e em 07 de setembro de 2019 fui para a grande festa do moqueado na aldeia Lagoa Quieta.

Tanto na aldeia Bacurizinho como na aldeia Lagoa Quieta, quando fui convidada pela Sônia a participar da festa da sua filha Ywara, pude entrar na tocaia em que as meninas participantes do ritual estavam presas. Destaco que não costuma ser permitida a entrada de outras pessoas na tocaia, que não sejam as mães e avós que preparam as meninas para o ritual, pintando o corpo com tintura de jenipapo, dando banho e alimentando.

Os Guajajara se identificam como filhos de Maíra, no mito ao se transformarem em peixes, em passarinho, veado mateiro, em onça, em cachorro voador; é a capacidade de se metamorfosear, de se adaptar, e, também, uma forma de resistir.

Quando eu estava lá dentro da tocaia, com as meninas, naquele lugar dos encantados, essa jornada mitológica foi me ajudando a novas compreensões em relação aos Guajajaras e ao seu modo de estar no mundo. Relacionei, imediatamente, ao mito de criação descrito acima. A aparência de Maíra muda, mas a essência não. Essas meninas se relacionam com o sagrado, em suas perspectivas cosmológicas.

As meninas ficam presas na tocaia porque elas ainda não são encantadas, elas estão no processo de transformação de menina para mulher. Essa transformação é sempre uma celebração da vida, na qual tem uma pintura específica que possibilita a construção/transformação de um corpo.

Dona Maria Santana esclarece sobre as pinturas:

> Aí prepara a pintura, cada pintura diz uma coisa, a pintura fechada significa que estamos de guerra, estamos de luto, e esses vincozinho que a gente faz (apontando para boca e fazendo os desenhos), é festa , é alegria, cada tipo de desenho, tem um significado, gente que tá em crise, ou pessoal que tá se armando pra fazer alguma coisa , aí pinta de urucum, de carvão ou de jenipapo, mas quando é se preparando pra festas os homens usam mais urucum que é alegria, assim da cor do sol, que é tão bonito né? Tem muita importância, quando é a festa a avó tem que saber, tem que estar prevenida (Diário de Campo, Maria Santana, 2020).

A tintura é extraída do jenipapo, que é ralado, e depois se extrai um líquido como um suco. Comumente meu corpo e rosto são pintados e geralmente a pintura dura cerca de 9 a 10 dias. Como dona Maria Santana explicou acima, para cada ocasião há uma pintura, no meu corpo algumas das pinturas foram inspirações imitando os desenhos de animais silvestres.

Para além “do outro lado do mundo”, no mundo dos encantados, Sônia Guajajara, ativista indígena nutrida por uma herança dos seus antepassados, gesta uma continuidade segura do seu povo: os Guajajaras. Sônia está nesse portal de entrada entre os dois mundos, ela representa essa mãe que exige justiça por seu filho.

Sônia vai ao outro lado do mundo, o mundo dos não indígenas para denunciar, para conscientizar sobre os massacres contra a mãe terra, para exigir justiça, melhorar o convívio com os não indígenas, a fim de que esses percebam e reconheçam o respeito pela mãe terra que é sagrada, os direitos do seu povo. Sua luta é para que os encantados sejam respeitados, reconhecidos e sobrevivam. Devem sobreviver, pois a sabedoria da vida vem deles, de seus costumes, seus territórios, seus valores. Um modo de vida que poderia ensinar a todos sobre uma melhor convivência entre indígenas e não indígenas, em nosso país, bem como de todo o mundo e sua relação espiritual natureza.

Vale ressaltar que a natureza, a faveira abriga todos os animais, mas é sobre o encantamento que recai a maior riqueza, o mel para todos os povos. No entanto, ocorrem ainda hoje diversos incêndios, desmatamentos, nas terras indígenas provocados por madeireiros, denotando negações dos seus direitos indígenas, constitucionalmente conquistados e tantas mortes misteriosas, especialmente de caciques de vários povos.

Nesse mito da festa dos encantados, observei, ainda, que o mergulho no formigueiro representa a sapiência desse povo aprendida com seus antepassados, cujas conquistas eram feitas pelos pajés homens, mas do outro lado, no mundo dos encantados, a liderança de mulheres guerreiras - são elas que estão no portal de passagem entre os dois mundos.

O indígena que não respeitou a natureza foi condenado, mas aquele que reconhece a atitude gananciosa e se permite ficar na tocaia, se purificando, aprendendo os saberes da ancestralidade, a esse é concedido ver e enxergar a verdade. Somente a esse indígena é concedido celebrar todos os dias, no mito, como o pajé diz: é uma festa atrás da outra.

Na Festa da menina moça, eu vivi isso, canta-se e dança-se a noite inteira, sem parar e não nos cansamos. As músicas são as que os encantados ensinaram. Senti uma profunda conexão com essa atmosfera ancestral, tal qual o pajé quando passou pelo formigueiro.

Assim a trajetória de Sônia serve como marco: sem perder a herança indígena, assume no mundo de não indígenas uma liderança, como marco de inserção originária na sociedade brasileira.

A história do mito, festa dos encantados, ajuda a compreender a força de liderança dessa mulher guerreira: há, portanto, uma fusão do encantamento que a faz voar, voar alto com o seu poder de gerir não só pelo seu povo, mas também de toda nação. Certamente esse feito será recontado de geração em geração.

Eu pedi para dona Maria Santana me contar sobre os mitos dos Maíras, afetuosamente ela me convidou para ir para à aldeia e me explicou que: "não pode ocorrer fora da aldeia, e tem que ser contado por mais de uma pessoa, a história não pode ser contada com uma pessoa só, tem que ter um homem e uma mulher, ou um homem e duas mulheres, ou dois homens e uma mulher, porque um vai contando e o outro vai confirmando" (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana 2020).

Contou-me ainda que, por se tratar de Maíra, tem que contar fumando, pois eles os Maíras, gostam da fumaça. Esse saber deve ser contado e respeitado e vai sendo repetido para que os mais novos aprendam como deve ser.

O mito não pode ser contado por qualquer pessoa dentro da aldeia, há as pessoas certas para contar, geralmente um ancião ou anciã. Dessa forma estão envolvidos na contação dos mitos: os sábios contadores, a memória coletiva; o espaço, que deve ser o território indígena, que é a morada dos encantados; a fumaça, pois "eles" gostam da fumaça; a oralidade. Essa contação da história mítica Guajajara é uma sociopedagogia que vai constituindo a sua re-existência no mundo de forma solidária e coletiva.

Percebi que há uma metodologia na transmissão mitológica Guajajara ainda que não caracterizada; vislumbro estudos futuros a fim de compreender como se dá e que tem potencial para ser reconhecido nas academias como uma metodologia, há aqui uma raridade de um conhecimento ancestral apesar de ainda desconhecido.

Há uma forma de transmitir esses conhecimentos que os sábios anciãos conservaram que vem desde os tempos remotos e é permeada de simbolismos. Mesmo existindo uma escola na aldeia Lagoa Quieta, essa forma de transmissão pela oralidade foi mantida.

Nessa metodologia, para narrar o mito é necessário acionar uma memória coletiva, o que em certa medida contribui para que essa narrativa não tenha outros elementos acrescentados, pois o outro ou os outros contadores exercem um papel de guardião desse mito, cuidando para que ele não seja descaracterizado.

Ouvir as narrativas é adentrar um conhecimento enraizado composto de sabedorias ancestrais que são acionadas e que constituem uma identidade de resistência.

4.3 A Festa do Moqueado

Os ritos de passagem fazem parte da vida dos Guajajara. Um dos ritos de passagem mais importantes para a mulher Guajajara inicia-se com a primeira menstruação e prossegue com a preparação física e psicológica da menina. É um momento em que a menina é muito cuidada e amada, principalmente pelas avós, tias e mãe, a fim de preparar a jovem para ser mãe. Essa festa termina quando a jovem é apresentada à sociedade.

Foi olhando as fotos da festa da menina moça da Aldeia Caruru em 1975 (GOMES, 2002, pp. 411, 412, 413, 414 e 415), que passei a me interessar pelo ritual, pois as fotos retratavam exatamente como acontece até hoje. Os mesmos enfeites, vestimentas, pinturas, as carnes moqueadas, as meninas sentadas na esteira, a sensação é de que o tempo não passou. Quando nos deparamos com álbuns antigos de fotografias conseguimos através dos elementos contidos na imagem determinar o tempo. Com as

fotografias do ritual da menina moça isso não ocorre, não fosse pelas fotografias serem em preto e branco, não há diferença alguma. Inclusive as posições corporais e a forma da menina não levantar o olhar. São imagens que surpreendem, pois já se passaram quarenta e cinco anos entre uma festa e outra.

Ao conversar com a dona Maria Santana, ela me contou que da sua festa para as festas de hoje não houve diferença. Sendo que a sua ocorreu há quase sessenta anos atrás,

> A vida da mulher Guajajara sempre teve a palavra determinada, ou é ou não é. Aí o que que nós faz? No início vem primeiro a responsabilidade pra deixar pros filhos, aí vem a menina moça. Do meu ritual de menina moça pros das meninas de hoje não teve diferença, é por isso que o que eu passei eu dei pras minhas filhas o que significa pra não ser uma menina peralta, não ser uma menina perturbada, porque na menstruação a mulher branca também quando ela não cumpre o resguardo aí ela fica pirada, quando chega perto da menstruação ela fica agoniada, fica agitada, tem cólica, porquê? porque ela não cumpriu as regras.
> O significado de passar a tona é porque só é usado mesmo nas festas, porque até mesmo nas festas de menina moça, até antes da festa dela ela está sob o domínio dela ser uma menina que ainda não pode ter vaidade, não é ter direito de namorar. A tona é para dar a liberdade dela namorar é a carne da tona que a gente passa, ela tem que ser cozida separada, aí a gente passa nos braços, nas pernas aí a gente dá pra ela por na boca que é pra descer no corpo todo. Aí se o pai quiser fazer a festa naquele ano já pode.
> Porque depois que ela fica menstruada ela fica 5 dias presa. Ela fica presa pra ela se fortalecer , mas lá dentro ela toma um banhozinho, lá dentro ela não pode comer coisas que possam enfraquecer ela , ela tem que ser uma menina que é uma menina forte, uma menina cheia de talento, cheia de energia. Se ela não cumprir a dieta direito ela enfraquece, ela pode comer tapioca, mingau, um beiju, cuscuz de milho, fava, cozido com farinha , e não coçar a cabeça pra não criar caspa e nem criar (mostra a pele, levanta a blusa e mostra a barriga), olha minha filha eu sou velha mais eu não tenho estria, (aperta a barriga e mostra as carnes duras, firmes) aí nós vamos trabalhar pra fazer a festa.

Existem muitos estudos sobre a festa do moqueado, a festa da menina moça tenetehara, dentre eles um estudo profundo do escritor Zannoni (1999), mas preferi trazer meu olhar dos três rituais de passagem que participei e das explicações que ouvi da Dona Maria Santana.

A menina permanece na tocaia entre cinco e sete dias e, nesse período, a menina é cercada de muitos cuidados, pois acredita-se que ela está vulnerável a vários perigos. Durante esses dias, ela não pode ir se banhar no rio, pois o espírito da água pode levá-la. A avó, a mãe ou as tias dão um banhozinho na menina na tocaia. Durante esses dias as mulheres mais velhas da aldeia visitam a menina, mas ela é instruída a não rir, não falar alto e deve permanecer sempre de cabeça baixa para não ficar saliente. Esse momento para a menina é de silenciamento, de despedida da meninice e das coisas de menina para a maturidade e o comportamento de adulto. Durante esses dias, também, a menina precisa cumprir uma dieta ficando de resguardo como bem disse Maria Santana. Um beiju quente

também é colocado na cabeça dela para que ela não crie cabelos brancos. Ela também não pode coçar a pele com as mãos, ela recebe um pedacinho de graveto para se coçar para não criar estrias ou manchas na pele. Ela também não dorme sozinha, geralmente, vem uma irmã mais velha ou uma tia para dormir com ela. Quando esses dias de reclusão terminam, a menina toma um bom banho, encerra-se essa fase com uma cantoria e danças, a família da menina moça deve providenciar uma comida para os cantores. A partir dali a menina vai ser preparada para ser uma mulher Guajajara, aprendendo os principais afazeres que inclui trabalhos domésticos e também de cestarias, brincos, colares, tecer a tipóia e a rede, vai depender da família.

Para mergulhar no universo ritualístico dos Guajajaras e entender profundamente seu universo em busca dos elementos críticos da trajetória de Sônia, participei de vários rituais, principalmente da festa do Moqueado que marca a passagem da infância para a vida adulta naquele povo.

Destaco a festa em que participou, Ywara, filha de Sônia. Era a oportunidade de acompanhá-la não apenas em sua trajetória de militância política e como ativista dos direitos humanos, mas também a Sônia, mãe, mulher, participante ativa da aldeia em sua cultura, em suas manifestações. De todos os lugares é ali que ela é mais autenticamente ela mesma, não por lhe faltar essa autenticidade em seu cotidiano ativista, mas por estarem ali presentes todos os elementos de sua identidade no meio de seu povo.

A aldeia de Lagoa de Quieta, distante algumas horas de minha cidade está localizada no Território Indígena Araribóia, que é a terra natal de Sônia, onde ainda moram a maioria de seus parentes. Depois de várias visitas, voltar àquela terra enfeitada para a festa com centenas de visitantes, um caldo de cultura com as várias etnias convidadas que convidam à reflexão. É bela e instigante a convivência com um povo que mesmo sofrendo tantas adversidades, vem a contrário senso, resgatando e lutando para manter fundamentos culturais significativos. Se antes cada menina tinha uma festa, o que demonstra a fartura de outrora, agora a festa é apenas uma vez por ano para todas. Se antes, todas as aldeias tinham seus pajés e cantores, agora são necessárias várias aldeias para que a festa se realize e se junte a quantidade necessária. Entre o povo Tenetehara existe um ditado “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” e essa aldeia se adapta para que isso se mantenha.

Em Imperatriz com os indígenas que aqui moram e trabalham, aproveitei para conversar com Vânia, irmã de Sônia, sobre o ritual, a filha dela foi uma das moças que participou da festa também, como ela enxergava essa diferença entre os adolescentes

indígenas e não indígenas. Vânia coordena uma escola de não indígenas, o que lhe dá uma visão diferenciada sobre o assunto. A principal diferença que ela apontou foi o quanto os rituais, a cultura, enfatizam o senso de pertencimento à comunidade e ao povo. Os indígenas, através de seus rituais, sabem quem são e têm um profundo senso de identidade; enquanto adolescentes não indígenas, em idade similar, parecem perdidos, carentes de preencher essa necessidade de pertencimento.

O *Wyrau`haw* é a festa que finaliza o processo de transição da menina para mulher Tenetehara. Antigamente, cada menina quando menstruava passava pelo ritual da festa do moqueado, hoje, por motivos de escassez de caça e alto custo para alimentar os convidados, eles realizam a festa com todas as meninas da aldeia uma vez por ano.

Cada festa possui "a dona da festa", que pode ser uma avó ou uma mãe conhecedora dos rituais que é quem vai organizar a festa. Os Guajajara se referem aos "donos das matas" e aos "donos das águas" dentre outros "donos" para designar que há um mundo espiritual ali e esses chamados "donos" tem a missão de cuidar. Os guerreiros, por exemplo, antes de saírem para uma caçada tem que pedir permissão para entrar nas matas, também não se pode caçar em excesso, não pode matar os animais por judiação. Pedem permissão antes e agradecem depois, sempre com cantorias, pinturas e danças. Os "donos" são dessa forma responsáveis em cuidar daquilo que está sob sua responsabilidade. Percebi que a festa foi muito bem organizada, pois exige uma logística com muitos elementos culturais e fundamentais para a realização da cerimônia, mas além dessa organização e providências, a "dona da festa" é responsável por todas as etapas e por dar sustentação para que a festa ocorra. “Dona” é uma dimensão do cuidado; É aquela que cuida.

O que eu chamo de sustentação diz respeito também, aos recursos para alimentar todos os convidados, geralmente são três dias de festa e algumas festas tem mais de mil convidados. Também no que se refere às vestimentas e aos adornos que as meninas usam, são duas ocasiões: uma de tarde e outra ao amanhecer, ademais da confecção das esteiras de babaçu, das condições de realização das caçadas que servem de alimentação para os caçadores nas matas e para as cantorias antes e depois das caçadas, organização de casas ou galpões para acomodar os convidados, a preparação do moqueado, nas panelas, e sua participação no ritual em todo o processo de confecção do corpo ritualístico de sua filha na festa; e o seu próprio, pois também tem que se pintar e se adornar, além das cantorias e danças.

Dito isto, Sônia era a "dona da festa". E estava trabalhando na linha de frente no combate a uma terrível queimada, que ocorreu em agosto de 2019, na Amazônia, noticiada no mundo inteiro.

Em uma reportagem publicada pela *Survival International***,** em 28-08-2019, ela deu a seguinte declaração: "Estamos colocando os nossos corpos e a nossa vida à serviço da preservação de nossos territórios… Os povos indígenas vêm alertando há décadas as violações que temos sofrido em todo o Brasil."

A festa do moqueado da Aldeia lagoa Quieta foi planejada com um ano de antecedência. Recordo de dias de ansiedade com todos esses acontecimentos, às vésperas do ritual. E logo depois do ritual Sônia já teria uma intensa agenda internacional a ser cumprida.

Foi em meio a essas queimadas na Amazônia e todo o envolvimento que seu trabalho na APIB exige pois muitas etnias vivem na Amazônia que a Sônia se desdobrou para assumir suas funções de "dona da festa" , de mãe e de liderança, para que a grande festa que celebra o ritual de passagem da menina moça para mulher aconteceu. Aqui os rituais são sinônimos de festa. Por que são os rituais e a espiritualidade que compõem a sustentação dos Guajajara. Dona Maria Santana, disse que sempre foi assim.

A festa do moqueado se inicia pela organização das caçadas, que vão ser o moqueado a ser servido na festa, também pela necessidade da tona para ser passada no corpo das meninas e de penas para a confecção dos enfeites.

Essa é uma etapa muito importante, pois se não tiverem as caças, não há festa do moqueado e como já dito os rituais são elementos constituintes do ser Guajajara.

> É assim: eles vão pra mata aí antes deles irem a gente passa a noite cantando, e atirando, por que vai animar (dona Santana canta, fala em Guajajara, fica visivelmente animada) e já estão preparando, levam foguetes. Antigamente era espingarda mesmo. Aí leva farinha que é pra irem caçar aí o carro vai levar aonde vão ficar, as mulheres se tiverem oportunidade de ir lá nos barracos que vão ficar saber como estão as caças, aí quando vem, nós vamos encontrar (já cantando) Aí quando eles chegam vão tomar banho porque de noite vão cantar. É dando o sinal, um ensaio, de que vai ser muito bonito e bom e animado. Nós temos uma história, a aldeia inteira se prepara para receber aquela moça, a aldeia em peso, as tias, os pais ficam mandando convites pros outros parentes, de outras aldeias, aí a moça se sente honrada, feliz, porque tem aquele horror de coisa (sinônimo de horror é abundante, abundância, fartura) . Todo mundo ajudando como pode, um leva a farinha, outro leva a caça, e é uma coisa assim, que eu acho que tem que ser, todos participam. Aí a gente guarda aquele moqueado...
> Na festa não pode botar anta. Bota quati, bota cutia, não bota paca, não bota tatu, bota veado, bota cutia, guariba, paca não vai também. Esses não vai porque é remoso. Aí se os participantes quiserem comer come, mas as meninas da festa, a dona da festa não podem comer pra não ficarem pintadas, com a pele manchada (Diário de Campo, Maria Santana, 2020)

Quando dona Maria Santana nos diz nesse trecho: "Aí quando eles chegam vão tomar banho porque de noite vão cantar. É dando o sinal, um ensaio, de que vai ser muito bonito e bom e animado no dia da festa", possui um mistério Guajajara. Todas as vezes que os guerreiros voltam da caçada, tem uma cantoria. Os cantos Guajajara relatam os feitos heróicos dos Maíras e também dos animais, da natureza. A cantoria ocorre a noite inteira, os cantos são aprendidos assim de geração em geração, não são escritos, são vividos. Tal qual o pajé aprendeu com os encantados em que é relatado no mito que é uma festa atrás da outra, ao voltar das caçadas esses saberes vão se perpetuando. Para nós não indígenas, um ensaio é um treino para aprender, para perceber possíveis erros e fazer correto no dia, para nós o ensaio é uma espécie de encenação porque não está ocorrendo de fato. Entre os Guajajara cada cantoria é uma festa, não é uma encenação. Ali se tem uma intenção, vozes e corpos, maracás e pinturas corporais, (Maria Santana relata que eles vão tomar banho) a aldeia se arruma para vivenciar. Eles estão esperando o dia da festa, ou seja, o futuro; mas no tempo presente eles estão coletivamente em profunda conexão de uma causa comum. Colocam os sentidos na festa. Estão emanando bons pensamentos, intenções, como numa espécie de profecia, é uma vibração, que não está na esfera dos pensamentos, mas na esfera de colocar os corpos, os sentidos, as orações na intenção da festa das moças.

> Nós temos uma história, a aldeia inteira se prepara para receber aquela moça, a aldeia em peso, as tias, os pais ficam mandando convites pros outros parentes, de outras aldeias, aí a moça se sente honrada, feliz, porque tem aquele horror de coisa o sinônimo de horror é abundante, abundância, fartura. (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

Quando dona Maria Santana, estava me contando, eu me emocionei, mesmo já tendo lido muito sobre os rituais, tendo presenciado três grandes festas, é muito bonito ver aquele entusiasmo de quem já participou de centenas de rituais durante sua vida e ter o brilho nos olhos e trabalhar para que ocorra uma linda festa para sua descendência. A Cíntia, sua filha, é cantora e também é convidada para todas as festas da região. A festa é para todas as meninas da aldeia, não importa se tem dinheiro ou não. É difícil explicar em palavras esse sentimento de pertencimento que os Guajajara possuem. Esse cuidado que aviva os afetos, o ritual é um espaço de aprendizagens, de coletividade, de solidariedade, de espiritualidade e também de re-existência. A aldeia inteira se mobiliza todos os anos para que a vida se perpetue, eles se mobilizam com uma inabalável determinação. As meninas se sentem honradas e é nesse conjunto de vivências corporais, espirituais, emocionais, racionais, coletivas e reclusas, como os dias na mata para a caçada ou presa

na tocaia, que vão criando e alimentando uma memória coletiva, se abastecendo de amor e fortalecendo o corpo, a mente e o espírito para os dias mais difíceis, esse movimento espiralado solidifica a identidade, o senso de pertencimento e o significado de casa, povo, família, cultura, tradição. É a Grande Árvore que possui raízes profundas, que floresce, frutifica, alimenta, dá sombra, se faz morada abrigando animais e as sementes vão nascendo e crescendo; o ciclo vai se repetindo, é muito bonito ver uma cultura assim. Nessa caçada para a festa na Lagoa Quieta os guerreiros passaram 16 dias na mata caçando e moqueando os animais.

Observei que foram usadas penas de vários pássaros, tais como: tucano, arara, alambu (que é a tona), gavião, etc, para enfeitar as meninas. De pássaros como a alambu são usadas a carne para passar no corpo das meninas e depois de cozidas são dadas para elas comerem no final da festa do moqueado. Dos pássaros com penas coloridas são tiradas as penas para a confecção dos enfeites que vão ser usados nos cabelos, uma espécie de véu feito com penas, diferente do cocar. Do gavião são retiradas as penas que serão coladas aos corpos desnudos antes do amanhecer. Dos animais para a preparação do moqueado,o macaco é um dos mais apreciados. Para os Tenetehara as penas de cada ave tem um significado, como, por exemplo, as do gavião para que a menina tenha visão, coragem e força. Além do suco do jenipapo para as pinturas corporais e das folhas de macaxeira para os banhos de purificação. As caças trazidas das caçadas ficam numa espécie de giral, no fogo sendo moqueadas, elas vão sendo defumadas, dependendo do tamanho da festa e da quantidade necessária de caças, elas podem ficar moqueando até dois meses, ficam assim sendo defumadas, com a aparência de mumificadas. Até a véspera de serem servidas, que é quando a dona da festa vai prepará-las, elas cozinham de um dia para o outro e as meninas vão auxiliá-la abanando o fogo, simbolizando o início de uma nova etapa em sua vida, não mais de criança, mas de mulher que adquire responsabilidades.

Para os Guajajara, as primeiras regras da menina têm uma relação direta com o futuro dela e da aldeia, tem uma relação com a fertilidade, com a preparação para a maternidade e com a visão de mundo que essa menina desenvolverá.

4.4 Festa do Moqueado da Ywara

Eu participei de três festas do moqueado como já dito anteriormente, mas escolhi relatar a da Aldeia Lagoa Quieta, por ser aquela a que a Sônia pertence. Nessa Festa participaram sua filha, Ywara, e a sua sobrinha, filha da Vânia, a Ana Tâmara. A aldeia

Lagoa Quieta fica localizada no município de Amarante, distante de São Luís cerca de 600 km .

As festas do moqueado ocorrem geralmente no mês de setembro e outubro, por causa do bom tempo, sem chuvas, apesar do intenso frio durante a noite. Essa festa aconteceu nos dias 07 e 08 de setembro de 2019 e foi marcada no ano anterior.

Participaram dessa festa 18 meninas e estiveram presentes mais de duas mil pessoas. Eu levei minha filha, Maria Valentina, que estava com 6 anos na data; geralmente eu a levo comigo.

Saí de Imperatriz antes do nascer do sol e ao chegar na estrada de chão batido já via grande movimentação na estrada, de carros e motos em direção à aldeia Lagoa Quieta, pois era uma festa muito esperada convidados não indígenas e indígenas pertencentes a várias etnias se deslocaram de seus territórios para participarem.

Chegando à aldeia a família da Sônia me recebeu em sua casa, suas irmãs já pediram minha rede e encontraram um local na sala e já a deixaram armada. A casa da Sônia possui dois quartos, mas ao lado dela foi construído um imenso galpão coberto de palha para acolher seus convidados. Nessa época do ano faz um frio intenso na aldeia e os espaços dentro de casa para armar uma rede são disputados.

Fui cumprimentar a Soninha e ela estava agoniada arrumando os colares que as meninas iriam usar na festa. Me abraçou, sorriu, me disse: "Hosannah, minha irmã, você está em casa", eu sorri e respondi: "Não te preocupe Soninha, hoje não vou ficar te perguntando nada, vou ficar só observando". Afinal ela era "a dona da festa", além de toda a importância do ritual, espiritual, educativa, social, corporal, ela ainda tinha mais de dois mil convidados para alimentar e dar atenção.

No meio da aldeia, foi construída a tocaia, uma espécie de oca, feita de palha construída, pelos pais e avós das meninas participantes da festa, que ficam "presas" ali até o momento da festa iniciar.

A entrada na tocaia me causou um vórtice de pensamentos. O tempo ritualístico Guajajara no qual a menina fica isolada em uma tocaia sem janelas me remeteu imediatamente ao mito da caverna de Platão. Tudo que pode ser visto pelas meninas moças são suas semelhantes, sem enfeites, mas com os corpos e rostos tingidos com a tinta do jenipapo sem luz, sem as distrações do cotidiano da aldeia ou do mundo dos brancos, onde algumas vivem. Mas mesmo sua existência ali por dias me levou a pensar no quanto a existência e o espaço de existir são maiores do que aquilo que vi ou que, momentaneamente, experimentei.

A vivência foi de escuridão. A ausência de luz também é a ausência de cores, tudo ganha contornos cinzas. Considero como uma intensa vivência de interculturalidade, na qual provocou reflexões sobre minha cultura, processos de confronto de realidades nunca antes questionadas e que foram possíveis nesse espaço-tempo de entrar na tocaia. Percebi o sentido de atravessar o vazio intercultural que Kusch (2000) nos estudos de geocultura provoca e que possibilita outro pensamento. A interculturalidade é uma interconexão de vivências, que produzem outros sentidos para quem sou e, por isso, a cultura do outro passa a ser assimilada por mim de uma maneira singular e tão pertencente.

As paredes que protegem também aprisionam, não será essa a maior metáfora da segurança moderna? Liberdade vista através de grades. As meninas estão protegidas ou aprisionadas? Essa vivência maturada dia-a-dia introduz à meditação, à reflexão. Até que ponto o cuidado excessivo com elas, pode ser de fato algo para seu benefício? Naquele momento pensei nos indígenas isolados, nos indígenas aldeados, no tempo necessário para os rituais de passagem. Um espaço para protegê-las ou um espaço/tempo para educá-las? Só é possível existir na tocaia ou além dela? Só é possível ter esse aprendizado na aldeia?

A tocaia também é um ambiente sem risos, sem brincadeiras. E porque elas haveriam de ter razão ali? É lugar para pensar. E pensei, eu pensei em quantas vezes a nossa sociedade, dos brancos, dos não indígenas, não para. Rimos em momentos sérios. Somos aconselhados para assistir comédias em momentos tensos. Contamos piadas nos momentos que antecedem nossas grandes comemorações. Qual a reflexão que é feita antes dos aniversários de 15 anos? Nossas meninas são levadas a pensarem em suas vidas ou apenas a se distraírem um pouco mais? De dentro da tocaia me peguei pensando em todas as distrações que me afastaram de pensar sobre minha própria identidade. Para nós, não indígenas, não saber quem somos virou a regra. E isso me fez pensar mais, ainda mais, e se tantos doentes e perdidos procurando um sentido para suas vidas teria essa relação?

Quando as meninas enfim podem sair da tocaia elas saem aos chamados de seus parentes. É significativo que elas entendam que seu segundo retorno ao mundo também se dê por suas famílias. Somente integradas às suas famílias e unidas a elas podem sair da escuridão das tocaias. É como um aviso: quando na escuridão, quando perdidas, quando isoladas voltem ao chamado que conhecem, que estava ali quando nasceram, que as sustentaram até que estivessem adultas e que agora serão farol de retorno.

Não apenas as suas famílias as recebem, mas toda a aldeia faz festa por elas. A festa como um lugar de reciprocidade, no qual o pertencimento e a palavra ganham valor. Toda a aldeia se preparou para esse dia. Elas são importantes. Por elas, guerreiros passaram noites e privações nas florestas atrás de caças específicas porque para elas não servem qualquer coisa, mas somente alimentos especiais. Por elas, a aldeia inteira se priva de comida, acumulando para a festa que é mais importante que satisfações imediatas. Por elas, cantores aprendem cantos sagrados e ficam ensaiando à espera de dias como esse. Elas são importantes, elas são desejadas, elas são cuidadas e a existência delas é festejada. Quantos indígenas foram necessários para que cada menina pudesse estar ali?

Quando as meninas se enfeitam de penas, absorvem a beleza que estava no exterior. A natureza não apenas é bela, a união com ela é ainda mais bela. Não é apenas ser uma indígena, mas indígena-onça, indígena-arara, indígena-semente e assim assumem a terra, as plantas, os animais em sua própria pele. Essa absorção e unidade me fez lembrar as palavras do Cristo "olhai os lírios dos campos, nem Salomão no auge de sua riqueza possuiu roupas mais belas". E assim, os indígenas em um ritual considerado primitivo experienciam o que de mais radical o filho de Deus em seu mais belo sermão, o da montanha, recomenda: nada é mais belo que a criação. Então, não é apenas um enfeite, uma maquiagem. É uma união dos elementos. É voltar a ser como Maíra-íra e como Mucura-íra.

Mas se o pajé do mito dos encantados aprende as músicas e cantos de dentro da tocaia, as meninas são convidadas a outra experiência. Não observarão os cantos, os cantos acontecem por causa delas! A experiência dos encantados, a alegria de seu reino é somente aqui realizada, porque somente aqui existem as meninas moças que ainda nascem e ainda crescem e ainda menstruam e quando isso acontece os encantados de seu reino fazem festa e cantam porque a vida continua. Porque aquelas indígenas agora podem engravidar e povoar o reino dos encantados de novos dançantes de novos cantores e é a vida agora celebrada que garante que a festa dos encantados se perpetuará na eternidade enquanto houver novas indígenas.

Logo, a razão da festa do moqueado, não é apenas um acontecimento natural e sim, sobrenatural. É algo que acontece em dois reinos ao mesmo tempo. Porque em uma instância esses reinos não estão separados. Mas a novidade aqui é que estão unidos e por isso a festa dura a noite toda. De um dia a outro. Um ciclo completo de renascimento do sol. É a vida que supera todos os dias e todas as noites, luz e trevas com cantos

encantados e indígenas prontas para deixarem de serem meras protegidas e espectadoras, mas protagonistas. Agora elas saem da tocaia, da realidade limitada, mas trazendo o potencial de em seu ventre perpetuar a existência nesse mundo e no outro fazendo até os encantados virem a esse mundo catar mel e dançarem.

Com essas celebrações, cada indígena aprende pela experimentação. Pela vivência, pelo ritual. Não é algo para ser entendido, decorado. É algo transformador. Cada rito promove uma metamorfose. Não é necessário que cada indígena recomece o conhecimento e entendimento desse mundo do zero. Sua ancestralidade já o fez e continua a fazer. Quando um indígena faz um ritual, ele já age nesse mundo como um encantado no próximo. Mas, além disso, naquele momento, aldeia e mundo encantado se unem dançando juntos, cantando juntos. Ele e os ancestrais que o ensinaram, de maneira que, na próxima geração, a geração que dança agora estará junto aos encantados e esses ainda dançarão unidos enquanto o rito existir.

Enquanto sol vai subindo, a aldeia e os convidados começam a ir para o centro da aldeia onde a festa vai acontecer. As mães, tias e avós entram na tocaia para enfeitarem suas meninas, todas vestem vermelho nesse dia e uma espécie de véu confeccionado com penas é colocado na cabeça da moça, elas recebem um belo colar, que deve ser vistoso para toda a aldeia. Os cantos dos cantores já começam ser ouvidos; a família, os convidados, toda a aldeia, vêm para receber as moças. Às 16 h em ponto soltam-se foguetes, os cantores e cantoras em posse dos seus maracás, os padrinhos todos enfeitados cantando e dançando à espera das moças, a matriarca da aldeia dona Maria Santana está de posse do seu facão pulando e cortando os males nos ares abrindo o caminho para as moças passarem, e é diante desse espetáculo que as meninas moças saem da tocaia.

> E aquele facão que eu uso que vou gritando e cortando, ali eu estou cortando o mal, pro mal não entrar na minha vida e nem na vida dos participantes das festas, porque esse povo que veio aqui e vieram pra festa das minhas filhas da minha neta, aí eu bato assim com o facão (mostra com as mãos cortando os males) e os cachorros ficam latindo, tem um grande sentido. Aí naquela hora eu me torno mãe daquele povo. (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

É ao som dos maracás batendo, das cantorias e danças que a festa começa. Cada menina moça tem um padrinho devidamente adornado e pintado também, os homens usam a tinta de jenipapo e também de urucum que vai dançar com ela e conduzi-la durante a dança.

Nessa ocasião de festa, todos na aldeia se enfeitam, e quem possui cocar usa seu cocar, se pinta e usa seus mais belos adornos de penas e colares de sementes e miçangas, pulseiras, cintos de miçangas e sementes contornando a cintura.

A menina senta-se numa esteira de babaçu, confeccionada pelas mulheres e tem ali diante de todos seus braços, costas, seios desnudos sendo pintados com o suco do jenipapo e enfeitado com plumas de aves.

A cantoria e as danças começam, crianças, idosos, mães com os filhos pendurados na tipóia agarrados aos seios, homens e mulheres, toda a aldeia e convidados celebram ritmados, e por volta das 20 horas; as meninas moças são recolhidas para a tocaia para se alimentarem e descansarem, a festa perdura por toda a noite, cantores de várias aldeias entoam seus cantos madrugada adentro, homens, mulheres e crianças permanecem acordados cantando e dançando até que amanheça.

Por volta das quatro horas da manhã as meninas começam a ser enfeitadas por suas mães, tias e avós, os cantores e familiares começam a cantar mais alto e às cinco horas a aldeia inteira é acordada ao som dos foguetes anunciando a soltura das meninas. Elas saem da tocaia ainda na escuridão acompanhadas de suas mães e vão para a cantoria e danças acompanhadas dos seus padrinhos, ao som dos maracás, elas surgem como pássaros, todas de branco, com penugens brancas coladas por toda a parte superior do corpo.

A carne da tona é passada no corpo da menina como nos diz Maria Santana:

> O significado de passar a tona é porque só é usado mesmo nas festas porque até mesmo nas festas de menina moça, até antes da festa dela ela está sob o domínio dela ser uma menina que ainda não pode ter vaidade, não é ter direito de namorar. A tona é para dar a liberdade dela namorar é a carne da tona que a gente passa, para tirar todo o mal, ela tem que ser cozida separada, aí a gente passa nos braços, nas pernas aí a gente dá pra ela por na boca que é pra descer no corpo todo. (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana,2020).

Dona Maria Santana me conta um pouco contrariada que algumas meninas não querem se casar:

> Na festa se ela tiver algum paquera ou não, mas agora tá tudo mudado, a sociedade não indígena invadiu nosso território da cultura, o direito da gente escolher, porque acha que namorar muito tempo é bom e sem casar é bom... aí fica aquela mulher sem casar, namorando, brincando, mas antigamente quando a menina ficava moça, ela já tinha o seu como é que chama, já tinha o príncipe dela, já era escolhido pelos pais, mas hoje mudou tudo (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

Quando o sol nasce é o momento do banquete ser servido, as meninas preparam bolinhos com a carne moqueada que foi cozida e farinha e servem aos convidados. O moqueado tem muitas simbologias, ele significa a fartura e a partilha. Sobre o cocar, ela me explicou assim:

> O da mulher é aquele amarradinho e o do homem é aquele em pé, que ali é o rei que usa aquela coroa. E a mulher vê que usa aquelas coroas também das mulheres você vê que usa e é diferente também. Tanto o homem, como a mulher sempre usaram cocar. Usa as penas de arara, de papagaio, de perdiz.
> Usar o cocar é uma proteção, é que nem uma, se você chegar na aldeia e alguém colocar o cocar em você , um cocar na sua mão ou um maracá, eles estão te empoderando, já estão te empossando como uma pessoa da comunidade, você já vai ter o direito de participar de tudo, porque você já tomou posse da tradição. Eu sou invocada demais, minha filha, mas a pessoa tem que saber! Por exemplo, se eu disser assim, Hosannah: aqui é um presente pra você, estou mostrando pro povo que você faz parte, tem um grande significado. Se alguém colocar um cocar na sua cabeça ali tem um grande significado (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Santana, 2020).

E assim, servindo o moqueado e convidando todos para cantar e dançar que a festa do moqueado se encerra, o moqueado é distribuído para todos.

4.5 Compreendendo os sentidos

Percebi que as fronteiras territoriais que as mulheres Guajajara vivem passam pelas dimensões cosmológicas, ou seja, o fato delas terem tanta força a ponto de ocupar espaços não indígenas, falam das relações que são cultivadas nos espaços ritualísticos que fortalecem os mitos, dando raiz às suas lutas.

O aprofundamento com as Guajajara provocou inquietações interculturais sobre nosso modo de existência, conforme venho destacando ao longo do texto e que considero oportuno refletir como produção de um novo pensamento que emerge em minha vida, não somente como reflexão teórica, mas como condição existencial.

Como pode haver diálogo diante de duas perspectivas tão dissonantes? Note-se que nosso mundo, nossa realidade é desigual, injusta, corrupta e cheia de deficiências. Entretanto, consideramos que essa seria a única realidade possível. E que pertencer a ela seria uma evolução. O paradoxo que prega a diversidade, o multiculturalismo desde que todos participem do mesmo jogo.

> As epistemologias do Sul valorizam a experiência estética intersensorial na medida em que esta possui afinidades eletivas com os processos não-extrativistas de interação cognitiva que subjazem ao fazer-com, as ecologias de saberes e à tradução intercultural. As dificuldades da definição de reciprocidades e equivalências resultam da economia política capitalista, colonialista e patriarcal dos sentidos e da sua inscrição específica nos corpos. (SANTOS, 2019, p. 241).

Todos submissos à mesma autoridade estatal que deve se sobrepor a todas as diversidades e tutelar todas as coisas. Ora, porque deveríamos acreditar que a nossa realidade é melhor que a perspectiva indígena? Por que deveríamos supor que nosso

estado que não consegue cuidar de todos os miseráveis a ele submetidos cuidaria melhor dos indígenas que a ele aderirem?

De uma maneira simples, a proposta dos não indígenas para os indígenas, em última instância, é a de que eles podem ser quem eles quiserem ser, desde que sejam como nós somos. Tenham a mesma crença. Adiram às nossas leis, ao nosso registro geral RG e jurem lealdade à bandeira. Que sejam cidadãos. Essa crença que corrompe todas as escatologias, inclusive a cristã, ao supor que o ideal máximo iluminista para o homem seja a de que seja sujeito de direitos. Cidadão. E que tenha um estado que lhe garanta esses direitos.

Como esclarece Viveiros de Castro (2017) no artigo "Os involuntários da pátria": o indígena olha para o chão e o não indígena olha para cima, para o céu. Logo, tendemos a achar que o indígena é submisso, entretanto, na realidade, quando o indígena olha para o chão, para a terra, ele enxerga a sua relação com ela e de onde tira seu sustento. Já o não indígena, o cidadão olha para cima, para um Estado iluminista onisciente e que se pretende transcendente. Recebendo, seus direitos do alto. Também esclarece que "os indígenas pertencem a terra e não são proprietários da terra."

Mas esse pertencimento não significa posse, tanto quanto significa laço. O rio é parente, a onça pode ser irmã, a árvore já foi um indígena antes que se transformasse. Compreendo que, para a concepção indígena, essa compreensão não se trata de mitos, metáforas ou fábulas. Essa cosmologia impregna a sua relação com os seres e suas considerações sobre o humano e não-humano, no modo de agir e de não agir, inclusive como condição de re-existência.

Qual a proposta que, de fato, temos para ofertar aos povos indígenas? A de que eles são bem-vindos para serem novos pobres? Novos integrantes de programas sociais? Em uma conferência em Lisboa, Ailton Krenak (2020, p. 9) faz uma interessante reflexão sobre a relação do indígena com a terra em contraponto com os não indígenas. Se é verdade que atualmente atravessamos continentes com a facilidade e de maneira quase sem percebermos as distâncias, esse movimentar-se por várias terras é acompanhado de uma perda de sentido. Os não-indígenas podem percorrer centenas de países por mera curiosidade, por pura vaidade e não estar e nem se sentir ligados a nenhum deles. Já entre os Krenak, o rio doce é denominado de "avô". Não metaforicamente, como poderíamos entender. Mas para eles o rio é uma entidade pertencente à família e quando esse rio foi contaminado por dejetos tóxicos devido ao rompimento de uma barragem, a sensação daquele povo foi a de ver um parente agonizando e morrendo. De maneira semelhante

devemos entender a relação dos Guajajara com suas terras. Em períodos recentes, as reservas maranhenses foram atingidas por incêndios que devastaram a maior parte de seus territórios, sobretudo o Araribóia atingido em 80%. Não podemos entender a dor que aquele povo sentiu apenas pela devastação material. Não foram animais e árvores que queimaram, mas parentes, entidades, seres materiais e espirituais que guardam estreita ligação com os vivos, na ausência destes tem sua existência rareada.

No caso dos Guajajara, os incêndios produzem um efeito mais dramático. Nas festas que foram aprendidas diretamente dos encantados, foi ensinado que a festa só acontece com a presença de determinados animais. A morte da floresta também é a morte das festas. A morte das tradições. E na medida em que a terra é apenas vista como mero recurso passa a ser coisificada e, portanto pode ser abusada. Logo, o abuso das florestas, dos rios, dos seres é um abuso a parentes. Ao sagrado. Aos encantados que ali vivem. Enquanto entre os não-indígenas podemos encontrar lugares sagrados como cemitérios, igrejas e templos dentre outros, para os Guajajara a natureza toda é sagrada. Mas não no sentido que comumente atribuímos. O sagrado para o cristão é o separado. Para o indígena é o que a ele está umbilicalmente unido. Não por ser espiritual, mas por ser. A natureza é sagrada porque é parente. Os rios são parentes e estão presentes materialmente e espiritualmente enquanto lugar de habitação e manifestação dos encantados.

Ailton Krenak (2020) exemplifica essa relação com uma história sobre a tragédia que acometeu o rio doce. Uma anciã de sua aldeia esteve presente na hora do desastre. Algumas horas antes que a lama e os dejetos cobrissem o rio, essa senhora ficou horrorizada ao ver o rio correndo ao contrário. Essa terrível visão fez com que ficasse em estado de choque por alguns dias. O "avô", seu e de seus ancestrais, estava agonizando em sua frente. Ele que tanto cuidara e suprira sua aldeia e seu povo agora gritava e se insubordinava a seu curso natural. Em sua visão, era o rio se contorcendo de dor. Sua filha, acompanhando o sofrimento, buscou no cultivo dos sonhos uma resposta; e em seu sofrimento sonhou com o rio. E o rio, seu avô, conversou com ela, e pediu que ela mergulhasse em suas águas. Quando ela mergulhou sentiu que o rio estava puro e sadio como se não tivesse sofrido nenhuma tragédia. Então, seu avô disse para que ela não se preocupasse, porque ele apenas estava correndo no subterrâneo enquanto se curava, mas que ele estava vivo. Quando a filha contou sobre seu sonho à mãe, ela saiu do choque e foi às lágrimas. O avô, de alguma maneira, sobrevivera.

Todas essas vivências interculturais têm transformado minha existência e meu pensamento. Não é algo simples ou que finalize no tempo do doutorado. Portanto,

escrever sobre toda essa experiência leva-me a pensar os caminhos de pesquisar com as indígenas e com as raízes de seus pensamentos, caminho denominado de iniciação.

5 METODOLOGIA - CAMINHO DE VOLTA

Se eu falo sobre conhecimento indígena eu não posso me colocar como porta voz indígena; o que eu estou fazendo é apresentar o meu ponto de vista, como pessoa que foi acolhida e iniciada nas tradições indígenas. Assim como a Sônia consegue ser uma cidadã de dois mundos e continuar sendo autenticamente indígena, bem como outras diversas lideranças femininas com o meu contato e mais do que isso nesse mergulho, nessa adoção, por parte da Maria Santana, cacica da aldeia, que não apenas como cacica me deu um dom, mas como mãe de todos aqueles que de alguma maneira aderem à sua aldeia.

O meu caminho de pesquisa e da Sônia se encontram em uma interconexão alimentada pelo conhecimento, tutela e sabedoria de outras duas mestras.

A partir do contato com a tese e seus desdobramentos os meus horizontes foram ampliados pela sabedoria da Ana Luísa, abrindo o horizonte pelo meio acadêmico. Mas, a fonte que bebi não foram apenas a das teorias e metodologias. Quando a Cacica Maria Santana me deu os dons para terminar esta tese, assim como a Ana Luísa, ela se tornou minha mestra, mas em uma outra dimensão, ampliando outros horizontes de saberes. De um lado, a ciência com todo o seu valor e méritos, do outro lado, uma sabedoria ancestral que transcende o entendimento, com todo o seu valor e mérito. Maria Santana me conduziu a um local de saberes em que eu poderia entender a realidade pelo ponto de vista Tenetehara, não porque os estudei, mas porque em determinado momento vivi como Tenetehara e, em breve, receberei na aldeia, meu nome Tenetehara. Ana Luísa me provocou, me instigou, para que de outro lado eu deixasse esse conhecimento mais metodologicamente aceitável e palatável para a comunidade acadêmica. Nessa tensão, o que seria conflitante, resultou no diálogo que se tornou possível por essa ponte construída por mulheres, doutoras em seus mundos, com discípulas tentando entender e mudar o mundo em comum. Só foi possível um diálogo mais denso com a Sônia com a sabedoria e distribuição de dons de Maria Sant(ana). Só foi possível tornar esse diálogo viável academicamente pela orientação de outra Ana.

A ponte, feminina em essência, protagonistas, empoderadas, motrizes, sonhadoras e realistas como só o feminino consegue ser, influenciou diretamente nesse diálogo que abriu duas portas e mostrou uma autoetnocentridade possível e realista. O que antes eram dois mundos separados, um tentando entender ao outro como estranho, pela história de

duas mulheres que se encontraram e pela sabedoria de muitas outras, agora passa a pavimentar um caminho pelo qual o diálogo se tornou possível. E só se torna possível pelo evidente caráter colaborativo nessa construção. Apenas com indígenas expondo seus pontos de vista pela sua própria voz, conseguimos avançar muito mais do que quando eram ouvidos por brancos que falavam em seu nome. Sem esses intermediários que apresentaram ricas contribuições e que, pelo trabalho que fizeram, permitiram que o estudo avançasse até o ponto em que essa intermediação tornou-se desnecessária e, em alguns casos, um obstáculo.

Desde tempos imemoriais o caminho de aprendizagem numa sociedade indígena tem nos seus conhecimentos mais elevados o cultivo e a interpretação dos seus sonhos, mas do que meramente replicar metodologias da academia que se limitam a observar os povos indígenas a partir de uma perspectiva não indígena. Procurei, além da metodologia trazida da universidade, trazer a contribuição indígena. Portanto, trazer a mesma metodologia do cultivo dos sonhos na busca por aprendizados mais profundos e assim apresentar elementos da sabedoria indígena.

Dessa forma, esta tese pode servir tanto para os indígenas que sentirão que o seu modo de viver saberes e de elementos que sua cultura tradicional foram representados e apresentados no seu modo de pensar quanto aos acadêmicos com seus processos científicos sistematizados.

Meus percursos de pesquisa foram se dando numa perspectiva do Corazonar, do deixar-se embrenhar na tocaia, nos enfrentamentos das Marchas junto às mulheres nos Acampamentos Terra Livre em Brasília, nas reuniões que avançavam as madrugadas, fazendo agendas e discutindo as práticas de Sonia Guajajara com seus grupos, na Aldeia Lagoa Quieta, no território Araribóia..., nos diálogos e entrevistas com Maria Santana, Cíntia., a família da Sônia nos rituais do moqueado.....na universidade e nos encontros com os guarani, krikatis, gavião nas aldeias, no PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade, grupo de pesquisa gestado em parceria com a UFRGS e UNISC. .

Destaco o olhar para pensar a emergência do pensamento a partir do sonho. Minha inspiração é da compreensão indígena de que o sonho é uma forma de conexão com um pensamento mais espiritual e com Jung (2014), que valoriza o sonho como conteúdo mais profundo de conhecimento do que qualquer livro que possamos ler.

> Os sonhos preparam a vida e eles te determinam sem que entenda sua linguagem. Nós gostaríamos de aprender esta linguagem, mas quem é capaz de ensiná-la e aprendê-la? Pois só a erudição não basta; existe um saber do coração, que dá esclarecimentos mais profundos. O saber do coração não é possível encontrá-lo em nenhum livro e em nenhuma boca de professor, mas

> ele nasce de ti como o grão verde, da terra preta. A erudição pertence ao espírito dessa época, mas este espírito não abrange de forma nenhuma o sonho, pois a alma está em toda parte onde o saber ensinado não está (JUNG, 2014, p. 233).

Foram tantos os momentos de vivências, que precisarei de mais tempo para compreender tudo o que foi vivido, mas destaco as reflexões feitas sobre modos de pesquisa que me inspirei como a fenomenologia de Rodolfo Kusch e a permissão que ele nos dá para pensar uma pesquisa de campo existencial. A etnografia colaborativa que me permitiu pensar uma escrita e uma prática que acontece num entre, numa tradução colaborativa, que se dá na prática entre mundos indígenas e não indígenas e a perspectiva sistematizada por Santos (2019) das epistemologias do sul. Desse ponto de vista que afirma um tipo de pesquisa coletiva que se dá em reuniões, num posicionamento político, numa colaboração de pensamentos e de ações que são pouco reconhecidos pelas universidades como pesquisa, mas que produzem diferenças substanciais para os nossos parceiros de investigação. Destaco, também, a importância que dei para a história de Sônia Guajajara numa perspectiva da autetnografia que fala de uma vida singular que está entranhada numa coletividade indígena, em cosmologias míticas, ritualísticas Guajajara. Portanto, não trabalhei com um estudo de caso, nem como uma biografia, mas com uma ideia de uma vida que se singulariza pelo dom ofertado dos ancestrais e que precisa ser acolhido por quem recebe.

6 É PRECISO SEGUIR EM FRENTE

Grito semelhante podemos observar em sessão do Congresso Nacional, no dia 11 de abril de 2019, em audiência pública sobre saúde indígena na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado Federal. Sônia Guajajara diante de uma fala agressiva e preconceituosa da senadora Soraia Thronicke (PSL-MS). Ao responder, Sônia Guajajara expõe diretamente o que está em questão:

> A sua fala, senadora, retrata muito bem o pensamento que tem esse setor ruralista que compõe a Câmara e o Senado, que a qualquer custo quer flexibilizar a legislação ambiental pra explorar os territórios." Acrescentou ainda, a questão Constitucional: "São da União, sim, mas é usufruto dos povos indígenas", E seguiu: "Pra nós, o território é sagrado, precisamos dele para existir. Vocês olham para a terra indígena e chamam de improdutiva. Nós chamamos de vida. O mundo inteiro está preocupado com o aquecimento global, discutindo efeito das mudanças climáticas, pensando formas de reduzir o gás carbônico para garantir que a gente tenha equilíbrio do clima (DIÁRIO DE CAMPO, Sônia Guajajara, 2019).

Eis aqui o discurso na íntegra:

> Senadora: o que eu gostaria de trazer..., o que eu gostaria é, e eu quero que vocês, é, vamo lá, o que eu achei bacana, neste governo, é respeitar as minorias e nós temos um Ministério da Mulher, coisas que não tínhamos. Outra questão é os povos indígenas, que têm hoje em torno de 13% do, do, do território nacional. A área nossa agricultável, e que é utilizada, é de 7% segundo o MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Tem dinheiro destinado, tem política pública destinada, e por que eles continuam miseráveis com 13% do território nacional, por que que eles continuam miseráveis quando nós utilizamos 7 %? Essa terra não é de vocês, a terra é da União. Quem usa o índio, né? Quem usa o índio? Porque o índio era pra tá muito bem. Mas quem que fez isso com os índios? Os próprios índios? Então a gente quer saber quem tá fazendo, quem fez isso com os índios, cadê, né, porque essa política dessa forma? Então, enfim.
> Sônia Guajajara: Infelizmente não dá pra gente escutar aqui, sabe, também dos parlamentares desta casa de chegar aqui e pregar a sua visão racista, alienada, preconceituosa contra nós e a gente ficar calado. Porque a sua fala, Senadora, a sua fala, aqui, retrata muito bem o pensamento mesmo que tem esse setor ruralista que compõe a Câmara e o Senado, que quer a qualquer custo, qualquer custo flexibilizar a legislação ambiental pra poder explorar os territórios. A visão que você tem de terra é muito diferente da visão que a gente tem. Não dá pra você olhar pra nós, povos indígenas, e pensar que a gente tem o mesmo entendimento de território como o seu, que é de exploração, destruição, pensando em lucro, pensando em dinheiro, não é esse o entendimento nosso. Pra nós, o território é sagrado. Nós precisamos dele pra existir. E vocês olham pra terra indígena e chamam de terra improdutiva, nós chamamos isso de vida. O mundo inteiro está preocupado com o aquecimento global, o mundo inteiro tá discutindo o efeito das mudanças climáticas, o mundo inteiro tá pensando formas de reduzir a emissão de gás carbônico para poder garantir que a gente tenha um equilíbrio do clima e aqui no Brasil, é bem mesmo a cara desse governo truculento de querer o tempo todo aqui agora autorizar a entrega desses territórios pra exploração porque não pensa, não pensa na vida. Só pensa em dinheiro, só pensa em lucro. É uma ganância pra

> atender o capitalismo. Nós não, nós defendemos a vida. Nós defendemos nossa identidade, e nós vamos derramar até a última sangue, até a última gota de sangue pra defender nossos territórios pra garantir a existência de nossos povos. Nós não vamos entregar isso fácil pra essa ganância do agronegócio. Você não pode dizer que nós já temos 13% tá bom, não tá. Nós temos gente no nordeste, que tá lá na beira da estrada em retomadas porque as suas terras foram entregues para fazendeiros no período da ditadura. Foi entregue pelo Estado. Os territórios indígenas hoje regularizados, não são nossos, mesmo não, não são nossos, é da União sim, mas é usufruto exclusivo dos povos indígenas, e nós temos essa responsabilidade de zelar, não por que é obrigatório, mas porque é a nossa relação que naturalmente é essa. É sustentabilidade, é uso sustentável, porque é respeito com a mãe natureza, a gente respeita e a terra tá gritando a terra tá pedindo socorro e vocês não estão escutando, vocês não estão vendo os sinais das chuvas, das secas, dos vulcões, dos furacões, vocês não estão vendo. Se continuar com essa ganância de explorar, de entregar pro agronegócio o próprio planeta não aguenta mais por 50 anos e isso tá provado. E aí vem o governo aqui com o ministro das relações exteriores dizer que é uma questão de marxismo, que território indígena é ideologia, vamos parar com isso gente, vamos parar, se vocês não querem enxergar, não querem respeitar, assumam que não respeitam, não fiquem fazendo de conta que gosta de índio, que é amiguinho de índio, como a Damares diz o índio é meu irmão, Bolsonaro diz, eu sou irmão do índio, que irmão é esse? Que quer ver o fim, que quer matar, que quer tirar o seu direito de existir. Não pode, vocês tem que pensar, acabar com essa alienação de vocês, de olhar a terra apenas como um preço, como um valor mensurável por dinheiro e olhar que a terra hoje, o meio ambiente, é o que garante a vida, de todo mundo, pensa, nas chuvas, nas águas que tá lá. Que nós estamos preservando com a nossa própria vida, nessa disputa que a gente trava com vocês lá no campo, porque vocês ficam o tempo todo querendo manter ali seus negócios, suas monoculturas, seu agronegócio em detrimento da vida dos povos indígenas, nós vamos lutar, sim. Vai morrer muitos, vai. São 5 séculos, eram muito mais de 5 milhões lá em 1500 hoje somos um milhão, já morreu muitos, vai morrer muito mais, mas a gente não vai recuar, nós não vamos desistir, vamos enfrentar com nossas, com todas as nossas forças. Você fala que nós somos miseráveis, estamos nessa situação, por que? Por quê estamos nessa situação? Estamos nessa situação porque a escolha é nossa. A gente quer ter o território pra gente continuar com nossos modos de vida, eu comecei a minha fala aqui dizendo que o Brasil não pode adotar um padrão, um padrão único de vida pra todo mundo, tem que respeitar a diversidade, tem que respeitar os modos de vida, tem que respeitar os diferentes povos que tem nesse país, a gente tá lá sim, na aldeia, nos nossos territórios, por insistência nossa, por resistência nossa, porque se dependesse de vocês nós tava tudo expulso, nem existia mais, não tinha mais lugar pra gente poder ter nossas aldeias e praticar nossos rituais sagrados que isso sim faz parte da nossa vida, porque você tá na cidade tem teu apartamento, tem tua mansão, não quer dizer que a gente quer isso também, não. A gente quer o respeito aos nossos direitos territoriais, que não são somente direitos constitucionais não, não é somente direito constitucional, lá tá escrito, mas é um direito originário dos povos indígenas e a gente exige respeito também nessa plenária por esse entendimento aos nossos modos de vida, a nossa vida aos nossos povos originários, nós não vamos perder nossas vidas pro agronegócio.

Na fala da Senadora Soraya, o desconhecimento sobre a cosmovisão indígena e a tentativa de planificação de todas as culturas sob um ajuste forçado em que haveria de existir apenas uma solução e que todos os indígenas a ela se submetessem, demonstra como os não indígenas ainda carecem de um maior entendimento sobre esses povos. O

reducionismo e a estereotipação de centenas de povos sob a mesma denominação prolongam esses preconceitos explicitados em plena sessão de direitos humanos!

Lembro que, em evento na UFMA de Imperatriz, no lançamento de sua campanha presidencial em maio de 2018, uma liderança ao ser interpelada sobre como seria ser "índia nos dias de hoje", respondeu: "Não sou índio, sou Guajajara".

A visão de mundo da Sônia, partindo da relação do indígena com a terra e da razão de ela ser sagrada, vem de uma relação com a sua cosmologia, na qual o indígena faz parte da natureza e com ela se mantém em respeito em sua união. A terra indígena é sagrada, os indígenas que ali estão enterrados se tornam um com a terra, logo a terra em si é sua própria ancestralidade. Os seus parentes, ao se tornarem um com a terra, fazem com que a própria terra seja sua parente. Faz sentido, então, que o simbolismo da Mãe Terra como contraponto à compreensão ocidental da natureza com fim utilitário, de transformação em bens e riquezas a serem consumidos. Que coloca o homem em separado. O homem não foi criado como parte da natureza, mas é responsável por cuidar e guardar o jardim. Esse jardim torna-se, então, modelo de que o homem deve trabalhar para se tornar semelhante ao seu Criador e, ao cultivar e guardar o jardim, ele também assim o transforma porque molda, melhora e aperfeiçoa. Seguindo a mesma linha, a relação do cristão com a morte espelha essa visão diferenciada da realidade. Quando um cristão morre, ele é colocado em um lugar sagrado que significa, literalmente, santo ou separado. Essa separação é característica de tudo que é sagrado. Os cristãos, apesar de voltarem a ser pó, não se unem com a natureza, mas aguardam o dia de sua ressurreição, onde tanto o corpo quanto a alma encontrarão uma realidade espiritual e eterna, não por acaso, o que chamamos de cemitério traduz-se por dormitório, lugar onde os corpos descansam à espera do juízo final.

As diferentes visões sobre a realidade aprofundam-se também em relação à economia, à cultura e à interdependência. A visão romântica de que a relação do indígena com a natureza seja sustentável é apenas infantil. A relação do indígena é antes uma relação sustentada, visto que nenhuma aldeia consegue sobreviver apenas com o que produz, o que não necessariamente seja errado. A prática da caça, da pesca e da agricultura rudimentar são formas de exploração da terra apenas, não são, na maioria das vezes, uma exploração predatória que é a realmente maligna aos territórios indígenas. A interação com a natureza possui um caráter mais cultural que econômico, pois a cultura indígena, essa sim, é dependente da natureza e a utiliza para explicar a sua existência e o seu sentido de vida. Tanto é assim que, quanto mais os indígenas se relacionam com

outras religiões e, dessa forma, adotam uma nova cultura, se tornam indígenas de cultura híbrida, não encontrando nenhuma dificuldade em seu relacionamento com os não indígenas. Isso não quer dizer que, mesmo esses indígenas, de cultura híbrida tenham uma visão de mundo exploratória ou que neguem a natureza ou até mesmo a sua cultura anterior para aderir a novas culturas.

A própria relação do indígena com sua terra deve ser relativizada, é fato histórico que após o encontro com os não indígenas, muitas aldeias mudaram sua localização geográfica, deixando claro que, apesar da terra ser sagrada, mais sagrada é a terra que habitam. É óbvio que essa foi uma adaptação ao encontro violento de duas histórias, uma europeia e outra nativa. Enquanto muitos indígenas preferiram a unificação com os colonizadores, outros buscaram o isolamento e a manutenção de suas raízes.

Deve-se ressaltar que é uma miopia ver as culturas indígenas como um bloco monolítico, uma vez que são vários povos, várias línguas, várias culturas e, cada uma delas, com um valor intrínseco. Uma única solução pensada para todos os povos indígenas é uma ação violenta e cruel contra esses povos. Da mesma forma, qualquer pretensão de unificação do discurso desses mesmos indígenas incorre no mesmo erro, visto que a heterodoxia deve prevalecer. Apesar disso é óbvio que existam causas comuns: a luta pela terra, a luta pela defesa de seu território, a luta pela sobrevivência, a luta pela conservação da própria cultura, são temas comuns e, como pauta comum, devem encontrar uma luta que pode unir todos os povos. O engano é acreditar que essa pauta comum fornecerá respostas comuns ou simplistas quando se trata, para citar um caso concreto, de aldeias urbanas, rurais e povos isoladas como se fossem todos o mesmo tipo de agrupamento. Nesse sentido, quando uma indígena vai ao Congresso Nacional expor o quanto é ofensiva a fala da senadora com seus preconceitos, mostra uma evolução no panorama da defesa dos indígenas no Brasil.

Sônia, ao falar diretamente ao Congresso Nacional, sem intermediários, se coloca de igual para igual na discussão e apresenta diretamente a visão indígena. Apesar do embate truculento, parecer ser um caminho melhor do que aquele traçado por indigenistas, sociólogos e a própria FUNAI. A ênfase do discurso de Sônia na luta, inclusive a exaltação do mártir indígena, expõe a concordância com a problemática.

Existe uma insatisfação geral sobre como está sendo conduzida a política indígena no Brasil. Nem indígenas, nem alguns não indígenas estão satisfeitos. O chamado à luta de Sônia só deixa claro quem é que está sofrendo mais e quem está mais incomodado com essa situação. Suas palavras não devem ser entendidas como rispidez, mas como

dor. Seu povo sofre, ela sofre como indígena, vendo que quem deveria votar por ela sabe tão pouco sabe sobre seu povo.

As expectativas do que devam ser o desenvolvimento da sociedade indígena não devem se pautar pela visão dos não indígenas, de desenvolvimento econômico. Não se pretende que, a partir de uma nova política, todos os povos passem a ser modelos produtivos integrados à economia de mercado. Antes disso, é preciso levar em conta as aspirações próprias de cada povo e trabalhar para que cada uma, a sua maneira, receba os incentivos corretos que fomentem sua economia e não a constante dependência que favorece os ganhos de intermediários como algumas ONGs que perderiam a razão de ser com a solução do problema. Logo, toda a insatisfação indígena deveria servir como incentivo ao diálogo em uma pauta que todos concordam que precisa de ajustes urgentes e a diferença de visões deveria ser vista como subsídio criativo onde as visões de mundo dessas culturas não são adversárias, adversários são os preconceitos e as visões fechadas sobre o tema.

Essa identidade que começa a ser exibida cada vez com mais orgulho por esses povos, depois de décadas de vergonha, evidencia como as novas gerações, assumindo a liderança das questões indígenas com os não indígenas têm dificuldades para ser cidadãos de dois mundos. Quando Sônia contrapõe o discurso da senadora, deixa claro que ela não conhece apenas a cosmovisão indígena, mas conhece também a Constituição Federal e o alcance dessa, fala sobre Direitos Humanos fundamentais, sobre a questão ambiental em caráter local e global, sobre a necessidade de considerar as diferentes cosmovisões para que se alcance uma solução para as questões indígenas e, mais que tudo isso, que os mais diversos povos sejam ouvidos. Não apenas indigenistas, acadêmicos, estudiosos, antropólogos, mas que os próprios indígenas, em suas peculiaridades e idiossincrasias regionais.

Sônia assim demonstra um preparo maior que os senadores que, naquela ocasião, discutiam sobre uma temática fundamental para os povos originários. Essa qualificação é fruto dessa salientada excursão sobre os dois mundos. Um que luta para sobreviver diante da ignorância e outro que pretende "salvar" os “selvagens”, mesmo desconhecendo-os. Pode-se alegar a boa vontade de alguns políticos na resolução das mais variadas questões de caráter humanitário, envolvendo os povos originários. Penso que estudar mais sobre as mulheres Guajajara pode ajudar a estabelecer uma ponte necessária entre esses mundos. Essas biografias, essas histórias, essa resistência em ser diante dos séculos e do avanço violento sobre essa cultura.

A luta dessas mulheres pode significar mais que apenas lutas desses povos. A condição de ser sustentável, a sabedoria de que "para educar uma criança é necessário uma aldeia inteira", o cultivo das tradições diante de um multiculturalismo que transforma as pessoas em mosaicos líquidos, carentes de sentido, escravos do dinheiro, das sensações, das novidades, pode inspirar os "outros" brasileiros a aprender sobre como (re)existir.

A visão apresentada por Pero Vaz de Caminha na sua carta ao rei: "…criaturas de cor parda, gente boa e de boa simplicidade…" vergonhosamente se perpetua apesar das tentativas inúteis de sermos levados a sério em escala global. Será que a visão que outras nações ainda têm do Brasil e de várias outras nações não são justamente a mesma relação que estabelecemos com nossos povos originários, de que são somos seres ignorantes e inferiores que devem ser guiados, tutelados, catequizados e dominados? A globalização tem massificado costumes, artes, culturas e estabelecido padrões universais. Como reexistir a tudo isso? Penso que o exemplo e o modelo de quem têm sobrevivido por séculos de dominação, opressão e genocídio apresentem um caminho.

Lembro aqui de um poeta de minha terra que percebeu isso séculos antes:

Canção do Tamoio (Gonçalves Dias)

I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida: Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes,
os bravos Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.

Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

V

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil comoção;
E tremam d'ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.

VII

E a mão nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados
Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

VIII

Porém se a fortuna,
Traindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do inimigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranqüilo nos gestos,
Impávido, audaz.

IX

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

Se esse é historicamente o canto dos tamoios, me parece que cabe agora aos "brasilianos" (re)aprenderem com os povos originários a ser.

No dia 16 de abril de 2013, aconteceu um evento histórico durante um Acampamento Terra Livre: os indígenas realizaram a ocupação do Congresso Nacional. Naquela ocasião a líder Sônia Guajajara falou na tribuna contra a PEC 215. Naquela ocasião como coordenadora executiva da APIB atuou na liderança da ocupação e nas reivindicações pela terra e pela necessidade dos avanços nas propostas.

Nas reflexões da atuação e protagonismo Guajajara a partir de seus mitos, a atuação de Sônia transparece como esse "ser Tenetehara" está embutido nas ações e estratégias desse povo marcado por sua astúcia e dinamismo. Nos mitos dos heróis culturais dos gêmeos, temos os elementos necessários para entendermos as ações supracitadas.

A prática das festas deve ser vista como principal sinal da (re)existência Guajajara. Se existe festa é porque ainda existe a vida. Não qualquer vida, mas como já vimos, a plena vida em união com os encantados. A vida como caminhada, como jornada e força de Maíra. Essa festa possui significados, portanto que diferentemente das festas não-indígenas, os objetos ritualísticos, as pinturas não podem ser confundidas com mera maquiagem e enfeites. Os alimentos não servem apenas para o paladar. Não é um festival de vaidades ou gula. Quando os cantos dos encantados são entoados, a presença dos donos da floresta, o reino dos encantados, os parentes, os animais, as plantas, a natureza em geral estão em comunhão e celebrando a vida e a festa eterna juntos. Logo, é a celebração de pertencimento a uma realidade que, por vezes, escapa ao não-indígena incapaz de perceber todo o sentido do que acontece. Para Oliveira (2016, p. 215), “o sentimento de pertencimento étnico a um lugar de origem específico, onde o indivíduo e seus comportamentos mágicos se unem e se identificam com a própria terra, passando a integrar um destino comum”.

O significado das festas, portanto extrapola o mero festejo, é antes de tudo uma celebração profundamente sobrenatural, no sentido espiritual, mas profundamente natural, no sentido de comunhão com os elementos enquanto entidades. É nesse encontro "do céu com a terra" reino dos encantados, reino dos homens e reino da natureza e nessa comunhão que os jovens Tenetehara tem seu rito de passagem com o qual seu status muda de jovens para adultos. Toda a realidade se une para comemorar esse evento. E é aqui que saberes ancestrais são repassados e vivenciados. Celebrados, relembrados, revividos, aprofundados. Aqui nesse momento singular a sociedade Guajajara ao viver

profundamente sua identidade coloca o jovem no centro do universo material e imaterial transferindo a ele a responsabilidade de perpetuar essa sabedoria, essa caminhada.

A manutenção das festas e dos ritos na modernidade também se eivam de (re)existência. Enquanto no mundo não-indígena, ocidental existe a defesa de uma sociedade líquida, multicultural, que de tanta mistura se perde e se atualiza em detrimento de sua perda de identidade e de sua relação com os outros, com o sobrenatural, com a natureza e principalmente consigo mesmo. Embora os mais jovens tendiam a desvalorizar essas festas abraçando a modernidade branca, nos últimos anos entre os Guajajaras se observa um movimento inverso de valorização dessa identidade e dessas festas. Também deve-se ressaltar que apesar da manutenção dessas festas com o tempo houve a necessidade de adaptações pontuais. Se antes para cada menina moça se realizava uma festa, atualmente por conta da escassez dos recursos naturais se optou, sabiamente, pela realização de um evento anual comunitário reunindo todas as meninas.

A relação intercultural Guajajara por partes de conversões a religiões pentecostais, por exemplo, também representa um fator de dificuldade a ser enfrentada, visto que para os mais radicais existiria uma similaridade entre os encantados e as manifestações demoníacas, bem como a correlação entre pajelanças e magia negra e o satanismo.

Considerando então esse aspecto ritualístico, seu significado e suas consequências para identidade Guajajara, a presença de Sônia no plenário do senado não é a expressão isolada de uma liderança carismática. É uma Tenetehara em posse de seu Cocar. Aquele mesmo cocar ancestral que longe de ser um item decorativo é um objeto sagrado de proteção e de presença. Um Tenetehara de Cocar é um Tenetehara que está agindo sob a proteção e com os poderes de Maíra. É o mesmo cocar de suas festas. De suas manifestações mais profundas. É o sinal da descendência Maíra-ira que deve ajudar os descendentes de Mukura-íra a encontrarem a sabedoria de preservarem a natureza como a própria vida, sejam esses descendentes brancos, indígenas ou do povo das onças.

Quando Sônia, no Senado Federal, na ONU, em Harvard, no Rock in Rio ou na festa do Oscar, aquela figura de 1.52 m de altura se agiganta. O rio "avô", a terra sagrada, as águas, os ancestrais se reúnem em prol dessa caminhada. E assim como no mito, os Guajajaras cuja figura mais conhecida é a Sônia, embora muitos outros possam ser citados, saem pelo mundo não mais apenas em busca do "lugar de paz" de Maíra. No meio dessa caminhada mais uma vez Maíra-Ira tem de ajudar seu irmão Mukura-Ira a sair das trapalhadas que se metera. Os não-indígenas são Mukura-Ira e a "trapalhada" é a insensata destruição planetária pela destruição do meio ambiente.

Parece paradoxal que um povo que é apresentado como necessitado de socorro, atacado, seja colocado como protagonista de uma mensagem de salvação global. Mas não é exatamente assim? A proteção ambiental das terras indígenas e sua relação com elas não são justamente a mensagem que a humanidade mais desesperadamente precisa absorver em tempos de agravamento das perturbações climáticas? Qual seria a relação mais sábia? A dos indígenas com seus rios ou dos brancos com eles? Quem mais se encontra perdido: uma menina em uma festa artificial de 15 anos com os mesmo cantos do carnaval ou de uma exposição agropecuária ou uma jovem Guajajara que deve silenciar por semanas e refletir sobre a sua vida, ser ensinada sobre saberes ancestrais até que culmine na festa do Moqueado cuja aldeia inteira se mobilizou?

Com isso não são minimizadas as dificuldades enfrentadas pelas populações originárias. Apenas se enfatiza o papel profetizado no mito dos gêmeos que esse povo deveria ocupar e cuja trajetória se mostra instigante. E também se reflete como através de suas festas, cultura e sabedoria repassada, a astúcia com que lida com a vida, acaba que na figura da Sônia leva a causa indígena a lugares e patamares a meios e espaços antes inacessíveis. Essa penetração, como dito acima, não pode ser atribuída a apenas uma liderança carismática. Muito embora também seja inegável que Sônia seja essa líder. Mas, como vimos, o sentido de liderança na cultura Guajajara assume características e sentidos que extrapolam a conquista de objetivos pessoais.

Qual o início de tudo? Para os Teneteharas é o ventre da mulher. Os Maíras poderiam ter escolhido pelo seu poder vir de qualquer ser, de um formigueiro ou de uma caixa de abelha, de uma flor ou raiz e até do ventre da mãe-terra, mas desde o seu "mito fundante", é no ventre materno, origem da aldeia e de sua renovação é a primeira morada de Maíra. Assim, a importância da aldeia a partir da mulher é valorizada e significada.

> A mulher, abandonada pelo marido, saiu pelo mundo sem destino. Maíra-ira na barriga da mãe pediu que queria acompanhar seu pai. Mas a mãe respondeu que não sabia para onde Maíra-pai tinha ido. Então a criança, de dentro da barriga, disse: “Mãe, eu sei para onde meu pai foi. (Mito de Maíra- Ira e Mucura -Ira)

Assim como em uma semente, em uma castanha, já há um projeto da castanheira que virá, Maíra estava a caminho de "encontrar" seu pai. É significativo que a mãe de Maíra não seja nominada no mito. É apenas nominada de mulher, não uma mulher, mas "A mulher". Se o nome carrega em si uma importância, como não entender aqui que toda mulher é especial por ser mulher? Cada homem pode ter uma missão específica nos mitos, mas é "A MULHER", a renovadora, a sustentadora. Na história de Maria Santana

isso fica evidente no papel que assume como fundadora de uma nova aldeia, mas fica ainda mais evidente quando ela por necessidade, para fazer com que a aldeia prosperasse, ocupa-se de funções tidas como tipicamente masculinas. Então se os homens passavam muito tempo, longe lutando, caçando ou em reuniões em outras cidades, era Maria Santana e as outras mulheres que lideravam a aldeia, nesse caso com a presença ou ausência dos homens, caçavam ou assumiam o que fosse necessário para a manutenção e desenvolvimento da aldeia. Se "A Mulher", está unida a sua prole, unidos encontrarão seu caminho.

> Conforme Maíra-ira ia indicando, a mulher seguia e, atrás dela, um pássaro grande os seguia. Maíra-ira (sempre no ventre) pedia a sua mãe que colhesse flores para ele.
> Até que, num desses momentos, a mulher foi picada por maribondo. Zangada, ela deu um tapa na barriga e ralhou com Maíra-ira. O menino calou-se.
> Assim, quando ela lhe pedia que mostrasse o caminho, ele nada respondia. A mãe perdeu-se e, por isso, chegou à casa de Mucura que, através de suas artimanhas, acabou copulando com ela. (Mito de Maíra-ira e Mucura-ira).

Assim, mais importante que uma moral sexual ou julgamento social pelas coabitações, o papel feminino tem um caráter maior e mais profundo. A mulher deve se considerar responsável pela continuidade da aldeia. Mesmo se os homens a abandonarem, a continuidade, os encantados, pássaros grande de proteção estarão com ela, fiéis em sua missão.

> Quando o dia amanheceu, a mulher retomou sua caminhada sem rumo certo. Assim ela chegou na casa de umas pessoas que comiam gente (eram as onças). Maíra-ira, percebendo o perigo, transformou sua mãe em casa de cupim. Porém as onças disseram: “Esse cupim aqui, vamos tirar um pedaço dele para aterrar o forno p’ra gente torrar farinha”. Então, Maíra-ira transformou a mãe em veado mateiro o qual saiu de dentro da casa de cupim. Os cães a perseguiam. Então as pessoas que comiam gente, comeram a mãe de Maíra-ira. Quando dividiam a carne, os filhotes saíram do ventre dela. Uma velhinha pediu que lhe entregassem os filhotes que iria criá-los. A velha tentou assá-los mas, ao invés, graças aos poderes de Maíra-ira, ela queimou as próprias mãos; tentou socá-los no pilão, mas machucou-se; quis cortá-los para assá-los no espeto, mas cortou a própria mão. A velha abandonou momentaneamente a idéia de comê-los e cobriu-os com uma esteira. Quando foi olhar, eles se haviam transformado em passarinhos. Voltou a cobri-los e eles transformaram-se em quati, depois em paquinhas e, finalmente em crianças. Assim, decidiu criá-los. (Mito de Maíra-ira e Mucura-ira).

Para um povo que sofre com contínuas agressões, seus guerreiros são mortos e seu povo perseguido, a mulher Guajajara deve ter em mente que ela é a protagonista na perpetuação de seu povo. Na aldeia Lagoa Quieta, isso fica evidente, seguindo-se o exemplo da Cacica Maria Santana: as mulheres assumiram seus papéis como mães. Mas, à medida que os homens foram sendo mortos ou se omitindo, seus espaços foram sendo ocupados.

Atualmente, esse protagonismo assume um papel de liderança entre as aldeias e as organizações indígenas, mas não se pode esquecer do papel cosmológico. Maria Santana descobre sua missão através de um sonho profético e de sua resposta a ele. Quanto mais fiel Maria Santana foi nessa missão mais poder adquiriu, ela é o tronco que distribui dons. Desses dons a aldeia viverá e reviverá após sua partida e prosperará na medida da fidelidade desses agraciados a seus dons. Sônia também é uma figura profética, uma pequena ave que levará a mensagem e a luta a lugares antes inimagináveis.

Quão impressionante deve ser que pessoas oprimidas, ignoradas, perseguidas e mortas em aldeias minúsculas, com pouca infra-estrutura de cidades periféricas e pobres do interior do Brasil, agora passem a ser consideradas como fundamentais em sua existência para a salvação da biodiversidade e assim de todo o planeta? O dom de Maria Santana que cuida de Lagoa Quieta é o mesmo sonho de sustentabilidade que pode salvar o planeta. É a mesma mensagem assumindo o papel universal de uma mãe que cuida daqueles que estão sob esse tronco e assim ensina como todos devem também ser cuidados.

É preciso uma aldeia inteira para educar um indígena. É preciso uma mulher para começar e manter essa aldeia. Uma mulher sábia fará essa aldeia prosperar. E a sabedoria dessa mulher possibilitará que sua descendência alcance feitos e patamares capazes de vencer as poderosas onças. Não à toa, depois de ditos como potencialmente extintos, nunca os povos indígenas estiveram tão fortes, foram tão ouvidos e levaram tão longe sua mensagem. Maíras viveram no ventre de Maria Santana. Em sua fidelidade fez com que quase 800 Maíras nascessem, "Maíra novamente está a caminho”, mas dessa vez, diferente do mito, ele vem com sua Mãe. Com a Mulher que se fez tronco, ele vem com suas irmãs: Sônias, Célias, Naras, Puyrs, Telmas, Cíntias, Joênias. Vem com seus irmãos. Vem com seu pássaro grande que os acompanha e que atravessa os oceanos e os faz serem ouvidos, vem com toda a astúcia Guajajara que ensina que onde estiver uma Mulher prenha fiel a sua aldeia, Maíra vive, e enquanto os Maíras viverem, o mundo ainda tem jeito.

> O movimento indígena hoje só cresce. Só cresce, cada vez mais nós estamos ganhando visibilidade, apoio, muito mais pessoas se interessando pra conhecer a realidade indígena. E por mais que seja um momento de desmonte de direitos, de políticas, um momentos de ataques do próprio estado brasileiro, do governo, um momento de invasão dos territórios, mas nós estamos enxergando também muitas oportunidades porque é um momento que muita gente se preocupa, olha pros povos indígenas com preocupação com esse ataque brutal, então a gente também tá conseguindo em meio a toda essa avalanche que tá vindo pra cima de nós, ganhar muita força pra fora, muita força de fora e nós temos conseguido nos articular bem tanto fortalecendo as nossas bases , nossos

> povos, como também essa articulação com outros movimentos que entendem que as lutas não podem ser lutas isoladas é um momento de muita conexão, como também outras pessoas que nunca entenderam ou nunca tiveram interesse na questão indígena e que hoje se volta pra gente. Então eu acho que é um momento que a gente aproveita pra se fortalecer bastante e o movimento indígena cresce muito nesse momento e a perspectiva é a gente avançar cada vez mais. Claro que não esperando que venha do governo, desse governo atual, respostas positivas em relação a direitos, a oportunidades mas é uma força que vem de nós mesmos. (DIÁRIO DE CAMPO,Sônia Guajajara,2020).

6.1 Protagonismo e Re-existências

Um exemplo prático das mudanças está manifestado no crescente uso dos termos protagonismo e re- existência. Sobre as resistências que a Sônia encontrou para exercer sua liderança, eis o que ela diz:

> Nas culturas indígenas, não é muito comum mesmo as mulheres assumirem esse protagonismo para fora. Assumem muito internamente. Aí elas têm um papel fundamental, sabe, de dizer, de dar comando. Mas muitos povos não permitem que elas estejam publicamente à frente das decisões. Uma ou outra mulher consegue se sobressair e dar um passo à frente. Para mim, no início, enfrentei não resistência, mas os caciques, as lideranças masculinas, sempre viam as mulheres num papel mais secundário, como as secretárias. Quando eu comecei era muito isso. Eles me levavam para fazer relatórios, para escrever. Ao longo do tempo fui ganhando a confiança e credibilidade junto às lideranças. E aí fui assumindo cada vez mais o papel de protagonista. Da associação do meu estado, fui para uma associação de toda a Amazônia brasileira, a COIAB, e lá fui convidada para ir para a coordenação, mas ainda como secretária. Era a boazinha ali para fazer as coisas para eles...Mas aí a gente se juntou, as mulheres, e elas me falaram que eu tinha toda condição de concorrer para coordenadora-geral e que primeiro, para não afrontar os meninos, eu devia sair como vice. E aí eu fui pra cima. Eles relutaram, resistiram, porque já tinha outros candidatos a vice, e eu disse então para fazermos uma votação em assembleia. Concorri com duas lideranças, dois homens, e foi uma votação esmagadora, Os votos dos dois somados não deu nem a metade dos meus. (DIÁRIO DE CAMPO, Sônia Guajajara, 2018).
>
> Daí já fui pro mundo. Em 2009 assumi a coordenação geral da Coiab e em 2013 fui eleita para a coordenação executiva da APIB. Hoje sinto que há uma confiança no meu trabalho. Sempre tive como missão trabalhar pelo coletivo. É algo que escutei de todas as lideranças, dos mais velhos, que nós, povos indígenas, temos que viver em coletividade. É um dos princípios fundamentais da nossa identidade. Não consigo ser sozinha em nenhum lugar, nem em casa. (GUAJAJARA, 2018, p. 88).

Claro, esclarecendo que o termo não só se associa a feminismo, mas também, a outros segmentos sociais. A re-existência feminina Guajajara pode servir de exemplo para a sociedade não indígena, como um processo de ação social, a partir do que vemos nas aldeias, nas formas de a mulher trabalhar, estudar e comportar-se. Elas tomam posse de suas próprias vidas e se articulam com outras pessoas que apoiam sua cultura. Essa interação gera pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social, como os casos da Sonia, Cintia e Maria Santana Guajajara.

Esse acionar é cada dia mais dinâmico e participativo, possibilitando a transformação das relações sociais de poder.

Voltando à re-existência como forma da mulher Guajajara ser protagonista de sua história e de seu povo, seria interessante refletir, junto com as ideias freireanas, como essas mulheres protagonistas, cientes de seu papel no desenvolvimento e respeito pelos povos indígenas, consideram a importância do poder da conscientização. A tomada de consciência não se dá de forma isolada, mas através das relações que os seres humanos estabelecem entre si, mediados pelo mundo.

Uma das mais importantes contribuições de Freire (1981) é a concepção que sustenta as ideias defendidas neste estudo, nesse pensamento se entende a educação como um processo relacional, em que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediados pelo mundo.

Durante o percurso desta tese, busquei outros estudos sobre as mulheres Guajajara e tomei conhecimento do grupo de mulheres as "guerreiras da floresta", através do estudo do Erisvan Guajajara, irmão da Sônia, e que vem corroborar as considerações sobre o protagonismo das mulheres Guajajara.

O Erisvan Guajajara é o idealizador da Mídia Índia e tem realizado algumas entrevistas e documentários com os povos indígenas, sobretudo com os Guajajara. De acordo com a Marcilene Guajajara, atual coordenadora da Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPIMA), "A mata, para nós, é como se fosse a nossa vida. Protegemos como a nossa mãe. Dependemos dela para manter nossas tradições culturais".

As Guerreiras da floresta formam um grupo de 32 mulheres Guajajara que há cinco anos atuam na defesa da terra e na preservação da cultura, no Território Indígena Caru, no Maranhão.

No Território Indígena Caru, com 173 hectares e homologado desde 1982, existe uma verdadeira batalha que há anos vem sendo enfrentada pelos Guardiões da floresta, um grupo de homens que realizam a defesa desse território, no T.I Caru, onde vivem os povos Guajajara e Awa-guajá.

Os Awá-Guajá são um povo de língua tupi-guarani presente em três terras indígenas, no Maranhão (Caru, Awá e Alto Turiaçu), com uma população considerada de recente contato de mais de 400 pessoas, além de outros grupos isolados. O trabalho dos guardiões e das guerreiras da floresta é fundamental para a proteção e existência dos Awa-guajá.

O grupo de guerreiras tem o objetivo de fortalecer a luta em defesa da mãe terra, impedindo a entrada de madeireiros, caçadores e “tiradores” de estaca, na defesa das terras e do rio Pindaré. Esse rio passa ainda pela aldeia Maçaranduba.

De acordo com Erisvan, no início as guerreiras tiveram grandes dificuldades de aceitação do grupo, nos processos de tomada de decisão dentro da aldeia. Com muito empenho, garra e coragem, elas conseguiram ocupar os espaços de discussão comunitária.

> No começo, foi difícil pra gente. Levávamos nossa comida em uma bolsa nas costas, fazíamos todo o percurso a pé, cavávamos um poço pra poder banhar e beber água, mas nunca desistimos. Defender as nossas florestas, nossos frutos, nossas caças, sempre foi nossa missão. A mata, pra nós, é sagrada, e tudo que precisamos encontramos nela (DIÁRIO DE CAMPO, Marcilene Guajajara, 2018).

Em 2017, o Maranhão sofreu com uma grande queimada, foram mais de 18 mil focos e as terras indígenas foram bastante atingidas. O trabalho das guerreiras foi fundamental, junto com os guardiões, para deter o fogo e proteger o território.

De acordo com Erisvan Guajajara, quando as guerreiras vão para uma missão e encontram madeireiros ou caçadores dentro da terra, elas explicam para eles a importância da natureza para a vida dos indígenas e pedem para eles não entrarem na mata. As guerreiras percorrem, ainda, as escolas e realizam seminários de integração nos povoados.

Paulinha Guajajara registra tudo que acontece com a câmera fotográfica e o drone e afirma a importância de ter todo o material guardado para mostrar pra aldeia.

Durante este estudo tomei conhecimento de que há quatro anos foi criado um grupo chamado “Conselho das Mulheres Guajajara”. Por serem excluídas das decisões da comunidade, elas criaram esse Conselho, a fim de se fortalecerem e fazerem parte dos assuntos debatidos dentro do Território.

Erisvan Bone colheu relatos e entrevistou algumas dessas mulheres. O autor afirma que, segundo Maria Alzenir Guajajara, no início, os líderes não aceitavam a opinião das mulheres e isso era muito constrangedor. Daí surgiu a ideia de ter um grupo formado somente por mulheres para atuar nas tomadas de decisões dentro da comunidade.

> Antes, nosso cacique não deixava a gente opinar em nada que fosse discutido dentro da comunidade. Foi então que decidimos nos unir e mostrar que a mulher também tem coragem para enfrentar os obstáculos da vida. Indicamos e apoiamos outro cacique que era favorável à nossa participação dentro de qualquer situação ocorrida na aldeia. Mostramos a nossa força e hoje somos referências para muitas mulheres, ressalta Maria (DIÁRIO DE CAMPO, Maria Alzenir Guajajara, 2018).

Cintia Guajajara, filha de Maria Santana, é a coordenadora das conselheiras. Para ela, a iniciativa mostrou que as mulheres precisam ter voz nas deliberações tomadas dentro do Território.

Ela afirma que:

> O objetivo do conselho é se envolver em todas as tomadas de decisões dentro da comunidade. Antes, nós, mulheres, não tínhamos vez. Foi então que nos unimos para quebrar esse tabu e mostrar que a mulher pode ocupar os espaços de poder, trazendo voz feminina para, juntos, fortalecer a luta territorial e manter viva nossas tradições (DIÁRIO DE CAMPO, Cintia Guajajara, 2018).

O Conselho das mulheres Guajajara é composto por 24 mulheres e se tornou exemplo para outras comunidades. Por meio desse conselho, as mulheres exercitaram sua autonomia e algumas iniciativas ganharam força. Dentre elas podemos citar o desenvolvimento da agricultura, plantio de tomates, cebolas, hortaliças e diversas verduras, o que têm contribuído para a renda de famílias da aldeia Januária. Hoje elas atendem cidades vizinhas, se dividindo em turnos entre as atividades de plantar, colher e entregar os alimentos.

As Conselheiras Guajajara atuam junto aos Guardiões da Floresta e as Guerreiras da Floresta; são responsáveis pela articulação de projetos que possam auxiliar na defesa do Território.

Ao trazer Paulo Freire ao contexto das re-existências coletivas, também quero problematizar os aspectos singulares das histórias de vidas, nessa re-existência dos Guajajara, a partir de algumas indagações: quais os aspectos pessoais que favorecem essa História? A contribuição de cada mulher pesquisada é um diferencial? São aspectos importantes a serem evidenciados num movimento coletivo?

Freire (2000) escreveu, indignado e incrédulo, na essência do capítulo três de seu livro “Pedagogia da Indignação” a violência praticada contra o indígena Galdino Jesus dos Santos, da etnia Pataxó. Com sua peculiar forma de expressão de quem sofre demasiadamente por saber que tamanha crueldade fora praticada, ele diz textualmente:

> Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de ônibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade. Um trapo imprestável. (FREIRE, 2000, p.31).

Nesse livro, Freire (2000) reflete que o indígena “continua minimizado” na escola, em que a lembrança de sua existência só acontece no dia 19 de abril. Esse dia do índio as professoras dão desenhos de indígenas que muitas vezes nem se parecem com os

brasileiros, em tempo e espaço, pintam seus rostos e, assim, vamos para casa e ficamos com nossas consciências tranquilas. O autor insiste que raras vezes os indígenas são chamados a contar um pouco da cultura deles; e conclui sua reflexão, expressando que, assim, continuamos vendo os índios como os atrasados, os exóticos. Corroborando com as Falas da Sônia trazidas nesta tese.

Freire (2000) teorizou sobre o respeito às diferenças, sobre a necessidade de respeito entre as culturas, de modo que não sejam superiores nem inferiores entre si na relação, construindo constantemente o diálogo que faz de nós mais humanos. Para Freire (1996) aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o qual a escuta não pode se dar. Assegurava que se discriminava a um indígena ou qualquer outro, não poderia escutá-los e se não os escutava, não poderia falar com eles. Sobretudo, dizia que se não os escutava, estava se proibindo de entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo.

Miguel Arroyo, em “Pedagogias em Movimento”, dá continuidade desde uma perspectiva cronológica ao interesse de focalizar o respeito e a inserção da educação e cultura indígena dentro do sistema educacional. Seu trabalho desde uma perspectiva social é uma continuação do trabalho de Paulo Freire. Arroyo (2015) destaca que as análises sobre a inexistência e a precariedade do sistema de educação indígena, entre outras, nos levam a priorizar que currículos foram possíveis e impossíveis nessa inexistência e precariedade. Critica, dizendo que a especificidade dos currículos nas escolas tem merecido pouca atenção. Pelo que destaca a importância da participação dos indígenas na construção dos currículos.

Kusch (2000) considera que as comunidades indígenas têm manifestações de comportamentos distintos às denominadas culturas ocidentais. Por exemplo, comportamentos indígenas podem ser homologados com classificações sintomáticas que a psiquiatria identifica para a esquizofrenia. Nas sociedades ocidentais, encerramento e medicação são utilizados como estratégias para frear ou travar essas condutas. No entanto, em determinadas comunidades indígenas latino-americanas que estudadas pelo autor aqueles que apresentam esse tipo de comportamento, podem alcançar um alto status dentro de seu povo, como por exemplo, os xamãs e as lideranças religiosas que possuem poderes transcendentais, como de curar, atravessando espaços espirituais e invisíveis.

Kusch (2000) fertilizou o terreno intelectual de antropólogos e enfrentou o medo de ser considerado primitivo; ancorado em um sentido histórico de inferioridade, por isso, o conceito de "geocultura" adquire um papel fundamental para ele.

Sônia Guajajara é uma das mais importantes lideranças indígenas mundiais da atualidade, reconhecida internacionalmente por sua luta pela demarcação das terras, pelos direitos indígenas e a preservação do meio-ambiente. Ela se formou em Letras, fez pós-graduação em Enfermagem e Educação Especial na Universidade Estadual do Maranhão. Foi diretora da COAPIMA (Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão). Foi reeleita coordenadora geral da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), unificando povos de mais de 305 etnias.

Ela tem voz no Conselho de Direitos Humanos da ONU e já levou denúncias às Conferências Mundiais do Clima (COP) e ao Parlamento Europeu. Pela primeira vez na história do país uma indígena compôs uma chapa presidenciável, foi candidata a vice-presidência da República pelo PSOL na eleição de 2018. Já recebeu vários prêmios e honrarias, como o Prêmio Ordem do Mérito Cultural 2015, do Ministério da Cultura, entregue pela então presidenta Dilma Rousseff. Também foi agraciada com a Medalha 18 de Janeiro pelo Centro de Promoção da Cidadania e Defesa dos Direitos Humanos Padre Josimo, em 2015.

6.2 Pertencimento, cuidado, ninho

Uma das coisas que sempre me chamaram a atenção em minhas visitas a Sônia e a outros pertencentes dos Teneteharas é o carinho que dispensam aos seus. É hábito que testemunhei várias vezes que, ao chegar de suas viagens ou no cotidiano, o "colo" é sempre dado mesmo aos adolescentes. Cria-se um ambiente que, desde a amamentação, e aqui se avança em relação aos aspectos de manifestações culturais usualmente utilizadas para caracterizar esse povo, o carinho, o afeto, a criação de um ninho permanente de segurança como base a partir do qual se travarão todas as lutas externas.

Na cultura dos não-indígenas, o desmame, o incentivo para que cada pessoa saia do seio de sua família o mais cedo possível reflete a mentalidade individualista de que cada homem deve ser livre, inclusive de sua família. Deve desfazer os vínculos mais profundos, cortar o cordão umbilical para assim ser autenticamente livre e percorrer e desbravar seu próprio caminho. Ou para que possa estar pronto para se associar a modelos de sociedade de massa que prescindem e se colocam como substitutos dos vínculos familiares.

Já entre os povos indígenas e, nesta tese destacadamente os Guajajara, vemos as mães com os filhos "escanchados na cacunda"[16], nas "tipoias" quando ainda não podem se agarrar com as próprias forças ou simplesmente sentados juntos, colados uns aos outros. Essa proximidade, tão constrangedora à maioria dos não-indígenas, está presente na visão da ligação e do entendimento de quem são a partir de seus mitos como já abordado nesta tese. Nos próprios mitos de criação, não temos aventuras "solo". Os irmãos vão juntos enfrentar os perigos. E não custa repetir, para os Tenetehara, "é necessário toda uma aldeia para criar uma criança".

É necessário observar que esse colo não assume aspecto infantilizador ou sexualizante. O carinho não retira nenhuma das responsabilidades. Ywara, filha de Sônia, mesmo já tendo passado pela festa do Moqueado e, portanto, uma adulta, tem todas as obrigações próprias de sua idade com o estudo e a ajuda nos afazeres caseiros. Além disso, participa ativamente em grupos de liderança juvenis de atuação nacional. Quem a assiste falando em algum evento, não imagina que, ao chegar em casa, vá direto ao colo da mãe.

---

[16] Expressão popular que define a forma peculiar pela qual a criança se acopla à mãe mesmo quando esta está de pé.

O observado, o ouvido, o sentido, o experimentado, o aspirado contido no colo, é para uma vida inteira. No âmbito do pertencimento, esse entrelaçamento envolve a filha e a mãe e quem dá o colo também recebe amor, o colo é início, meio e sustentação de um ser. Entre os não indígenas, esse afago no colo, em grande maioria sofre ruptura, ora por necessidade de a mãe trabalhar, ora pela pressa em desmamar ou ainda para que a criança não fique mimada.

Da infância à adolescência, o percurso é longo, tanto para os filhos de mães trabalhadoras, quanto para os filhos das mães que não trabalham, tanto para os indígenas quanto para os não-indígenas.

E é nesse período que as crianças e adolescentes necessitam de mais proximidade, mais propriamente do colo que proporciona a entrega, que é um ninho, um regaço de acolhimento. Nossa primeira casa é o útero, e a segunda, o colo. Foi observando e refletindo que, na nossa sociedade, tão logo a criança começa a andar, esse colo vai se distanciando e começamos a economizá-lo, ofertando-o apenas quando alguém vivencia uma profunda dor, geralmente no luto.

A cada chegada de Ywara, independente de estarmos trabalhando ou conversando, ela voltava pra sua casa, sem cerimônia alguma, é uma cultura do abraço de quem sabe onde mora, a quem pertence, onde se alimenta e fica forte, todos queremos uma casa aconchegante e segura, todos queremos chegar à nossa casa... Deparei-me com nossa miséria, como possuímos sem teto na nossa sociedade e quantas casas vazias, isoladas...

Assim, como já foi dito da amamentação em que cada indígena é educado com o colo de seus pais, o abraço é um ponto de referência do qual ele parte para conhecer o mundo. Em uma das visitas à aldeia, isso me chamou bastante atenção, uma criança com aproximadamente dois anos estava agarrada à mãe enquanto cuidava de seus afazeres. Então, algo chamou a atenção da criança, um cachorro que estava ali perto, e ela ia até o cão, o tocava e voltava correndo para abraçar sua mãe. E o que ia sendo feito com medo, com receio a cada ida e vinda, foi ficando cada vez menos tenso para a criança que, nas últimas idas, já voltava gargalhando e termina sua aventura de descoberta abraçando o cachorro. A mãe não deu atenção ao que estava ocorrendo, continuando com seus afazeres. Não era necessário. Esse comportamento então se torna uma mentalidade, um hábito.

Continuando nessa observação percebi que o padrão se repetia com os adultos de várias maneiras. Tendemos a associar os confortos técnicos como sendo o auge da

conquista civilizatória e o estilo da pós-modernidade como ápice da evolução social. E, ainda assim, grandes intelectuais indígenas, como Sônia, Ailton Krenak, Célia Xacriabá, Davi Kopenawa, mesmo conhecendo todas essas facilidades da contemporaneidade, palestrando na ONU, no Parlamento Europeu, nas principais faculdades do mundo, ainda continuam vivendo em suas aldeias. Porque motivo? Se tudo o que temos e alcançamos constitui uma evolução dos povos ditos primitivos, aborígenes, tradicionais, originários, mesmo com o usufruto de algumas facilidades modernas e do convívio e usufruto da tecnologia, eles seriam tão primitivos a ponto de sequer perceber o quanto precisariam evoluir?

Infelizmente e desgraçadamente tem sido essa a mentalidade de muitos não-indígenas, incapazes de penetrar em uma mentalidade fora do que estão acostumados, afinal nunca precisaram fazer isso. Já para o indígena necessariamente conviver com os não indígenas, em suas cidades, significa habitar em dois mundos com mentalidades muitas vezes antagônicas. Logo, essa capacidade de adaptação Tenetehara continua a surpreender nessa sabedoria de ir se adaptando aos obstáculos, sem deixarem de serem plenamente Teneteharas.

Dona Maria Santana, fundadora e cacica da aldeia Lagoa Quieta, parteira de mais de 750 bebês, durante um almoço comigo, expressou essa agonia. Falando nos relatos que apresentei aqui, não se aguentou e me convidou para que pudéssemos continuar e aprofundar nossas conversas na aldeia, que ela gostava era de ficar vestida como indígena e não com “aquelas roupas”.

Ora, como seria possível alguém ter acesso aos maiores palcos da política, da cultura, da educação, das personalidades, e ainda assim preferir um amontoado de casas de chão batido com festas primitivas, com cantos primitivos, comidas simples, em lugares sem grandes estruturas e cantarem felizes a noite inteira? Após a fala da Sônia, na ONU, eu perguntei a ela como tinha sido. De repente, no meio da conversa, ela falou de coisas que precisaria fazer na aldeia e de que não via a hora de voltar. É claro que ela sabia da importância de estar ali e de sua fala. Mas após a nossa conversa, o que ficou evidente foi que quem estava deslumbrada era eu e não ela. Ela também quer chegar à própria casa, ao seu colo, seu lar.

Porém, algo chama a atenção. Milhares de indígenas habitam as cidades e passam em seu cotidiano como cidadãos não-indígenas. Não porque eles escondam ou camuflem sua identidade. Mas porque se adaptam naquilo que é necessário para trabalharem e estudarem. Nessa realidade, não se observam os mesmos conflitos que envolvem as áreas

limítrofes à aldeia. Ora, qual a diferença? A primeira e mais contundente é a luta pelas terras. Madeireiros, agronegócio e cidades disputam espaço com essas reservas em suas zonas limítrofes. Uma segunda diferença é que, nas cidades e no cotidiano das cidades, os indígenas convivem adaptados ao cotidiano das cidades. A conclusão que se chega é que se os indígenas se comportarem como os não-indígenas e ficarem sem terras, os conflitos cessariam e todos viveriam em paz.

Essa é uma conclusão cínica e deixa evidenciada a conduta que é denunciada com razão como genocídio dos povos indígenas. Não porque se queira o assassinato de todos, enquanto indivíduos, mas o que se busca, na maioria dos casos, é assassiná-los enquanto indígenas, sua identidade, seus modos e costumes, principalmente que sejam despidos de suas terras.

Viveiros de Castro no seu “Povos Indígenas. Os involuntários da Pátria”, argumenta: “Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beira-rio ou uma favela nas periferias metropolitanas. É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar um 'povo'”.

O que vi da porta da aldeia para dentro, foi o colo, o ninho, o pertencimento. Temos os cantos aprendidos com o mundo espiritual e ancestral. Temos a festa que abarca mundo físico e espiritual. Temos a liberdade de ser.

A partir do colo, a partir da aldeia. Vi que o pertencimento não se dá apenas pelo descender de uma etnia, mas da própria mentalidade de que por mais zonas de lutas que existam, cada integrante do povo é sinal que a aldeia persiste, que existe ainda canto, festa e por isso cada gota de sangue importa, porque quando um indígena morre parte da aldeia morre, parte da sabedoria vai, parte do colo se perde.

Hosannah, Maria Valentina e o quati na aldeia São José
Fonte: a autora.

Era novembro eu havia retornado para Imperatriz depois de ir para a “Festa do Ceveiro”, ritual de passagem do povo Krikati, na aldeia São José, havia ido com minha filha e um pequeno grupo composto de professores e alunos, estava extasiada com tantos conhecimentos, com cerimônias a noite ao redor da fogueira, corrida de toras, a busca do (a) jovem “preso (a) no ceveiro” por meses, ao som dos cantos da sua família antes do sol raiar. Nessa ocasião fui informada que, para participar dos rituais, deveria pintar o corpo e tirar a blusa como o costume dos indígenas, ficando apenas com o sutiã. Eu estava ansiosa, pois seria a primeira “Festa do Ceveiro” que eu participaria. Tive a honra de preparar o jantar: arroz branco e vaca atolada na casa da Lúcia, a “dona da festa”. Eu me sinto em casa quando vou para as aldeias, sempre fui muito acolhida, mas, dessa vez ao colocar meus pés na aldeia São José senti a natureza me abraçando e me dando as boas

vindas, foi um momento de profunda conexão e me senti completamente pertencente. Logo que descemos do ônibus, antes mesmo de tirarmos as mochilas e redes, um quati veio ao nosso encontro e nos abraçou, eu e minha filha Maria Valentina. Foi muito especial, porque apesar de ser sempre muito acolhida nas aldeias, ser recepcionada pela natureza de braços abertos foi como se a própria natureza estivesse validando minhas pesquisas. E a relação da natureza como parentes como é para os indígenas estava se consolidando comigo, eu não estava apenas vendo, eu estava vivenciando. Era a natureza que havia me perscrutado e me aceitado.

Meu corpo ainda continha a tinta do jenipapo e eu estava usando os colares que ganhara de presente. Antes de voltar para a cidade junto com o presente físico: o colar, uma das indígenas me deu uma benção de presente também. Nesses dias tive sonhos fecundos, eu estava lendo "As epistemologias do Sul" quando recebi o convite para a outorga do título Doutor Honoris Causa para Boaventura de Sousa Santos, pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, em São Luís.

Além de pesquisador, poeta, escritor e sociólogo, o Boaventura de Sousa Santos é amigo pessoal da Sônia Guajajara. Inclusive ela prefaciou seu livro: "Esquerdas do mundo: Uni-vos!". Eu e Soninha já havíamos conversado sobre o Boaventura e sua obra, mas sinceramente nunca imaginei que fosse conhecê-lo.

Fui para São Luís e no dia 18 de novembro de 2019 assisti sua primeira palestra na ilha, cujo tema foi: "O Futuro dos Direitos Humanos: repensando a universalidade dos direitos", que ele dedicou ao guardião da floresta Paulo Paulino Guajajara, que fora brutalmente assassinado em 01 de novembro de 2019. Após a palestra subi ao palco e me apresentei. Apesar de ter centenas de pessoas a sua espera, amável e pacientemente respondeu minhas perguntas e conversamos brevemente.

No dia seguinte pela manhã, participei de sua palestra "Epistemologias do Sul e A Invenção da Democracia", promovida pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, que atraiu um público de mais de mil inscritos. Ao final de sua valiosa palestra houve um sorteio de três perguntas para o professor Boaventura. Surpreendentemente, a minha pergunta foi a primeira a ser sorteada.

Perguntei a ele: qual a importância da trajetória de luta da Sônia Guajajara? Ele respondeu que Sônia era sua amiga, que havia prefaciado seu livro e que a mesma estava numa jornada pela Europa com a campanha "Sangue Indígena nenhuma gota a mais". Disse que toda luta é epistêmica, da importância dos povos indígenas e dos direitos da natureza. Falou que a luta da Sônia é uma experiência profunda que envolve o

conhecimento, os saberes, a ancestralidade, o combate ao patriarcado e ao colonialismo e, sobretudo, fez um chamado ao corazonar, à solidariedade e ao posicionamento da sociedade em face de todas as lutas que os povos indígenas têm bravamente resistido. Falou ainda sobre os objetivos das ecologias de saberes e da tradução intercultural como um modo de promover alianças entre grupos sociais em luta contra a dominação, "estar lá" e assumir riscos permitindo um encontro de sentidos. O professor Boaventura se colocou à disposição para conversar sobre suas pesquisas, o que acabou ocorrendo posteriormente.

Apresento a aquarela feita por Eva Baccelar, que se chama "Corazonando".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais da pesquisa a partir de um diálogo etnográfico colaborativo com os Guajajaras são os aspectos mais relevantes que convergem na tese final desta obra. A ecologia de saberes e tradução intercultural com as quais se abordam as diversas práticas de resistência de lutas indígenas Guajajara são de fundamental importância para o entendimento desta pesquisa. As mesmas partem das práticas que interligam enfrentamentos políticos da mulher Guajajara, modos de vida pautados na resistência ao colonialismo, defesas de territórios e percursos acadêmicos e sociais.

A escrita na primeira pessoa do singular se dá, a partir do pressuposto de que, caso não tivesse esse vínculo tão próximo com a cultura Guajajara este estudo não teria sido possível. A pesquisa foi desenvolvida se percebendo a necessidade da voz indígena, de autores indígenas, só quem tivesse o privilégio de viver dentro e junto com eles, seria quem poderia refletir a forma desse sentir tão pessoal desse povo, seus sonhos, seus desejos suas lutas enfim sua re-existência. Ainda, muito mais delicado foi contar desde uma perspectiva feminina que, por suas características, influem, também, neste estudo científico.

A e-existência, como característica do povo Guajajara, se manifestou nos relatos mitológicos, nas marchas, nos Acampamentos Terra Livre, nas plenárias no Senado, nas festas, na convivência no dia-a-dia, na escuta do ponto de vista Guajajara, onde ficam enraizadas suas mais importantes vivências. Por exemplo, para os não-indígenas, o mundo se divide em material e espiritual, demarcando, inclusive, com termos de tangibilidade ou não dessas duas formas de observar o cotidiano no mundo atual. Para os indígenas, os mundos natural e sobrenatural estão inter-relacionados. Logo, re-existir implica enfrentar um mundo que os julga a partir de outra epistemologia, diferente daquela que eles acreditam.

As concepções de muitos não-indígenas consideram os povos indígenas, como os Guajajaras, como atrasados, selvagens, simplistas, supersticiosos. Os Guajajaras defendem um existir autenticamente, mesmo em um mundo que, por estar permitindo essa existência, considera-se autorizado a direcionar essa existência de acordo com seus interesses. Mas, no mundo Guajajara de viver temos mestres, candidata a vice-presidência da república, advogados, jornalistas, parteiras, artesãs, professoras, cantores, entre muitos outros importantes exemplos.

Foi a partir da compreensão e interpretação de um sonho que fui construindo os significados que conduziram esta tese. O sonho de forma inconsciente colocava minha pessoa no centro de uma situação que determinava que estava pronta para escrever sobre a re-existência da mulher Guajajara desde essa perspectiva, tirando de mim toda a subjetividade como mulher não-indígena por nascença, mas naturalizada como uma Guajajara pelos meus ideais. Corpo não-indígena, porém com uma alma puramente Guajajara.

Por isso, tanto no sonho como na vida real, apenas quando permiti que os galhos fossem cortados e adentrei naquele santuário, fui capaz de enxergar o que estava encoberto, fazer a travessia do mundo exterior para o mundo interior, tendo a Sônia Guajajara, como condutora entre esses dois mundos. Foi necessário entrar dentro do chão e descer até as profundezas, ou seja, buscar a ancestralidade, para contemplar a beleza e me dar conta da verdadeira riqueza que a Grande Árvore possui e não apenas olhar e me conformar com o que era visível superficialmente.

Qual foi o objetivo da tese? O objetivo foi compreender espaços educativos de re-existência dando ênfase à trajetória existencial de Sônia Guajajara, analisando com enfoque na sua fala e em seu ativismo. Nessa perspectiva, as práticas comuns constituem a re-existência dessa mulher, como espaço educativo de luta contra as injustiças e as visões estereotipadas acerca dos povos indígenas.

E assim poder evidenciar a resistência de uma cultura viva através das ações de uma liderança feminina.

A pesquisa parte da legitimidade da luta expressa através de muitas reflexões sobre as palavras da líder Sônia Guajajara. Independente do diálogo constante com a Soninha, como familiarmente a chamamos, também se manifestaram as re-existências nos mitos e narrativas e importantes diálogos com a Cacica da Aldeia Lagoa Quieta, Maria Santana, com a mestra em linguística e professora Cíntia Guajajara; além de sábios anciões e as lideranças indígenas de diversas aldeias.

A tese não foi escrita linearmente, utilizei um estilo próprio no qual a partir de um sonho começa todo um acionar científico de reflexões e análise. Ficou demonstrado que a mulher Guajajara, simbolizado num estudo da história recente da Sônia Guajajara, junto a outros métodos e técnicas científicas como observação, entrevistas, análises bibliográfica, estudo de outras teses, existe uma re-existência da mulher indígena Guajajara na constituição de espaços educativos interculturais.

Para sintetizar um vasto acúmulo de informações sobre esses espaços da vida e cultura Guajajara comecei a abordar "Podando os galhos..." em que descrevo a visão de mundo infantil sobre os povos indígenas. Para entender a cultura do povo Guajajara se deve também refletir sobre os sonhos como caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, um caminho educativo.

Para sustentar a tese sobre a re-existência da mulher Guajajara se precisa tirar as sandálias, sentindo a força da terra e descobrindo as subjetividades do povo indígena. Para entender a história deles só mergulhando no próprio contexto, nunca deve ser vista desde fora, senão será enviesado. Deve-se fazer uma passagem do mundo exterior para o mundo interior na qual devemos conhecer a memória, a identidade e a cosmologia Guajajara, dialogando e refletindo sobre os seus mitos, reconhecendo os fundamentos da memória ancestral que sustentam sua identidade, bem como no encontro com o *corazonar*.

Para colocar um ponto neste estudo de aproximação e aprofundamento na mulher Guajajara, simbolizado na história da Sônia, porém adentrando também nas raízes dessa cultura Guajajara e a forma de manifestar-se a re-existência das mulheres, se apresentou a Festa do Moqueado, mergulhando nos estudos sobre os rituais de passagem.

Na escrita e na forma de apresentar a tese, fui buscando o entendimento da visão de mundo das indígenas, em diálogo com minhas experiências e saberes que se encontraram com os saberes e experiências das mulheres Guajajara. Para entender a re-existência da mulher Guajajara nesses diversos contextos culturais vivenciei um percurso metodológico autoetnográfico colaborativo, no qual a experiência do vivido é o universo do pesquisador - apresento minha vivência como forma de diálogo e escrita.

Hoje, os indígenas são menos de um milhão no Brasil, mas através do seu ativismo, Sônia tem sua voz ecoada e todas as semanas os indígenas têm reportagens e denúncias nos principais jornais e mídias sociais. O estereótipo do selvagem vai ficando cada vez mais para trás. Como ativista, ela é ovacionada ao denunciar sobre as mortes indígenas, sobre a importância das demarcações de terra, sobre a defesa do meio ambiente. A terra grita por socorro e Sônia destemidamente empresta sua voz, advertindo os não indígenas acerca das consequências fatais.

Como coordenadora da APIB, tem a responsabilidade da transmissão dos valores, das denúncias, das articulações, dos desmontes e, sobretudo, de fazer com que todos reflitam sobre os grandes problemas ambientais. Ela é sinônimo de luta, não se intimida nem após os violentos ataques contra os povos indígenas, sobretudo contra os Guajajara.

Sônia é uma biblioteca viva, conhece profundamente a realidade de cada povo, respeitando e lutando pelo direito dos modos de vida dos indígenas isolados voluntariamente, ela luta para que a história não desapareça. Cada povo tem sua história, sua cultura, seus modos de viver que o homem não indígena não conhece. Há, em suas publicações, também a leveza, cabe a beleza de quem compreende sua própria identidade e a dos seus. Há coesão entre sua militância nos dois mundos.

Utilizo muitos trechos do meu diário de campo construído nas vivências com mulheres lideranças Guajajara para mostrar o comprometimento de Sônia e do povo Guajajara com a cultura indígena e como eles levam sua cultura ao mundo.

O ser humano é único, sob vários aspectos. É o único ser capaz de ter História, e também o único capaz de ter consciência dela. Isso implica que, quando nascemos o mundo que recebemos está em transformação, assim como nós também estamos. E se nossa vida possui um ciclo muito claro, também é claro que, por causa desse ciclo, somos moldados pelo contexto que nascemos até que somos convidados a transformá-lo e enfim após o nosso ciclo se encerrar e entregarmos às próximas gerações (descendentes ou não), nossa contribuição (ou a falta dela).

No início desse ciclo, somos completamente dependentes do nosso contexto e a forma que a família se organiza para receber as novas crianças terá um impacto fundamental na vida dessas crianças, em seu desenvolvimento físico, mental, emocional e intelectual. Não basta apenas amor e boas intenções. Recém-nascidos mal cuidados darão origem a crianças doentes que, por sua vez, se tornarão adolescentes doentes, jovens doentes e adultos doentes. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente e psicologicamente como podemos observar em nossa sociedade.

Refletir sobre a realidade dos Guajajara no Maranhão com um foco particular na mulher líder Sônia Guajajara constitui-se num exercício teórico-empírico bastante intenso. Foi desafiador narrar a realidade Guajajara , numa investigação que abraçou o humano, o social, o cultural, o educativo e o político.

O povo Guajajara é cheio de conexões, eles trazem consigo experiências permeadas de resistência. Para mim é um privilégio poder contar parte dessa trajetória e, mais ainda, poder partilhar dela. Essa é, sem dúvida, uma experiência singular e de grandes aprendizados. Quando se inicia um processo de pesquisa não se imaginam as infinitas conexões que a teoria e a realidade vão apresentar. Para a realização deste estudo trabalhei com o universo Guajajara articulado a uma rede de eventos e relações determinantes da trajetória de vivência. De alguma forma, a pesquisa foi me conduzindo,

porque a cada nova descoberta novas possibilidades se apresentaram. Existe um universo Guajajara que precisa ser conhecido, estou tendo a oportunidade de conhecê-lo e vivê-lo. Talvez, exatamente por isso, seja difícil escrever um texto sobre a jornada da Sônia: há muito por se escrever, se compreender, se registrar, se recuperar, se transformar e, especialmente, há muito a que resistir. Soninha tem lutado como uma verdadeira heroína nacional

Juntando todas as peças e mais o esforço individual que não deve ser descartado, ao final poderemos entender como uma jovem de pais analfabetos que mal falavam português, em menos de 20 anos, saiu do estado mais pobre da federação, vinda de um povo discriminado e oprimido violentamente e discursou na ONU, em Harvard, em Stanford e foi candidata em uma campanha presidencial como vice-presidente (Ou co-presidenta, como ela prefere). Isso em um ambiente em que as lideranças indígenas são majoritariamente masculinas. Seu protagonismo, seus resultados, e sua militância são reconhecidos atualmente, como já foi dito, internacionalmente..

Existe um caminho a ser seguido, Sônia não apenas lidera, mas lidera como Guajajara. Mas, assim como o maracá é reservado a poucos, assim também o cocar Guajajara traz em si uma ciência que, por si só, é uma mensagem. Nas cabeças de uns, por mais bonito que sejam, será apenas um adorno exótico. Mas na cabeça daqueles que têm o dom, que se preparam para aquele momento, que se fizeram capazes, é a manifestação de uma vida de preparação. Quando Sônia fala com autoridade, não é a sua voz que se ouve. É a natureza que fala, são encantados que falam, é o seu povo. E o seu Cocar está sobre sua cabeça indicando que as gerações de indígenas que vieram antes dela legaram uma sabedoria ancestral que ela incorpora e sustenta. Ao invés de ser maior por usar o cocar, ela se entende menor por sua missão e se fazendo menor ao representar seu povo, os outros a enxergam "grande" do alto dos seus 1,50m. É o poder de vivenciar o significado, a essência. E nisso Sônia lidera todos os que quiserem trilhar esse caminho.

REFERÊNCIAS

ALBÁN, A. A. Epistemes “otras”: epistemes disruptivas? Revista KULA. Antropólogos del Atlántico Sur. Abril de 2012, n. 6, pp. 22-34. Disponível em: http://www.revistakula.com.ar/wp-ontent/uploads/2014/02/KULA6_2_ALBAN_ACHINTE. Acesso em agosto de 2019.

ALMEIDA, E. R. M. **A política vai à festa. Sagacidade e estratégia tentehar nas relações interétnicas.** Tese (doutorado). Universidade de Brasília , Instituto de Ciências Sociais Programa de pós graduação em Antropologia Social.

ARAÚJO, M. Memória, cultura e identidade guajajara: quando a arte/educação possibilita uma educação intercultural. In. **Anais do Encontro de Arte/Educadores:** a arte/educação nos Institutos Federais Brasileiros. (IFMA, Maranhão, Brasil). Disponível em: https://even3.azureedge.net/anais/28814.pdf. Acesso em: 14/09/2018.

BERGAMASCHI, M.A. Estudantes indígenas no ensino superior e os caminhos para a interculturalidade. In: BERGAMASCHI, M.A; NABARRO, E.; BENITES, A. (Orgs.). Estudantes Indígenas no Ensino Superior uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

BERGAMASCHI, M.A.. NHEMBO’E ¡Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas Aldeias Guarani. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

BERGAMASCHI, M.A.; DOEBBER, M.B.; BRITO, P.O.. Estudantes Indígenas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - desafios do acesso e permanência. Revista del Cisen Tramas/Maepova, Salta, AR, 2016. p. 167-184. Disponível em: http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/cisen/article/ view/9427/8863.

BUZATTO, C.C. Execução orçamentária como instrumento de ataque. In: Conselho Indigenista Missionário (CIMI). **Relatório**: violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2018. Brasília: CNBB, 2019.

CAMPBELL, J. **O herói das mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005 (epub).

CARVALHO, A. **Narrativas orais guajajara:** acervo cultural e textualidade e indígena. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

COELHO, E**.** **Cultura e sobrevivência dos índios no Maranhão**. São Luís: Edufma,1987.

COELHO, E**. Territórios em confronto**: **a dinâmica da disputa pela terra entre os índios e brancos no Maranhão**. São Paulo: Hucitec, 2002.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Porantim . Brasília, ano IX, n. 102, set, 1987.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Relatório. Violência contra os Povos Indígenas no Brasil. Dados de 2018. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Disponível em: https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2019/09/relatorio-violencia-contra-os-povos-indige nas-brasil-2018.pdf. Acesso em set 2019.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Relatório: violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2018. Brasília: CNBB, 2019.

CORREA, C.N. (CÉLIA XAKRIABÁ) **O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria xacriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. Brasília, UNB. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Sustentabilidade junto aos povos e terras tradicionais, 2018.

DECLARAÇÃO Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Aprovada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 26 de fevereiro de 1997. Disponível em http://www.cidh.org/annualrep/96port/96PortCap4.htm, Acessado em 05/11/2018.

DOEBBER, M. **Indígenas estudantes nas graduações da UFRGS**: movimentos de re-existência. Tese (Doutorado em educação). Porto Alegre, 2017.

FRANKLIN, A.O; CARVALHO, J.R. Breve história de Imperatriz. Série Ciências Humanas. Imperatriz: Ética, 2005.

FRANKLIN, A.O; CARVALHO, J.R. **Francisco de Paula Ribeiro:** desbravador dos sertões de Pastos Bons - a base geográfica e humana do sul do Maranhão. Imperatriz: Ética, 2007.

FREIRE, P. **Ação cultural para a libertação e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, P**. Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia** – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. v. 4.

FRIEDMANN, J. **Empowement**: uma política de desenvolvimento alternativo. Celta: Oeiras, 1996.

GOMES, M. P. **O índio na História**: o povo Tenetehara em busca de liberdade. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUAJAJARA, S. **Sônia Guajajara.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2018.

GUERRERO ARIAS, P. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). In: **Calle14**: revista de investigación en el campo del arte. 4 (Julio-Diciembre), 2010a.

GUERRERO ARIAS, P. **Corazonar**: uma antropologia comprometida com la vida. Quito, Ecuador; Abya Yala, 2010b.

GUERRERO, P.A. Corazonamientos de entrada. Hilando sueños, luchas, esperanza y ternura para tejer la vida: por una red de sabidurías y ciencias sociales de Abya-Yala. In: **Corazonar**. Una antropología comprometida con la vida. Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2010b.

GUERRERO, P.A. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia. **Revista Calle 14**, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Colombia, v. 4, n. 5, jul./dic. 2010a, p. 80-94.

HILLMAN, J. **O código do Ser**. Uma busca do caráter e da vocação pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JUNG, C. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

JUNG, C. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

KOHAN, W. Palavras, passos e nomes para um projeto. In: KOHAN, W.; OLARIETA; B.F. (orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte Autêntica, 2012, 164p.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. [e-book] São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUSCH, R. **Geocultura del hombre americano**. Rosário, Argentina: Editorial Fundación Ross, 2000.

LÉVI-STRAUSS,C. **Mitológicas I**: O cru e o cozido. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: CosacNaify, 2006, pp. 200 – 201.

LIMA, L. **Os Guajajára Adolescentes e a Literatura**: Um Resgate Da Tradição Através Das Narrativas Indígenas. Trabalhos apresentados ao III CILLIJ, PUCRS. Porto Alegre: ebook.pucrs, 2012. Disponível em: http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S7/lilianlima.pdf. Acesso em 05.11.18.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2008.

MARINHO, M. **Índios Guajajara [manuscrito]:** da aldeia para a cidade Imperatriz/MA. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Ambientais e Saúde, Goiânia: PUCGO, 2014.

MATTIOLI, E. **Povos indígenas na universidade**: ação afirmativa e a geopolítica do conhecimento. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MELIÁ, B. **Una nación, dos culturas**. 4ª ed. Asunción (Paraguay): CEPAG, 2016.

MENEZES, A.L.T.; BERGAMASCHI, M. A. **Educação ameríndia**: dança e escola Guarani . 2ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

OLIVEIRA, J.P. **A viagem de volta***:* etnicidade, política, e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa/LACED, 2004

OLIVEIRA, K. E. **Estratégias sociais no Movimento Indígena**: representações e redes na experiência da APOINME. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2010.

OLIVEIRA, S. **Lideranças Krikati**: implicações da escola não indígena em suas trajetórias e trajetórias de vida. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2018.

PALOSCHI, D.R. As violências contra os povos indígenas tornaram-se chagas institucionalizadas. In: Conselho Indigenista Missionário (CIMI). **Relatório**: violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2018. Brasília: CNBB, 2019.

PETERSON, J. B. Mapas do Significado: a Arquitetura da Crença. É realizações editora.

RANGEL, L.H. LIEBGOTT, R.A. Violações tornaram-se a regra, e não exceção, no Brasil. In: Conselho Indigenista Missionário (CIMI). **Relatório**: violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2018. Brasília: CNBB, 2019.

RAPOSO, M. **A dimensão pedagógica dos movimentos sociais no campo.** São Luís: Edufma, 1999.

RAPPAPORT, J. Beyond Participant Observation: Collaborative Ethnography as Theoretical Innovation. **Collaborative Anthropologies**. Volume 1, pp. 1-31, 2008.

REBELO, F. Mulheres Caciques: Uma etnografia sobre as representações de gênero a respeito de lideranças femininas Guarani em Santa Catarina. In: **REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, 29, 2014, Natal. Anais. Disponível em:http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402013150_ARQUIVO_artigorba2014FrancinePereiraRebelo.pdf . Acesso em 05.11.18.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasilmoderno. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTANA, T. **Narrativas Femininas Guajajara e Akrãtikatêjê no Ensino Superior**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.) **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**. A afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SILVA, C. M. S. D. A mulher se casou com a anta há muito tempo atrás. In: DUARTE, F. B.; [ET ALL.]. **Coletânea de Narrativas Guajajara**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018.

SOUZA, F. R. S. **A lei n. 11.645/2008 e a experiência formativa de professores na escola- imagens alquímicas da história e da cultura indígena para unus mundus**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. UNISC, Santa Cruz do Sul, RS, 2019.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M (org.). **Cultura, percepção e ambiente**: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

TASK, J. Introduccion. In: INGOLD, T. **Ambientes para la vida**: conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropologia. Montevideo: Trilce, 2012. p.11-18.

UBBIALI, C. **O Filho de Ma'ira**. Quito: Abya Yala Universidad Politécnica Salesiana - UPS, 1997.

VHERÁ POTY. Entrevista. In: MENEZES, A.L.T.; BERGAMASCHI, M. A. **Educação ameríndia**: dança e escola Guarani . 2ª ed. pp. 22-39. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E**. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. 5ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os involuntários da pátria**. Aula pública durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro 20/04/2016. [arquivo eletrônico] Disponível em: https://sentinela.tumblr.com/post/143372750627/os-involunt%C3%A1rios-da-p%C3%A1tria . Acesso: out 2019.

WAGLEY, C.; GALVÃO, E. **Os índios Tenetehara**: uma cultura em transição. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

YASHAR, D. Contesting citzenship. Indiganous movements and democracy in Latin America. **Comparative Pilitics**. vol. 31 n. 1 p. 23-42. 1998

ZANNONI, C. **Conflito e Coesão**: o dinamismo Tenetehara. Brasília: CIMI, 1999.

ZANNONI, C. Rituais de Iniciação entre os Tenetehara. In: VÁRIOS AUTORES. **Rituais Indígenas Brasileiros**. São Paulo: CPA, 1999.

ZANNONI, C; BARROS, M.; RUFFALDI, N. **... E Tonantzin Veio Morar Conosco.** In. Encontro Continental de Teologia Índia Belém: CIMI/AELAPI, 2003.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ABIP – Articulação dos povos indígenas. Disponível em https://apiboficial.org/ Acesso em 31 de julho de 2020.

AMARAL, S. OLIVEIRA, A. *Raoni, o líder Kaiapó: "Eu não aceito barragem nos rios que moramos*". Disponível em https://apublica.org/2018/04/raoni-o-lider-kaiapo-eu-nao-aceito-barragem-nos-rios-que-moramos/. Acesso em 31 de outubro de 2020.

BENZ, J. Dia do Índio: Confira a entrevista com Sônia Guajajara. Disponível em: http://29horas.com.br/tag/sonia-guajajara. Acesso em 31 de novembro de 2020.

BIBLIOTECA Brasiliana Guita e José Mindlin. Boletim 3x22. Pluralidades Indígenas. Edição n. 4. Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/3x22/boletim-3x22/quarta-edicao-do-boletim-3x22/. Acesso em 25 de novembro de 2020.

CIMI. E TONANTZIN VEIO MORAR CONOSCO. Disponível no endereço http://www.padrenello.com/wp-content/uploads/2014/02/Antologia-etos.pdf?iframe=true&width=90%&height=90%. Acesso em 04/11/2020.

CONSELHO indigenista missionário. Disponível em https://cimi.org.br/2017/04/39468/. Acesso em 26/04/2017.

DIREITOS humanos. Subprocurador questiona MP que retira da Funai demarcação de terras indígenas. Agência Câmara de Notícias https://www.camara.leg.br/noticias/556227-subprocurador-questiona-mp-que-retira-da-funai-demarcacao-de-terras-indigenas/. Acesso em 31 de outubro de 2020.

EMERGÊNCIA indígena: Plano de enfrentamento da Covid-19 no Brasil. Disponível em: http://apib.info/files/2020/06/Plano-Indi%CC%81gena-de-Enfrentamento-ao-Covid-19-Versa%CC%83o-final.docx.pdf. Acesso em 31 de outubro de 2020.

EPISÓDIO 1 - O plano de cura Maracá indígena Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=HaTf-Qioe9s&ab_channel=CanalBrasil. Acesso em 31 de outubro de 2020.

EPISÓDIO 2 - A mãe do Brasil é indígena Maracá. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Isj0WNxYhaA&has_verified=1&ab_channel=Canal Brasil, 22:10 min. Acesso em 31 de outubro de 2020.

EPISÓDIO 2 - A mãe do Brasil é indígena Maracá. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Isj0WNxYhaA&has_verified=1&ab_channel=Canal Brasil, 22:10 min. Acesso em 31 de outubro de 2020.

FESTA dos encantandos. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LzYvxfzz1lw. Acesso em 04/11/2020.

GUJAJARA, S. Hoje o índio não está só no mato. Disponível em https://bit.ly/2THOtYk, 3:52 min a 4:27 min. Acesso em 31 de outubro de 2020.

GUJAJARA, S. Hoje o índio não está só no mato. Disponível em https://bit.ly/2THOtYk, 3:52 min a 4:27 min. 1:15 min a 2:18 min Agência Pública. Sônia Guajajara. Acesso em 31 de outubro de 2020.

MEDINA, M. *Célia Xakriabá: Curar a Terra é Curar a Nós Mesmos*. Disponível em https://yam.com.vc/sabedoria/791662/celia-xakriaba-curando-a-terra-curamos-a-nos-mesmos. Acesso em 31 de outubro de 2020.

NEEPS – Núcleo Ecologias, epistemologias e promoção emancipatória da Saúde. Disponível em http://neepes.ensp.fiocruz.br/bate-papo-com-marcelo-firpo-e-boaventura-de-sousa- santos-no-encontro-de-saberes-ecologias. Acesso em 31 de outubro de 2020.

NEEPS – Núcleo Ecologias, epistemologias e promoção emancipatória da Saúde. Disponível em: http://neepes.ensp.fiocruz.br/bate-papo-com-marcelo-firpo-e-boaventura-de-sousa-santos-no-encontro-de-saberes-ecologias. Acesso em 31 de outubro de 2020.

O PROGRESSO. Disponível em: http://oprogresso.net/geral/113-anos-da-revolta-de-alto-alegre/1232.html. Acesso em 31 de JANEIRO de 2020

Originários – Sonia Guajajara. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=sEERs4Cqxg8. Acesso em 04/11/2020.

POVOS indígenas do Brasil. Disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara. Acesso em 31 de outubro de 2020.

Reinholz, F. MARKO, K. Sônia Guajajara comemora a liderança das mulheres indígenas na luta por direitos. Disponível em https://www.brasildefato.com.br/2020/06/09/povos-indigenas-vivem-momento-traumatico-afirma-sonia-guajajara. Acesso em 31 de outubro de 2020.

REVISTA IHU ONLINE. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/592102-lideres-indigenas-denunciam-os-incendios-na-regiao-amazonica-como-uma-terrivel-praga. Acesso em 04/11/2020.

SONIA GUAJAJARA - 12a. LIVE AMAZÔNIA SOCIEDADE ANÔNIMA. https://www.youtube.com/watch?v=Y-6Tai3s-Js&ab_channel=PindoramaFilmes (6:55 min), 32.
SONIA GUAJAJARA dá aula de história sobre povos indígenas à senadora do PSL. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qc0ze7cv7dE. Acesso em 04/11/2020.
VULNERABILIDADE dos povos indígenas frente à COVID 19. Live disponível em: https://https://www.youtube.com/watch?v=5PUwPr-4Xvs. Acesso em 04/11/2020.

.

ANEXOS

DIÁRIO DE CAMPO

Maria Santana

Eu sou Maria Santana, nascida e criada na aldeia Araribóia, na sede. A qual eu tive 7 filhos.

Eu tomei uma decisão, minhas filhas foram crescendo e elas foram estudando também. Aí a Cíntia logo casou com um filho lá da aldeia Juçaral. Aí Hosannah, eu fiquei com essas crianças lá. Muito considerada, muito respeitada, mas pra mim chegar até essa aldeia teria que ser um convite especial das parentas mas próximas. Quem foi me buscar foi a Maria Santarém casada com o Salomé, cacique lá da aldeia. Aí foi a Maria Santarém que foi me buscar, a Maria Santarém era a mãe da maioria do povo do Juçaral. Aí ela me trouxe pra lá. Aí eu fiquei lá de 87 até 93. Em 93 eu tomei uma decisão, em 90, tomei uma decisão de nós criar junto com minha mãe, a mamãe.

Porque ali aonde nós estamos na Lagoa Quieta já era um centro da gente trabalhar, de roça. Mas antes de nós tinha outro pessoal que morava lá, mas morava não era assim com a intenção de ter o que hoje a gente tem. A aldeia não era registrada, em 94 foi registrada e em 2005 ela foi batizada, o certo que hoje onde eu estou, porque é uma terra, uma aldeia que só tem minha família. São duas famílias, minha irmã e eu. Eu sou mãe de 7 filhos e ela de 9 filhos, eu tenho 21 netos e 12 bisnetos, e a qual o nosso marco não é o mundo que marca. Nós somos guerreiras, somos lutadoras.

E, hoje, as minhas filhas se dominaram pelo saber e esse saber elas voltaram pra fazer as atividades na aldeia que elas nasceram e se criaram.

Primeiro a Cíntia que é professora, a segunda Surama é técnica de enfermagem, a caçula que é Suluene é assistente social aí tenho 2 fihos, um mora aqui na região do Araribóia e o outro na região da barra do corda e tenho o Silvio que é chefe na coordenação de um grupo, ele adoeceu e está criando um colégio dos saberes tradicionais na aldeia Lagoa Quieta. Aí tenho o Sidnei que é professor, e assim minha filha, eu sou feliz porque deixei meus filhos todos bem, já tenho uma advogada na família a Kari minha neta. Meus filhos foram crescendo e meus netos também, mas pela luta da mulher guajajara, porque foram criados também sem pai, mas não importa que o pai tenha morrido ou tenha se separado. O que importa é que fomos guerreiros, pisamos na terra

firme e olhamos para o céu de vencer e estamos vencendo. E é assim a mulher. A importância de uma mulher.

A mulher guajajara ela é mais atuante do que o homem, o homem ele não exerce um cargo e nem tem o domínio, o poder de dominar as suas comunidades, é sempre a mulher quem tá. E hoje na maioria das aldeias a mulher é que é a cacique, mas eu fui das primeiras mulheres a ser cacique guajajara, eu e a finada Belinha. Aí depois de nós começaram as mulheres tomando posse de ser cacique. O quê que eu sou? Eu sou uma parteira, eu fiz 751 partos e nenhuma mulher morreu nos meus braços e nem criança. Eu sou uma mulher parteira famosa, daquelas de saber a hora que a criança vai nascer. Não tinha ultrassom, aí eu olhava e dizia: é homem ou, às vezes, eu dizia oh vai ser uma menina. Moça eu fui mulher trabalhadeira, trabalhava de roça, caçava pra dar dicumê pros meus filhos, pescava... A gente levava os cachorros, aí eles acuavam a caça de noite, tatu e nós fatiávamos de facão, eu mais o Joca, meu sobrinho, filho de criação. É a força da mulher guajajara".

Nós viemos pro Araribóia, depois viemos pro Jussaral, depois do Jussaral voltamos pra Lagoa Quieta porque lá eram nossos princípios de roça, inclusive eu até falei pro meu genro pra espertar um pouco pra ele ir tirando umas fotos.

Tudo que tem na Lagoa Quieta foi no sentido meu com minha mãe. Os primeiros colégios, minha mãe era das liderança daquelas valente, aí nós puxamos energia pra lá, aí estamos reformando o colégio pra não deixar se acabar, com a ajuda dos outros sabe...

A vida da mulher guajajara sempre teve a palavra determinada, ou é ou não é. Aí o que que nós faz? No início vem primeiro a responsabilidade pra deixar pros filhos, aí vem a menina moça. Até aqui elas tão tudo grande aí elas tem que retomar porque até aqui não existe mais festa tradicional, vamos fazer uma festa.

Do meu ritual de menina moça pros das meninas de hoje não teve diferença, é por isso que o que eu passei eu dei pras minhas filhas o que significa pra não ser uma menina peralta, não ser uma menina perturbada, porque na menstruação a mulher branca também quando ela não cumpre o resguardo aí ela fica pirada, quando chega perto da menstruação ela fica agoniada, fica agitada, tem cólica, porquê? porque ela não cumpriu as regras.

Aí eu comecei fazendo as festas dos meninuzim, a festinha feita com 8 meses é a festa pra poder passar a comer comida de panela, porquê até durante 8 meses é só no peito, a gente amamenta muito as crianças, porquê que a gente amamenta? Pra não ficar doente, pra não dar coceira, não dar gripe, por causa do leite porque a gente sabe que o leite tem muito ferro. Aí com 8 meses a gente faz a festinha, aí a gente pinta as crianças

com jenipapo, faz uns enfeitizinho (apontando pra cabeça), aí o pai mata cutia pra poder fazer as bolinhas e aí tem que matar a tona (pássaro) pra poder passar (apontando pro pulso elado intero do antebraço) na criança.

A significado de passar a tona é por que só é usado mesmo nas festas por que até mesmo nas festas de menina moça, até antes da festa dela ela está sob o domínio dela ser uma menina que ainda não pode ter vaidade, não é ter direito de namorar. A tona é para dar a liberdade dela namorar é a carne da tona que a gente passa, ela tem que ser cozida separada, aí a gente passa nos braços, nas pernas aí a gente dá pra ela por na boca que é pra descer no corpo todo. Aí se o pai quiser fazer a festa naquele ano já pode. Porque depois que ela fica menstruada ela fica 5 dias presa. Ela fica presa pra ela se fortalecer , mas lá dentro ela toma um banhozinho, lá dentro ela não pode comer coisas que possam enfraquecer ela , ela tem que ser uma menina que é uma menina forte, uma menina cheia de talento, cheia de energia. Se ela não cumprir a dieta direito ela enfraquece, ela pode comer tapioca, mingau, um beiju, cuscuz de milho, fava, cozido com farinha , e não coçar a cabeça pra não criar caspa e nem criar (mostra a pele, levanta a blusa e mostra a barriga), olha minha filha eu sou velha mais eu não tenho estria, (aperta a barriga e mostra as carnes duras, firmes) aí nós vamos trabalhar pra fazer a festa. Na festa se ela tiver algum paquera ou não, mas agora tá tudo mudado, a sociedade não indígena invadiu nosso território da cultura, o direito da gente escolher, porque acha que namorar muito tempo é bom e sem casar é bom... aí fica aquela mulher sem casar, namorando, brincando, mas antigamente quando a menina ficava moça, ela já tinha o seu como é que chama, já tinha o príncipe dela, já era escolhido pelos pais , mas hoje mudou tudo. Aí prepara a pintura, cada pintura diz uma coisa, a pintura fechada significa que estamos de guerra, estamos de luto, e esses vincozinho que a gente faz (apontando pra boca), é festa, é alegria, cada tipo de desenho, gente que tá em crise, ou pessoal que tá se armando pra fazer alguma coisa, aí pinta de urucum, de carvão ou de jenipapo, mas quando é se preparando pra festas os homens usam mais urucum que é alegria, assim da cor do sol, que é tão bonito né? Tem muita importância, quando é a festa a avó tem que saber, tem que estar prevenida. E aquele facão que eu uso que vou gritando e cortando , ali eu estou cortando o mal, pro mal não entrar na minha vida e nem na vida dos participantes das festas, porque esse povo que veio aqui e vieram pra festa das minhas filhas da minha neta, aí eu bato assim com o facão (mostra com as mãos cortando os males) e os cachorros ficam latindo, tem um grande sentido. Aí naquela hora eu me torno mãe daquele povo.

Quer ver você chegar lá em casa, na hora que você Hosannah chegar na minha casa, eu grito todo mundo , minhas filhas e todo mundo vem e eu digo bora bater os maracás ! Porquê? Por que você é bem vinda, é isso que eu faço questão de estar conversando contigo hoje porque naquele dia eu não te dei atenção, porque eu não estava no clima, porque tinha morrido uma tia minha, uma das cantoras.

Sobre as caçadas

É assim, eles vão pra mata aí antes deles irem a gente passa a noite cantando, é atirando, por que vai animar (dona Santana canta, fala em guajajara) e já estão preparando, levam foguetes. Antigamente era espingarda mesmo. Aí leva farinha que é pra irem caçar aí o carro vai levar aonde vão ficar, aí as mulheres se tiverem oportunidade de ir lá nos barracos que vão ficar saber como estão as caças, aí quando vem, nós vamos encontrar (Cantando) Aí quando eles chegam vão tomar banho porque de noite vão cantar. É dando o sinal, um ensaio, de que vai ser muito bonito e bom e animado (Aqui muita riqueza antes de chegar o dia eles já vivenciam, emanam energias boas). Nós temos uma história, a aldeia inteira se prepara para receber aquela moça, a aldeia em peso, as tias, os pais ficam mandando convites pros outros parentes, de outras aldeias, aí a moça se sente honrada, feliz, porque tem aquele horror de coisa (sinônimo de horror é abundante, abundância, fartura). Todo mundo ajudando como pode, um leva a farinha, outro leva a caça, e é uma coisa assim, que eu acho que... Aí a gente guarda aquele moqueado...

Na festa não pode botar anta. Bota quati, bota cutia, não bota paca, não bota tatu, bota veado, bota cutia, guariba, paca não vai também. esses não vai porquê é remoso. Aí se os participantes quiserem comer come, mas as meninas da festa, a dona da festa não podem comer pra não ficarem pintadas, com a pele manchada.

Sobre o cocar

O da mulher é aquele amarradinho e o do homem é aquele em pé, que ali é o rei que usa aquela coroa. E a mulher vê que usa aquelas coroas também das mulheres você vê que usa e é diferente também.

Tanto o homem, como a mulher sempre usaram cocar. Usa as penas de arara, de papagaio, de perdiz.

Usar o cocar é uma proteção, é que nem uma, se você chegar na aldeia e alguém colocar o cocar em você , um cocar na sua mão ou um maracá , eles estão te empoderando, já estão te empossando como uma pessoa da munidade, você já vai ter o direito de participar de tudo, porque você já tomou posse da tradição, eu sou invocada demais minha filha. mas a pessoa tem que saber. Por exemplo se eu disser assim Hosannah aqui é um presente pra você estou te amostrando pro povo, que você faz parte tem um grande significado. Se alguém colocar um cocar na sua cabeça ali tem um grande significado.

Sobre ser Guajajara

Ser guajajara é ser um índio

Nós temos orgulho. Aqui no Maranhão nós sempre fomos diferenciado.

Nós somos determinados pelo que a gente quer e pelo que a gente é. Nós não somos de voltar atrás.

Segundo dona Maria Santana, a história dos mitos para ser contada tem que ter um homem e uma mulher, tem que ter o par. Um conta eo outro confirma.Ela é uma história comprida. Aí às vezes quando o homem tá contando aí a mulher tem que tá fazendo um cigarro, porque é coisa dos encantados, é coisa do Mayra, dos encantados, tem os filhos aí sempre tem que ter um cigarro, sempre tem que tá fumando.

Na festa da menina moça (sobre o cigarro) aquilo é só pra dar uma demonstração , ela pula com cigarro, um cigarro de tauari, que é pra não deixar o mal encostar perto, porque o fumo o mal não gosta da caatinga, então ali o fumo mal nenhum encosta .

As vezes eu faço é ver os encantados, minhas meninas já estão vendo, a Suluene já vê, não é sonho não faz é ver mesmo.

Os encantados ficaram isolados, eles têm o recanto deles, pode ser dentro d água ou pode ser sobre ali a água, porque são encantados mas eles tem as moradas deles.

Eu vou fazer três dias de festa, a mesada pra quem morreu e vim comer, você vê a história mas não acredita. Na noite que é pra dar de comer pros encantados, aí vem os Mayra aí no lugar que não é visitado, que não vem pessoas de fora.

Aí prepara caça, arroz, galinha caipira. Aí a gente come, deixa o deles separado e aí canta, canta (dona Santana canta), aí a gente oferece pra eles, aqueles que morreram se tornam encantados.

Pergunto se ela tem medo de quem morreu, de imediato ela me responde que não. Que tem vontade de ver a nora que morreu e a neta filha da Cíntia

mas nunca teve a oportunidade.

Tudo era eu. Antes das minhas filhas. Até pros Acampamentos , para as reuniões tudo eu era convidada, aí eu fui ficando de mais idade , aí apareceu a Sônia, aí eu convidei ela pra um passeio, eu era uma liderança muito conhecida, muito desenvolvida, aí eu convidei ela e o Tomaz pra eu dar a posse a ela , aí nós demos, aí eu fui dar os dons pra ela Aí pra cada um eu dei um dom, para cada um eu fui vendo. Quem nasceu pra ser alguma coisa vai ser determinado, quem nasceu para ser estudante, para ser advogado aí o meu dom era de conhecimento eu tenho um dom de muito conhecimento muito mesmo, e para mim ser parteira foi através de um sonho , alguém veio me dizer no sonho, eu tinha catorze anos, quando eu fiz o primeiro parto foi da minha mãe aí eu dormindo, aí a pessoa disse acorda, acorda, eu tive um sonho como que uma pessoa que veio me avisar que eu ía fazer o parto da minha mãe.

Aí eu tive sete filhos cada um eu dei um dom, aí eu cheguei pra Sônia e disse Sônia tá aqui, peguei na mão dela e peguei uma planta. eu disse Sônia tu vai ser uma mulher indígena que vai andar o mundo inteiro e tu vai ter muita facilidade, tu vai andar sobre a água tu vai voar sobre o ar no mundo, tu não vai te aquietar, tu vai conhecer nações que tu nunca pensou , aí eu fui dando e pra cada um eu fui dando um dom.

Encerrou a conversa cantando Romance de Arreio de ouro

Sônia Guajajara

Teve o território Araribóia e a aldeia Araribóia recebeu esse nome por conta da terra por ter sido a primeira aldeia que teve o posto da Funai. E aí a minha mãe morava lá, morava com a minha tia, ela já não tinha minha mãe e morava com a tia Suely Bone, e aí o marido dela o João Cantu trouxe os irmãos dele e os parentes dele pra morar lá também, que aí é o meu pai que é sobrinho do tio João. Então a mamãe sobrinha da tia Suely e o papai sobrinho do tio João. E aí o papai veio pra ali e aí conheceu a mamãe lá mesmo e ninguém aceitava muito o casamento e eles fugiram, aí tiveram a Vânia lá mesmo no Araribóia e depois eles tiveram que mudar, por aí Campo Formoso ficou esse lugar que é área indígena, mas ficou fora da área demarcada e as lideranças da época entenderam que era importante ter um lugar pra colocar as pessoas que casavam com não indígenas. Então o meu pai se mudou pra lá com a minha mãe,ele queria trabalhar queria colocar as roças, queria colocar as roças dele e ele queria ter um espaço dele próprio, que não fosse dentro da área indígena, pra trabalhar mais a vontade, então ele saiu foi embora pra Campo Formoso e em Campo Formoso eu nasci e ali a gente ficou, toda a minha

infância mas sempre com essa ligação direto, tanto com o Araribóia, quanto aquela ali mais próxima que é o Juçaral, aí a Lagoa Quieta já veio bem depois, que ali a tia Maria Santana, que também morava no Araribóia depois veio morar no Juçaral e depois ela fundou a aldeia Lagoa Quieta pra ser esse núcleo familiar então depois que ela fundou a Lagoa Quieta foi que a gente começou a ir também pra lá. A tia Maria sempre teve os filhos dela de forma muito autônoma, então ela entendeu que era importante ter um lugar também pra família. Aí ela fundou a aldeia Lagoa Quieta, ela já tinha todos os filhos dela.

E aí quando ela se mudou pra Lagoa Quieta foi o período que ela me chamou e falou que queria muito que eu assumisse a liderança ali da região porquê ela sempre assumiu, sempre foi liderança, foi uma referência e aí em algum momento ela entendeu que tinha que apresentar outra pessoa então ela me chamou e disse : " Olha Sônia, a partir de hoje eu quero te entregar esse dom da liderança que eu fiquei até hoje, e agora você vai representar nós, tanto aqui como fora e aonde precisar, então a partir dali eu dei início com muita dúvida e insegurança, sem saber direito o que representava aquilo e foi ali onde eu comecei a tentar fazer todo esse trabalho de articulação. No início para mim era muito confuso pois eu não sabia direito o quê que representava aquilo, mas aí logo depois nós criamos o movimento indígena no estado do Maranhão e aí eu tive essa influência muito grande da gente organizar a COAPIMA e aí quando a gente articulou com todos os povos, realizamos as assembléias, fundamos e aí eu assumi os dois primeiros mandatos junto com o Lourenço (Lourenço Krikati), Adonil, Jonas Gavião.

O movimento indígena hoje só cresce. Só cresce, cada vez mais nós estamos ganhando visibilidade, apoio, muito mais pessoas se interessando pra conhecer a realidade indígena. E por mais que seja um momento de desmonte de direitos, de políticas, um momentos de ataques do próprio estado brasileiro, do governo, um momento de invasão dos territórios, mas nós estamos enxergando também muitas oportunidades porque é um momento que muita gente se preocupa, olha pros povos indígenas com preocupação com esse ataque brutal, então a gente também tá conseguindo em meio a toda essa avalanche que tá vindo pra cima de nós, ganhar muita força pra fora, muita força de fora e nós temos conseguido nos articular bem tanto fortalecendo as nossas bases , nossos povos, como também essa articulação com outros movimentos que entendem que as lutas não podem ser lutas isoladas é um momento de muita conexão, como também outras pessoas que nunca entenderam ou nunca tiveram interesse na questão indígena e que hoje se volta pra gente. Então eu acho que é um momento que a gente aproveita pra se fortalecer bastante e o movimento indígena cresce muito nesse

momento e a perspectiva é a gente avançar cada vez mais. Claro que não esperando que venha do governo, desse governo atual, respostas positivas em relação a direitos, a oportunidades mas é uma força que vem de nós mesmos.

E eu acho que quando as bases estão fortalecidas, as conexões também estão formadas e você tem apoio também , de fora, internacional a gente consegue assim derrubar quaisquer que sejam os ataques. Então não é que estamos esperando nada do governo, mas nós estamos nos fortalecendo nós, com os que estão próximos de nós.

É trajetória mesmo, é luta, é um caminho que você vai construindo, ninguém não chega em nenhum lugar de uma hora pra outra e nós indígenas que sempre trazemos a luta coletiva. E é claro que por muito tempo nós indígenas fomos vistos como incapaz, fomos vistos como menor, o próprio estatuto do índio não reconhecia esse direito da autonomia e com a Constituição Federal de 88 a gente derruba isso. Derruba a questão da tutela e a gente começa a lutar pra que a gente possa dar os próprios passos sem ficar dependendo e ficar aceitando que alguém falasse por nós. Então o movimento indígena se organiza a partir de 88 por meio de organizações indígenas macro regionais que é pra fazer toda essa pressão para a implementação dos direitos adquiridos em 88, então muitas lideranças de juntaram, se organizaram , lutaram para isso para a implementação dos direitos, mas chegou um momento que a gente percebe que não basta mais lutar apenas pela implementação dos direitos nós temos que lutar para a gente não perder os direitos adquiridos, lutar para não perder tudo o que a gente conquistou. E aí é nesse momento que muitos indígenas se levantam, muitos indígenas assumem o protagonismo na luta e aí foi nesse processo que eu assumi também a coordenação de alguns movimentos começando aqui no estado do Maranhão com a COAPIMA que eu assumi por dois mandatos, depois veio a COIAB que eu assumi a vice coordenação e de lá para a APIB, e na APIB começamos a acompanhar bem toda essa discussão e toda essa articulação de medidas anti indígenas no congresso nacional e nesse enfrentamento ali eu fui percebida por parlamentares por assessores que também estavam juntos e que queriam muito contemplar essa representação da diversidade numa chapa presidencial então foi nesse momento que nós formamos uma aliança movimento para representar uma candidatura ao partido, aí a gente juntou uma candidatura ali de fato de movimentos, eu vim pelo movimento indígena, o Guilherme Boulos pelo MTST, a articulação com a mídia ninja, com o 342 Amazônia, mulher , juventude e aí a gente lançou uma chapa e claro pra nós foi histórico isso, foi bem significativo porque a gente conseguiu chegar num lugar para além do movimento indígena e isso realmente foi inédito nunca tínhamos conseguido

então para nós a gente não podia dispensar, não podia deixar essa oportunidade passar até porque a gente que luta o tempo todo para estar assumindo os espaços a gente não podia negar essa composição nesse momento, então pra gente é muito mais do que simbólico , muita gente que insiste em dizer que foi simbólico, mas não foi simbólico a gente tava ali de verdade trazendo pautas históricas que sempre foram secundarizadas, nós mesmos a questão indígena e a questão ambiental nunca tiveram o seu lugar ali de protagonismos nesses debates e nós conseguimos trazer pro centro do debate político, dos debates públicos essas questões. E ainda hoje a gente colhe frutos dessa candidatura porque houve esse aumento da visibilidade e um aumento no interesse das nossas articulações com outros movimentos.

Nós indígenas nós adotamos esse título de guerreiro ou guerreira a todas as pessoas que lutam, que não aceitam imposição, que não aceitam dominação e a nossa intenção é exatamente romper com essa herança colonial e a gente tem realmente rompido bastante em especial acho que nós enquanto mulheres, a gente atravessou muitas barreiras porque historicamente foi dado pra nós como cultural as mulheres não participarem de espaços de liderança, espaços de decisão e a gente vem rompendo, devagar, mas a gente já tem muitas mulheres hoje que estão assumindo o protagonismo da luta em diversos espaços.